

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Sabrina Munck do Nascimento

“Professora, por que você demorou tanto?” Vivências pelo mundo borrado da Covid-19

Juiz de Fora
2022

Sabrina Munck do Nascimento

“Professora, por que você demorou tanto?” Vivências pelo mundo borrado da Covid-19

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira: gestão e práticas pedagógicas.

Orientador: Professor Dr. Jader Janer Moreira Lopes

Juiz de Fora
2022

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Munck do Nascimento, Sabrina.

"Professora, por que você demorou tanto?" Vivências pelo mundo borrado da Covid-19 / Sabrina Munck do Nascimento. -- 2022.

251 f. : il.

Orientador: Jader Janer Moreira Lopes

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2022.

1. Vivências. 2. Covid-19. 3. Educação Remota. 4. Autobiografia. 5. Narrativa. I. Moreira Lopes, Jader Janer, orient. II. Título.

10/03/2023 18:35

SEI/UFJF - 1073893 - PROPP 01.5: Termo de Aprovação

Sabrina Munck do Nascimento

"Professora, por que você demorou tanto?" Vivências pelo mundo borrado da Covid-19"

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Educação. Área de concentração: Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas.

Aprovada em 07 de dezembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Dr. Jader Janer Moreira Lopes - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dra. Maria Zélia Maia de Souza
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dra. Catalina Trujillo Vanegas
Universidad Surcolombiana

Dr. Bruno Muniz Figueiredo Costa
Universidade Federal de Juiz de Fora

Juiz de Fora, 12/12/2022.



Documento assinado eletronicamente por **Catalina Trujillo Vanegas, Usuário Externo**, em 12/12/2022, às 17:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jader Janer Moreira Lopes, Professor(a)**, em 12/12/2022, às 17:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Bruno Muniz Figueiredo Costa, Professor(a)**, em 13/12/2022, às 12:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Zelia Maia de Souza, Professor(a)**, em 13/12/2022, às 16:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-U f (www2.uf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **1073893** e o código CRC **7CE5FEFC**.

Aos colegas de docência, que conseguiram manter viva a Educação e os imaginários caminhos da infância, mesmo em meio a uma pandemia, e que seguem lutando e sonhando por esse universo de laços aprofundados, e não mais de relações fluidas.

AGRADECIMENTOS

A cada autor que li, que vieram antes de mim, e possibilitaram a escrita mediada por meio de suas inspirações. Aos professores todos que me ensinaram e continuam a ensinar. Aos aprendizados que a natureza me compõe e que a espiritualidade atravessa.

À Gisela, toda uma dedicação especial que, juntamente com Stela e Sara, incentivaram o meu caminho. São elas as melhores pessoas de coração que eu conheço. Gente de coração puro, que nos faz crer que tudo já deu certo, mesmo quando a terra ainda está sendo preparada para o plantio. daquelas pessoas que enxergam por trás do que a voz diz, escuta sensível o que sente o coração. Amparam-me em meio aos desafios desta caminhada. À Karla, que me ofereceu apoio quando a prefeitura pensou em rescindir meu contrato.

Aos amigos da escola municipal José Calil Ahouagi e suas crianças felizes, encantadoras. Meninos e meninas de olhares brilhantes que me permitiram caminhar por seus labirintos através de seus olhos e seus sonhos ditos. Das muitas músicas cantadas e lágrimas de emoções que colhi nessa trajetória desde que cheguei à escola em 2008.

Às quedas e remendos, estas me fizeram ser quem sou e entender que o bonito da vida é que ninguém se levanta sozinho. E, dessa forma, poder dizer com Maria Gadú que tudo que se move é sagrado e alimenta o tempo consagrado de viver.

Ao Jader, professor amigo e atencioso que me acolheu em seus braços de ternura. Coração amplo, cheio de amorosidade. Sua escuta sensível me “suleou” e cativou com poder o meu ser. A você, total reverência. Há alguns anos, sua esposa viu o meu trabalho e a primeira coisa que ela disse foi: “Meu marido precisa ver isso”. Nessa época, o mestrado ainda era um sonho distante. Você, professor, permitiu meu voo em direção a um aprendizado humanitário no mestrado. Cheio de sensibilidades. É mar e, sendo essa imensidão permitiu a curvatura para receber mais algumas gotas. Num mundo cada vez mais rude, são as sensibilidades que nos marcam. Da mesma forma, aos companheiros da banca que abraçaram esse trabalho afetivamente. Mesmo via Meeting, senti o quanto Catalina e Zélia estavam sensibilizadas com a narrativa, do quanto me entenderam e viajaram por suas histórias ao lerem as minhas. Ao Bruno e ao Miguel por terem ajudado a ampliar meu olhar - seus comentários foram valiosos.

Ao PPGE, que me acolheu possibilitando esse estudo, resolvendo conflitos, dúvidas em meio à pandemia. Entrei querendo estar presencialmente na faculdade, mas estive online. Pensei que estaria só, sem amigos e sem rumo. No entanto, a faculdade esteve ali presente a todo momento, não deixando nada faltar. A conclusão é de que não estive só pois recebi todo apoio.

Em memória de todas as pessoas queridas e amadas por nós. Dos nomes que nem sabemos, mas que foi gente amada. Gente querida a brilhar na Terra. Nessa unidade que a dor da perda nos trouxe, não são apenas estatísticas, são riquezas de humanos que habitaram no meio de nós e deixaram suas marcas e memórias em nossos corações. As pessoas só morrem quando não deixam lembrança e, com certeza, todos que perderam a vida durante a pandemia deixaram lembranças e saudades infinitas.

Neste instante, esteja você onde estiver, há
uma casa com o seu nome.

Você é o único proprietário, mas faz tempo
que perdeu as chaves.

Por isso fica de fora, só vendo-a fechada. Não
chega a morar nela.

Essa casa, teto que abriga suas mais recônditas
e reprimidas lembranças.

Thérèse Bertherat

RESUMO



A alteração de cotidiano, devido à pandemia do Coronavírus 2020/21, trouxe a oportunidade de se olhar a espacialidade escolar por outras orientações. Possibilitando os fazeres intrínsecos no correlatar das reflexões. Jeitos delicados possibilitaram a não-hierarquização do conhecimento, mas a possibilidade de relacionar teoria e prática em uma escrita *sui generis*, a partir de uma autobiografia que, por si só, já é ímpar. Vivências peculiares de uma escola da rede municipal de Juiz de Fora/MG que, em terreno inabitual de passagem da Covid-19 pela cidade, faz o excepcional para construir o cognitivo a partir de diálogos democráticos e interdisciplinares com os sujeitos envolvidos. A pesquisa é uma escritura do vivido, desse ato consciente e prudente. Responsável. Cumpridor e muito criterioso dos professores frente à escola pública em meio à situação de calamidade sanitária. Desta escrita etérea, que correlaciona fatos anteriores e experiências atuais e pessoais que vão se entrelaçando, sem seguir ordem cronológica de apresentação às atividades remotas, ganha forma de texto o diálogo entre vivências e pensamentos no passar do vírus pela cidade. A Covid-19 assolou e temorizou. Alterou o cotidiano e aquilo que nos era ordinário. Mudou não somente uma vida, mas a de todo um planeta. Trouxe a tecnologia para dentro das escolas. O texto traz o narrar estando no texto. Vivenciei o passar do novo Coronavírus pela cidade sendo professora numa instituição pública. O caminho escolhido foi expor sabores e dissabores, encontros e desconfortos de um processo que transita entre escrever e lecionar por entre escombros. Proponho percorrer cascalhos na tentativa de garimpar a poética da resistência e da resiliência escolar. Esboço de vida e escrita misturam-se nas referências, registros e memórias inventadas e inventariadas nesse transcurso. Convido o leitor a habitar pelas pequenas histórias e as minúsculas geografias que decorrem a superfície dessa escola que se espacializou pelo virtual. Em suma, é um chamamento para o "transver" e cada capítulo é assim nomeado. Convoca a inspiração de pensar

o mundo a ser visto com olhos inventivos abotoados de memória e imaginação. Belezuras que provocam giros por outros ângulos a serem vistos por mais vezes, a fim de instigar a expansão a partir de possibilidades mil. Sendo convite ao mergulho por entre singularidades e coletividades. A banharem-se em vivências pelos arquivos da escola e, a saber-se estar, diante de fonte histórica desse tempo de escola remota. Encontramos práticas e reuniões pedagógicas, devolutivas e histórias das crianças, tudo devidamente registrado e posto no texto através da narrativa. Deste ponto, olhar para si e olhar para o mundo. Anunciando nossa singularidade e presença. Descobrimo e descortinando a vida destes fazeres recuados da escola que se abre em outras fronteiras com regalo. Efetivo de práticas criativas cheias de veemências suaves.

Palavras-chave: Vivências. Covid-19. Educação remota. Autobiografia. Narrativa.

ABSTRACT

The change in daily life due to the Coronavirus 2020/21 pandemic brought the opportunity to look at school spatiality through other guidelines. Enabling the intrinsic actions in the correlate of reflections. Delicate ways made it possible not to hierarchize knowledge, but to relate theory and practice in a sui generis writing, from an autobiography that in itself is already unique. By telling part of the peculiar experiences of a school in the municipal network of Juiz de Fora / MG, which in an unusual terrain of Covid-19's passage through the city, does the exceptional to build the cognitive from democratic and interdisciplinary dialogues with the subjects involved. . Research is a writing of the lived experience of this conscious act. Prudent. Responsible. Abiding and very discerning of the teachers in front of the public school in the midst of the sanitary calamity situation. From this ethereal writing that correlates previous facts and current and personal experiences that are intertwined, without following a chronological order of presentation, the remote activities appear in the text in order to dialogue with life in the face of the experiences and thoughts of the virus passing through the city. Covid-19 ravaged and feared. It changed everyday life and what was ordinary for us. It changed not just one life, but the entire planet. It brought technology into schools. The text brings the narrating being in the text. I experienced the passing of the new Coronavirus through the city as a teacher in a public institution. The path chosen was to expose the astonishments, encounters and discomforts of a process that transits between writing and teaching among rubble. I propose to go through gravel in an attempt to mine the poetics of resistance and school resilience. Sketch of life and writing mix the references, records and memories invented and inventoried in this course. I invite the reader to inhabit these small stories and the tiny geographies that run the surface of this school that has specialized in the virtual. In short, it's a call to "transver" and each chapter is so named. It summons the inspiration of thinking the world to be seen with inventive eyes buttoned by memory and imagination. Beauties that provoke spins from other angles, to be seen more often in order to instigate expansion from a thousand possibilities. Being an invitation to dive between singularities and collectivities. To bathe in experiences through the school archives and, knowing how to be, in front of a historical source of that time of remote school. We found pedagogical practices and meetings, feedback and children's stories, all duly recorded and put in the text through the narrative. From this point, look at yourself and look at the world. Announcing our uniqueness and presence. Discovering and unveiling the life of these actions set back from the school that opens up on other frontiers with a treat. Effective of creative practices full of soft vehemences.

Keywords: Experiences. Covid-19. Remote education. Autobiography. Narrative.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Nascer	17
Figura 2: Flor em couve	18
Figura 3: João de Barro.	21
Figura 4: Esconde	22
Figura 5: Espia.....	24
Figura 6: Construir experiências	25
Figura 7: Bastidores.....	26
Figura 8: Resiliência.....	27
Figura 9: Fazer Ciência.....	28
Figura 10: Sensibilidades	29
Figura 11: Romã.....	31
Figura 12: Abstração	32
Figura 13: Girassol	33
Figura 14: Nascem tomates	35
Figura 15: Por outras lentes	36
Figura 16: Diário de Bordo - Escrita da rotina da criança.....	38
Figura 17: “Entre retalhos, narrativas e poéticas: intenções de alinhavos”	39
Figura 18: Atelomielia.....	40
Figura 19: Mapa Escola Calil/JF.	42
Figura 20: Deleite ao derramado.	45
Figura 21: Galerias.	46
Figura 22: Dançar entre tempos.....	47
Figura 23: Tempo em pontos. Colcha de crochê feita por minha avó Olga e dada a mim, na infância.	48
Figura 24: Contatos.	50
Figura 25: Extrair.	52
Figura 26: Transformar.....	53
Figura 27: Redes e aprendizados.....	55
Figura 28: Geometria Sólida.....	56
Figura 29: Sólidos.....	57
Figura 30: Dobraduras.	58
Figura 31: Roda dos meses.....	59
Figura 32: Feixe de luz.	60

Figura 33: Nascer para a vida.....	62
Figura 34: Oferta aos homens.....	63
Figura 35: Imitar.....	64
Figura 36: Casa mal-assombrada.....	65
Figura 37: Clareiras.....	66
Figura 38: Para além de nós.....	67
Figura 39: A criação.....	68
Figura 40: Diálogos.....	69
Figura 41: Globo Terrestre.....	70
Figura 42: Religar-se.....	72
Figura 43: Mitologia dos Planetas.....	73
Figura 44: Melancolie.....	74
Figura 45: Adoração ao fogo.....	76
Figura 46: Sombras de estrelas.....	77
Figura 47: Texturas.....	78
Figura 48: Brumas.....	80
Figura 49: Alma.....	82
Figura 50: As guerras humanas nos destroem.....	83
Figura 51: Dr Pinico Branco.....	84
Figura 52: Leituras de sombras.....	85
Figura 53: Luz e sombras.....	86
Figura 54: Expandir.....	87
Figura 55: Bonecos de pano.....	88
Figura 56: Sorrir.....	89
Figura 57: Engendramentos.....	90
Figura 58: Cadeira.....	91
Figura 59: Capturando sombras- Tatuagens.....	92
Figura 60: Amor revelado.....	93
Figura 61: Ampliação.....	93
Figura 62: A menina da lanterna.....	95
Figura 63: Corpo: brinquedo de sombra.....	96
Figura 64: O corpo como brinquedo.....	97
Figura 65: Voar.....	98
Figura 66: Dinossauros em sombras.....	99

Figura 67: Cinema de sombras	101
Figura 68: Estandarte da escola.....	103
Figura 69: Chão de escola.	104
Figura 70: Janelas.....	105
Figura 71: Boizinho.....	106
Figura 72: Donos da casa	107
Figura 73: Cotidiano.....	108
Figura 74: Divino.	110
Figura 75: Saberes da comunidade & saberes escolares.	112
Figura 76: Brincar é coisa séria.	113
Figura 77: Trabalho Remoto: Gravando.....	114
Figura 78: Choque e luz. Centro calçadão da cidade de Juiz de Fora- MG	115
Figura 79: Café.....	117
Figura 80: Interligados.	118
Figura 81: Currículo.	122
Figura 82: Estar em família.	124
Figura 83: Desejos de uma criança.....	125
Figura 84: Apreciar.....	127
Figura 85: Anotações.....	131
Figura 86: Folha.	133
Figura 87: Inspirações.	135
Figura 88: Pequenos.	137
Figura 89: Guerreira.	140
Figura 90: Aquático.....	144
Figura 91: Festejar.....	147
Figura 92: Cortejo de reis.	149
Figura 93: Labirintos.	150
Figura 94: Família.	152
Figura 95: Essência.....	153
Figura 96: Traçar sentidos.....	156
Figura 97: Traçando vivências.	158
Figura 98: Dedos em tela.....	160
Figura 99: Pássaro.	161
Figura 100: Colheita.....	161

Figura 101: Atividades online.....	162
Figura 102: Diário	162
Figura 103: Boi Estrela.....	165
Figura 104: Máquina de somar.....	166
Figura 105: Abayomi.....	168
Figura 106: Campanha Contratados.	170
Figura 107: Caixa Viajante.....	171
Figura 108: Caixas distribuídas.	172
Figura 109: Tédio.	173
Figura 110: Gosta da escola.....	174
Figura 111: Distribuição das caixas Viajantes.	175
Figura 112: Afeto viajante.....	177
Figura 113: Jornada de Aprendizamentos - Discutindo sobre o currículo da José Calil	177
Figura 114: Ruas coloridas	179
Figura 115: Desafio matemático.....	181
Figura 116: Como cegos no ensino remoto.	185
Figura 117: Cascalhos.	186
Figura 118: Encantamentos.	188
Figura 119: Horizonte.....	189
Figura 120: Cerca de madeira.....	191
Figura 121: Caótico.	192
Figura 122: Queria ser rainha.	195
Figura 123: Apostilas	196
Figura 124: Não enraizar.	197
Figura 125: Travessia	199
Figura 126: Tombar-se.	200
Figura 127: Pedrinhas.....	201
Figura 128: Não sobreviver.....	202
Figura 129: Carta carinho.....	204
Figura 130: Liars com a natureza	205
Figura 131: Brilhar.	206
Figura 132: Álcool 70%	206
Figura 133: Território.....	208
Figura 134: Árvore do esquecimento	209

Figura 135: Relógio	210
Figura 136: Fertilizar	211
Figura 137: Biscoitos caseiros	212
Figura 138: Kowalski	213
Figura 139: Fertilizar	214
Figura 140: Enraizar	215
Figura 141: A surpresa	216
Figura 142: Trabalhando a interdisciplinaridade	217
Figura 143: Registros	218
Figura 144: Batata-doce Caracol.	219
Figura 145: Hipóteses sobre a morte.	220
Figura 146: Família aprende.	221
Figura 147: Plantando tubérculos	223
Figura 148: Desenvolvendo Batatas-doces.	224
Figura 149: Registrando	225
Figura 150: Tubérculos e suas folhas comestíveis	226
Figura 151: Plantio em terra	227
Figura 152: Vivenciar	228
Figura 153: Vírus do amor	230
Figura 154: Professora amiga	232
Figura 155: Casinha de bambu.	233
Figura 156: Máscaras.	234
Figura 157: Flor	235
Figura 158: Cortejar	237

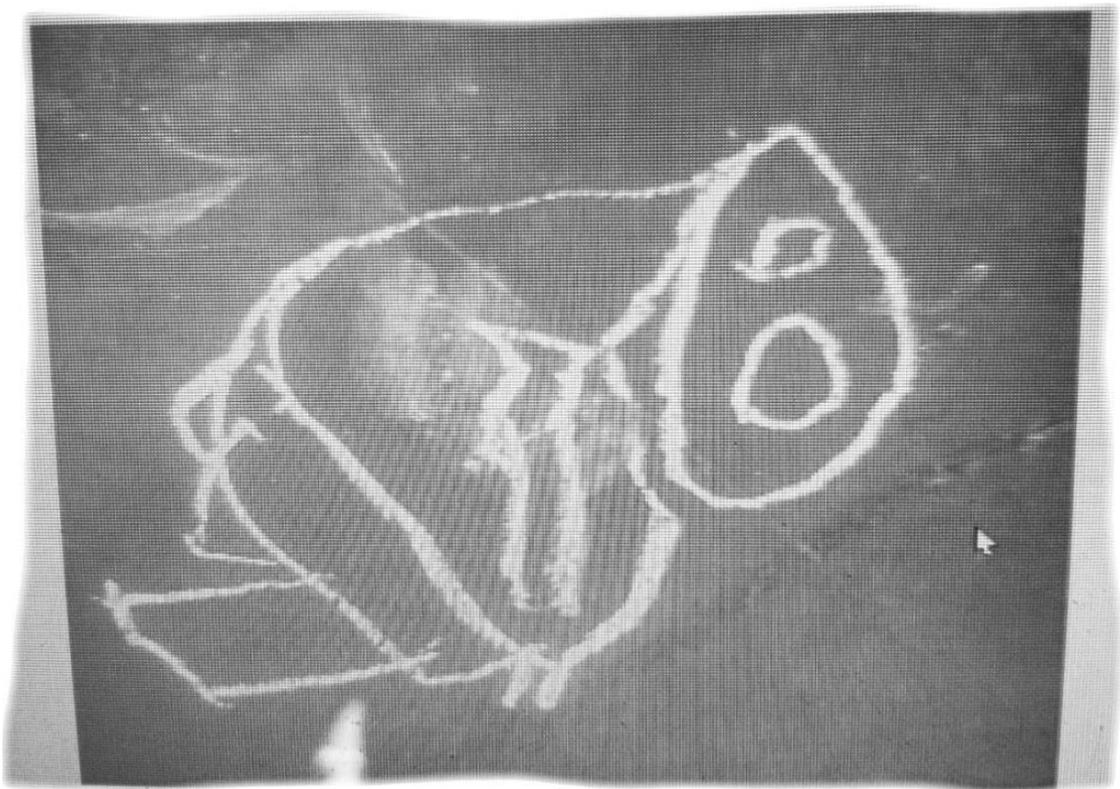
SUMÁRIO

Transver I: Movimento de pesquisa em colcha de retalhos.....	17
Transver II: Mundos Possíveis	48
Transver III Por entre os espelhos	64
Transver IV - O Supermercado	103
Transver V: Entre retalhos e silenciamento.....	128
Transver VI- Minúcias e emoções.....	149
Transver VII: Meeting, espaços de orikis	162
Transver VIII: Educação Remota.....	189
Transver IX: Colapsos de Abril 2021.....	197
Transver X Bordados finais.....	228
Transver: Companheiros de estrada: Referências	238

Transver I: Movimento de pesquisa em colcha de retalhos

Ser é nascer continuamente

Figura 1: Nascer



Fonte: Arquivo de práticas da Escola Municipal José Calil Auhagi- EMJCA.¹ (2020)

Seleciono a figura 1 “Nascer” para principiar esse estudo a fim de adornar o ato de escrita e dizer do quanto este movimento é um feito inaugural no mundo. Quando vi o desenho do Lucas (o que não pela primeira, já que foi um desenho usado pela coordenação da escola em uma das reuniões pedagógicas), me apaixonei novamente. A figura 1 “Nascer” diz sobre o caminho que proponho e que me leva para profundas reflexões de vida. Deste movimento de

¹ EMJCA- Sigla para Escola Municipal José Calil Auhagi

pesquisa em estado de origem, ainda em formação e descobertas sobre a existência a partir do contato com a escrita acadêmica.

Dedico-me o garimpo e arisco-me a procurar poesia no curso do “entre”. Estando no “Mundo do entre”: casa/escola/Covid-19/crianças/política. Esse cercado de mundos foi chamado de Movimento Remoto. Ebulições do tempo de pandemia. Aqui, estou nessa escrita identitária a qual relato minha passagem por esse lugar que tanto me forma. Estou presente nesse acontecimento único das aulas remotas. Presente no transcorrer da relação de aprendizados pela mediação tecnológica. Não só o cognitivo interessa, mas também o que nos atravessa e sensibiliza, e nos faz experimentar posto como Larrosa (2018) e dar-se a vivenciar.

O movimento: Autobiografia²

Figura 2: Flor em couve



Fonte: Arquivo pessoal- horta da escola. 2020.

De acordo com Cruz; Paiva e Lontra (2021), esse tipo de pesquisa não tem como foco apenas a produção de conhecimento específico sobre determinado tema/problema. Já que parte

² O narrador comumente se coloca no tempo presente e, ao olhar para o decorrido, ou seja, o seu passado nada mais é do que umas tessituras de reminiscências que não são completamente capturáveis, são moventes. A autobiografia não pode, contudo, ser analisada apenas da perspectiva individual, sendo gênero que propõe a integração coletiva. Consta com suas impressões e a sua visão de mundo, permitindo ao leitor/público ter acesso a outras perspectivas. É nessa fenda do inapreensível que o ficcional se estabelece. <https://www.infoescola.com/generos-literarios/autobiografia/> Acesso em: 24 jun. 2022.

do mexer dialético na busca de perspectivas ao mesmo tempo que produz conhecimento e formação para os envolvidos no processo de investigação. Parte de apropriações e de abordagens teórico-metodológicas e promovem o encontro e a transformação dos que estão envolvidos. Entrelaçamentos indissociáveis entre as partes que se compõem em peça fundamental nos processos formativos, sem hierarquização. Já que sua prática não se reduz à aplicação de um método para atingir uma verdade e, sim, à formação. Na pesquisa-formação, todos os sujeitos participam do processo, pesquisam e se formam a partir de suas necessidades. Em colaboração, está a secreta ilha do pesquisador-formador que ao invés de estar em digressão para tentar controlar e explicar os fenômenos, procura construir significados e sentidos, formar e (trans)formar-se durante a ação da pesquisa. Isto sustenta fonte inesgotável das narrativas como caminho de investigação-formação e influencia, de sobremaneira, a produção sobre os estudos biográficos no Brasil. Ainda, essa escolha epistemológica se potencializa quando se assume a pesquisa como tempo-espaço de formação a partir das experiências.

Nesse diálogo, em meio às resistências políticas e epistemológicas, da teorização tecida numa escrita reflexiva e (auto)biográfica, testemunho o legado como força propulsora. Movimento este que não ocorre sem que se percorram caminhos de transgressão, como apresentado por Bakhtin³. Legar centralidade ao professor para que ele seja sujeito e não objeto, e promover suas práticas educativas nas pesquisas. Posto isso, começa-se a superar a dicotomia existente entre teoria e prática de Paulo Freire, professor/pesquisador, além de potencializar os sentidos de uma profissão que se constitui no encontro de experiências, de saberes e fazeres inerentes à função de ensinar. Houve mudanças significativas no cenário político, social e econômico a partir da década de 1980 que se alastraram no campo educacional de pesquisa e formação de professores. Balizadas com diferentes teorizações na perspectiva crítica e a necessidade de sua ressignificação. Nisso, apontam os autores, em relação à formação, profissionalidade docente e histórias de vida e as discussões em torno dos saberes docentes são referenciais significativos que consolidam um jeito de pesquisar em que não se concebe discutir

³ Transgressão nesse conceito, Bakhtin estabelece a distinção entre “o conhecimento da coisa e o conhecimento do indivíduo” como dois limites. Em relação ao primeiro, ele considera que “a pura coisa morta, dotada apenas de aparência, só existe para o outro e pode ser totalmente revelada por um ato unilateral do outro (o cognoscente). Os campos da cultura humana, arte, ciência e vida, só adquirem unidade quando o indivíduo incorpora a sua própria unidade sem transformá-la em processos mecânicos. <https://www.scielo.br/j/bak/a/WXgmr6Q5SMPYG3Mc8rsd4Th/?lang=pt>. Acesso em: 07 ago. 2022. Para maiores aprofundamentos: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482010000100005. Acesso em: 10 ago. 2022.

questões da formação e do desenvolvimento profissional, sem que se considerem as experiências do sujeito que vive esse processo. Nisso:

As pesquisas de formação docente que se voltam para as histórias de vida passam, então, a ser incorporadas a esse campo, vinculadas ao movimento internacional que indica rompimento com enfoques de formação preconizados por práticas e teorizações fundamentadas na racionalidade técnica, travando disputa de espaço com políticas de governo e com práticas arraigadas nos cursos de formação que insistem em contradizer as pesquisas e colonizar a formação e, por conseguinte, as práticas docentes. (CRUZ; PAIVA e LONTRA, 2021).

Traçando de maneira que se ajustem pesquisa e formação, e difunda-se, no campo da formação docente, e o alimente com indicativo de escolha epistemológica e metodológica com força emancipatória e imperativa no cenário político de vida e de formação que estamos vivendo. Então, convido o leitor a habitar as microhistórias⁴, conceito apresentado por Carlo Ginzburg (1989) e as minúsculas geografias de Jader Janer (2021) que decorrem a superfície dessa escola que se espacializou pelo virtual na intenção de cruzar caminhos, investigação e formação, não tendo como foco apenas a produção de conhecimento específico sobre determinado campo, e se faz em catas de perspectivas dialéticas. Ou seja, move-se de acordo como a vida se desenha ao mesmo tempo em que realiza conhecimento e formação para todos os envolvidos. Encontros e transformações de entrelaçamentos indissociáveis entre uma e outra. Portanto, o pesquisador-formador, ao invés de distanciar-se para tentar controlar e explicar os fenômenos, procura construir significados e sentidos, formar e (trans)formar-se durante a ação da pesquisa. Evocar a autoria dos docentes no “caminhar para si”⁵. Paradigma epistêmico-metodológico de história de vida, história oral de vida, biografia educativa, conhecimento de si e partem do princípio fundante de que o sujeito se constitui a partir das histórias que ele narra sobre si, a partir de suas experiências, viveres e saberes, em um movimento autobiográfico para dar sentido a si mesmo (auto), à vida (bio) e à própria escrita, pontuam os autores.

⁴ Para alguns historiadores, a história era vista de cima para baixo, contada pelos heróis e os grandes eventos, estes ocultavam os personagens que também possuíam destaque. Ficou conhecida pelo seu caráter positivista por ausentar importantes agentes históricos, mas vem sendo superada desde o surgimento da Escola dos Annales. Carlo Ginzburg contribuiu para romper com a abordagem tradicional da história tendo a preocupação em analisar os fatos históricos dando importância também aos agentes tidos, até então, como figurantes.

⁵ Caminhar para si é tradução do título *Cheminer vers soi*, escolhido para a publicação da tese de doutoramento *Le sujet en formation* (1988) de Marie-Christi-ne Josso, traduzido por Albino Pozzer, revisado por Maria Helena Menna Barreto Abrahão e publicado pela EDIPUCRS, 2010. <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/12666/9262> Acesso em: 17 jul. 2022.

Figura 3: João de Barro.



Fonte: Arquivo pessoal- Fotos da exposição escolar do trabalho das crianças realizado em casa durante a pandemia de 2020.

Mediante aos construtos nucleares que atravessam a pesquisa-formação e a aprendizagem experiencial, estão a elaboração e integração do saber/fazer de conhecimentos e transformações do qual implica em olhares multifacetados que abrange desde a tomada da consciência de si até a elaboração das representações de vivências e modos de ser-estar-fazer, como instrumentos poderosos no desenvolvimento do campo. Nesse processo de escolhas intencionais e de transformação permanente e não-linear estão atravessados o social e o historicamente que tatuam o vivido e projetam o porvir imbricado nas transformações de si que se reverbera no coletivo e, nesse enfoque metodológico, geram mudanças e transformações. Sendo práticas de alteridade, fruto de singularidades que nos atravessam. Esse movimento é fluido e possibilita um tesouro histórico para a pesquisa acadêmica, continua Philippe Lejeune (1971), pois podem conter diversidades de suportes em sua composição. O que nos permite trazer peculiaridades, singularidades e multiplicidades para o meio acadêmico. Particularidades estas que podem tornar a escrita autônoma e descompromissada, longe de uma metodologia vazia de emoções, contribui Carvalho (2003).

Nisso, a proposta é permear pelas intencionalidades suaves no caminho da contemplação, seguindo as águas que escorrem por entre as pedras, e não o andar em trilhos de trem de ferro, sabedoria de Manoel de Barros (2017). Surpreender-se pelos trajetos e nas eclosões de sentido. Escutar as falas do silêncio que o desabrochar do cotidiano traz. Deleitar-se naquilo que a caminhada possibilita e atrever a descortinar o que é mais profundo. Dimensão do singular-plural que se hibridiza na formação do humano e incidem especificidades de um eu em constante processo de confluência com os outros que nos compõem. Nessas passagens estão

as memórias que nos constituem entrelaçadas de vivências pessoais e do outro que se transvertem a ponto de serem nossas, ou seja, desfrutar do caminhar seguro por sobre o terreno aproveitando as experiências que o viver sob o sol nos trazem. Desse modo, construo a paráfrase com Cruz; Paiva e Lontra (2021), no dito que, a natureza do conhecimento dos sujeitos, ou seja, a ciência de origem converge o espírito sobre si próprio, suas representações, ideias, sentimentos. Sendo geradoras de reflexão em torno da natureza e etapas limites do conhecimento humano que permitem cingir o sujeito indagativo e o objeto inerte, mesmo sendo estes, duas polaridades tradicionais do processo cognitivo; teoria do conhecimento. São estudos dos postulados, conclusões e métodos dos diferentes ramos do saber científico e práticas em geral, avaliadas em sua validade cognitiva, ou descritas em suas trajetórias evolutivas, seus paradigmas estruturais ou suas relações com a sociedade e a história. A teoria da ciência a serviço do próprio caminho de pesquisa-formação em plena consciência da autêntica escolha dos desafios atuais e futuros, já que a mesma, não busca na narrativa o ato mecânico ou descritivo mas, em outra perspectiva. No encaminhar da recriação do passado e a construção do futuro que permitem o voltar à origem, de um inventário das experiências fundadoras.

Figura 4: Esconde



Fonte: Arquivo pessoal- Fotos da exposição escolar do trabalho das crianças realizado em casa durante a pandemia de 2020.

Assenta-se em princípios fundamentais que partem das necessidades dos sujeitos envolvidos nas investigações de situações-problema que se miram na dimensão formativa como

elemento potencial e primordial do processo investigativo, a escuta e o ressignificar, atravessados na prática. Recorrer a si move o voltar para dentro de si, casa que habita, e revisitar a vida nas ínfimas relações que constituíram no âmbito pessoal e profissional. Na abordagem biográfica, o sujeito produz um conhecimento sobre si, sobre os outros e o cotidiano. Incursões de si transformadas em pepitas culturais que transformam o lastro das personalidades e que se revelam através da subjetividade, da singularidade, das experiências e dos saberes.

Não é apenas um reviver de certa experiência, mas é modificá-la à medida que o recontar move reflexões e compreensões no diálogo com o outro na trama. É emancipatório o ato de narrar as vivências em docências em conexão com a força da sua própria palavra. Linguagem em ponto de vista extralocalizado de Bakhtin apud Pinheiro (2010), no qual do sujeito vivo firmado no compromisso ético do rigor metodológico que se assenta em interações horizontais da singularidade de quem é narrado, no espaço de confronto de sentidos a conduzir deslocamentos próprios na direção do encontro com o outro, no processo de escuta e retorno modificado.

*Moção de articulação docente em condição de inserção entre pares no
vivenciar a eventualidade.*

Atos de reflexão e partilha de questões que afetam a docência e ajuda mútua no enfrentar das dificuldades. Integrando uma dinâmica de reflexão, de mutualidade, e de inovação, por meio da qual professores intercalam formação e colaboração com os pares, conduzindo o indivíduo como ser social singular, bem como a biografização da experiência em uma dada temporalidade na construção de suas singularidades. Isto é, fazem-se presentes no seio do social, em face dos significados que atribuem às suas experiências. Inscrições singulares em tempo biográfico na elaboração peculiar dos espaços da vida social. Sendo um considerar as pessoas “como a corporificação das histórias vividas”. Assimilar que elas se constituem e são constituídas, tanto nos espaços quanto nas narrativas que circulam nestes e sobre os espaços.

Figura 5: Espia.



Fonte: Arquivo pessoal- Fotos da exposição escolar do trabalho das crianças realizado em casa durante a pandemia- Ensino Remoto- EMJCA- 2020.

Em suma, a narrativa não é apenas o instrumento da formação, mas o espaço em que o ser humano se forma, elabora e experimenta sua história de vida, reconhecendo a si mesmo e se fazendo reconhecer pelos outros através do processo de biografização. Quando narramos nossa história, coletamos, ordenamos, organizamos, vinculamos as situações e os acontecimentos de nossa existência, damos a eles uma forma unificada e associada a uma vivência proteiforme, heterogênea, incerta, inapreensível e, através dessa formatação, interpretamos e outorgamos sentido ao que vivemos em relação direta com a dimensão temporal da existência e da experiência humana. Configuração e interpretação de forma e de sentido da experiência vivida desta relação sócio-histórico particular, entre indivíduo e sociedade, completa Delory-Momberger (2011).

Nesse sentido, a narrativa, sendo objeto de linguagem, reúne, organiza e trata de modo temático os acontecimentos da existência; realiza um trabalho de homogeneização, ordenação, de funcionalidade significativa; se constituindo em sentido vívido, multiforme, heterogêneo e polissêmico. Doravante não é engessada e nem se constitui de uma única forma, mas é matéria instável, transitória que se reconstrói a cada enunciação, por isso, constitui-se como fonte de pesquisa privilegiada na compreensão da percepção dos indivíduos sobre eles mesmos em diferentes situações e em uma infinidade de experiências.

Nesse aspecto, mostra a relação singular que os participantes mantêm com e nos espaços-tempos situados e em estudar os sentidos que dão às suas experiências. Nunca se repetem. São interativas tanto na ordem social como na individual, desenham pela continuidade (cada experiência conduz a uma próxima) e criam a alegoria que os autores reconhecem como “espaço tridimensional” da investigação narrativa composta pela situação (dimensão do lugar), continuidade (dimensão temporal) e interação (dimensão pessoal e social). Termos-chave nessa

condução que o pesquisador se encontra em espaço de introspectivo, extrospectivo, retrospectivo, prospectivo, situado em algum lugar. Auroras de novas perspectivas e novas dimensões do mundo entre pessoas e espaços-tempo. Alvorecer introspectivo de sentimentos, esperanças, reações estéticas e disposições morais e de extrospectiva às condições existenciais do meio ambiente. No alvor da retrospectiva e prospectiva, referimo-nos à temporalidade – passado, presente e futuro dizem Clandinin e Connelly (2011).

Figura 6: Construir experiências



Fonte: Fonte: Arquivo pessoal- Fotos da exposição escolar do trabalho das crianças realizado em casa durante a pandemia- Ensino Remoto- EMJCA (2020).

Nesse aspecto, o experienciar é parte constituidora da vida. A experiência é sempre de alguém, subjetiva, daqui e de agora, contextual, finita, provisória, sensível, mortal, de carne e osso, em que se pode encontrar opacidade, da obscuridade e confusão em desordem e indecisão, afeta e transpassa-nos, contribui Larrosa (2018). Pensando por esse caminho, a potência formativa da escola em questão sempre foi algo que me chamou a atenção. Porém, as experiências de estudo e pesquisa vivenciadas ao longo desse período de isolamento têm mostrado que o formato virtual pode ser uma possibilidade de resistência e insurgência. Dessa forma, os encontros por meio de plataforma virtual conseguiram dar conta da carga horária dos professores e a estendeu, já que passamos a responder aos grupos formados nos celulares a todo o momento que surgia alguma questão. Os encontros aconteciam no vespertino das terças-feiras e foram chamadas de Jornadas de Aprendizamentos. Duravam cerca de quatro horas diárias de intenso estudo. Na parte da tarde, os encontros continuavam via seguimentos, o que durava também quatro horas de muita partilha. Ao longo dos outros dias, foram feitos outros grupos

para construção e revisão do Projeto Político e Pedagógico da escola em defasagem já há dez anos. Todas as reuniões estão gravadas e salvas no arquivo virtual da escola. Por meio dessas reuniões, partilhas de vida, medo, sabedorias, mitos, histórias, cantigas, recebemos estagiários, fizemos reuniões com os pais, brincamos com as crianças. Lemos livros e aprendemos juntos.

Nos encontros, vivenciamos momentos de conversas voltadas às experiências vividas por todos os envolvidos. Problematizamos questões e apontamos alguns condicionamentos. Relatos esses escritos, orais, dão sentido às reflexões dos sujeitos e colaboram para a compreensão de suas práticas. As Jornadas de Aprendizamentos não consideraram uma estrutura fechada, pois as questões a serem tematizadas emergiam das discussões coletivas após levantamento dos problemas que envolvem a docência e que nos convoca a respostas imediatas em meio à pandemia do Coronavírus. Reuniões em que todos participaram, investigaram e foram formados. O trabalho foi relacionar mitos, canções, dizeres, sentimentos, falas coletivas, fazeres da escola com textos acadêmicos no entremeio de meus próprios sentimentos e significados. Do sujeito histórico ali no fomento da escrita em partilha do que aprendi e vivi em grupo, como registro formativo da reflexão, da memória e da produção de conhecimentos. Sob esse viés, diz Prado (2015), que o meu narrar é da história de um professor em investigação, em recolhimentos.... Em catas daquilo que se abre pelos caminhos da educação. Estudando, pesquisando, trabalhando, vivenciando o sentir e o fazer é que se redescobre professor em travessia. Nesse fazer sereno, ir-se no bocadinho, entendendo a motilidade do fragmentado, do espacializado no tempo e os encadeamentos.

Figura 7: Bastidores



Fonte: Arquivo pessoal- Fotos da exposição escolar do trabalho das crianças realizado em suas casas durante a pandemia- Ensino Remoto- EMJCA (2020).

Portanto, a escolha pela escrita autobiográfica se dá pela possibilidade de ser uma contingência na escrita. Aventurar-se por aquilo que nos atravessa e que nos permite ao crescimento e ao desenvolvimento. E, ao fazer, outorgar uma produção de origem e, assim, fazer considerações sobre o ato de dizer do cotidiano humano e de uma pesquisa acadêmica. E enunciar o que foi registrado do que fizeram as crianças e os professores em suas interações de aprendizagens. Percepção dos encontros via *Meeting* que originou vivências pela escrita e a associações com as histórias narradas, os mitos citados. Revelados ali, dificuldades, empatias, sofrimentos, pensamentos, felicidades e, nisso, os fazeres do educar foram coletados e dispostos no texto a partir dos sentidos que estavam fazendo para mim.

O ato de educar narrado em seus bastidores, pelas “salas dos professores” e os bastidores do processo antes de chegar às crianças e o como elas correspondem. Suas devolutivas. Portanto, estão aqui: intimidades, lembranças e encontros com as crianças ao longo de minha trajetória enquanto professora, tudo posto em relação de diálogo, neste redigir sobre o fazer do professor e a valia da escola durante a crise sanitária. Das memórias desnudadas e das relações com os professores em seus fazeres pedagógicos que não descartam suas emoções diante da pandemia, ser escrita-fonte que possibilita a reflexão de quem lê e de quem escreve e que pode contribuir para ampliar os saberes sobre os atos da escola. Já que registra a capacidade idoneidade da educação que, mesmo em cenário brutal e caótico, resiste. Subsiste em potência e resistência enquanto escola. O que não é somente atos de resistência, mas também de resiliência. .

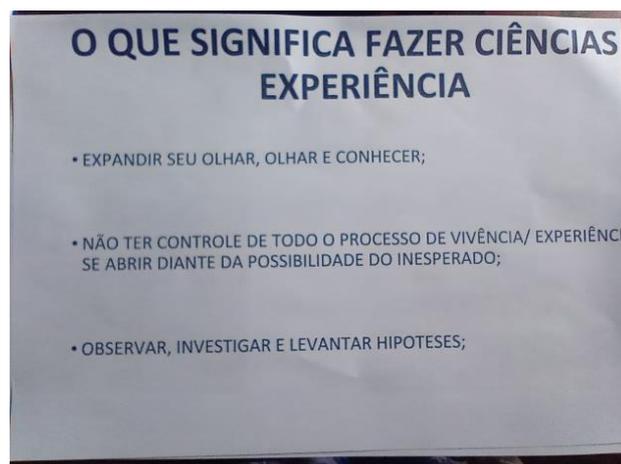
Figura 8: Resiliência



Fonte: Arquivo Pessoal- Caminhada- 2022.

Desta escrita pessoal, que não cabe só em mim, pois é alargada na relação com o outro, escrevo e transformo o documento em tear de escrita. Que vai sendo tecido pegando linha de tudo o que há, na medida que se tece a escrita dos saberes escolares vai ao mesmo tempo se tornando fonte de pesquisa sobre a passagem do Coronavírus pela cidade nessa escola. Representação da escrita ordinária que expande nas palavras de Bloch (2002) para fazer ciência são necessárias duas coisas: uma realidade e um ser humano. Isso permite o lançar-me para acompanhar a trajetória dos sujeitos envolvidos na pesquisa e pensar minha própria época no nó poderoso da consciência. Não sair do tempo, mas oscilar por entre os debates sobre as origens, ondas e fenômenos apresentados que atravessam longitudinalmente o momento humano. Penso de acordo com a época em que vivo e sigo as categorias dela.

Figura 9: Fazer Ciência



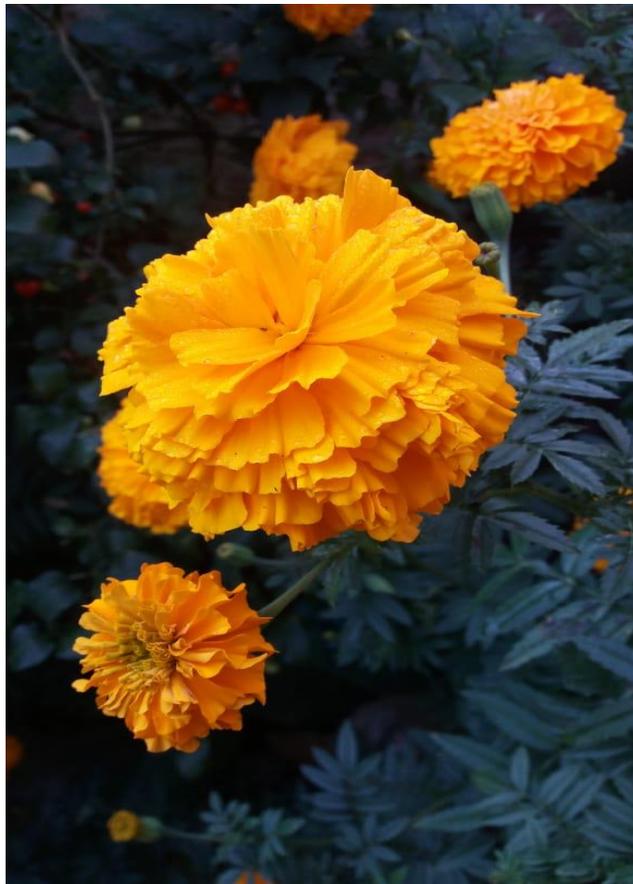
Fonte: Arquivo Virtual Google sala de aula- Tubérculos- EMJCA-2020.

Assim posto, relatar o efêmero, esse cotidiano do qual o sujeito comum transforma-se em alguém importante e faz de suas ações e experiências diárias algo respeitável. Juntamente com Manoel de Barros (2017), convivo aos capítulos nomeados Transver e aos imprevistos do gênero literário, autobiografia. Segundo Lejeune (2014), constitui-se em ser escrita de caráter pessoal e tem como traço significativo a inserção do próprio escritor como personagem principal. Isso implica a escrita em ser um pacto literário e não somente histórico ou documental. Ora porque a narrativa apresenta um resgate memorialístico (baseado na vivência da dita realidade), ora constrói a trama com os fios da ficção (reais ou não). Podendo assumir diversos formatos e possuindo abordagens pessoais e íntimos reencontros com suas vivências. Registros em aurora e tessitura de reminiscências de uma narrativa movente da realidade. As

experiências vividas são inapreensíveis e, nessa fenda, o ficcional se estabelece para a explicação.

Contar esse momento histórico de crise é construir saberes e pensar nosso lugar de docente e de escola, e do novo que chega com a espacialização da Era Digital. Documentar esse período tem sido um privilégio, já que tem possibilitado o resgate de memórias e experiências da escola. As vivências e soluções de enfrentamento diante do abandono das políticas públicas em meio à crise sanitária do Coronavírus. São significativas as vivências permeadas ao longo do tempo, essas que podem dialogar com o vivido na pandemia sendo experiências poéticas do tempo. Gestos escolares remotos presentes no trabalho do professor, no ato cognitivo e emocional durante o recolhimento social. Do “não-sabido” ao estar pronto rumo à interioridade do exterior do que Castro (2007) chama de experiência temporal da realidade do estar em terreno insólito que não se apresenta de maneira habitual. Por decerto, a passagem do vírus nos fez subverter regras e agir no que nos foi digno nesse momento de ser pensado e, nisso, preambular e inaugurar o ensino remoto em meio a tantas fragilidades e sensibilidades que nos marcam.

Figura 10: Sensibilidades



Fonte: Arquivo pessoal- Meu jardim-2020.

As pequenas existências, que se movem nas vozes internas de nosso ser e para além de nós, de instantes que conseguimos observar o que anteriormente nunca havíamos reparado - como o voo em infinito que as abelhas traçam pelo céu⁶. De certo, diz Teixeira (2018), é viela singular de composição e nela corro o risco de ser seduzida pelo desejo-escrita que não descarta a intuição⁷. Sem amênia, pois ortografar precisa ser visceral, vindo de dentro e feita com paixão, e nos faz reconhecer em presença no mundo e desenredar-se em descobertas, pontua Holanda (2021). Olhar para si e se localizar geograficamente e historicamente. Nesse sentido, romper com a trivialidade e nos atrever a sair da zona de conforto, o que pode provocar dor e causar incômodos enormes. Existem inúmeras possibilidades de nascimentos que perdemos quando insistimos na repetição, em vez de propormos uma combinação de palavras que só nós podemos fazer. Quando nos expressamos em palavras, temos a possibilidade de nascer, diz Brum (2013). Se renunciarmos o nascimento, trocamos a possibilidade do novo pelos chavões e aceitamos a morte antes de viver e transformarmos a pesquisa e a vida num grande bordão. Corro o risco para não ceder e repetir lugares comuns. Clichês. Nesse mergulho, poder produzir sensibilidades (chorar, garganta presa ou flutuações, levezas), geografias de relações que o reverberar para dentro convida. É deste chão que as palavras irão tocar o outro e conversar por meio do texto. Nas provocações de intensidade é que a escrita se torna vida e ambas, atividades passionais (HOLANDA, 2018). A autobiografia convida a tramar e destramar em gestos de inauguração e de aberturas, pontua Teixeira (2018). Fendas que reagem às forças da vida. Nascemos. Saber-se vivo é estar “posto à morte” diz Brum (2013, p.53). Por certo, estas palavras da autora, fixam a extinção do humano que, ao morrer, morre-se certo modo de ver. Singularidade perdida.

⁶<https://www.bibliotecaagptea.org.br/zootecnia/apicultura/livros/APICULTURA%20CRIACAO%20DE%20ABELHAS%20E%20PRODUCAO%20DE%20MEL.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2022.

⁷Escrita que navega pelo universo interior (emoções, pensamentos, crenças, medos, raiva, alegrias, etc.) quanto por aspectos externos a vida (o mundo em que habita e o das pessoas ao seu redor).

Figura 11: Romã



Fonte: Arquivo Pessoal- Meu Jardim. 2020.

Nesse coletivo de pensamentos, de acordo com Prado (2015), somos constituídos pela cultura que produzimos socialmente. Escrever com singularidade o movimento coletivo da escola remota é se descobrir no outro em vivências relacionais. Nesse encontro de pensamentos, emoções e de conteúdo, refugio-me ainda no autor (2015) e em suas considerações sobre Bakhtin, do que consta sobre a ação singular dita responsabilidade minha. Sendo fazedora do que me compõe nessa singularidade do agir ininterrupto. Já que a vida inteira, em sua totalidade, pode ser considerada como uma espécie de ato complexo: agir com a vida em cada ato singular e experiência que vivo. Nessa obra arquitetônica constitutiva do eu que, de acordo com Bakhtin (2010), encontra-se em profundo diálogo com o outro e se manifesta na tripla dimensão a constituir essa relação: “eu-para-mim, o-outro-para-mim e eu-para-o-outro”. Com efeito, a narrativa é uma forma de pesquisas em Educação na perspectiva do gênero discursivo que é apresentado por Bakhtin (2010), do conhecimento científico narrado compondo o campo da pesquisa com educação. Potencialidades que, ao compartilhar, servirão para o processo reflexivo de todos que se propuserem a narrar o cotidiano da escola - espaço coletivo e transformador, sendo condensado nos momentos de estudo. É nessa perspectiva que amplio a visão da qual assumo minha posição de sujeito e não de objeto das pesquisas científicas.

[...] se pode retirar dele, por abstração, o momento de conteúdo-sentido, isto é o pensamento como juízo de validade universal. Para este aspecto abstrato do sentido, o aspecto histórico-individual – o autor, o tempo, as circunstâncias e a unidade moral de sua vida – é totalmente indiferente: Tal juízo de validade universal se refere à unidade teórica do domínio teórico correspondente e o lugar que ocupa nesta unidade define a sua validade de modo totalmente exaustivo.” (BAKHTIN apud PRADO, 2015, p. 61)

Figura 12: Abstração



Fonte: Arquivo Pessoal- Casa.2020.

Diante disso, a alteração de cotidiano devido à pandemia do Coronavírus 2020/21 trouxe a oportunidade de olhar a espacialidade escolar por orientações mais oblíquas. E, de soslaio, fazer novas reflexões e jeitos delicados de relacionar teoria e prática. A alteração do cotidiano e de nosso ordinário com passar do vírus pela cidade, não alterou somente a minha vida, mas a de todo um planeta. Ao fazer uma pesquisa autobiográfica, reconheço ser um ato responsável do sujeito em resposta ao vivido, de acordo com Prado (2015, p. 171). Ou seja, ao fazer uma narrativa da escola remota, consigo vê-la como um meio para a compreensão acerca da Educação e do papel do docente no ato de ensinar a criança mediada pela máquina. São saberes que precisam ser compartilhados, desta ação responsiva da escola pública com a comunidade.

O tempo, as circunstâncias e a unidade moral de nossa vida são justamente o que nos define inconclusos, nisso a humanidade está em processo de formação e, portanto, somos seres prematuros em composição. Estamos aprendendo, diz Prado (2015), e saber-se inacabado é reconhecer a beleza oculta do incompleto e da revelação. Ortografar é segurar o instrumento e

incidi-lo sobre a matéria. Ação manual gerada a partir do movimento de todo o corpo para fora dele em direção ao seu entorno, ao mundo, diz Flusser (2007). Desta ação em direção ao exterior, ao que ainda não se sabe e perpetrar o gesto de traçar. Marcar com algum instrumento uma superfície. Arriscar-se a escrita-experiência. Dito por Freire (1996, p. 52) “onde há vida, há inacabamento”, isso se deve ao fato de haver vida. É na inconclusão do ser que se funda a Educação como processo permanente na medida em que nós reconhecemos inacabados. Portanto, sendo esboço é uma não-conclusão. Transformar em ato de aprender e reaprender em tempos de possibilidades e não de determinismos.

A consciência de inconclusão gera a educabilidade e nos faz éticos. Essa capacidade de aprender não deve se acomodar, mas, sobretudo, transformar a realidade, para nela intervir e recriar. Ser gente e se reconhecer inacabado para buscar além e se constituir em presença no mundo. Isso não se faz na alienação. Portanto, me constituo no “ser” mulher-professora-pesquisadora-narradora de práticas educativas ao conceber o insólito, em me dedicar a escrever sem fórmulas, para estimular a busca por jeitos novos e revelar partes de mim em cada capítulo. Numa escrita generosa para aqueles que me escutam ao ler.

Aprendizados em aprofundamentos de sentido

Figura 13: Girassol



Fonte: Arquivo Pessoal- Jardim da escola. 2021.

Considerar as experiências de aprofundamento ditas por Larrosa (2018) ao pesquisar as práticas recuadas do Ensino Fundamental I durante a pandemia da Covid-19, podendo estas serem relevantes à nossa própria formação e produção de conhecimento sobre ensino aprendizagem. Dessa forma, são as referências companheiras em um processo tão solitário e, ao mesmo tempo, coletivo. Vozes que inundam nossas mentes estão pela casa, convidando ao diálogo, a reviver outros tempos, revisitando memórias guardadas. Intercalando linhas entre os tempos, no cerzir de vivências pessoais com a escola e o tempo de pandemia. Enlaces em composição textual de práticas passadas com o que tem se dado entre 2020/21. Não sei as associações que se darão ao experienciar as linguagens humanas, completa Larrosa (2018), de escrita pensante que desliza das narrativas científicas totalizantes para reagir às forças reacionárias das emoções fluídas em pensamentos. Apropriar-se das linguagens simbólicas a fim de ganhar autonomia de pensamento, para a compreensão do mundo vivido, de acordo com Canário:

“[...] só a partir da apropriação de linguagens simbólicas é possível aceder a formas mais complexas e elaboradas de compreender e expressar a nossa compreensão do mundo em que vivemos hoje (e contribuir, entre outras coisas), para o reforço do profissionalismo dos professores e professoras ameaçados por um processo de polarização que só pode ser contrariado pela afirmação de sua autonomia da produção de saberes profissionais encarados como legítimos.” (CANÁRIO, 2005).

Decerto, Prado (2015) diz que as falas docentes e de pesquisa compõem uma ordenação do discurso a delinear outras narrativas no âmbito da pesquisa educacional⁸ e geram um gênero discursivo em brotos a desabrochar na ordenação narrativa, que se resultam da escrita-evento do “fazer pesquisa” em educação, pois se alinham em muitas outras narrativas, memórias e produções no âmbito da pesquisa educacional. Desses pensamentos que nascem de encontro com os dos outros. Propondo, nesse meio, a compreensão outra. Desta que é a formação de

⁸ São infinitos os gêneros discursivos que identificam os enunciados e localizam a investigação narrativa em seu contexto, por decerto, já temos algumas gerações de pesquisadores/professores/narradores, e pesquisas singulares como marcas históricas do caminho investigativo. Sejam elas, aproximações mais ou menos psicológicas, epistemológicas, históricas, estéticas, filosóficas da linguagem, que estão a depender do pesquisador e do orientador. Nesse sentido, pontua Bakhtin, podemos valorizar o pensamento como ato individual e levar em consideração o que nos constitui, validando de forma teórica o pensamento-juízo. A valoração do significado do juízo em que se constitui é necessária na efetivação do ato. Em decorrência disso, há uma proliferação de linguagens. Caminhos possíveis devido às novas tecnologias e também do encontro e troca entre culturas diversas, não havendo fechamento de fronteiras e delimitações identitárias das comunidades que possa impedir esses encontros e trocas, os quais, evidentemente, vão além das trocas de mercado. (PRADO, 2015)

professores, dando ênfase às questões mais subjetivas dos sujeitos e legitimando a experiência como produção de conhecimento. No entendimento de que estamos em constante processo de autoconhecimento.

Figura 14: Nascem tomates



Fonte: Arquivo pessoal- Casa- Pandemia 2020.

Ademais, temos constatado a necessidade de investimentos, tanto de pesquisa quanto de formação voltados especificamente para o professor, já que o ciclo profissional enfrenta tensões, desafios e demandas da docência. Pois nem sempre à docência se desenrola como processo harmônico, seja porque é um período tenso diante do novo papel social do professor que está começando na profissão, seja pela ausência, insuficiência ou precariedade de apoio para encarar as dificuldades “científico-pedagógicas, burocráticas, emocionais e sociais”, relatam Cruz; Paiva e Lontra (2021)⁹ sobre o aprender, com o professor Paulo Freire que, ao se

⁹Nesse movimento, sigo parafraseando os autores. Nisso, revelam-se conhecimentos que conciliam pesquisa e formação de professores. E no circundar, possibilitam a participação efetiva de educadores

encontrar em meio às resistências políticas e epistemológicas, a teorização era tecida numa escrita reflexiva, portanto, (auto)biográfica. Legado que impulsiona e inspira a percorrer o caminho da transgrediência, a deslocar-se no engendrar de sentidos. Estar em estado de concepção *slowmotion*. Desta escrita lenta da vida em passagem para a arena teórica. Dessas escolhas éticas e estéticas que conduzem ao encontro *sui generis* e nos forma, mesmo que essa não seja condição *a priori* da relação. Do compromisso alteritário, que completa e a incompleta, não estando só e nem onisciente, mas, sim, no volver-se na apreciação teórica na relação com suas vivências. Dilatar a visão e permitir o encontro, o que pode ser conflituoso e contraditório. Ou seja, de acordo com Ferreira (2013), tudo o que nos formou pode ser assumido como parte integrante do estudo, pois somos sujeitos de pesquisa e não objeto dela.

Figura 15: Por outras lentes



Fonte: Arquivo pessoal- Olhares pela escola- 2021.

Inclusive, nossa narrativa docente é mais do que um simples registro dos acontecimentos do cotidiano, pontua Ferreira (2013). Sendo denúncia do que se é e do que pretende converter-se. Podendo significar para o outro o que não é para mim, e transformar e tocar o outro por entre

em plena energia das ações realizadas. Vivacidade, cuja finalidade impulsiona mais a promoção da formação do que essencialmente à coleta de dados (Longarezi & Silva, 2013).

linhas. Então, garantir a autonomia é esvair da minha pequenez professoral. Ser ouvida e degustada, como um ser que é; que faz; que existe e que está a compartilhar. Coloco-me para fora e revelo-me¹⁰, no que diz Larrosa (2018).

No entanto, experimento a própria vida que se anuncia sem nenhuma autoridade ou convenção anterior.

A pesquisa narrativa é, ao caminhar para si, contar uma história que diga do viajante e da viagem (uma versão que seja!): sobre os itinerários, desvios, encruzilhadas (des)encontros e acontecimentos na unicidade do vivido, diálogo (im)possíveis, marcas que a experiência inscreveu inventário dos excessos e faltas que carregou na bagagem, o que falhou descobertas, sonhos e desejos projetados em um horizonte de possibilidades de uma memória de futuro [...] que evidenciaram minha constituição pelo outro (a cultura e os sujeitos da cultura) e a permanente necessidade de, em tendo alguns lugares de apoio, ir além, lançar-me a outros caminhos, desvios e encruzilhadas.” (FERREIRA, 2013).

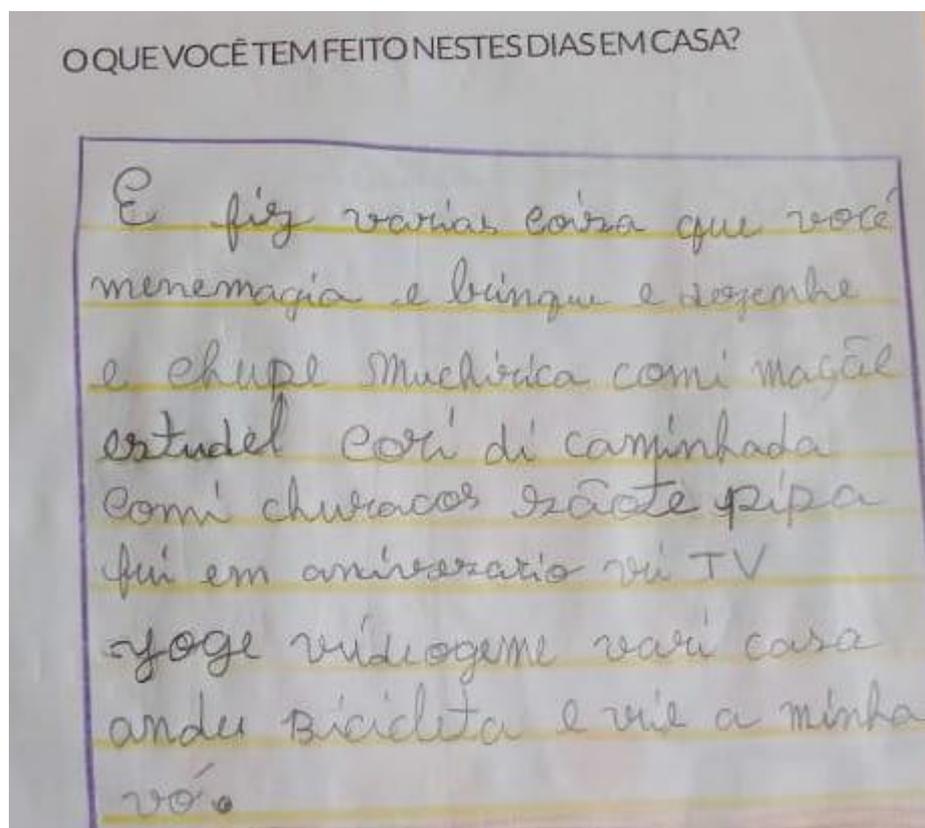
Segundo Llansol (2011), a escrita é o jardim que o pensamento permite dizer de si e fazer-se a si enquanto se diz. É a declaração daquilo que se coloca a escrever. Nisso, diz que está implicado observar os sinais e, nesse sentido, posso dizer que o meu pensamento é emotivo, imagético, vibrante, transformador e, provavelmente, sonhador. Pode causar estranheza ao leitor ao ver-me em revelação no texto. Estando imerso em vários extratos de percepção do real, retratando o vivido desta autobiografia sobre o tempo de Ensino Remoto. Partilhar a narrativa enquanto mulher-professora-pesquisadora-narradora, em potencialização de sua experiência investigativa. De certo, produz efeitos formativos em si, desta formação social e histórica se constituir. É uma formação em pérolas que, a cada poeira, promove reflexão no enlace entre vida pessoal e profissional. Enigmas constituidores da escola que suscitam outras narrativas, já que o belo e o raro penetram e provocam a busca por outros tesouros. Aprendo mais sobre mim, com os demais podendo vislumbrar outros percursos. Atraio-me em inquietações, dificuldades, conquistas de uma produção intelectual (PRADO, FERREIRA, FERNANDES, 2011).

Da ortografia que dá centralidade ao professor para que ele seja sujeito e não objeto, dando a ver suas práticas educativas nas pesquisas, é que se vai e se impõe como necessidade de superação da dicotomia teoria e prática. E potencializa os sentidos de uma profissão que se constitui no encontro de experiências, de saberes e fazeres inerentes à função de ensinar das questões que atravessam a docência e enfrentamentos no contexto do ensino. Nisso, se abre a

¹⁰O que é muito difícil para alguém que não gosta de se colocar publicamente. Que sempre preferiu o silêncio à fala.

possibilidade de dialogar com a história da Educação, quiçá com a história da própria constituição da forma escolar moderna. A historicidade da escola¹¹, um território de possibilidades que provê novos conhecimentos no próprio acontecimento da escrita, pelo sujeito singular e reagente da pesquisa. A escritura das vivências em textualidade seria o sustentar do estado de pergunta ao lado daqueles que se põem a escrever. De certo, o registro é carregado de memória. São elas coloridas em cada parte, pois são estampas que marcam a passagem do humano sobre a Terra.

Figura 16: Diário de Bordo - Escrita da rotina da criança



Fonte: Arquivo pessoal (2020).

Assim surge a escrita colorida, ornamentada por vozes. Paisagem do diverso que, diante à espacialização digital pela escola, é obrigada, devido à crise sanitária, ensinar pelos computadores. Ensino Remoto, feito de dentro de nossas casas no abrir as portas de nossa moradia para a casa das crianças. Expor intimidades, objetos pessoais. Como professores e

¹¹ Estudos no campo da história da educação têm evidenciado que a escola tem sido, há mais de um século, uma instituição encarregada tanto da transmissão de um legado cultural quanto da civilização das crianças, o que envolve o autocontrole das emoções, assim como a sensibilidade para perceber as emoções dos outros, aprender a respeitar e a ser respeitado. (GODINHO, 2021).

educandos lidaram com suas emoções, exposição e as atividades? Como as condições de trabalho remoto afetaram a disposição emocional dos docentes? Cômodos antes silenciosos passaram a dar passagem às múltiplas vozes que saíam de um notebook. Foram registradas e gravadas falas, poemas, mitos, cantigas, narrativas, aprendizagens... Belezas que, pouco a pouco, enunciam tempos reticentes.

Figura 17: “Entre retalhos, narrativas e poéticas: intenções de alinhavos”.



Fonte: Arquivo Pessoal-2020.

No ser professora, escuto e compreendo as narrativas de meus pares, nossas dificuldades, anseios e medos diante do novo remoto e da pandemia. Inseguranças.

Periculosidade

Narrar é lançar-se. É dizer e convidar à escuta. Encontrar a si. Ver os outros. Gerar mudanças significativas. Fender à cata e engendrar conhecimentos no âmbito educacional.

Ceder aos aprendizados e às reflexões sobre ética em educação infantil. Entender as concepções da infância ao longo da história e dançar ao lado de Emicida (2018) no palco dos pensamentos que bailam dentro da cabeça das crianças.

Figura 18: Atelomielia¹².



Fonte: EMJCA-2022.

Ser professora contratada¹³ desde 2004 e permanecendo na mesma escola desde 2008, tem possibilitado a mim certa intimidade com a docência e a criação de vínculos com as crianças, professores e familiares e o vivenciar experiências profundas de sentido e de emoção. Possibilitou diversos aprendizados e o criar da identidade docente. Tornar-me artesã do

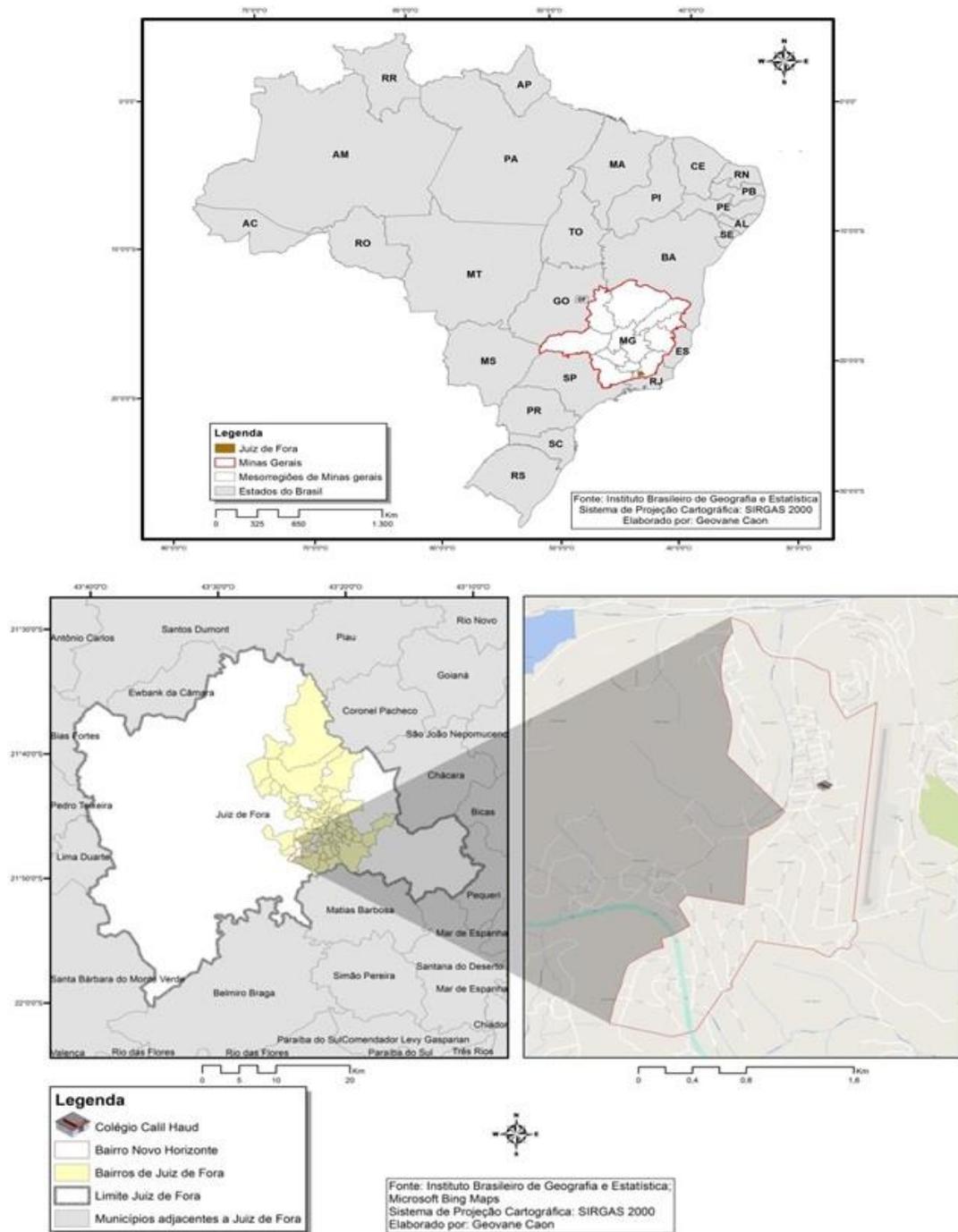
¹² Segundo o site Dicionário Priberam, a-te-lo-mi-e-li-a (grego atelês, -és, sem fim, incompleto, inacabado, imperfeito + grego muelós, -oû, medula + -ia). "atelomielia". Portanto: inacabamento, sem fim.

¹³ O professor contratado da prefeitura de Juiz de Fora segue um edital de contratação renovado a partir da data de assinatura seis meses depois e encerrado sempre no final do ano, após seis meses. Sempre em meados do fim do ano, fazemos cópias de toda a nossa documentação, certificação e titulação para levar no dia da contratação a partir das inscrições feitas no edital e liberadas atualmente via site. Antes, entregávamos presencialmente enfrentando longas horas de filas. Após, sair o resultado que nos classifica naquele ano, somos chamadas em janeiro, e enfrentamos horas na fila e estresse, e muita ansiedade para escolher a escola e atuar. Fazemos exame médico para fins de contrato. Um limbo do qual vivencio juntamente com mais de três mil contratadas anualmente. O trabalho é igual e até maior, pois a cada seis meses somos avaliadas pela prefeitura mediante a uma ficha feita pela coordenação pedagógica da escola. O salário é baixo para o tanto que nos exigem. Geralmente ficamos com turmas mais difíceis e uma carga maior de trabalho. Como não tenho vínculo empregatício, não consigo efetuar grandes compras. Com essa rotina de contratação, não há como programar férias e nem passeios, pois não temos datas definidas para que tal processo ocorra. O sindicato dos professores conseguiu algumas melhorias ao longo dos anos, no entanto, se eu não passar no concurso público, por exemplo, não adianta ter mestrado ou doutorado, pois essa titulação, via salário, não é valorizada, serve apenas para fins de melhoria classificatória. Não havendo incentivos para os professores contratados, mesmo porque se houver, segundo o sindicato, termina com o plano de carreira do professor efetivo.

conhecer e estar consciente de minha prática docente juntamente com meus pares dilata-me, pontua Khoan (2013). Impele a partilha, tudo o que os governos desse mundo capitalista não querem para as escolas.

Em tempos de escola remota, o suficiente não é construir e ocupar, e, sim, habitar com ousadia todos os espaços. Pronunciar e praticar palavras e pensar os sentidos do habitar. Fazer escola dentro e fora das fronteiras impostas pelos edifícios institucionais e territoriais. Artesanias do envolver a infância no compor dos conhecimentos e aprendizagens, permitir ser seduzido pelos nossos territórios do educar. Fazer fluir, entre telas, descobertas e paixões. A escola se especializou por outras fronteiras. A escola que narro é a Escola Municipal José Calil Ahuagi, localizada na cidade de Juiz de Fora, Zona da Mata de Minas Gerais. Neste lugar que me compus professora de fato e tenho me desenvolvido enquanto educadora, sendo os fazeres desta instituição meu ponto de partida para a escrita, para os múltiplos aprendizados ao longo de tantos anos. Assim, parto para a pesquisa sem deixar de me compreender como sujeito nessa produção.

Figura 19: Mapa Escola Calil/JF.



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2000)

Movimento de pesquisa em busca da experiência do tempo vivido em composição narrativa das vivências escolares em cenário de Covid-19, já dizia Bloch (2002), que acontecimentos do presente têm maiores importâncias do que a inteligência do passado. Abalos de rotina ao longo desse período que nos sensibilizou em formas e modos diferentes. O testemunho é fragmentado, já que participo desta escola unicamente. O que chamou a minha

atenção foi perceber a escola instrumentalizando o novo (não tão novo assim, já que a era digital estava já presente no meio social, só não se encontrava de fato nas práticas pedagógicas). A adesão dos professores e a dedicação em aprender o uso das novas ferramentas. A princípio sem direcionamento oficial das políticas educacionais e sem qualquer amparo no direcionamento de um currículo pensado para o remoto que nos orientasse dentro da proposta de educação em tempos de crise.

Nisso, o corpo escolar foi se preparando com um mês de antecedência antes que as aulas online começassem de fato. Aprender e fazer no instantâneo do acontecer. Desdobrando-se para não cair puramente no ensino mecanizado taylorista, oriundo do processo industrial das fábricas e caracterizado pela racionalização, planejamento, formalização, mecanização, divisão do trabalho, produção de massa, centralização, dentre outras, tendo-se inúmeras influências na gestão educacional do país (SANTOS, 2008). Trazer para o remoto o Projeto Político Pedagógico centrado nas infâncias, nos cortejos e brincadeiras que perpassam eixos antropológicos. Apesar de não perder as emoções, criar metas para uso das novas ferramentas. Desdobrando-se em muitos para manter uma educação sensível e de qualidade às crianças, mesmo sabendo que muitas não dispõem de tecnologia – o sistema já precário fisicamente, agora precário também “virtualmente”. Nós, professores, estávamos ali, pensando em alcançar a todos e manter nosso relacionamento com as crianças, não prejudicando o saber e nem as relações de amor e aprendizados entre os envolvidos, já que a vida do educador não se faz indiretamente, diz Schlesener (2011), como se fosse algo cristalizado. O pensar do professor é movimento de espírito e se produz na troca com as crianças. Faz-se em momentos de interação e, nisso, as aprendizagens são novas e se desdobram nas formas de vida do homem. O que nos permite entender a educação, essa troca criadora que é possibilitada pelo sentimento de pertencimento. A criança transforma-se no contínuo, assim como transforma o professor no conjunto da experiência ao longo da vida. Da relação mais bela que mistura o antigo (professor) e o novo (crianças) em movimento de encontro criador.

A sensação era de mundo borrado. Sair de casa era muito perigoso.

A suposta realidade derretia e nosso emocional se desmoronava com ela

As primeiras quadras de pensamentos chegam bastante emboladas de questionamentos. Como estão as crianças diante do ensino recuado e da Covid-19? O que a escola está produzindo

e recebendo de interessante nesse tempo de educação afastada? Como respeitar o projeto político e pedagógico que foi construído no coletivo (em outro momento) e atuar seguindo suas substâncias em modo ábdito? Como a escola se comportou no remoto? Quais são os novos cotidianos escolares do ensino remoto? Como as crianças vivenciaram propositivas da escola nesse tempo? Houve processo de experiência, como se entende em Jorge Larrosa? Foram esses os primeiros retalhos a chegar. A experiência da qual me refiro é a de Larrosa (2018), a que nos atravessa esfericamente. No profundo a tocar-nos, dando sentido à vida e condições à emoção e ao aprender, daquilo que nos passa e nos acontece. E ganham corpo: Como professores e alunos, no ambiente de ensino remoto, lidaram com suas emoções e os efeitos no trabalho? E, ainda, como as condições de trabalho remoto afetaram a disposição emocional dos docentes?

Documentar esse tempo

Presta-se a uma busca, para devolver a imagem pública para a cidade sobre o que se investia durante esse tempo na educação remota. A busca pela qualidade estética, imaginativa/criativa de respeito à infância e suas linguagens. Seguir por esse caminho, apoiada no que Hoyuelos (2020) ensina sobre Malaguzzi: experiência, estética, criatividade e documentação e coletar no arquivo virtual da escola, o *Google Classroom*, documentos escritos, slides, fotografias, painéis, vídeos, recursos, como o *GoogleForms*, músicas, desenhos entre outros. Esses irão contar como foi o caminho percorrido. Sendo espécie de testemunho visual, audiovisual e escrito, desse tempo remoto. Trazem a identidade e a densidade cultural à própria escola e àqueles que a habitam remotamente.

Figura 20: Deleite ao derramado.



Fonte: Arquivo Pessoal- Casa e Pandemia (2020).

Saborear

Da metodologia utilizada e da rigorosidade do processo fazem da busca e da docência ato de esperança, de alegria e sabor. Visto-me de Freire (1996), saio pelas vertentes que fazem sentido para o meu olhar. Proponho diálogos entre os tempos. Comungo com Hoyuellos (2020) que os documentos produzidos pela escola e pelas crianças são provas e testemunhos que tornam respeitável o trabalho remoto. As crianças o dignificam. As documentações dão sabor à pesquisa, trazendo-nos memória e consistência histórica. Os processos observados são uns dos fins fundamentais do trabalho dos adultos na escola.

De fato, se a documentação quer ter como objetivo entender melhor as crianças, devemos evitar conceber a documentação como pura conservação e usabilidade dos resultados finais de um caminho didático educativo. Ao nos limitarmos a isso, certamente nos será possível valorizar e conhecer melhor o que foi alcançado, mas não se conhecerá o que aconteceu. É por isso que, agora, existem muitos defensores da importância estratégica de documentar processos em vez de produtos!”. (SPAGGIARI, 1997 apud HOYUELLOS, 2020)

A documentação e os textos só têm vida no encontro com outro texto (contexto). Desse enlace, eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, o texto, documento e práticas

pedagógicas do diálogo da narrativa. Nesse ocorrido, assinala Lima (2020), está o contato entre indivíduos, e não entre as coisas. Transformar o diálogo em texto contínuo é apagar as vozes e as alternâncias dos sujeitos falantes. Perde-se o sentido. Desenvolve-se uma linha morta. Reconhecimento do trabalho do professor e do desenvolvimento da criança, reconhecimento de ambos os lados, pois é isso que tempera a vida profissional e o aprendizado da criança.

Portanto, a documentação se transforma em uma memória viva e visível do processo compartilhado com os pequenos. Não se concentra apenas no resultado. E esta é a minha maior preocupação: narrar o processo, respeitando as vozes dos envolvidos, suas autorias no mundo. Narrar o que me rodeia, o que alcança a criança e envolve a escola. Contar o que me alcançou. Selecionar imagens e propor diálogos, comunicando as experiências realizadas nesse tempo remoto de forma a narrar os acontecimentos extraordinários durante esse processo. Delinear a escrita a fim de apresentar a escola e as crianças para aqueles que leem.

Figura 21: Galerias.



Fonte: Fonte: Arquivo pessoal- Olhares pela escola- 2021.

Tantos outros autores inspiraram a anatomia da escrita. Desta vida em ligamentos de rupturas calcâneas na oxidação das horas, encontro-me com Vieira (2022¹⁴), ali está a xícara sobreposta, a borra do alfabeto. O aroma do café oculta o rompimento da alma. Nunca estive sozinha, bálsamos de Bakhtin apud Prado 2015), em multiplicidade de vozes. Em consciências independentes e imiscíveis, e de uma autêntica polifonia. A coletividade na construção desse

¹⁴ Durante a pandemia, eu e a autora conversamos com as horas a finco pelo telefone. Tínhamos muito em comum, não só pelo parentesco de sangue que nos une em laços de família, mas no delineado da alma.

texto representada em aromas de café, alteridades da vida que nos compõem e decompõem, que transformam o humano em nós, ao unificar os dois mundos: o narrador e o narrado. Destes contextos contraditórios, traz Prado (2015), surge a possibilidade de ampliação do horizonte. Mesmo em estado de dissecação, atuamos nas fendas. Prado (2015, p. 63) reforça que:

É a vida que determina a consciência. As muitas relações que estabelecemos na vida são a argamassa utilizada na construção de nossa consciência. As relações que estabelecemos em nossas vidas, as inúmeras ações que empreendemos nela geram mudanças na nossa consciência, que, aprimorada, transforma nossas ações e, conseqüentemente, mais uma vez transmuta nossa consciência. É a vida que transforma e determina (sem estar querendo dizer que este determinismo é único e diretivo) a consciência. (PRADO, 2015)

Tecidos balançam minha mente, como roupas ao vento nos varais de nossas casas. Algumas porções servem, precisam de mais tempo ao sol, outras não, estão secas. Guardo retalhos em tecidos, fichados. Esses são mais do que simples registros dos acontecimentos do cotidiano.

Figura 22: Dançar entre tempos.



Fonte: Arquivo Pessoal- Prática pessoal- Memória e infâncias -2017.

Conta-nos Prado (2015) que a pretensão de objetividade da racionalidade e neutralidade do pesquisador é desejável na visão cartesiana de ciência. Esta ainda impera sobre as produções e se constituem em direção diversa do percurso narrativo, já que este, se baseando na subjetividade, expõe a sensibilidade e a parcialidade na tomada de decisões. É nesse sentido

que assumo a não-imparcialidade, a não-neutralidade, a imprecisão e a subjetividade de qualquer indivíduo, sendo ele escritor ou leitor. E, assim mesmo, oferecer rigor da verossimilhança, o calor da afetuosidade, a emoção do compartilhamento de nossas experiências narradas em nossas pesquisas, afinal, atos e pensamentos permeiam toda a nossa vida cognitiva, estética e ética.

É essencial explicar que, ao longo do corpo do texto, irei trazer os encantos e as vozes das crianças que falam sobre as coisas que aqui pensamos. São postas ao colóquio com os autores. A finalidade é serem compreendidas no grande diálogo da comunicação discursiva e não para uma análise linguística do sistema da língua, acrescenta Bakhtin (2010). Sigo confiante no que me realiza enquanto professora, desta escuta sensível e concernente com as crianças e suas infâncias, jeitos de ver e sentir a vida. Compreendendo-as enquanto seres humanos históricos em suas relações de saberes e aprendizados na escola e fora dela.

Transver II: Mundos Possíveis

Figura 23: Tempo em pontos. Colcha de crochê feita por minha avó Olga e dada a mim, na infância.



Fonte: Arquivo pessoal (1987).

De acordo com Hoyuelos (2020, p. 44), entende-se o tempo como pontos puntiformes (formados por pontos) e, portanto, não podemos mais falar em um tempo linear, progressivo acumulativo, mas, sim, em tempo caótico, entrópico, simbólico e artificial, um tempo menos cíclico, muito mais espiral e relativo. Uma imagem em espiral seria mais bem posicionada, pois ela explica como a natureza e as culturas procedem, a maneira como a vida e o conhecimento interatuam.

Estações

Dessa maneira, passo a vislumbrar o movimento de vida humana como uma colcha de crochê em espiral, em que cada acontecimento marca um ponto e reverbera em outro, estando tudo interligado em mundos possíveis, dos quais a modelização do ser humano, nesse processo de elaboração e de construção mental, nos permite inventar um número infinito de mundos possíveis no espaço-tempo, combinando aprendizados, emoções e experiências. Somos dotados de escrita, de sintática (de sintagma) e ligação que procura compreender um real complexo. Dessa maneira, a colcha nunca estará presa a uma única existência, pois, quando a observo em seus pontos pipoca ou nos retalhos que vão lhe constituindo, estou acessando o grande tempo de muitas histórias espalhadas.

Na convivência, o tempo não importa. Se for um minuto, uma hora, uma vida. O que importa é o que ficou desse minuto, desta hora, desta vida. Lembra que o que importa é tudo que semeares colherá. Por isso, marca a tua passagem, deixa algo de ti. Do teu minuto, da tua hora, do teu dia, da tua vida.
QUINTANA (2009)

O aprendizado com o outro vem desde os primeiros momentos da vida humana por sobre a Terra e, assim, tenho me apaixonado por Vigotski (2006) a cada novo olhar. Logo após conhecer Malaguzzi por meio de Hoyuelos, (2020), mantive o diálogo com o qual fui sendo apresentada aos laços que nos envolvem aos espaços geográficos e aos tempos históricos diversos. Na tecedura do acontecimento, somos projetados em direção a um futuro, sendo esse cheio de relações múltiplas diante de um olhar mais apurado. Situando o homem, continua ele e, portanto, a criança em uma adequada (e não dominadora) dimensão histórica da qual nossas capacidades se desenvolveram e se expressaram ao longo de milhares e milhares de anos na história da humanidade.

O tempo é assim, marca Hoyuelos (2020) trazendo Malaguzzi, irreversível. Somos filhos de cada talho. Nesta condição, não nos tornarmos obsoletos, pois a época transporta o

homem, ainda que, ao mesmo tempo, o homem se aproprie subjetivamente do período. Nessa apresentação temporal, o fluxo irreversível, inesgotável e infinito de transformações biológicas e culturais de grande importância fazem o mundo da escola. O homem nasce no tempo e o tempo nasceu antes do homem e, nesse encontro, fazem-se as geografias do viver. O homem nasceu na transformação, dessas metamorfoses do mundo. Do cosmos, apareceu em cena. Não era início. Enquanto escrevo essas últimas palavras, ouço Agamben (2005, p. 121) em sussurro: “O homem não é um ser histórico, porque cai no tempo, mas, pelo contrário, somente porque é um ser histórico ele pode cair no tempo, temporalizar-se”.

Segundo Engels (2006), nossos antepassados primatas, os mais sociáveis no início da dominação da natureza, desenvolveram-se no contato com o outro. Na necessidade do uso das mãos e do trabalho. Foi mediante o outro que esses horizontes do homem se ampliaram e transformaram o modo de vida, na interação com as múltiplas linguagens, na dimensão valorativa que, nos objetos da natureza, ele ia descobrindo novas qualidades, estando em constante disputa axiológica.

Figura 24: Contatos.



Fonte: Arquivo pessoal- Sutilezas- 2022.

O trabalho o continua, uniu os membros da sociedade em ajuda recíproca, da atividade humana comum para cada membro individual da sociedade. Na relação com o outro, nessa formação, o ser humano chega ao ponto em que sente a necessidade de dizer algo ao outro, desenvolvendo os órgãos da fala. Seguindo por este mesmo caminho, diz Volochinov (2013, p.

134 e 135) que Ludwig Noiret chegava à mesma conclusão que Friedrich Engels, a de que a linguagem e a vida do intelecto nascem da atividade conjunta dirigida por um objeto comum. Do trabalho primitivo de nossos antepassados que foram se reafirmando através da teoria javética, diz Volochinov (2013), sustentando que a linguagem foi criada durante inumeráveis milênios, sobre a base de um instinto de socialização de massa que se embasava nos pressupostos das necessidades econômicas e dessa organização.

Então me direciono novamente para o século XXI. Espio novamente e mais uma vez na brecha de ver aquilo que ainda não foi perlustrado. Reconheço, como Flusser (2007), o nosso século diante das comunicações, em especial virtual/digital que, apesar de todos os avanços tecnológicos, ainda têm a mão humana como principal ferramenta.

Mãos

Podemos pensar, por isso, que o século das comunicações virtual/digital é também “manual”. Nesse diálogo que componho com Lima (2020), a tal comunicação em plural, que tanto nos aproxima, é aquela que também nos esquiva. Que se dá na presença/ausência, no visível/invisível, que flutua entre verdadeiro/falso. Mantenho a grafia das palavras assim, encostadas umas às outras de forma a melhorar o plano dialógico, afirma Lima (2020), onde há isto/aquilo, que está no mesmo lugar, e não isto e aquilo separadamente. Continua a me dizer que o século XXI, tanto na cabala quanto na numerologia, é associado à mudança. Uma mudança simbólica que me faz olhar para as vinte e uma obras de Manoel de Barros que compõem as linhas desta colcha e endossam minha compreensão de mundo e de existência. Em gretas possíveis de mudança/transformação. Poderíamos esbarrar em outros tantos pequenos pontos dos quais o igual e o diferente se ligam ao mesmo lugar, no entanto, não é essa a questão que quero aqui habitar.

Figura 25: Extrair.



Fonte: Arquivo Pessoal- Mãos.2022.

Mas na palavra, enquanto enunciação aberta de desenvolvimento da consciência que, para além de comunicar ou representar, cria, transforma - muda. Em origem de mudanças, a condição humana, segundo Marx & Engels (2004), foi posta ao trabalho. Essa atividade laboral permitiu o desenvolvimento da consciência. Ao atuar sobre a natureza, o homem a transformou e, ao fazê-lo, transformou-se a si mesmo. Esse movimento autotransformador da natureza humana, em Marx, é um deslocamento material que cinge a modificação não só das formas de trabalho e organização prática da vida, mas também dos próprios órgãos dos sentidos que assentaram o homem em uma condição social e cultural, uma vez que todo produto de elaboração agrega valor e o associa a outros homens. Em consequência dessa organização humana, interrompe providencialmente Volochinov (2013), nascia o processo de luta obstinada do homem contra a natureza, luta esta que o homem estava armado somente com as mãos fortes e instrumentos de pedra toscamente trabalhados.

Figura 26: Transformar.



Fonte: Arquivo pessoal- Presente dado a mim feito por uma criança- escola- 2019.

Da pedra lascada, ao primeiro movimento de pinça até o uso das mãos humanas para as novas tecnologias, um grande salto no panorama da história humana. E um aumento destrutivo considerável de seu meio ambiente. De acordo com Flusser (2007), a escrita humana recolhe e serve como modelo da fala, servindo, a partir dela, para o homem se modificar e modificar sua maneira de se relacionar com o seu entorno. Continua ele a dizer que a forma como nos relacionamos no mundo está pautada na tecnologia. Como o movimento tecnológico é, por si só, bastante dinâmico, como águas corredoras de uma enchente, tudo é tão veloz que as pessoas já não conseguem mais esperar, já que os imediatismos das tecnologias digitais influenciam o tempo dos ponteiros e já não nos permitem mais análises profundas daquilo que nos ocorre.

Flusser (2007) usa a teoria da informação e da termodinâmica para falar da presença em nossa sociedade de objetos técnicos específicos: os aparelhos que, segundo ele, servem aos seres humanos para gerar e conservar informações, contra a morte e o esquecimento. Qualquer inventor, mesmo um gênio, é sempre fruto de seu tempo e de seu meio. Sua criação surge de

necessidades que foram criadas antes dele e, igualmente, apoia-se em possibilidades que existem além dele. Eis por que percebemos uma coerência rigorosa no desenvolvimento histórico da técnica e da ciência. Nenhuma invenção ou descoberta científica, diz Smolka (2004), pode emergir antes que aconteçam as condições materiais e psicológicas necessárias para seu surgimento. A criação é um processo de herança histórica em que cada forma que sucede é influenciada pelas anteriores.

Dessa forma, nesse diálogo, diz Flusser (2007), que o homem criou as coisas e estas passaram a ter uma relação de domínio sobre o homem e sobre a natureza. Toda a intensificação tecnológica leva a uma construção - a construção desenfreada de aparelhos e máquinas. Incrível pensar que a produção humana tem mais livre circulação pelo planeta do que o próprio humano, Santos (2001). Nisso, Flusser (2007) diz que as fábricas não são apenas lugares em que se produzem coisas, mas onde também o homem é produzido: “Um sapateiro não faz unicamente sapatos de couro, mas também, por meio de sua atividade, faz de si mesmo um sapateiro”. O homem corre demais e tudo lhe passa apenas. Seguramente, dizemos que o cérebro humano funciona como uma máquina e desejamos que seja assim, mas é a máquina que funciona como o cérebro humano. E é dessa forma contínua que homem se rende ao desejo do que o aparelho pode fazer, incentivado pelo consumo desenfreado das coisas, o aparelho é que molda o desejo humano. Assim, a máquina cria uma psicologia humana, um modo de pensar, de agir e ser, um modo veloz de se movimentar e passar pela vida.

Atravessar

Estamos mais perto das redes sociais, continua Flusser (2007), e as usamos como se fossem nossa língua vernácula, nosso idioma próprio e puro, e, assim, fazemos uso das redes, falamos por elas, escrevemos por elas, sem entender como elas funcionam e como elas nos manipulam. Todos nós acessamos o Google, por exemplo, mas não sabemos como exatamente funciona a ferramenta¹⁵. Flusser (2007) então nos convida a pensar quais serão os efeitos da fábrica no futuro da Educação, já que a fábrica do futuro será a empresariação das universidades e do saber.

¹⁵Para saber mais sobre o assunto, vejam o documentário: O dilema das redes. Título Original: The Social Dilemma. Direção: Jeff Orlowski, Netflix, 2019, 89 min.

Figura 27: Redes e aprendizados

Letramento, reinado, memória e cultura escolar

- ❖ Interpretação de textos
- ❖ Receitas
- ❖ Suportes
- ❖ Escrita do gênero receita
- ❖ Inferências
- ❖ Função social do texto







Fonte: Arquivo Google Sala de aula- Prática escolar- Pandemia- 2020.

De acordo com Malaguzzi apud Hoyuelos, p.243), o homem aprenderá juntamente com os aparelhos eletrônicos e, desse aprendizado criativo, ocorrerá uma mudança educativa, como foi quando houve a descoberta da pequena moeda de silício. Uma pequena mudança já muda todo o corpo.

Silício

Importante trazer aqui o que disse Hoyuelos (2020) sobre unir o silício com a criatividade humana e com a Educação. É uma das relações estéticas mais fascinantes, embora a necessidade seja proporcional a das mudanças que ocorrem a nível químico no campo das ciências físicas e tecnológicas da computação, uma pequena moeda de silício no planeta entre os homens mudou o movimento de séculos de cultura e organização do trabalho, da comunicação, das linguagens e das construções mentais. Continua a dizer que o silício mudou nossa forma de trabalhar, de dormir, vestir e até mesmo de comer. Hoje, podemos, estando aqui no Brasil, comer uma comida japonesa, por exemplo. Estamos mudando tudo. O homem pelos tempos, diz Hoyuelos (2020), havia pensado que as coisas pequenas não valiam nada, mas

quando o silício entra, há uma quebra, uma perturbação da ordem para uma nova forma de desenhar a vida.

Figura 28: Geometria Sólida.

• **Aula 16: Formas Geométricas Sólidas**



Objetivo: Diferenciar Figuras Geométricas de Formas Geométricas Sólidas. Classificar as diferentes Formas Geométricas sólidas: Cubo, Esfera, Paralelepípedo, Pirâmide, Cilindro e o Cone. Construindo Formas Geométricas sólidas (reconhecendo os três elementos fundamentais - Vértices, Arestas e Faces).
Trabalhando coordenação motora (fina), percepção, memorização e concentração.

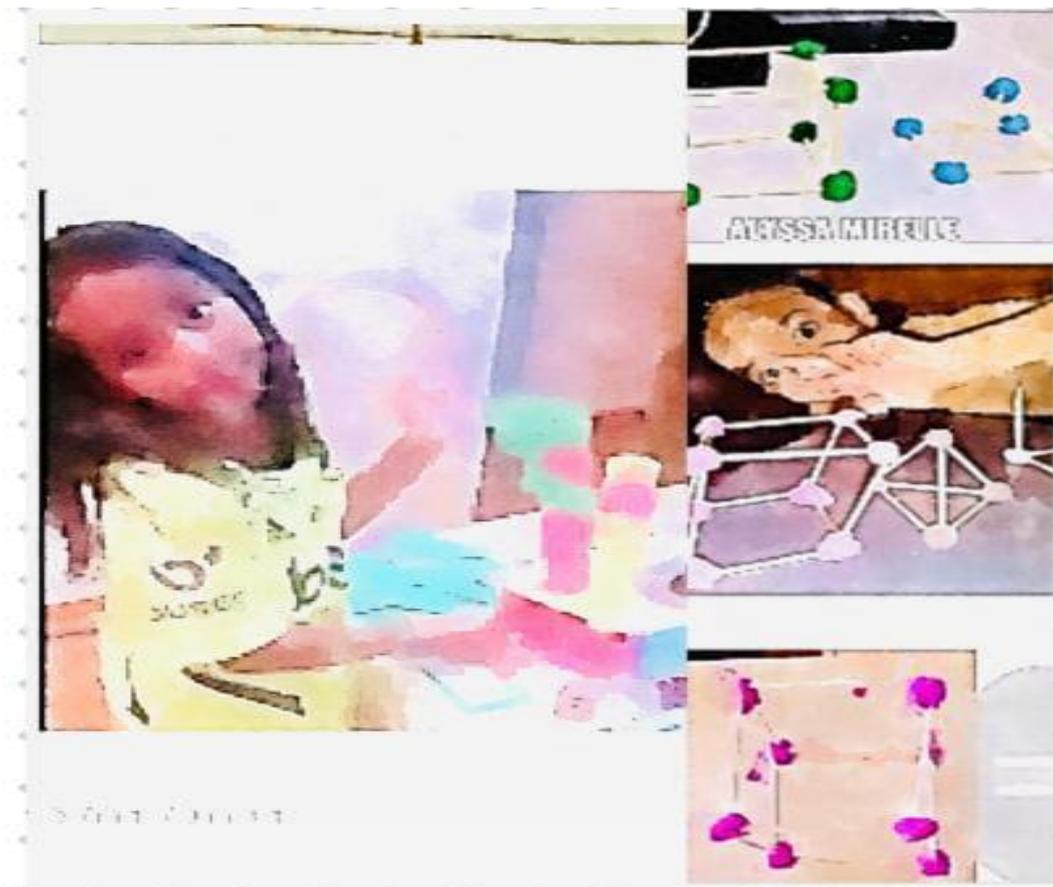
Fonte: Arquivo Virtual Google sala de aula- EMJCA- Matemática 2º ano- Pandemia 2020.

As fábricas, constituídas em nossa sociedade, organizam um novo estilo de vida que, segundo Hoyuelos (2020, p.243), Malaguzzi, passa a estabelecer as novas relações de vida, de equilíbrio e de coerência entre os lugares de instrução e de trabalho. Esse novo tipo de vida nasce, sobretudo, com o Iluminismo, a ideia de realizar uma intervenção pública no campo da Educação, evitando o monopólio da igreja. Ao construir escolas, a marca da cúria autoritária se manifesta nas próprias concepções arquitetônicas, como lugares fortificados, palácios, quartéis ou castelos. Uma escola repleta de vigilância extrema, de normas, de medos e de autoritarismos dirigidos contra um povo analfabeto, que se instrua por meio de uma didática confiada à onipotente palavra que procedia disciplinarmente das cátedras.

Segundo Flusser (2007), a presença na sociedade das novas tecnologias de informação, a partir do uso da máquina, desenhou um novo humano e este, a partir da pedra, criou novas ferramentas manipuladas por suas mãos. Por conseguinte, passou a ter a possibilidade de virar

todas as coisas e manipular os objetos, capacidade única de humanos entre todos os primatas. Esta capacidade, diz ele, moldou a relação humana com o mundo e com o outro. Gestos aprimorados pelo tempo, do toque grosseiro para o toque mais refinado dos dedos. Abrimos janelas para o mundo por meio do toque de nossas mãos e do dedo indicador; iniciamos uma escalada da abstração em torno do fluxo de vida. A máquina ganha sentido que se desenvolve e se aplica nas teorias da informática, a ponto de influenciar a vida humana e de criar novas relações apaixonadamente, comenta Flusser (2007). O sujeito cria pela máquina e, a partir da máquina, tudo é criado, e, nessa relação, é a máquina a criadora do novo homem. Indica Frigotto (1996) que o impacto dessas mudanças sobre o trabalho humano e a divisão social por meio da qualificação/desqualificação do homem tem sido crucial e severo. Contingente. Temos cada vez mais excedentes de mão-de-obra, desqualificando o trabalhador e a vida humana.

Figura 29: Sólidos.



Fonte: Arquivo Virtual Google sala de aula- Foto de tela- EMJCA- Matemática 2º ano- Pandemia 2020.

A crise capitalista está organicamente engendrada, aponta Frigotto (1996), para as relações sociais capitalistas, ou seja, estamos vivendo uma maneira violenta de fazer valer a

unidade das fases do processo, que se tornam autônomas. Autores como Marx, Engels e Rosa Luxemburgo apud Frigotto, 1996, p.65 e 66) apontam que, de tempos em tempos, o sistema (de forma global) enfrenta contratempos violentos e colapsos que não advêm de fatores exógenos, mas justamente do processo contraditório capitalista de produção. Assim, ele me explica que as crises têm a mesma gênese estrutural, mas que cada vez mais trazem uma materialidade específica e que, na busca de superar a tribulação, o capitalismo vai estabelecendo uma sociabilidade em que cada novo elemento que se constitui para enfrentá-lo se torna um novo complicador.

Figura 30: Dobraduras.



Fonte: Arquivo Virtual Google sala de aula-Foto de tela- EMJCA- Matemática 2º ano- Pandemia 2021.

Continua Frigotto (1996), apresentando os autores, Oliveira e Hobsbawm, que reconheceram, até o presente, que a apropriação tem se dado predominantemente no sentido da reprodução do capital. Hobsbawm (1992b) salienta três problemas que, mesmo sob a égide do Estado de Bem-Estar, se agravaram nesse último meio século, como a questão ecológica. Em face de um processo de desenvolvimento sem limites, atingiu o ponto que pode, de fato, significar a destruição da biosfera; o aumento da distância entre habitantes dos países desenvolvidos e ricos dos países pobres; e, por fim, um terceiro problema se explicita no fato

de que, ao sujeitar à humanidade a economia, o capitalismo, por si só, mina e corrói as relações humanas criando um vácuo moral de desejo e impulsividade do consumir tudo para o aqui e agora. Com todo esse desenvolvimento e destruição humana por sobre a natureza, sofreremos seu julgamento.

Figura 31: Roda dos meses.



Fonte: Arquivo de Práticas- EMJCA- 2018.

Eu roubo as horas para lhes dar tempo. Tempo de aprender a usar o tempo.
 Quem tem hora não tem tempo: tempo de olhar o tempo.
 Será que vai chover? Será que as flores já se abriram? Como será o arco-íris?
 Qual a cor dos olhos dos meus amados? Temos tempo para isso? Não!
 E tocamos nossas vidas, olhando os relógios que marcam as horas de nossas
 vidas e esquecemo-nos de marcar nossas vidas no tempo!
 (MUNDURUKU e TOKITAKA, 2007)

A meu ver, a pandemia evidenciou as desigualdades causadas pelo capitalismo. Ao assistirmos aos jornais, diz Oliveira (2020), nos damos conta de que as populações menos favorecidas, como as pessoas em situação de rua, são abandonadas pelas autoridades devido à sua invisibilidade dentro do sistema. Os efeitos do ajuste neoconservador, declara Frigotto

(1996, p.179), no enfrentamento da crise, significa a definição de um novo modelo de acumulação e regulação social dentro de um novo reordenamento mundial que tem como consequência o aumento da exclusão social. A ideia de custos sociais e humanos materializa-se pelo aumento da miséria absoluta, da fome, da violência, de doenças endêmicas e pelo desemprego e subemprego estrutural que atinge de modo diferenciado os países Cone Norte e Sul. Nesse sentido, aponta Oliveira (2020), a pandemia trouxe à luz todos os problemas resultantes da crise permanente que o capitalismo impõe para que o sistema continue se alimentando e nos fez pensar em como viver com a natureza violenta em resposta ao avanço industrial/capitalista.

Nisso, Hoyuelos (2020) diz que Malaguzzi a respeito das civilizações pré-industriais das quais estas viviam um tempo circular, próximas ao mundo das árvores, do sentir o vento, de observar o céu e do respeito às estações do ano, em um vínculo perfeito, estruturalmente estreito com a natureza. É possível compreender que toda nossa historicidade presente se ancora numa historicidade pretérita que, apesar da aceleração, precisa aprender a parar no tempo para observar. Volta-se, aqui, para o entendimento do tempo de forma espiral quando entramos em um museu das coisas - a abordagem não é sobre o objeto, mas, sim, sobre o símbolo. Versando de forma ininterrupta o autor diz que o tempo é uma espécie de ordenação infinita e contínua sobre o fluxo de feixe de luz do qual Einstein, aos seus dezesseis ou dezessete anos, avistou em uma imagem entre o onírico e a transfiguração. Do qual se vê montado em um raio de luz.

Figura 32: Feixe de luz.



Fonte: Arquivo Pessoal- Caminhadas pela Represa de São Pedro- 2020.

Voltamos à espiral e à colcha de crochê

Acredito que é uma figura que podemos utilizar novamente. Uma espiral é uma linha em sua própria continuidade que se mantém circular nas continuidades e descontinuidades que existem entre uma volta e outra. Aqui, Hoyuelos (2020) diz que em Malaguzzi temos uma seta, o ponto. Já que não é possível fazer uma espiral se não a contornar com um ponto central que pode ou não estar lá. Ou seja:

Essa expansão do voo de uma ave de rapina que sobe com círculos que se elevam que não são iguais e que certamente respondem a estratégias que são as do sujeito ou as do objeto. Mantém essa imagem simbólica de uma cultura que é ainda extremamente próxima à natureza, quando é vista objetivamente, e quando ainda é vista como um mito, como um ritual, uma divindade [...] as conexões entre espécies e natureza inevitavelmente passavam por divindades; de modo que mesmo que o tempo sempre simbolizado em uma espécie de grande rio que corre, que vai e arrasta, faz as coisas se fundirem, coloca as coisas que estavam na superfície, nunca igual a si mesmo, ou como um círculo no símbolo da serpente enrolada que se trona uma pulseira. Essa imagem da espiral ajuda a entender o tempo, o espaço, a mediação e, sobretudo, uma imagem desse tipo pode ser aceita ou não; pode ser útil para entender muitas coisas de nosso tempo [...]. (HOYUELOS, 2020 p.44 e 45)

Nesse aspecto, Antunes (2009) remata o raciocínio dizendo sobre o efetivo avanço tecno-científico. Este, quando pautado pelos reais imperativos humanos transformados em organismos sociais dos quais constituem a lógica de um sistema de metabolismo do capital que converte em descartável, supérfluo e desperdiçado aquilo que deveria ser preservado. Guardar a natureza e os valores sociais para evitar uma destruição incontrolável e degradante da biodiversidade, da relação metabólica entre homem e natureza. Estamos vivenciando um processo imenso de destruição da força humana de trabalho, causada pelo processo de liofilização organizativa da “empresa enxuta”.

A ideia de mundo interconectado nos leva a ver mais as complementariedades criativas dos acontecimentos, das relações sociais, culturais e políticas que afetam a escola e que, por sua vez, são afetados por ela mesma, diz Hoyuelos (2020). Arendt (2011) chega para o diálogo dizendo que a aceleração tem gerado crise, já que o encontro com as gerações atuais não está fomentando comunicação e, com isso, não estamos conseguindo deixar nosso legado. Estamos passando rápido demais pela educação, desrespeitando a criança ao não permitir que ela entre de maneira digna e respeitosa no mundo. Segundo Arendt (2011), a essência da educação está na natalidade, ou seja, no fato das crianças nascerem para o mundo. Nisso, diz ela, nascemos

enquanto elemento da espécie humana, somos mais “um” na espécie, vamos viver crescer e morrer, mas a classe não vai acabar. Mesmo estando dentro de uma ordem cíclica, não nascemos somente como filhotes da espécie humana, nascemos para a vida, como sujeitos únicos e singulares no mundo, sendo sempre início.

Figura 33: Nascer para a vida.



Fonte: Arquivo Pessoal- Árvores – 2022.

O mundo, salienta Arendt (2011), continuará sendo esse espaço-tempo de patrimônio histórico-cultural de conhecimento e de saberes, de símbolos e de culturas, um mundo de significados e artefatos, e, por nascemos nesse mundo, precisamos ser iniciados a ele e a escola faz esse papel, é ela a guardiã. Mas a lógica de produção nos faz “comer” o mundo. Estamos, então, perdendo a capacidade de responder e de apresentar à vida as novas gerações. Estamos perdendo o testamento que nos guiava e nos ajudava a olhar para o passado, estamos esvaziando os significados da atividade de introdução das crianças ao mundo, tristemente ela diz. A rapidez não nos permite uma boa direção, a liquidez não amplia as relações e nem as torna íntimas. Impossível conversar com os saberes que a escola traz. O diálogo com os mortos não se efetiva

e, assim, perdemos o contato com o passado, e este já não é mais nossa inspiração para pensarmos nos dilemas do presente, já que o que não é utilitário se perde. Nesse processo fugaz, Arendt (2011) possivelmente cabisbaixa diz que a escola não tem conseguido passar o legado para as futuras gerações.

Figura 34: Oferta aos homens.



Fonte: Arquivo pessoal- Casa e pandemia 2020.

Compreendo que a escola é o campo de excelência para a formação política de todos os que nela atuam e para além dela - a comunidade, a cidade e o povo. A educação, quando efetiva, convida a habitarmos o mundo de forma coletiva respeitadora e conhecedora das alteridades. De acordo com Oliveira (2020), uma das consequências desse Ensino Remoto tem sido a ausência de conflitos. Quem vê no mundo e em seus cotidianos a lógica da segregação, lamenta os conflitos. O autor, enriquece o diálogo pensando sobre o Ensino Remoto e o afastamento da “demonização” do que se é e de quem é diferente. Caminhando para esse sentido, devemos aprender a pensar e a agir considerando as divergências e as contradições de um conteúdo escolar basilar para a formação humana na lógica da inclusão, diz ela, de uma Educação que visa educar para a humanidade.

Por fim, resgatando as ideias anteriores, o silício, como o vírus da Covid-19, alterou nosso cotidiano, reafirma Ranniery (2020), que os diferentes sistemas culturais coexistem entre si. Nesse caso, vírus patogênicos, mesmo quando colocam mundos em perigo, também ajudam

a moldar mundos emergentes. Os mundos virais que, nesse modo de existência invisível, são nossos parceiros íntimos. Desses e de tantos outros seres que compartilham a Terra conosco.

O vírus mostrou aos olhares mais atentos que é preciso ser um com todo o ecossistema, e não predadores do mundo natural. Que o ser humano está diretamente ligado ao Planeta e ao que se passa nele. Somos natureza e devemos estar em harmonia com ela, não havendo, dessa maneira, superioridade do homem sobre as coisas. Sendo possível, portanto, vislumbrar as possibilidades de um novo a ser construído a partir da superação da configuração social e política, que caracteriza nosso momento histórico, que nos propõe um paradigma de interpretação, que, apesar de todo pessimismo, negacionismo e da decepção gerada pelos desdobramentos políticos nesses últimos períodos, principalmente aqui no Brasil, é possível perceber, entre as ruínas, fragmentos de esperança, afinal se faz escuro, mas o amanhã vai chegar, já dizia Thiago Mello.

Transver III Por entre os espelhos

Figura 35: Imitar.



Fonte: Arquivo Pessoal- Caminhadas pela Represa de São Pedro (2021).

Linha 1: A Crise Mundial imposta pela Covid-19

Da vida antes da crise pandêmica, dos sonhos e planos ao longo de 2019, o mundo deu um giro imenso e tudo mudou para todos nós. Isolamento, medo, angústia.... Perceber, o mundo entrou em coma.

Mortes

Figura 36: Casa mal-assombrada.



Fonte: Arquivo Pessoal (2021).¹⁶

O surgimento da Covid-19, em dezembro de 2019, e sua expansão pela circunferência global nos meses seguintes representam, por sua gravidade, um desafio sem precedentes. Todas as áreas da vida social e individual estão sendo afetadas pela emergência sanitária. No campo da Educação, de acordo com *Educación y Pandemia* (2020), houve um severo rompimento que, embora vários fenômenos naturais ou sociais já tenham envolvido o fechamento e interrupções

¹⁶ Foto da casa da rua do cemitério de São Pedro, que fez parte de meus imaginários de assombração na adolescência inspirados pelo filme *Poltergeist - O Fenômeno*, no Brasil, é um filme estadunidense de 1982, do gênero terror, escrito e produzido por Steven Spielberg e dirigido por Tobe Hooper.

da escola pelo planeta a fora, em nenhum outro momento da história as atividades de mais de 1.215 milhões de estudantes foram suspensas em todos os níveis educacionais. De fato, o vírus se espalhou rapidamente pelo mundo, afetando nações e grupos sociais. Colocando todas as pessoas em risco, já que ele transita por todos os lugares, dos mais privilegiados aos mais modestos, infectando indistintamente cada um de nós. Esse cenário histórico gerou uma harmonia entre as instituições de todas as geografias e todas as entidades políticas.

Segundo Zavalloni (2008), ninguém tem mais o prazer de esperar uma carta, pois hoje pegamos o telefone e podemos ouvir o outro com quem queremos nos comunicar em apenas alguns segundos, não havendo mais motivos para escrevermos no papel, uns para os outros. Quando não havia a internet, a sociedade humana foi baseada em quatro dispositivos fundamentais para a distribuição do tempo: rituais vitais, calendários astronômicos, sinos, horários. Agora, adicionamos os computadores. Com a introdução de cada novo dispositivo, a raça humana é cada vez mais separada dos ritmos biológicos e físicos do planeta. Passamos de uma participação próxima a cadência da natureza para o isolamento total dos compassos da Terra. Não temos mais tempo para esperar e, assim, vivemos em um tempo sem esperas, não sabemos mais estar com os outros sem sermos interrompidos por barulhos nos chamando de volta a uma tela de celular.

Figura 37: Clareiras



Fonte: Arquivo Pessoal- Caminhadas Pandemia- 2021.

Queremos tudo e agora - em tempo real. Nos tempos que correm, o prazer da lentidão tem desaparecido, não veremos mais os caminhantes do asfalto que vão de um lugar para o outro cantando canções populares. As estradas rurais, os prados e as clareiras desaparecerão, assim como a natureza, cedendo na marra o seu lugar para a selvageria de pedra.

Será então a Covid-19 uma resposta da natureza a todo esse avanço por sobre ela e desse nosso aceleração de vida? Disso, não sabemos, diz Zavalloni (2008), mas é preciso pensar que estamos, sim, avançando demais e esquecendo que fazemos parte da biodiversidade. Em meio ao concreto, no tempo dos ponteiros, já não existirão mais aqueles que contemplem as janelas dos céus. Em pleno século XXI, ele continua na dimensão do espaço-tempo que os antigos filósofos gregos chamaram de maneira aristotélica e platônica de pensar e conceber o mundo. Em nosso tempo, o homem atual continua sendo incapaz de direcionar sua visão para um plano superior de vida. O homem, diz ele, consegue tecnologia para ir à lua, mas as relações entre si estão longe de se encontrarem, pois estão imersos no vórtice econômico.

Figura 38: Para além de nós.



Fonte: Arquivo Pessoal. 2018- Crianças em roda criando hipóteses sobre o surgimento do mundo. Ao chão, Gabriel vai colocando os desenhos feitos por elas.

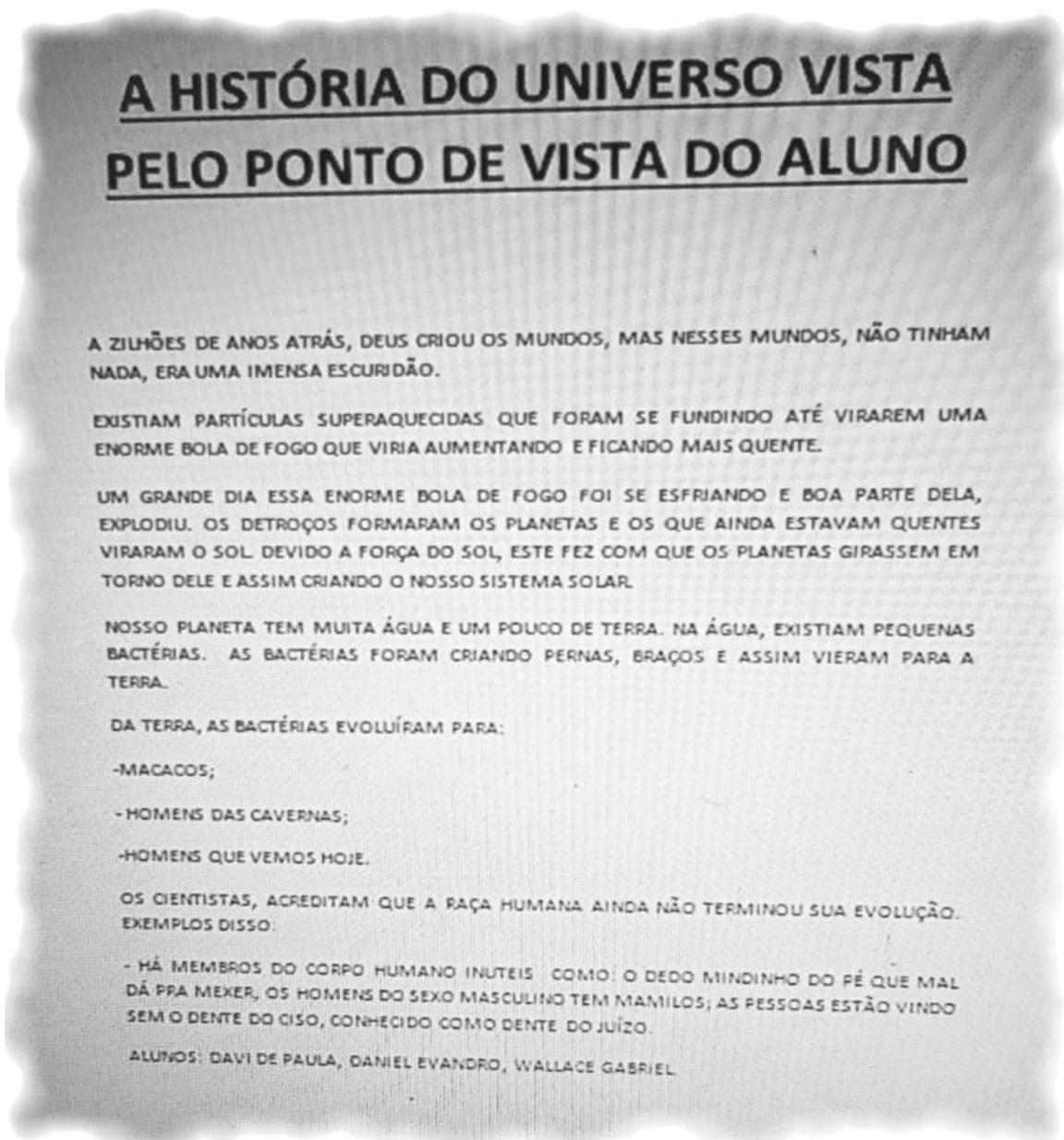
Olhe novamente para esse ponto, é aqui. É a nossa casa. Somos nós. Nele, estão todos que você ama, todos que você conhece e todos que você já ouviu falar, cada ser humano que já existiu e viveram suas vidas. O conjunto de nossa alegria e sofrimento, milhares de religiões, ideologias e doutrinas econômicas confiantes, cada caçador e coletor, cada herói e covarde, cada criador e destruidor da civilização, cada rei e camponês, cada jovem casal apaixonado, cada mãe e pai, filho esperançoso, inventor e explorador, cada professor de moral, cada político corrupto, cada “superstar”, cada “líder supremo”, cada santo e pecador na história de nossa espécie viveu ali – em um grão de poeira suspenso em um raio de Sol. (SAGAN, 2019,p.23/ 24)

Assim como no texto de Carl Sagan (2019), todas as vezes que me sentir pequena (ou grande demais), quero me lembrar da imagem do Planeta Terra vista do espaço. Aqui estamos todos, condensados em um grão, não passando de um átomo. Mosaico de existências. Logo aqui estão os meus amores, toda a história da humanidade que conhecemos e todos que já existiram.

Minha existência em fragrâncias de vida.

Aroma desta constelação ancestral

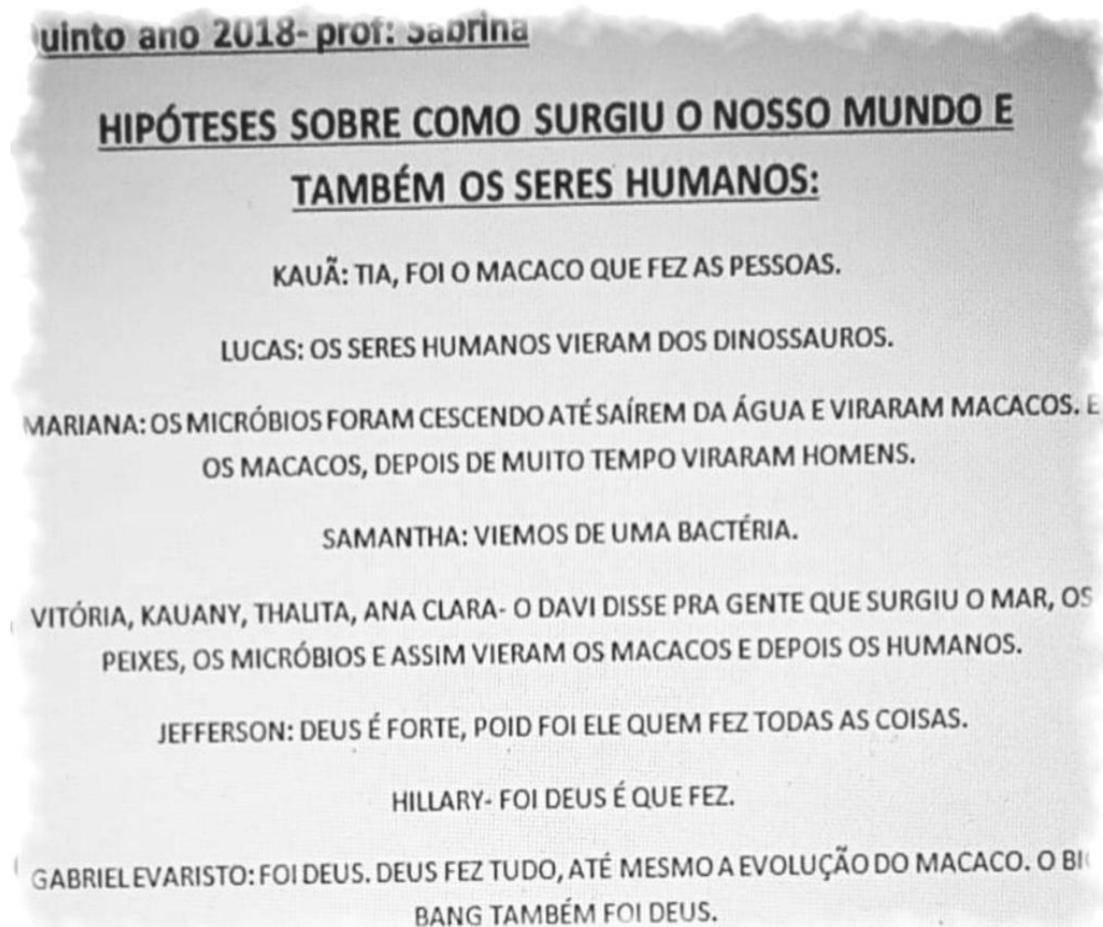
Figura 39: A criação.



Fonte: Arquivo de práticas- EMJCA-2018.

As ciências da terra, segundo Morin (2001), nos inscrevem neste planeta formado por fragmentos cósmicos de uma explosão de sóis anteriores, fragmentos que, reunidos, geraram o planeta e criaram vida. A biologia, a teoria da evolução, nos prova como trazemos dentro de nós, efetivamente, o processo de desenvolvimento da primeira célula vivente que se multiplicou e se diversificou. Quando sonhamos sobre nossa identidade, devemos pensar que temos partículas que nasceram no despertar do universo. Temos os átomos de carbono que se formaram em sóis anteriores ao nosso, pelo encontro de três núcleos de hélio que se constituíram em moléculas e neuromoléculas na Terra. Somos filhos do cosmo, conta-me Morin (2001, p. 05), transformados em estranhos pelo nosso conhecimento e pela cultura, indivíduos que se fragmentam na sociedade e da espécie homo sapiens a qual pertencemos. Somos partículas de uma parte da espécie, seres desenvolvidos sem os quais a sociedade não existiria.

Figura 40: Diálogos.



Fonte: Arquivo de práticas- EMJCA 2018.

A Terra é um palco muito pequeno em uma imensa arena cósmica da qual, para Sagan (2019), correm rios de sangue que foram derramados por todos os generais e imperadores para

que, na glória do seu triunfo, pudessem ser os senhores, mesmo que momentâneos, dessa fração temporal que reverbera no espaço. Infinitas crueldades foram cometidas pelos habitantes contra outros em seus frequentes conflitos, em sua ânsia recíproca de destruição, em seus ódios ardentes e gananciosos por poder e dinheiro.

Figura 41: Globo Terrestre.



Fonte: Arquivo Pessoal- Práticas de sala de aula- 2022.

A humanidade tem esse pretensível sentimento de importância, baseado na ilusão de uma posição privilegiada no Universo e, em meio a essa obscuridade, em toda essa imensidão, não há nenhum indício de que, de algum outro mundo, virá socorro que nos salve de nós mesmos. A Terra é, até agora, o único mundo conhecido que abriga a vida. Talvez não exista melhor comprovação da loucura das vaidades humanas do que a distante imagem de nosso mundo minúsculo, deste que é o único lar que conhecemos e, por ser assim, deveria ser também nossa

responsabilidade o ato de nos relacionarmos mais bondosamente uns com os outros e preservarmos e amarmos o único lar humano que conhecemos.

Do mesmo modo, Arendt (2011) conta que somos os guardiões dos tesouros da humanidade, a escola tem em seu poder o legado que nos foi deixado por outras gerações nesse diálogo com os mortos. A educação estabelece a comunicação entre mortos e vivos. Detentora dos tesouros deixados pelos antepassados e que pretendemos passar para as novas gerações. Nisso, continua ela, a educação é uma aposta ética-política de informação desse sujeito para que ele, no futuro, possa responder pelo mundo e agir politicamente. As crianças não vão começar do zero, diz ela. Crianças estão em processo de formação, estão entendendo ainda o que acontece no mundo.

Percebendo a linguagem e ganhando elementos para se entenderem e criarem suas identidades enquanto sujeito para, na vida adulta, responder pelo mundo. A escola é o tempo entre os espaços: passado, presente e futuro. O mundo existirá após a nossa estadia nele, portanto, a educação é a proteção desse novo ser que chega. O período de formação Arendt (2011) vai chamar de educação, é onde as crianças e jovens precisam ser protegidos do mundo e das plenitudes e de suas responsabilidades, mas o mundo também precisa ser protegido desse novo que as crianças representam. O que ela chama de natalidade é o nascimento no mundo. A tradição seria esse testamento que delega posses dos tesouros do passado, são os bens valiosos da humanidade.

Nisso, ter consciência de que a Terra é a nossa única casa, todo seu ecossistema grita por socorro mediante ao progresso desenfreado da modernidade capitalista que nos faz viver em um dos cenários mais contraditórios. Tragédia brasileira, que, ao ser considerada “nação pulmão” do mundo pela riqueza de nossa Floresta Amazônica, tem seu povo morrendo em massa por asfixia. Tesouros reais estão sendo trocados pelo espírito do capitalismo e é preciso entender Manoel de Barros (2017) quando este diz que as coisas ínfimas são de grandeza infinita. É preciso religar o encontro do “eu com a natureza”, do “eu com o divino”, do “eu com o outro”.

Figura 42: Religar-se.



Fonte: Arquivo Pessoal (2020).

Essas coisas cujos valores podem ser disputados no cuspe à distância servem para poesia, pois as coisas que não levam a nada têm grande importância. E cada coisa ordinária, relembra Lima (2020), é um elemento de ternura que não tem valor para o mercado. São elas as coisas ordinárias, sem serventia, sendo tudo aquilo que nossa civilização rejeita e considera inútil ao capitalismo desenfreado e de sua sociedade de “civilizados”. Nossa sociedade despreza aquilo que não custa caro, com exceção do trabalho humano, este, sim, quanto mais barato for, melhor. Excomungando toda e qualquer aproximação humana com a natureza. Comprimem o tempo para nele não caber as trocas de experiência tecidas na vida vivida, abraços e outros laços. Invertem valores e, nessa lógica, não existe o bem pelo bem, mas o bem por uma suposta recompensa. Naturalizam a barbárie, a miséria humana, para que mansamente se estabeleçam.

Barbárie

Aqui, (eu abro um pequeno parêntese), olho com mais atenção no que Benjamin (2005) diz sobre essa forma qualitativa de tempo que ele se opõe. Visto que o tempo infinito que decorre do messianismo romântico baseia a vida da humanidade em um processo de realização,

e não simplesmente de devir, ao tempo infinitamente vazio, característico da ideologia moderna do progresso. Nesse aspecto, Benjamin (2005), da mesma forma que eu, aparentemente se preocupa com as ameaças que o progresso técnico e econômico promovido pelo capitalismo faz pesar sobre a humanidade. Nele, o movimento de visão de mundo romântico é uma crítica cultural à civilização moderna capitalista e aos valores pré-modernos e pré-capitalistas que quantificavam e mecanizavam a vida, retificando as relações sociais e dissolvendo comunidades.

Figura 43: Mitologia dos Planetas.



Fonte: Arquivo pessoal (2016).

Desencantando o mundo

Conversando ainda com Benjamin (2005), existe uma concepção da história que, confiando na linearidade do tempo, distingue apenas o ritmo dos homens e de suas épocas que, rápida ou lentamente, avançam pela via do progresso. Esse ponto é bem crucial, já que o Brasil vive uma relação intensa com o cristianismo advindo da sua colonização europeia. Ao chegar

ao Brasil, diz Todorov (2003), o colonizador europeu demonizou toda cultura diferente da Europa. Nesse sentido, Bloch (2002) também já havia dito que a nossa civilização está diretamente ligada ao uso da memória, pois tem como base a herança cristã, o legado de gregos e latinos, como sendo nossos primeiros mestres. Esses povos eram historiográficos, o cristianismo é uma religião de historiador. Bloch (2020) ainda diz sobre outros sistemas religiosos que fundaram suas crenças e seus ritos sobre uma mitologia praticamente exterior ao tempo humano. Livros sagrados, livros de histórias que os cristãos têm de história e suas liturgias que comemoram os episódios de vida terrestre de um Deus, os faustos da igreja e os santos. O cristianismo coloca uma maneira mais profunda, uma trajetória horizontal de vida humana que vai da queda do homem até o juízo final, destino esse da humanidade de peregrinação particular, dentro dessa história que se desenrola com eixo central de meditação cristã do grande tema e drama do pecado e da redenção.

Figura 44: Melancolie.



Fonte: <https://www.yaalom.com.br/post/o-vazio-na-era-da-covid-19-melancolie-2020>.

Essa relação entre teologia e o materialismo é uma complementariedade dialética: a teologia e o materialismo histórico são ora o mestre, ora o servo; são, ao mesmo tempo, mestre e servo um do outro, e se precisam mutuamente. Ou seja, segundo Benjamin (2020), a teologia

está a serviço do materialismo, não sendo um objeto em si, não visa à contemplação inefável de verdades eternas e muito menos, como a etimologia leva a crer, na reflexão sobre a natureza do Ser divino. Nesse diálogo, Todorov (2008) me esclarece que o campo da nova religião política se confunde com toda a existência terrestre dos homens. As religiões tradicionais queriam controlar a consciência do indivíduo, fosse exercendo ela mesmo o poder temporal ou delegando a este à tarefa de reprimir. Estamos inseridos nesse contexto religioso cristão.

Em nossa sociedade, podemos encontrar, em pleno século XXI, pessoas questionando a Ciência. Motivados pelo negacionismo do governo do estado brasileiro de 2019/2022 que, pelo discurso religioso de negação da Ciência, os brasileiros se veem em cenário de recusa a compra de vacinas¹⁷. A cristandade pré-industrial mudou o Deus dos reformadores. Conta-me Galdino (2020, p.10), antes o Deus humano e hospitaleiro dos reformadores na oportunidade de formação dos estados europeus, foi capturado por outras idolatrias positivistas pelo colonizador devorador de mundos. Pelo liberal colecionador das possibilidades. Estamos em ares obscurantistas, mas vislumbro a condição para retomada do caminho do amor incondicional ao demos. No entanto, essa imbricação da política com a religião é antiga no Brasil, diz Todorov (2008) vem dos tempos da nossa colonização. A novidade aqui, é o poder político representado pelos evangélicos pentecostais e o jargão perigoso: “terrivelmente evangélico”. O cristianismo não se tornou moderno, mas, de acordo com Kepel (1991), se tem tentado cristianizar a modernidade. Nisso, temos uma propagação no Brasil, de uma versão fundamentalista da religião mulçumana, radical, diz Todorov (2008). Mesmo estes não sendo a maioria do nosso povo.

Como que em um café, durante reflexão, Todorov (2008) nos conta que a fusão entre o poder temporal e o poder espiritual eliminam radicalmente a liberdade individual e garantem a dominação. Ao longo dessa crise sanitária, crise do sistema capitalista, a Covid-19 pode ser um chamado para olharmos novamente ao nosso encontro do eu com o outro e o divino. Mas não esse divino castrador, e, sim, aquele que nos leva de retorno ao encontro com a natureza, ao respeito às diversidades, ao amor ao mundo... Essências de Arendt (2011). Amor em contemplação à grandiosidade da presença da natureza. Assombros que nós humanos, em nossos primórdios, sentíamos. De uma relação inteira com o mundo natural. Partes de um todo, não sendo superiores e nem inferiores. Adoravam ao sol e tinham medo do trovão.

¹⁷https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/06/07/interna_politica,1274072/bolsonaro-recusou-vacina-da-pfizer-em-2020-por-metade-do-preco.shtml. Acesso em: 08 jul.2021.

Figura 45: Adoração ao fogo



Fonte: EMJCA- Festa da lanterna–escola-2022.

O homem não tinha supremacia à natureza, era corpo dela. Sendo corpo, todas as coisas lhe eram sagradas. Relação de intimidade com o divino, conta-nos Engels (2004). Diz Volochinov (2013) que, desse encontro com o outro, o homem, na necessidade de se comunicar, não produziu nada que se parece com as línguas contemporâneas e nem com as outras línguas mais antigas. A comunicação ocorre entre caçadores, mas ainda não era uma linguagem sonora. Seria uma comunicação criativa, porém, simples e acessível, como a linguagem feita por gestos e mímicas. Dialeto gestual.

Linguagens

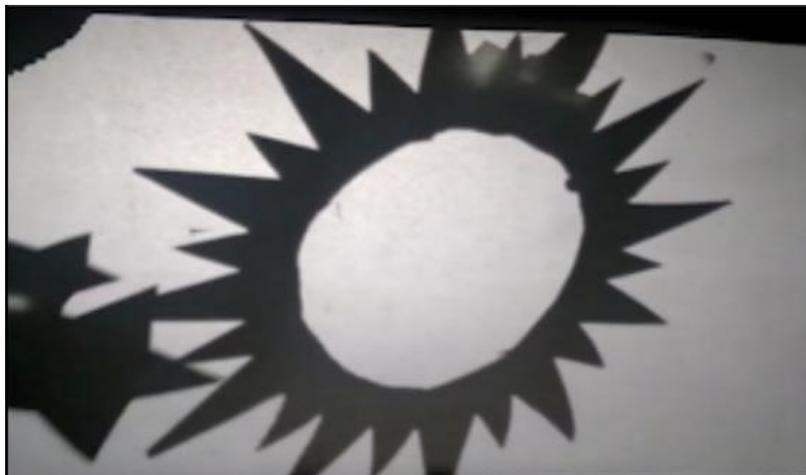
Acrescenta Volochinov (2013) que muitos milênios se passaram antes que essa linguagem do cotidiano fosse acrescida de uma linguagem sonora e permeasse pela linguagem da magia ou do culto mágico. Volochinov (2013) pega uma maçã na mesa e a contempla como se a admirasse. Está distante quando diz que nossos antepassados eram conhecedores apenas de alguns métodos simples de busca de alimentos. Degusta a maçã. Enunciações em mímicas, gestos, gritos de emoção, ânimo e excitação. A linguagem articulada sonora surge por intermédio da arte, desta necessidade do corpo de ritmos. A dança. O movimento em sons de instrumentos rudimentares de ações mágicas de nossa herança.

Milênios se passaram e essa linguagem parecia estar de volta. Quando nos isolamos em sentido de nos proteger contra o contágio do vírus, em nosso recôndito lar, abrimos nossas janelas para cantarmos ao mundo. Em gestos comunicativos, começamos a bater palmas para o outro do outro lado dos prédios. Protegidos em nossas casas, abríamos as janelas para o mundo. Frestas tecnológicas de encontros musicais, de danças, ginásticas, violão.... Quem sabe não estávamos ali, repetindo as primeiras linguagens produzidas pelos nossos antepassados, para se comunicar com o outro. O vírus trouxe o isolamento social, mas o ser humano, em sua necessidade de encontro, se abriu em outros lumes.

Pelas sacadas e varandas do mundo, pessoas de várias culturas se entregavam ao canto, à dança e à música. Revelavam-se ao mundo por suas janelas e sacadas. Nossas casas agora eram portais de cultura em que tocávamos nossos instrumentos dos mais rudimentares aos mais modernos. A linguagem sonora foi buscada por diversos meios. Palmas em horários marcados pela internet eclodiam pelo planeta. Estávamos sós, mas não sozinhos. O impacto das mortes causadas pelo Coronavírus embrandece as populações e, por uma fenda temporal, o humano desse tempo se une ao humano em seus primórdios. Fissura entre espaço-tempo ecoa como os pontos pipoca de uma colcha de crochê. E, nisso, tanto a linguagem sonora quanto a arte têm como base comum as ações de encantamentos. Deslumbramento em comunicação. Alves (2012) diz que a História nos ensina que: “as diversas temporalidades habitam um mesmo tempo”.

Linha 2: Luz, sombras e imaginários da noite

Figura 46: Sombras de estrelas.



Fonte: Arquivo pessoal (2020).

Chegou a hora, disse a morsa, de falar sobre muitas coisas... Hora de olharmos para o outro lado do espelho. Lewis Carroll.

Esta escrita é a minha ligação origem, sendo cura em gestação do muito calar da minha existência. Desenho palavras as colorindo de sensibilidades. Atravesso o país das maravilhas e encontro a superfície lisa e fria do espelho. Confluência de mundos dos quais tudo que é ao mesmo tempo familiar e reconhecível é, ainda, estranho e incomum.

A trama que envolve as produções de professores/alunos em cenário de pandemia mundial permitiu uma escrita de memória fluida, cheia de imagens e metáforas. O que pode uma sombra? No que ela se constituiu? Que tipos de sugestões as sombras podem propor como poética? Quais possibilidades de vivências podem surgir delas? Quais as múltiplas linguagens que se pode percorrer a partir da materialidade das sombras?

Palavras são feitas de pedaços

Texturas daquilo que somos capazes quando algo nos atravessa de sobremaneira e que nos faz vivenciar deleites em fios de memória. Partilho as impressões que o psiquismo acumulou em traços mnêmicos duráveis, aborda Benjamin (2015). Estes tocam o amago e nos movem internamente. Ir para dentro de nós, não somente para além de nós. Desvelar. Urdidura de vida em descoberta.

Figura 47:Texturas.



Fonte: Arquivo pessoal- Casa- Pandemia (2020).

Pego essa linha e mexo na trama

Língua e memória são instrumentos para a exploração do entre passado/presente, da mesma forma que os solos soterrados das cidades antigas. Cavo memórias e construo histórias revolvendo o solo, levanto poeira pela escrita. Fonemas recompensam a escavação e trazem à tona imagens desprendidas de todas as conexões. São primaveras em preciosidades nos sóbrios aposentos de nosso entendimento tardio, diz Benjamin (1987). Intricado escavar a si e complexo perscrutar o outro. Por muitas vezes, é mais fácil nos articular com o globo do que com uma pessoa apenas. Expandimos para mundos além de nós e abandonamos os universos existentes internamente. Não compreendemos a alma humana e as razões profundas dos dramas da civilização, pontua Bloch (2002). Falhamos nas conexões aprofundadas. Interligados por intermédio de aparelhos celulares, já havíamos perdido o contato real. A pandemia nos isolou, mas já estávamos isolados em meio à multidão, registra Bauman (2011). Atulhados em relações fluídas, substâncias corredeiras, subservientes ao sistema capitalista.

Ademais, é sabido que o comportamento do homem se constrói em base reflexa, ou seja, dar-se por mediação com o outro. Não está restrita a simples reflexos, do tipo estímulo e resposta, provoca Vigotski, (2012). Consciência mediadora, não podemos nos isolar. Por meio das relações sociais, fomos adquirindo sistemas linguísticos complexos, diz Luria (2017). Ao atuar no ambiente com suas ferramentas, ele mesmo introduz modificações no ambiente e altera o seu próprio comportamento. O homem é reflexo do que cria. Sinais que sugestionam sua atuação e estabelecem sistemas de linguagem e de códigos lógicos, o que permite saltos do sensorial ao racional.

Franjas do cotidiano deste condão humano em curso

Nisso, fios de anamnese começam a ser pincelados em efeitos de capacidade múltipla de aprendizagens. Maestria de nosso cérebro, plasticidade, diz Luria (2008). Eficácia, atributo, qualidade, potência, força. Energia... Fragilidade.

Uma única fração cerebral perdida se extravia, implacavelmente, uma vida, pois é uma área delicada que, muitas vezes, é perdida por bestialidades humanas. Guerras produzem dor e vidas mutiladas. Perdas peculiares em composição de vida lembrada e apropriada. Ganâncias

que nos destroem e nos fazem alvos dos massacres cotidianos. Das maldades em pedaços, das capacidades furtadas quando perdemos uma parte de nós. Isto nos priva da existência e nos faz viver em barreiras.

Figura 48: Brumas.



Fonte: Arquivo pessoal- Casa- Pandemia- 2020.

Conta Luria (2008) que Zasetzky tinha vinte e três anos quando se feriu na Segunda Guerra Mundial em 1943, ficando em coma prolongado. Seu cérebro foi, em parte, comprometido. As inflamações causaram atrofia incipiente na medula do ventrículo esquerdo, fazendo com que ele não recebesse e nem processasse ou conservasse informações. Ferido por uma bala que penetrou em sua área parieto-occipital esquerda do crânio, causando-lhe afasia¹⁸

¹⁸Afasia é uma disfunção de linguagem que pode envolver deficiência na compreensão ou expressão de palavras ou equivalentes não verbais de palavras. Resulta de disfunção dos centros de linguagem no córtex cerebral e núcleos da base ou das vias de substância branca que os conectam. Disponível em <https://www.msmanuals.com/pt-br/profissional/dist%C3%BArbios-neurol%C3%B3gicos/fun%C3%A7%C3%A3o-e-disfun%C3%A7%C3%A3o-dos-lobos-cerebrais/afasia>. Acesso em: 09 mar. 2022.

intelectual. Contudo, uma parte do cérebro manteve-se íntegra. Zasetky se vincula ao mundo por meio deste bloco. Isto lhe permite continuar a formar e a sustentar intenções, planejar ações e levá-las a cabo. Incentivos cerebrais. Após o ferimento, sua vida se tornou uma espécie de névoa. Brumas de sono. Luz e sombras agora são a composição de sua mente. Prejuízo cerebral, miudezas de dor vinculadas a uma das funções psicológicas mais importantes - a linguagem.

A língua não é só um meio de comunicação, ela é a essencial para a cognição. Por meio dela, designamos os números, realizamos cálculos matemáticos, analisamos nossas percepções e distinguimos o mundo. Sendo ela fundamental para a percepção, para a memória, o pensamento e o comportamento. A linguagem organiza nossa vida interior. Destruir ainda que apenas uma parte importante desse bloco é devastar a vida de uma pessoa, privando-a do que é singularmente humano e a reduzindo a invalidez. É deixá-la ali, no presente, e sem qualquer possibilidade de futuro. Imaginem-se se esquecendo dos beijos, de palavras.... Daquilo que é afetuoso. Torturas de um cérebro danificado.

Deslembrar dos gestos

Sei que hoje muito se fala sobre o cosmos e o espaço exterior e que nossa Terra não passa de uma partícula ínfima desse universo infinito. Realmente, porém, raramente, as pessoas pensam sobre isso; o máximo que conseguem imaginar são voos aos mais próximos dos planetas que giram em torno do sol. Quanto ao voo de um projétil, ou de um fragmento de granada ou de bomba, que abra o crânio de um homem, arrebentando e queimando os tecidos de seu cérebro, mutilando sua memória, sua visão, sua audição, sua consciência - as pessoas de hoje em dia não veem nada de extraordinário nisso. Mas, se não é extraordinário, por que estou doente? Por que minha memória não funciona, minha visão não retoma? Por que minha cabeça está continuamente doendo e zumbindo? É deprimente ter que estar sempre recomeçando e decifrando um mundo que se perdeu devido a um ferimento e à doença, fazendo que esses fragmentos e pedaços se juntem num todo coerente. (LURIA, 2008, p. 23).

Figura 49: Alma.



Fonte: <https://www.instagram.com/leocoelhoFoto/> Cortejo cultural Boi Estrela-Escola- Junho/ 2022.

Consciente das perdas de si Luria (2008) diz que Zasetky se manteve determinado a recuperar o que havia perdido, passando a estimular sua capacidade de pensar e compreender. Tentativas de reanimar o que o havia tornado incompreensível. Guerras nos destroem. Na esfera da sociabilidade, justificam o apelo do uso da força e dos utilitarismos como regra de vida. Agravamento do consumo, dos narcisismos, do imediatismo, do abandono, implantações de uma ética pragmática individualista. Egotria.

Nesse sentido, pontua Santos (2001), a sociedade se despede da generosidade, retirando a solidariedade e a emoção para introduzirem o reino do cálculo econômico. Revigoram a competitividade em difusão do pensamento e das práticas totalitárias. Individualismos arrebatadores e possessivos que fundamentam o desrespeito às pessoas e convocam a pragmatismos triunfantes. Nascemos, mas só nos tornamos gente se fizermos o movimento, senão nos tornamos homens em peças de xadrez de uma liderança qualquer. Perdas não permitem a composição do humano em sua integralidade. É agonia de existência que torna a nossa mente uma desordem. Depressão.

Com o ferimento no cérebro, Zasetky ficou analfabeto e doente. Da vida que poderia ter sido, passou a ser monótona. Se os homens soubessem do valor de cada vida, não permitiriam as guerras. Perder uma pequena parte de nosso cérebro altera todo o viver e torna inacessível a plenitude - viver, não apenas existir.

As guerras humanas nos destroem¹⁹.

Figura 50: As guerras humanas nos destroem.



Fonte: https://costanorte.com.br/geral/fotos-russia-x-ucrania-2022-guerra-sangue-e-luto-1.373415_2022.

Desde que fui ferido, tenho gastado muito tempo para compreender e identificar as coisas em torno de mim. Mais ainda, quando vejo ou imagino coisas em minha mente (objetos físicos, fenômenos, plantas, animais, pássaros, pessoas), ainda não consigo pensar as palavras para elas imediatamente. E vice-versa - quando ouço um som ou uma palavra, não consigo lembrar imediatamente o que significa. (Luria, 2008 p.36)

Contudo, o cérebro visto superficialmente parece análogo, monótono. No entanto, é o produto mais elevado da transformação humana, pontua Luria (2008). Ganha, alcança.... Processa e retém informações. Monta programas de comportamento e regulam sua execução. Avalia relações espaciais e asseguram impressões distintas e consecutivas que serão requalificadas numa estrutura completa instantânea. Essas funções foram as últimas a se desenvolverem na evolução humana e não estão completamente desenvolvidas nas crianças. Precisando ser estimuladas. As funções mais elementares do cérebro e da mente não são de natureza inteiramente biológica, mas estão condicionadas às experiências e interações, sendo vinculadas à cultura do indivíduo e à sua crença, diz Luria (2008).

¹⁹Escrevo essa parte em momento de guerra entre Rússia e Ucrânia. Quantas pessoas feridas. Vidas inteiras destruídas. Para saber mais: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/por-que-a-russia-invadiu-a-ucrania-em-2022.htm> Acesso em:: 13 jul. 2022.

O rudimentar nesse bloco de escrita são os estímulos que conservamos e recriamos a partir do que é ensinado. Interessa-nos o pensamento conceitual, marca Luria (2017). A pessoa capaz de pensar o abstrato espelha o extrínseco acentuado e desenlaça conclusões e inferências a respeito do fenômeno percebido. Ou seja, parte da experiência pessoal, porém, avança em esquemas de pensamentos que fundam estágios e dilatam a atividade cognitiva. Evidenciar códigos verbais e lógicos permitem abstrações essenciais e premissas de novos conhecimentos. Nisso, o código torna possível a mudança de classe para um sistema de relações verbais e lógicas que canalizam o silogismo. Estilística; sinestesia; plasticidade cerebral. Passagens da consciência sensorial para racional.

Figura 51: Dr Pinico Branco.



Fonte: <https://www.instagram.com/leocoelhoFoto/> Festa cultural Boi estrela- escola 2022.

O florescer mental infantil é o seguimento histórico, do qual o ambiente social da criança induz a marcha da mediação de várias funções mentais superiores. Não são estáticos, sendo modelados ao longo de seu desenvolvimento. Alteram-se quando as condições sociais mudam. Nisso, novos rudimentos são adquiridos e compõem o sistema amplo da experiência humana, codificada nas linguagens. Não sendo restrita a simples reflexos de estímulo-resposta, uma vez que se consegue estabelecer conexões indiretas entre as estimulações que recebe e as respostas que emite, demarca Luria (2008). Em suma, as faculdades humanas não podem ser estudadas

ou compreendidas isoladamente, mas, sim, serem concebidas em relação às influências vivas e formativas.

Figura 52: Leituras de sombras.



Fonte: EMJCA- Arquivo Virtual Google sala de aula pandemia- 2020- Criança projetada em sombras segura um arco em formato de coelho.

Narrar pela imaginação. Nesta atividade, o destaque é para o diálogo entre pai e filho que se seguiu. A imagem é uma criança segurando um arco de brinquedo, parecendo um coelho. Na narrativa, a criança diz ser um monstro de garras afiadas; no diálogo, o pai pergunta o que o monstro faz. A criança responde que o monstro mata as pessoas. O pai tenta amenizar a narrativa na filmagem e ser mais correto dizendo: “Mas, com as garras, ele não pode ajudar as pessoas, cortar árvores e fazer lenha?”, no que segue a exclamação da criança: “Pai, ele não faz isso não! Ele tem garras afiadas e mata humanos mesmo”. O pai media mais uma vez: “Mas se ele fosse bonzinho e fizesse as coisas do bem, já pensou sobre isso?”. O filho diz: “Já pensei, mas a história iria acabar, pois não iria acontecer nada!”.

Em outro momento, o diálogo entre mãe e filha. A menina repete a história que a mãe inventa. A mãe diz: “Era uma vez, uma criança que passeava na floresta”. A filha: “Era uma vez, uma rainha que passeava na floresta”. Em um primeiro momento, quando se olha para essa narrativa, não se consegue identificar o processo criador da criança, já que ela está apenas repetindo.

Quando o olhar transvê, nota-se a beleza e delicadeza dessa devolutiva. A mãe, após um dia inteiro de trabalho, segura o neném no colo e se dedica a contar a história para a filha que vai repetindo palavra por palavra. Aprendizados profundos de estrutura de palavra e texto. Modos de contar histórias. Olhares devotos de amor e felicidade. História criativa que foi tecida em benqueirança. Recomendo - capturar diálogos é enriquecedor. Portanto:

A capacidade de perceber situações, ou avaliar relações espaciais, implica algo muito mais complexo do que a percepção de figuras ou objetos... Nossa capacidade de localizar os objetos no espaço é ainda ajudada por um órgão especial na parte interna do ouvido - um mecanismo "vestibular" que mantém o sentido de equilíbrio tão essencial para avaliar-se o espaço tridimensional. Luria (2008, p.47 e 48):

Fascinada por esse contexto, olho para o teto de minha sala. Detenho-me em temporalidade indiscriminada. Erguem-se diversas imagens em labirintos de pensamentos.

Figura 53:Luz e sombras.



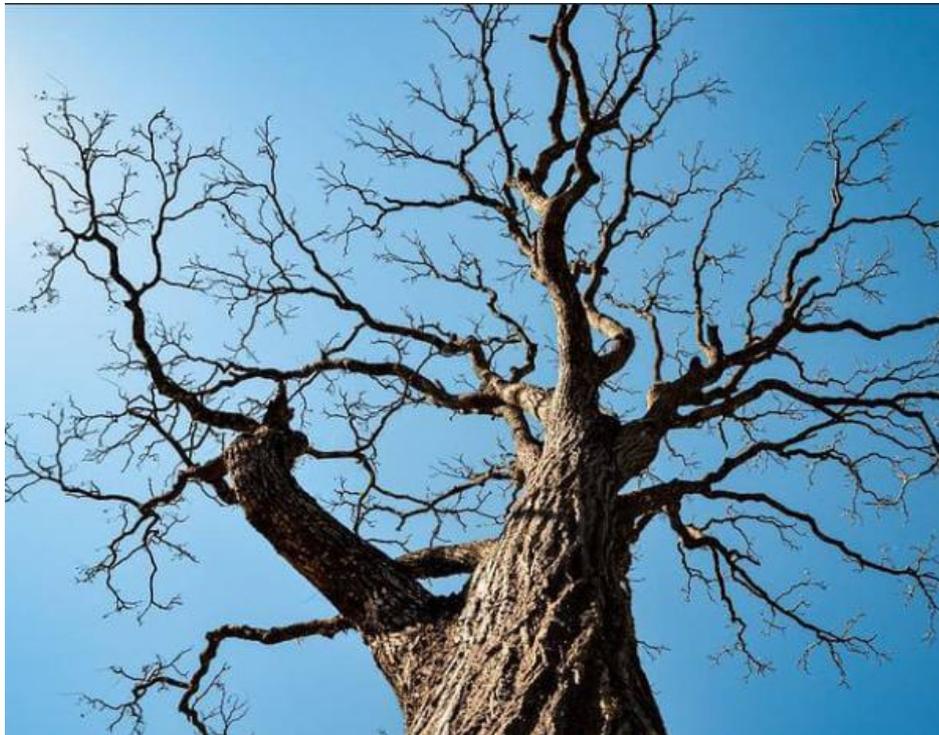
Fonte: Arquivo pessoal. 2021.

Mesmo que seja possível que uma pessoa esqueça temporariamente certos princípios, a informação adormecida retorna quando se refresca a memória, segundo Luria (2008). O conhecimento não está armazenado na memória como as mercadorias, ele é preservado mediante um sistema sucinto de codificação que cria uma estrutura de ideias. Portanto, o que quer que a memória tenha retido desse modo conciso, pode ser revivido e desenvolvido.

Aprender. Compreender para expandir

A esperança é formadora e mobilizadora do humano. Notamos isso quando Luria (2008) diz que Zasetzky encontrou em seu diário a forma de manter a história da sua vida e de torná-la útil dando sentido à sua existência. Tornar o feito em proveitoso, serventia do fazer, essencialidade da prestatã. Escrever lhe dava esperança. No período da crise sanitária da Covid-19, relatar dá sentido e mantém a lucidez. Cato memórias, garimpo textos por uma tentativa de escrita lógica deste trabalho a fim de potencializar as funções psicológicas superiores, pontua Chaves (2011). Por conseguinte, substanciar a sensibilidade, a curiosidade, a atenção, a memória e a percepção a serem desenvolvidas. Diagramas capazes de mobilizar o regime da sensível a experimentação baldia do insólito habitar remoto, demarca Janer (2021). Reconstruir elos de pertencimento, que se espedaçou com a pandemia e o isolamento social. Rodear-se de identidades e transformá-las em novas territorialidades de assentamento escolar e de vivências espaciais. Já que existimos no plano social e individual, ou seja, uma única vida é um conjunto de pessoas. Textualidade escrita em cada vida. Existência em descobertas em profusão de começos.

Figura 54: Expandir.



Fonte: <https://www.instagram.com/leocoelhoFoto/> 2020.

É possível existir, mesmo em fraturas do ser

As maiores realizações da mente vão além do poder de um indivíduo só, traz Peirce apud Tomasello, 2019). Nisso, o ensino por entre caminhos das possibilidades humanizadoras devem ser trabalhados conjuntamente. Na escola José Calil, ao longo do ensino remoto, o planejamento foi desenvolvido com todo o corpo docente presente. Não se encaixotaram as disciplinas. Antes, foram misturadas e integradas umas às outras. Interdisciplinaridade.

De acordo com Chaves (2011), o ponto de partida é fundamental e, nisso, íamos sempre como decidido entre os docentes via reuniões do “*meeting*”. O conteúdo (o quê) a ser trabalhado e as estratégias de intervenção (como) e os recursos didáticos envolvidos no processo de ensino foram amplamente discutidos por seguimento, e desenvolver as atividades em colaboração de áreas nos permitiu propor atividades significativas. Contribuíram para ampliar o universo de conhecimento e sensibilidades das crianças. No presencial, não conseguíamos reunir todos os professores. Nisso, as reuniões de segmento se constituíram em oficinas de artesanias. Gestação de práticas que os professores juntamente estudam e pensam sobre a criança em exercício delicado de traduzir a experiência para o que seria, estando em modelo remoto. O que não é algo simples, já que ser fiel às infâncias e à sua potência criadora, inventiva e poética, à distância, tem sido um desafio imenso.

*Busco as tramas para que se faça entender deste necessário papel
desempenhado pelo professor*

Figura 55: Bonecos de pano.



Fonte: <https://www.instagram.com/leocoelhoFoto/> Festa cultural Boi estrela-Escola 2022.

As práticas construídas, em conjunto com os professores, é um olhar de esperança para a educação remota. Conhecendo a escola física José Calil e suas práticas de cortejos e brincância, do caminhar de mãos dadas pertinho da natureza, da horta do contar histórias ao redor de uma vela, dessa interação forte, intensa entre nós, traduzir sentidos para o remoto era a grande preocupação, porque o ensino remoto convocou ao retorno do papel (muitas crianças não tinham tecnologia disponível), o que deslegitimava o Projeto Político Pedagógico da escola. O homem que não desenvolve sua sensibilidade, sabota suas possibilidades de existir no mundo, diz Jobim e Souza (2012). Nisso, o mundo moderno se tornou pobre, já que travou luta contra as sensibilidades humanas. Empobrecendo a dimensão do conhecimento humano e esfacelando suas vivências, tidas como unilaterais e superficiais. Não se compreendendo em sua universalidade. Espremendo a experiência, ficamos sem espaço para o sensível, para aprender a ver o que não se estampa de imediato. Nesta tentativa de enfrentar a desumanização das relações socioafetivas e culturais na sociedade capitalista, está a escola na incumbência de resgatar o reencontro do homem com a sua própria liberdade. Sensibilizar e não coisificar.

Figura 56: Sorrir.



Fonte: <https://www.instagram.com/leocoelhoFoto/> 2019.

Os princípios das vivências que nos constituíram como escola, as experiências das brincadeiras e toda a alegria de ser dessa escola colorida, de crianças felizes estava em pauta e presente nas reuniões junto do medo do retrocesso. No entanto, a escola conseguiu vivenciar experiências profundas com as crianças e suas famílias. A atividade “Luz, sombras e imaginários da noite” duraram cerca de dois meses e reverberou para além das sombras. A apresentação nessa pesquisa ficou apenas por entre elas. Resgatar a concepção ético-estética da educação é também uma forma de resistência. Da resiliência e do resistir da escola M. José Calil Ahouagi com seus movimentos potentes de educar. Do dinamismo dos educadores consubstanciados pelos fios Ariadne²⁰, em teias pelos entremeios familiares, escolares, sociais e infantis. Teias mentais.

Figura 57: Engendramentos.



Fonte: Arquivo pessoal- EMJCA, 2021.

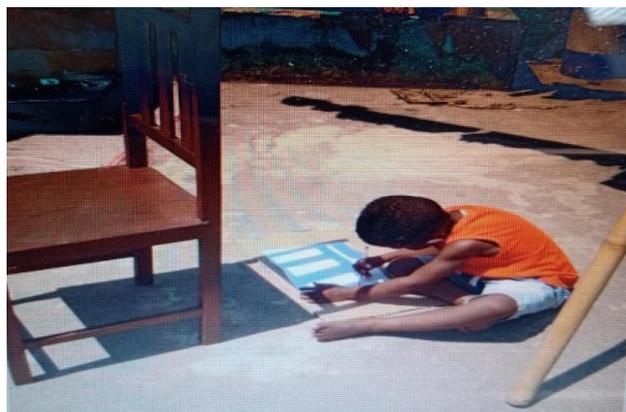
²⁰De acordo com a mitologia grega, o jovem herói ateniense Teseu ao saber que sua cidade deveria pagar a Creta um tributo anual, composto de: sete rapazes e sete moças, para serem entregues ao insaciável Minotauro que se alimentava de carne humana, solicitou ser incluído dentre eles. O Minotauro vivia em um labirinto, constituído de salas e passagens intrincadas do palácio de Knossos. Ao chegar em Creta, Teseu conheceu Ariadne, a filha do rei Minos. Ela se apaixonou por Teseu. Ariadne, resolvida a salvar o amado, pediu a Dédalo a planta do palácio, já que ele o havia construído. Ela acreditava que Teseu poderia matar o Minotauro, mas não saberia sair do labirinto. Ariadne deu um novelo a Teseu. Recomendou que o desenrolasse à medida que entrasse no labirinto, onde o Minotauro vivia encerrado, para que no fim da missão, pudesse encontrar a saída. Teseu usou essa estratégia. Matou o Minotauro. Com a ajuda do fio de Ariadne, encontrou o caminho de volta. Retornando a Atenas levou consigo a princesa. Acesso em: 14 Dez. 2022. O termo é usado para descrever a resolução de um problema em que se podem usar diversas maneiras.

A aranha realiza operações que lembram as de um tecelão e as caixas que as abelhas constroem no céu podem tornar sem graça o trabalho de muitos arquitetos. Mas mesmo o pior arquiteto se diferencia da abelha mais hábil desde o princípio, em que, antes de construir com suas tábuas uma caixa, ele já a construiu na sua mente.

No final do processo de trabalho, ele obtém algo que já existia na sua mente antes que ele começasse a construir. O arquiteto não só modifica as formas naturais, dentro das limitações impostas por essa mesma natureza, mas também realiza um propósito próprio, que define os meios e o caráter da atividade à qual ele deve subordinar à sua vontade. (O Capital, Parte 3, Capítulo 7, seção apud LURIA, 1992 p 47).

Engendrar mesmo estando em ruínas pessoais ou sociais. Estar em ambiente inóspito, mas traçar na mente caminhos pedagógicos de criatividade e imaginação. Contexturas de sentidos e conexões de vivências pelo habitar do ensino remoto. A mediação convocou ao protagonismo: o professor, as crianças e a família. Nisso, a identidade do professor/escola não é vista em termos abstratos, mas em seus contextos, firma Rinaldi (2020, p.105), uma vez que é na urdidura dos fios que teias de identidade e formação se forjam. Genialidade, já que as sombras foram pensadas em condição de experiência próprias do universo da noite. Este não está na escola, pois as crianças estão somente no diurno. A noite não é companheira da jornada escolar, mas é possível na casa das crianças. As sombras já trazem uma dramaticidade em si, convocam ao mistério e à investigação. O olhar do adulto é pouco curioso para as sombras, mas o das crianças não. Ambiência de materialidade potente para percorrer um caminho de experiências.

Figura 58: Cadeira.



Fonte: EMJCA- Arquivo virtual-Google sala de aula- Pandemia- 2020- Tatuagem das costas de uma cadeira.

Figura 59: Capturando sombras- Tatuagens



Fonte: EMJCA- Virtual. 2020 – Menina tatua a sombra de uma árvore.

Capturar sombras e romper com a noite e experimentar a luminescência do sol e as sombras que o sol faz. Enquanto adultos acelerados pelos ritmos do dia, não percebemos as sombras que passeiam pela casa. Quando olhamos para as casas, começamos a perceber as sombras ali. Sensibilizados pelas sombras, os professores pensaram em tatuagens. A experiência atravessa os professores. A ideia seria tatuar a sombra em papeis ou outros suportes. Acordar as crianças para os universos da natureza, considerando que, atualmente, estão imersas no mundo virtual. As práticas da escola Calil propõem convocar o olhar para o mundo da natureza e os fenômenos que acontecem na vida. Além disso, a criança gosta de encontrar significados e dar sentido ao que se faz. Morre-se a criança e desaparece o professor quando não se estabelecem essas ligaduras. Quando não se valoriza a energia, a inteligência, inventividade, capacidade e criatividade humanas, nota Rinaldi (2020). Ser vistas e escapar da condição de indistinto e anônimo. Encontrar sentidos no que faz, promover pensamentos de hipóteses: Caberá ou não na folha? Potências provocadas no apreciar desses entrelaçamentos. Aqui, não somente implantadores (professores) e nem executores (crianças) de tarefas, mas capturas de sentido.

Figura 60: Amor revelado



Fonte: Arquivo pessoal. 2019.

Rabiscar profundidades

Arriscar-se por territórios de vivências e cindir trocas, desadormecer do professor e da criança. Vigotsky (2012) considera que o despertar do professor se faz no encontro do contato, como argila e mão. Sozinha, argila é só barro. São as mãos que o transformam e a criatividade possibilita a ampliação. É no encontro apaixonado que o humano desperta sua capacidade crítica e criadora de reinvento.

Figura 61: Ampliação



Fonte: <https://www.instagram.com/leocoelhoFoto/>

Deslinear e esculpir almas

Abrir-se em botões de flores a perfumar, arquitetar com inteligência os saberes entrecruzados.

A nova doutrina [...] transfere para criança e para o respeito da sua personalidade o eixo da escola e o centro de gravidade do problema da educação. *A escola [...] deve oferecer à criança um meio vivo e natural favorável ao intercâmbio de reações e experiências.* Em que ela vivendo a sua vida própria, generosa e bela de criança seja levada ao trabalho e a ação por meios naturais que a vida suscita quando o trabalho e ação convém aos interesses e às suas necessidades. (Manifesto dos Pioneiros da Educação, 1932 página 49. In: SANTANA, 2020, p. 73.)

Nisso, garantir experiências diversas, pautam as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil, as práticas pedagógicas (BRASIL, 2009). Declarar o conhecimento de si e do mundo por meio das experiências sensoriais, expressivas e corporais para movimentação ampla de sua individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança. Explorar o mundo e as linguagens. Mobilização dos significados. A criança está imersa nas diferentes linguagens e domínios de gêneros e formas de expressão, saber-se que ela não utiliza apenas uma linguagem, mas “cem linguagens”, diz Malaguzzi apud Hoyuelos, 2020), dentre elas: gestual, verbal, plástica, dramática e musical. E, ao brincar, amplia a sua relação com o mundo, traz Vigotsky (2008).

Figura 62: A menina da lanterna.



Fonte: <https://www.instagram.com/leocoelhoFoto/> 2022.

Corporiedades

O trabalho pelos fios das culturas populares, do conto, da tradição oral e das linguagens na escola Calil é muito forte. Criar linguagem com luz, sombras e corpo a partir do conto disparador Menina da Lanterna. Teatro que é feito na escola no solstício de inverno. É quando temos a noite mais longa. Esse é um conto do hemisfério Norte que narra a história da menina que perdeu a luz. Esta foi apagada e precisava de ajuda para acender. Pediu várias pessoas, animais e ninguém conseguiu ajudar, pois todos estavam muito atarefados. Até que as estrelas falaram para a menina procurar o sol. Lá ela acende a vela e volta ajudando várias pessoas, inclusive aqueles que não puderam ajudá-la. A ideia do calor e do compartilhamento que acolhe é vivida lindamente quando a narrativa teatral acaba. Acende-se as velas e as lanternas que as próprias crianças fazem (para os participantes também) e a escola saiu em procissão dando uma volta no quarteirão, em meio à escuridão, e termina com uma grande fogueira no pátio. Ali, se canta, toca sanfona e se brinca de ciranda. Violão e canjica fazem parte da festa.

O ano de 2020 foi o primeiro ano que não se realizou essa festa após quinze anos de tradição. Pelo teatro de sombras, a escola buscou a memória das crianças. O convite feito era experimentar as sombras de casa. A primeira proposta de criação era trazer o corpo para o movimento como brinquedo de sombra. A ideia era a releitura do teatro da Menina da Lanterna.

Figura 63: Corpo: brinquedo de sombra.²¹

O corpo como brinquedo de sombra



Fonte: EMJCA- Arquivo virtual- 2020. Menino de capuz vermelho reproduz a cena do sapateiro.

De maneira autoral, as novas gerações reelaboram um novo mundo que vai existir, mas que não começa do zero. Reelaboram a partir do que já existe. Cada ser é capaz de criar artefatos culturalmente significativos se receber, de outros humanos e de instituições sociais, um montante significativo de assistência, situa Tomasello (2019). A evolução cultural cumulativa depende de dois processos: inovação e imitação do processo dialético de modo que propicie o inovador.

²¹Todos os anos, no mês de junho, a escola escolhe uma menina para encenar a história da Menina da Lanterna. Esse conto comemora a chegada do solstício de inverno. Fazemos a festa da lanterna. A escola já havia feito, no presencial, uma encenação por sombras, que foi novamente usada no ensino remoto. E encenada novamente no canal: https://www.youtube.com/watch?v=jjn0bqm-818&ab_channel=CaixaViajante. De acordo com Kishimoto (2010), há diferentes gêneros de histórias que encantam as crianças, e o começo, o meio e o fim proporcionado por esse gênero de literatura auxiliam a criança a ampliar narrativas. Agrega a natureza lúdica no recontar histórias, a livre expressão de experiências, vivências e formas de ver o mundo presentes nas narrativas infantis e em suas recriações, pois, ao ouvir e recontar histórias, a criança experimenta o prazer de falar sobre o que sabe. E incluir sua própria experiência. Tornam-se leitoras ouvindo, vendo, falando.

À medida que a criança se assenhora das convenções culturais que aprendeu via imitação ou outra forma de aprendizagem cultural, ela realiza um salto criativo que vai além de si e se abrem para linguagens poéticas do porvir, diz Bachelard (1998). Ao se imiscuir no acontecimento com suas performances, elas, por meio dos gestos, entre as sombras, criam novos ambientes. Com a corporeidade e seus olhares, fazem surgir a poesia e deixam marcas de devaneios habilidosos. Vislumbram o grande e o belo, e ampliam o existente e inserem emergente. Experimentam a reinvenção do olhar para as sombras. Nesse sentido, as escolas são terrenos privilegiados de observações e vivências do novo. Ali, adultos apoiam e testemunham processos de aprendizagem dos quais muito pode ser dito e escrito.

Andam presentes nestes terrenos porções que geram sentidos, ativam hipóteses e teorias interpretativas. Ajustam-se nas brincadeiras e nas realizações imaginárias. Situam-se ilusões de desejos irrealizáveis do brincar. Pesquisadores atentos captam a capacidade plena das crianças no decurso do ensino-aprendizagem. Estas, segundo Chaves (2011), formam-se do potencial para aprender, não havendo dependência do condicionante biológico. Investem de poder e empossam a infância em várias atmosferas que emanam os corpos, completa Benjamin (2015).

Figura 64: O corpo como brinquedo

O corpo como brinquedo



Fonte: EMJCA- Arquivo virtual. 2020. Menina da bola que se encontra com a menina da lanterna.

Encantações a revisitar o olhar a presenciar o abraço da ética e amorosidades do educar. Ajustar do ensinar no desfrute das paisagens, do corpo das pessoas, dos animais, das sombras... Alicerçar da ciência em valores da expressão ou da recriação das emoções. Na apreensão crítica

e na construção do conhecimento, descobrir na natureza, analogias e correspondências, finaliza Benjamin (2015).

Ademais, Vigotski (2012) diz que o humano imagina, combina, modifica e cria algo novo, por mais insignificante que a novidade pareça ao ser comparada com as realizações dos grandes gênios, ela sugere uma compreensão teórica da atividade criadora. As neoformações são a formação do novo. De posse desse conhecimento, não devemos olhar para aquilo que está previamente pensado ou para onde a criança vai chegar. Se o fizermos, estaremos traçando princípios pedagógicos de caminho único para todas as crianças. Retiraríamos a criação, a fecundidade, já que tudo o que nos rodeia foi criado pela mão do homem e são produtos da criação e da imaginação humana. A imaginação é uma experiência de linguagem. Nisso, a escola tem a incumbência de estimular os voos, não de fazer gaiolas, diz Rubem Alves²².

Fantasia cristalizadas

Figura 65: Voar.



Fonte: EMJCA- Arquivo virtual- 2020. Pássaros com as mãos.

A criança usando a imitação, diz Vigotski (2006), é superabundante em esfera intelectual. Na imagem “Voar”, a proposta de criação e de brinquedos de sombras foi buscar investigar expressividades cênicas usando apenas os gestos das mãos. As propriedades de imitar e de fazer operações intelectuais nas crianças não são limitadas, porém, modificadas com regularidade, no curso de seu desenvolvimento mental. Tudo o que uma criança aprende sob a

²² https://ledum.ufc.br/Gaiolas_Asas.pdf Acesso em: 15 dez 2021.

direção e ajuda do adulto está colocado na área de imitação, afirma-se na zona de desenvolvimento iminente, graças à “pedagogia da colaboração”, diz Vigotski (1984). Nisso, pensar a partir dessa atividade a grande expressividade das mãos e no quanto elas podem dar vida as criações. A aposta foi criar diálogos incríveis com os gestos delicados das mãos. São elas diferentes do corpo e trazem minúcia, delicadeza para a dramaticidade daquilo que se pode criar com elas. Performances e grafismos são linguagens sensíveis em unicidade do ato pedagógico de transformar pessoas e sua relação com o mundo, pontua Vigotsky (2006).

Ajuda-nos à compreensão a transmutação psíquica da metamorfose da Borboleta, que, ao mudar, nunca mais se vê como lagarta. Essa é uma característica do desenvolvimento infantil, explica Vigotski, apud Santana, p.160). Não se resumem a alterações e crescimento quantitativo, mas são mudanças e transformações qualitativas de cada época no florescer da criança. Repousa o novo a cada giro.

Figura 66: Dinossauros em sombras.



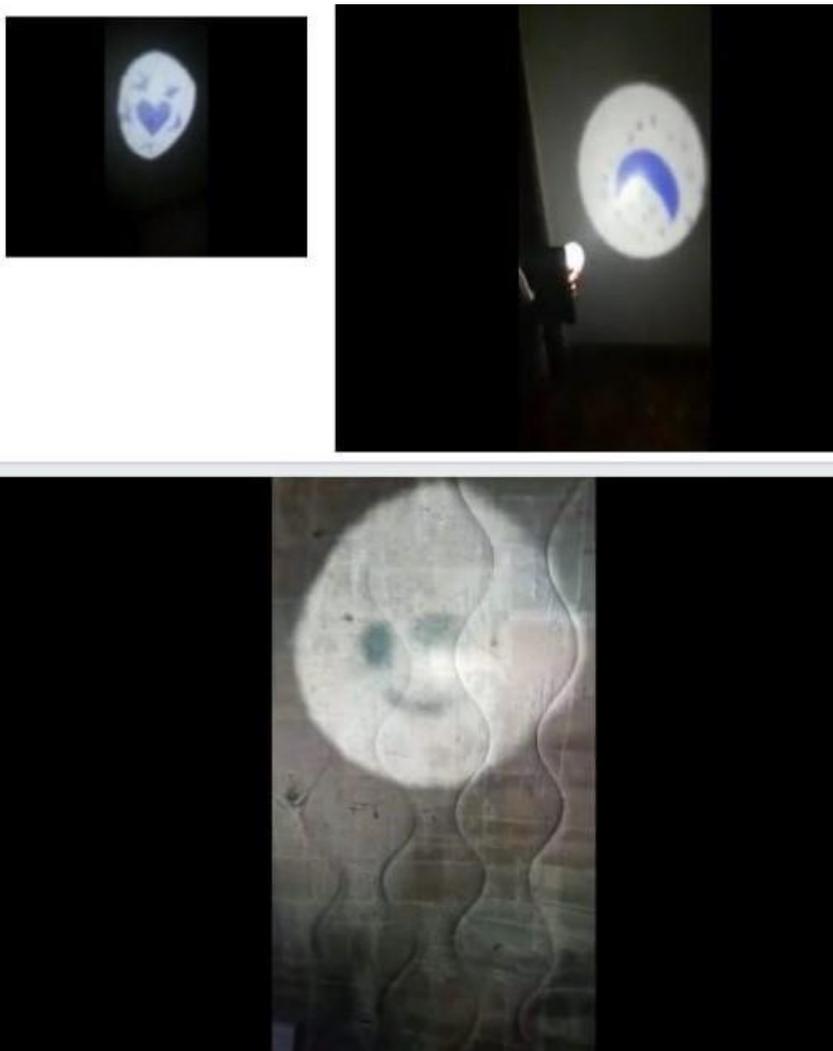
Fonte: EMJCA- Arquivo virtual- 2020. Sombras projetadas na parede.

A proposta foi construir um cenário e contar uma história a partir dos brinquedos disponíveis em casa. Na imagem, dinossauros e irmãos brincam com a família. Processo

intenso de criação de um universo simbólico e poético familiar. Narrativas de uma vida em que as crianças são as proprietárias. Na cena, as crianças falam sobre o fogo que queima a natureza e do quanto é necessário salvar os animais. Nessa ponte, movimento em direção a Sagan (2019) e nisso poder compor que nossa humanidade não nos faz distantes ou superiores aos outros animais. Somos fragmentos de um todo no universo, este apresenta ao homem uma infinidade de afecções para que ele reaja a elas a todo instante. As temporalidades são diversas e coexistem no tempo. Dessa maneira, estamos sempre lidando com as permanências de um passado distante ou próximo, que convivem com as inovações de um tempo presente.

Artefatos luminosos foram investigações feitas ainda pelas sombras. Na atividade, as crianças produziram cinema de sombras com cenas lindas investigadas por elas quanto à aproximação e distância. Fascínio e condição de perplexidade foram provocados nas crianças. Nessa atividade, uma criança narra a história da fantasminha triste que não podia sair de casa. Em suma, não somos exclusivos em relação ao mundo. Somos peculiares. O universo, nosso planeta Terra, já era, antes de eu ser. E continuará a ser, depois de eu ir. Novos e únicos momentos de vida virão. Caminhamos em direção às origens. Encontrar os sentidos variados na existência e relacionar passado e atualidade no encontrar das peculiaridades. Abrir-se para além das significações empíricas das coisas e descortinar o desmesurável dos sentidos e dos objetos.

Figura 67: Cinema de sombras



Fonte: EMJCA- Arquivo virtual- 2020. Luz projetada a partir de rolo de papel higiênico e um plástico desenhado pelas crianças.

Tempos profundos de vivências familiares das crianças, de encontros de gerações, assim, a escola tem o lugar do convite poético a fazer bonitezas. Cotidianos que se transformam em laboratórios de experiências e que a escola tem ajudado no papel de transformar as casas em laboratórios de maravilhas. O vínculo com as famílias tem sido maior do que era no presencial. As famílias sabem o que a escola está propondo. Conhecem as músicas cantadas e são elas as verdadeiras mediadoras das práticas que a escola envia. Nada do que foi feito teria acontecido se não tivesse a participação dos familiares nesse vínculo precioso de afeto profundo. Não sendo carreira solo da escola. O bordado é conjunto. Rinald (2020) pontua que foi um protagonismo cultural vigoroso para todas as famílias, que o grande inimigo contra qual a escola deve lutar é a separação. O isolamento. O grande valor a ser alcançado é a informação, a comunicação. Por uma escola que trabalha junto para encontrar soluções alternativas em

categorias de comunicação e tipos de relacionamento entre criança-educador-pai-mãe-cidadão. Buscar e usufruir desses elos ativos, cuja principal beneficiária é a criança. Essa obterá o máximo de vantagem na atmosfera de diálogos. Cintilar humanidades em constelações e ser interestelares diz Mulamba²³.

*Somos feitos de poeira de estrelas, por isso, brilhamos*²⁴

A capacidade de olhar a contrapelo (LOWY, 2011). Quando o ensino remoto começou, houve a dúvida da capacidade do professor, pois não conseguíamos olhar para aquele ponto, não o víamos antes. A escola não fez atividade ou trabalhinho para as crianças, ela fez um modo novo de trabalho com as crianças e seus familiares. Campos de experiência na relação com a linguagem e interações. Currículo ao vivo e a cores, construindo relações por entre vivências anteriores, encontros mediados no amor e no cuidado. Abrindo possibilidades de linguagens por entre sombras. Criando estética e propondo experiências em linguagem benjaminiana. A escola trouxe preciosidades criando, a partir do referencial teórico que se tem (documentos oficiais, livros e estudos), leituras de vida e apostas de ternura.

²³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zt0sFVpBZPo> Acesso em 03 out. 2022.

²⁴ Sagan (2006) diz que somos feitos de matéria estelar, já que, segundo ele, a astrofísica nuclear, à exceção do hidrogênio, todos os átomos que compõem cada humano, o ferro no sangue, o cálcio nos ossos, o carbono no cérebro, foram fabricados nas estrelas vermelhas gigantes a milhares de anos-luz no espaço e a bilhões de anos no tempo.

Figura 68: Estandarte da escola.



Fonte: <https://www.instagram.com/leocoelhoFoto/> Festa cultural Boi estrela escola 2022.

“... E conversamos toda a noite, enquanto, a via-láctea, como um pálio aberto, Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto, Inda as procuro pelo céu deserto”... Olavo Bilac²⁵

Transver IV - O Supermercado

As muralhas do ódio têm nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e os morticínios. Criamos a época da velocidade, mas nos sentimos enclausurados dentro dela. A máquina, que produz abundância, tem nos deixado em penúria. Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que de máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas virtudes, a vida será

²⁵Disponível em: <https://www.culturagenial.com/ora-direis-ouvir-estrelas-de-olavo-bilac/> Acesso em: 15 jul. 2022.

de violência e tudo será perdido." - Charlie Chaplin, em 'trecho do discurso proferido' no final do filme "O grande ditador".²⁶

Figura 69: Chão de escola.



Fonte: Arquivo pessoal- escola- 2021.

A respeito da fala de Charlie Chaplin, a realidade de nosso tempo tem produzido novos totalitarismos, distanciando-se das doçuras e belezas da vida em partilhas de vivências. O processo de engessamento está em curso e, de acordo com Santos (2009), nossos espíritos estão sendo desorientados no empobrecimento crescente das massas e da grande perversidade da produção globalizada. Não estanciada somente na polarização da riqueza e da pobreza ou na segmentação dos mercados, no sujeitar das populações, na destruição da natureza, daquilo que é domínio. Subordinação nefasta nas investidas simbólicas de construção de um único espaço unipolar de dominação. Malevolência do dinheiro e impiedade da informação. Ambos produzidos pela concentração do capital e do poder. Em consequência, temos a criação de unidade técnica e a convergência de normas sem precedentes na história do capitalismo. Nesse sentido, ideologias da produção são submetidas às nações. Fato que transforma o sujeito em objeto e o acorrenta ao dinheiro.

²⁶Disponível em: <https://www.revistaprosaveroearte.com/discurso-final-de-o-grande-ditador-de-charlie-chaplin-1940/> Acesso em: 19 abr. 2022.

Figura 70: Janelas.



Fonte: Arquivo pessoal- Escola-2021.

A cortina de ideias que são difundidas ao coletivo sugerindo o progresso técnico, encobrem os benefícios exclusivos de um estreito grupo. Estes, os mais poderosos, decidem sobre melhores pedaços do território global. A fumaça os esconde. Somente as sobras são liberadas para o restante da população. Realidades insustentáveis. Ao terceirizam serviços, os estados se tornam incapazes de regular a vida coletiva. No que ocasiona grande excitação de competição e a sensação de tempo e espaço contraídos. Fantasiam um mundo ao alcance de todos e promovem investidas homogeneizantes. Nesse engodo, as diferenças locais são aprofundadas. A globalização é o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista neste engendramento das perversidades. A cada avanço, novas técnicas são produzidas e se especializam pelo globo e variam a vida no que assegura o sistema na emergência do mercado dito global e de seus processos políticos. O desenvolvimento da história acomoda o avanço das técnicas e provocam novos encadeamentos. Simultânea à evolução técnica, uma nova etapa histórica se torna possível. Nesse enredo, as técnicas não aparecem de forma isolada da história do homem, pois são verdadeiros sistemas característicos do período. Ao surgir uma nova família de técnicas, as outras não desaparecem e, sim, existem e se convergem no que assegura a simultaneidade das ações e reverbera no agilizar do processo histórico. O expressivo uso da tecnologia da informação, por meio da cibernética, da informática, da eletrônica, sistemas oferecidos para a realização do trabalho, permitem a comunicação e asseguram o avanço, possibilitando o estar em todos os lugares. Por conseguinte, assegura o comércio dialógico e constitui papel determinante sobre o uso do tempo.

Figura 71: Boizinho

INTENCIONALIDADES PEDAGÓGICAS

1 – Convidar a uma vivência com as festas populares do Bumba-boi e Cortejo de reis a ser vivida e experienciada na casa das crianças.

2 – Vivenciar com as crianças, mesmo de modo remoto, a simbologia e artesanania das festas populares de origem afro-brasileira reinventadas no contexto escolar.

3 – Oferecer oportunidades para que as crianças entrem em contato com outros grupos sociais e culturais, outros modos de cultura, outros modos de celebrar e ritualizar.

4 – Criar oportunidades para que as crianças e suas famílias fortaleçam suas identidades e sejam capazes de conhecer suas matrizes culturais a partir das múltiplas linguagens (musical, gráfica, plástica, sonora, cênica, corporal...)



Fonte: Arquivo virtual- Google sala de aula. Foto de tela- Pandemia- 2020.

De acordo com Santos (2009), no início da história humana, o homem, ao viver em sociedade, relacionava-se diretamente com a natureza. Este constrói a história e os laços entre território, política, economia, cultura e linguagem em relações transparentes. Os setores da vida social se davam sem intermediações. Seria isso uma territorialidade genuína de dependência do território, em linguagens desta relação com o espaço gerador de sentimento de pertencimento e identidade, atribuía ao grupo à noção de limites e domínio desse território. A política tinha as mesmas bases da política da economia, da cultura, da linguagem no que formava a ideia de comunidade em contexto limitado no espaço. Nesse circuito, a relação homem e natureza são portadoras e produtora de técnicas enriquecidas e diversificadas ao longo do tempo, e a incorporação ao solo proporciona menor esforço na produção, no transporte e nas comunicações. Estes são giros alteradores do curso terrestre que convertem as relações entre

indivíduos, países e sociedades. São respostas à vontade dos homens de uma vida subordinada às técnicas. Prenunciam comportamentos humanos e asseguram uma visão mais racional do mundo, dos lugares de organização sociotécnicas do trabalho, do território e dos fenômenos do poder. O século XVIII reforça a entrada do capitalismo e do homem enquanto valor de mercadoria. As máquinas e as técnicas se aperfeiçoam, revalorizando o trabalho e o capital no que requalificou o território possibilitando novas conquistas de espaços. Os jeitos humanos corporificaram concepções enciclopedistas. Em resposta à Revolução Americana e à Revolução Francesa, ideias filosóficas, no momento o capitalismo se reforçava, poderiam ter organizado o mundo de forma diferente. Na emergência de novas configurações, o primeiro fenômeno é a enorme mistura de povos, raças, culturas, gostos por todos os continentes. Produzem-se estilos de vida de populações aglomeradas em áreas pequenas, desta aglomeração exponencial e desta diversificação. A sociodiversidade historicamente é muito mais significativa que a própria biodiversidade, diz Santos (2001). Nisto, a globalização marca a ruptura no seguimento da evolução social e moral em percurso e se realiza intensamente. Mas não a serviço da humanidade. Pois reduz o humano a condição selvagem do cada um por si.

Figura 72: Donos da casa

DÁ LICENÇA, DONA DA CASA, PRA NOSSA FESTA CHEGAR!
Trabalhos inspirados no Ciclo de Estudos Cultura popular e Educação
Educação Infantil



Fonte: Arquivo Virtual- Google sala de aula- EMJCA- Foto de tela- Pandemia 2020.

Diante de um novo “encantamento do mundo”, podemos perceber o discurso e a retórica do princípio e o fim. Da onipresença da informação insidiosa que busca instruir e convencer,

provocando a competição. O nervo central do comércio é a publicidade, da qual as empresas não ficam mais sem. Propaga-se tudo. A política é subordinada às suas regras e as mídias nacionais se globalizam. Presenciamos a “morte do Estado”, a sujeição da vida dos homens, daquilo que se pensava em ampliar a liberdade de produzir, de consumir e de viver. Fundamentando o neoliberalismo na democracia, este aumenta as desigualdades e faz com que empresas não se beneficiem desse desmaio do Estado. Cresce a violência em busca do dinheiro, tornando-o despótico. Tudo se transformou em valor de troca e ameaça a existência humana.

Monetização da vida cotidiana

Figura 73: Cotidiano.



Fonte: <https://www.instagram.com/leocoelhoFoto/>

Alicerces baseados no dinheiro e na informação criam, entre os países pobres, setores autônomos de ciclo de pobreza. Estes são às vezes residual ou sazonal, produzidos em certos momentos do ano. Temos a marginalidade produzida pelo sistema e a dívida social que se acumula ao longo das eras. Então, soluciona-se a pobreza e todo o caos que ela provoca, legitimando-a e naturalizando-a como fenômeno inevitável. Diante disso, os pobres não são incluídos nem marginais, eles são excluídos. O desemprego se torna crescente e crônico, no que aumenta a perda da qualidade de vida e justifica os salários cada vez mais baixos, fome e

desabrigo. Cenários estes que a pandemia mais assolou. Os quadros crescentes de mortes em meio a essa população foram macabros²⁷.

Sob esse aspecto, solapa-se ainda mais a educação. As escolas sabiam desse cenário de pobreza, a pandemia apenas o escancarou. Retirando de crianças e adolescentes o seu direito de acesso à educação, já que nem todas conseguiram acesso ao ensino remoto. Nesse sentido, houve um descumprimento da Constituição Federal de 1988, que garante o direito e o acesso à educação, bem como o pleno desenvolvimento da pessoa e seu preparo para a cidadania e qualificação para o trabalho. O direito, outrora já danificado pelo sistema capitalista, esfacelou-se na pandemia por toda a territorialidade brasileira. Padrões mínimos de qualidade apregoados na LDB e insumos indispensáveis ao processo de desenvolvimento ensino-aprendizagem se tornam inacessíveis a todos. Diante desse cenário descrito por Santos (2001), inesperadamente enfrentamos a crise sanitária do novo Coronavírus. Nesse momento de isolamento social, o caminho pela infância se faz mais difícil. A escola José Calil lidou com a tecnologia celular, pois sabia que os pais tinham telefones, produziu apostilas e as entregou, garantindo a todas as crianças o acesso ao material. O que não me livrou do sofrer pela distância da sala de aula, do contato próximo de afeto com minhas crianças. Meu olhar está recuado. Observo pela máquina, sem a relação presencial (tão bonita) existente entre professores e crianças.

²⁷De acordo com a Fiocruz, um dado que chama atenção é a distribuição das mortes por tipo de ocupação. Dentre as declarações de óbito, médicos somam apenas 2% do total de mortes por Covid-19 em 2020. As ocupações com maior número de mortes foram dos setores de produção de bens e serviços industriais (22%), comércio (19%) e agropecuário, que inclui atividades florestais e pesca (18%). Dentre os profissionais de saúde, 44% eram médicos, 27% enfermeiros, 13% dentistas, 8% farmacêuticos, 5% fisioterapeutas, 3% veterinários, 2% nutricionistas. Porém os números podem ser ainda mais altos, uma vez que 58,7% das declarações de óbito não registraram o tipo de ocupação. “Percebemos que as categorias profissionais mais afetadas são os chamados serviços essenciais, trabalhadores que não podem parar, aderir ao home office e manter o isolamento social, o que escancara o peso das desigualdades sociais no cenário da Covid-19”, aponta. <https://portal.fiocruz.br/noticia/estudo-analisa-registro-de-obitos-por-covid-19-em-2020> Acesso em: 19 jul.2022. Em outro texto, aponta que os casos e óbitos da Covid-19 estava em maioria entre pessoas negras, indígenas e pobre, como as maiores vítimas da pandemia. <https://cidacs.bahia.fiocruz.br/2022/05/10/casos-e-obitos-da-covid-19-estudo-confirma-que-pessoas-negras-indigenas-e-pobres-foram-maiores-vitimas-da-pandemia/>. Acesso em: 19 jul.2022.

A chegada da Covid-19, o novo Coronavírus²⁸, que, apesar de ser aproximadamente 250 vezes menor que um grão de areia²⁹, conseguiu perturbar o modo de vida de todo o planeta, trazendo para a humanidade o perigo da morte e uma grave crise no sistema capitalista. O momento histórico é de esterilização e de tecnocratização da linguagem verbal, de acordo com Jobim & Souza (2020, p. 144 e 145). Com efeito, a linguagem das coisas e dos comportamentos assume uma importância decisiva na plena expressão da realidade que, para Pasolini (In: Jobim & Souza, 2020, p. 144 e 145), seria tudo aquilo que não está impregnado de artificialismo, valores falsos e irreais plenamente difundidos pela civilização burguesa e que vão condicionando os indivíduos a responder de acordo com o padrão imposto pelo novo poder industrial.

Figura 74: Divino.



Fonte: Arquivo Pessoal- escola- 2019.

²⁸O novo coronavírus é chamado cientificamente de SARS-CoV-2. A SARS é uma abreviação de uma síndrome chamada de Severe Acute Respiratory Syndrome, que é traduzida como Síndrome Respiratória Aguda Grave. Essa é a forma grave de muitas doenças respiratórias e o principal sintoma é a dificuldade de respirar; CoV é uma abreviação de coronavírus, a família de vírus que ele pertence; por fim, o número 2, porque ele é muito parecido com uma outra espécie de coronavírus que quase virou uma pandemia em 2002, o SARS-CoV. O que se sabe até o momento é que o novo coronavírus é muito parecido com outros vírus encontrados em morcegos, o que pode indicar que talvez exista um parentesco entre eles. <https://coronavirus.saude.mg.gov.br/blog/27-como-surgiu-o-coronavirus> Acesso em: 16/12/2020. Os coronavírus são uma grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo camelos, gado, gatos e morcegos. Raramente, os coronavírus que infectam animais podem infectar pessoas, como exemplo do MERS-CoV e SARS-CoV. Recentemente, em dezembro de 2019, houve a transmissão de um novo Coronavírus (SARS-CoV-2), o qual foi identificado em Wuhan na China e causou a COVID-19, sendo em seguida disseminada e transmitida pessoa a pessoa. Disponível em: <https://www.saude.sc.gov.br/coronavirus/doenca.html>. Acesso em: 16 dez. 2020.

²⁹Disponível em: <https://www.saude.sc.gov.br/coronavirus/doenca.html>. Acesso em: 16 dez. 2020.

Pasolini (In: Jobim & Souza, 2020, p.144 e 145) acrescenta que a cultura de uma nação se exprime, atualmente, através da linguagem física. Já que a linguagem verbal, ao ter se tornado completamente convencional, sofreu vertiginoso empobrecimento, tornando inútil o seu potencial essencialmente expressivo diante da avassaladora hegemonia da linguagem puramente comunicativa e instrumental. A cada dia, o mundo continua, ele vai se tornando inegavelmente mais inexpressivo, sem particularidades. As diversidades culturais estão sendo sufocadas para darem lugar a um mundo “coisificado”, que tende à padronização e à aculturação imposta pelo poder industrial e pela ideologia do consumo. A saber, diz ele, a civilização industrial tem deformado e remodelado a consciência das pessoas de uma forma brutal, um verdadeiro genocídio está sendo cometido pela civilização neoliberal. Ou seja, está se aniquilando o pluralismo cultural e o substituindo por uma cultura monolítica de massa.

A pandemia agravou essa crise, repete Oliveira (2020, p.70), evidenciando as desigualdades sociais existentes e revelando as fragilidades quanto à prestação de serviço de um possível estado de segurança. Tal tribulação, apesar de promover uma consciência de comunhão coletiva, possui alvos definidos no que tange as comunidades carentes e suas crianças, que são os grupos de maior vulnerabilidade diante da crise. A pandemia é, sim, mais difícil para uns grupos do que para outros, e é nesse contexto que a sociedade deveria pensar em alternativas para se adaptar aos novos modos de viver e de conviver nos primeiros anos do século XXI, ajuda-me a pensar Oliveira (2020).

Figura 75: Saberes da comunidade & saberes escolares.



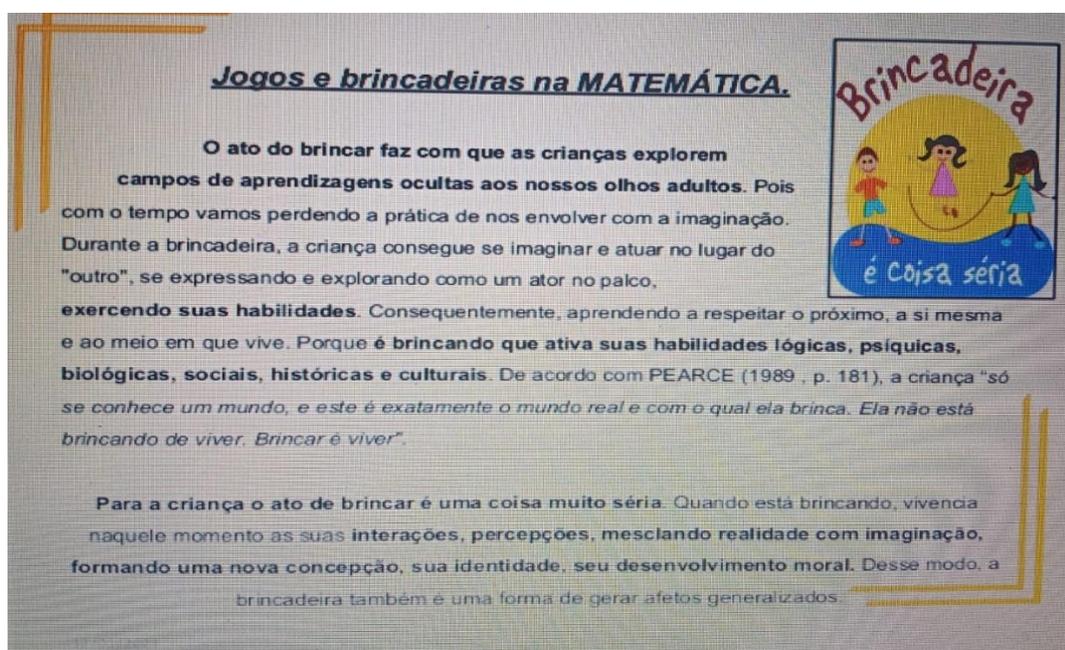
Fonte: ARQUIVO VIRTUAL- Google sala de aula-EMJCA. Foto de tela-2021.

A condição de vida humana foi severamente atacada e, enquanto escrevo essas palavras, o Brasil registrou 1.305 óbitos pela Covid-19 nas últimas 24 horas, de acordo com o Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass) e o número de novos casos foi de 32.572. Com a atualização, 2021 já ultrapassou o total de 2020 em número de óbitos, registrando, em 2021, 195.848 mortes em decorrência da doença. Em 2021, são 1.703 pessoas morrendo a cada dia, em média, pela doença, considerados os 115 dias desde 1º de janeiro até este domingo, 25 de abril. Quando recebemos as primeiras informações sobre o novo Coronavírus, ainda no final de 2019, não poderíamos imaginar que três meses depois o número de infectados no mundo

chegaria a mais de 190 mil pessoas, isso em todos os continentes – com exceção da Antártida. No Brasil, as primeiras ações ligadas à pandemia da Covid-19 começaram em fevereiro, com a repatriação dos brasileiros que viviam em Wuhan, cidade chinesa, epicentro da infecção. Em quinze dias, o Brasil confirmou a primeira contaminação de um paciente, homem de 61 anos que viajou à Itália quando a Europa já confirmava centenas de casos e encarava mortes relacionadas³⁰. Com tantos casos pelo mundo a fora e ao nosso redor, o pânico tomou conta de nossas vidas, nosso sistema emocional foi profundamente abalado.

"O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém nos extraviamos. A cobiça envenenou a alma dos homens", Milton Santos (2001)

Figura 76: Brincar é coisa séria.



Fonte: Arquivo virtual-Google sala de aula- EMJCA- Propositiva de matemática- 2021.

Fechamento das escolas

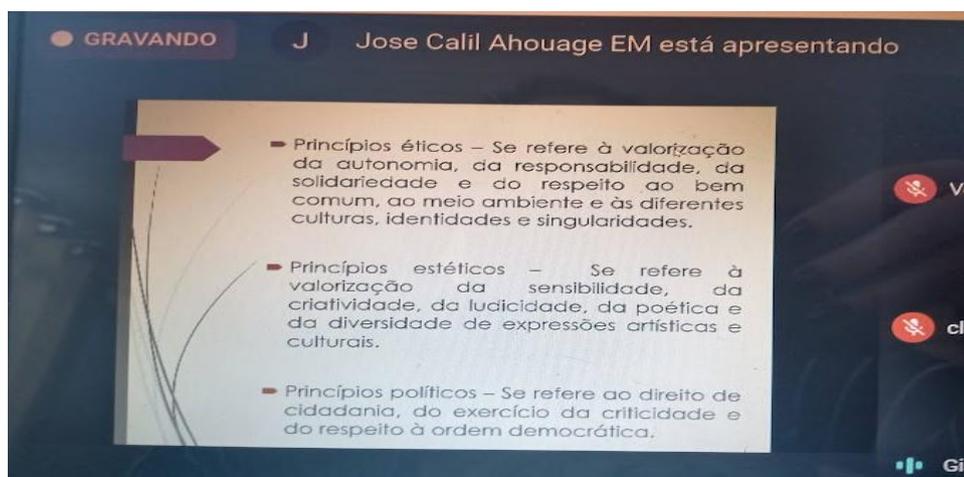
Em Juiz de Fora - MG, o poder municipal publicou o decreto N.º 13.893 de 16 de março de 2020 que dispôs sobre as medidas preventivas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do novo Coronavírus (COVID-19). Considerando o disposto na Lei nº 13.979, de seis de fevereiro de 2020, que: "Dispõe sobre as

³⁰Disponível em: <https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil>. Acesso em: 17 dez. 2020.

medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do Coronavírus responsável pelo surto de 2019”. E atribui, considerando a Declaração de Emergência em Saúde Pública de Importância Internacional pela Organização Mundial da Saúde, em trinta de janeiro de 2020.

Considerando ainda a Portaria nº 188/GM/MS, de quatro de fevereiro de 2020, que Declara Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN), em decorrência da Infecção Humana pelo novo Coronavírus (COVID-19); manifestando assim a Portaria nº 356/GM/MS, de onze de março de 2020, que operacionalizou o disposto na Lei nº 13.979, de seis de fevereiro de 2020, que estabeleceu as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública e considerou a necessidade de conter a propagação de infecção e transmissão local e preservar a Saúde Pública³¹. Dessa forma, os estabelecimentos fecharam e as escolas pararam de funcionar. Todos nós fomos para as nossas casas, já que a vida como conhecíamos estava em risco mortal e se modificava rapidamente.

Figura 77: Trabalho Remoto: Gravando.



Fonte: Arquivo Pessoal- Foto de tela do Arquivo Virtual-Google sala de aula- EMJCA-2021.

Quando viramos o ano de 2019 para 2020, não sabíamos o que nos esperava. De certo, pensávamos na velha canção: “Adeus ano velho, feliz ano novo, que tudo se realize no ano que vai nascer...”. As expectativas da virada de ciclo e do reinício de outro, de renovar nossas esperanças e de fazer planos para um novo ano foram paralisadas. Tudo parou como se estivéssemos suspensos no ar, ali, em órbita com o planeta, o pálido azul.

³¹Disponível em: https://www.pjf.mg.gov.br/e_atos/e_atos_vis.php?id=74964 Acesso em: 18 dez.2020.

A humanidade estava sob um ritmo acelerado demais. Estávamos avançando ritmicamente por sobre o mundo, por sobre a natureza e as pessoas. Imperialismos, expansionismo a diversos motores. Cada qual com sua força e alcance próprios. Empurram as máquinas e os homens segundo ritmos, combinações e modalidades diferentes. A mais-valia universal, segundo Santos (2001), se dá, a partir de agora, em escala mundial, por intermédio das empresas que competem entre si. Concorrência extremamente feroz, como jamais existiu. Internacionalização e mundialização do produto, do dinheiro, do crédito, da dívida, do consumo, da informação. Mundializações que sustentam e se impõem mutuamente.

Esse sistema de forças pode levar a pensar que o mundo se encaminha para algo como uma homogeneização, de padrões únicos, mas em nenhum país houve uma completa mundialização. A crise sanitária dejetou as barbaridades desse mundo globalizado. Impactou e alterou o funcionamento da vida. Deixando marcas na história que talvez possam fazer uma divisória de tempo.

Figura 78: Choque e luz. Centro calçadão da cidade de Juiz de Fora- MG

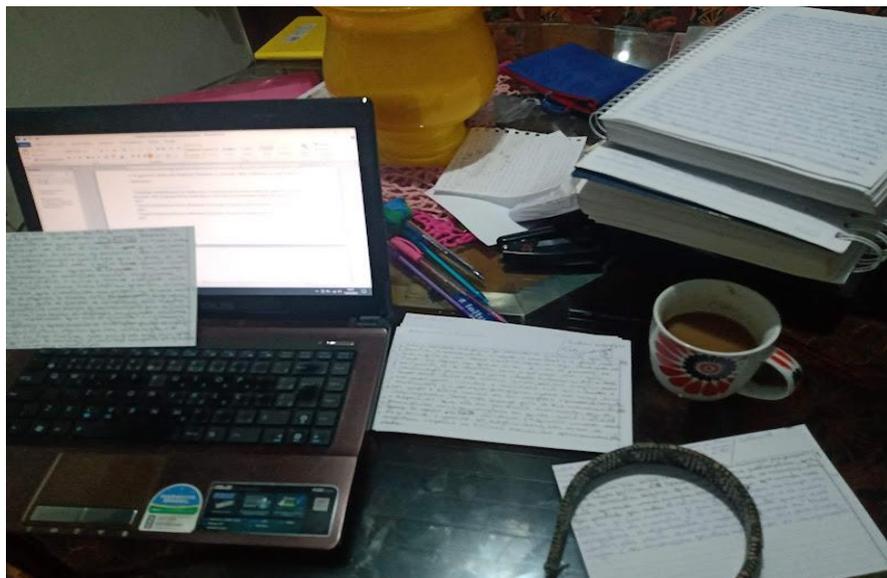


Fonte: <https://www.instagram.com/leocoelhoFoto/>

O contágio acelerado da Covid-19 mantém grande parte dos seres humanos em choque e descrença, com uma polifonia de vozes pelo mundo, que apontam, de várias formas, uma relação entre a pandemia do Coronavírus e a forma de vida ocidental que se estende cada vez mais para cidades e nações, a consumir tudo pela frente, já me contava *Educación y Pandemia* (2020). O que nos leva a entender a crise não como transitória, mas, sim, uma manifestação de como o sistema de vida ocidental em que vivemos está desmoronando como um todo. A liquidez se torna também presente nos cotidianos escolares, manifestada nas relações sociais e produção de frágeis, fugazes e maleáveis, como os líquidos, diz Bauman (1999). Tudo é tão efêmero que as pessoas já não conseguem mais esperar, pois os imediatismos das tecnologias digitais nos fazem compartilhar as informações sem pensarmos muito sobre elas. O retorno à normalidade, diz *Educación y Pandemia* (2020), está longe de garantir mudanças radicais, embora o futuro seja incerto, é ainda preciso pensar nos momentos anteriores à pandemia, de muitas manifestações contra as desigualdades sociais, corrupção e a falta de proteção social que, com o isolamento social, só tornaram maiores as crises, os saques, especialmente porque a pobreza aumentou.

A Covid-19 conseguiu parar o mundo de suas atividades, de sua rotatividade e de sua total velocidade, serve-se de um pouco mais de café Oliveira (2020) e continua... Quando paramos, parece que tudo ao nosso redor parou. Em referência ao livro de *Educación y Pandemia* (2020), ele nos diz que a vida natural voltou ao ritmo biológico, em comum com o cosmos e a natureza, de forma que conseguimos vislumbrar animais flagrados nas cidades, nas praias, enquanto nós, humanos, estávamos dentro de nossas casas. A confinamento humana se tornou, naquele momento inicial, um breve descanso para a natureza, da qual o ar parece mais limpo, o ruído menor. Essa situação nos mostra o poder de toda dominação humana por sobre as espécies e sobre a natureza. Será o prenúncio de uma crise de civilização? Mudanças na sociedade, cultura e no ecossistema.

Figura 79: Café



Fonte: Arquivo pessoal (2020).

Escutar a Terra, o sistema solar e universo, a origem da vida e sua evolução desde as pequenas células até as aves e mamíferos são histórias da interação e de mudança. São agentes da integração em diferentes níveis de complexidade e, também, de surgimento de novas propriedades em cada nível de agregação. O homo sapiens, como o conhecemos agora, com todas as suas características modernas, existe há 40.000 anos, mas, só nos últimos 300 anos, seu impacto sobre a natureza foi maior.

Essências me chamam. Então, deixo livros e fichas, café e canetas por sobre a mesa. Vou para o quintal. Mas continuo com todo o pensamento, olho para as flores e meus pés descalços na terra. Sinto o chão.

Sinto-me

De acordo com Malaguzzi apud Hoyuelos, (2020), toda a vida está dentro dos problemas da natureza, dos limites do ambiente e do cosmos. Embora estejamos entrelaçados com o ecossistema, tem-se sobressaído uma cultura de separação e superioridade do homem por sobre as coisas. Continua ele a nos dizer, entre os sons dos pássaros, que talvez estejamos em meio a uma segunda revolução científica e que a noção da Terra, como centro do Universo, não exista mais. É preciso refletir sobre a centralidade do homem na Terra, e talvez tenhamos que começar a pensar se o homem realmente se define como espécie animal que está no centro da Terra, entendendo aqui por “centro” uma centralidade definida por dominância, por distanciamento,

pelo uso de comando da natureza e do meio ambiente. Nestas confabulações soltar voos com os pássaros nas árvores pois é possível sentir que a vida está nos enviando uma mensagem significativa a fim de nos fazer perceber a preciosidade e a raridade. Penso que a desaceleração seja necessária para o bem-estar de todo o ecossistema. Correr para quê? É preciso ter tempo para quem realmente importa e para o que importa. Perceber o valor da vida e das relações humanas estabelecidas ao longo da existência. Sentidos de vida perdidos com o advento da modernidade neoliberal. Nas palavras de Malaguzzi (Hoyuelos, 2020):

Estamos e precisamos estar convencidos de que dentro de um ecossistema, nossa viagem terrena é uma viagem que ocorre junto ao meio ambiente, a natureza, o cosmos, que o nosso organismo, a nossa moralidade, a nossa cultura, o nosso conhecimento, os nossos sentimentos se conectam com o meio ambiente, com o universo, com o mundo, com o cosmos [...]. O que significa que talvez estejamos tentando nos convencer de que as conexões, as interligações, se assim você quiser, que estão no mundo são mais fortes do que pensávamos [...]”. (MALAGUZZI apud HOYUELOS, p. 39 2020)

Figura 80: Interligados.



Fonte: <https://www.instagram.com/gabriela.machado.ferreira/?hl=pt-br>

Retornando aos primeiros movimentos humanos por sobre a Terra, de pés descalços em contato com a terra, erguendo as mãos para o céu, no sentir do vento pelo meu corpo, no ouvir o canto dos pássaros e na gratidão ao divino pelo que nos cerca, movimento esse do homem primitivo, diz Volochinov (2013), que, antes mesmo de constituir linguagem, já adorava e imitava os animais, as coisas ao seu redor e, neles, constituindo força com o todo. Objetos

mágicos e de culto se confundiam ao trabalho em uma totalidade na difusa consciência humana. Como alternância dia/noite esta interna em nós ao mesmo tempo que pertencem aos ciclos vitais de mundo, nos fazem pensar em acoplamentos estruturais entre mente e natureza, traça Malaguzzi.

Não separados, sussurra o vento na voz de Hoyuelos (2020) ouço Malaguzzi: nem melhores que os animais, mas forças que se completam, que estão ligadas e que se precisam. Forças pelas quais o homem deve encontrar sua identidade e seu próprio sentido de vida em uma relação respeitosa e complementar com o mundo e com a natureza. E, nessa dimensão, ser acolhido como espécie. Não estranhos e nem centros do universo, como algumas concepções culturais e religiosas têm tratado de expressar durante séculos. Esse acoplamento estrutural tem por finalidade explicar a relação interdependente, recíproca, entre homem e o ambiente, e entre a mente e a natureza, acolhendo a ideia das estruturas que conectam os acontecimentos.

Giros dançantes interativos

Bateson (1987) nos convida a pensar de outra maneira as relações entre homem e natureza, a vida e o aprendizado sobre ela, favorecendo um olhar ligado às nossas vidas e ao universo em um pensamento transdisciplinar, capaz de unificar, ideologicamente, disciplinas científicas e sociais que, até esse momento, pareciam afastadas.

[...]. Hoje em dia a cultura deve ser colocada, acima de tudo, no caminho, fazendo-a recomeçar, por outra maneira de pensar. Um pensamento que seja então um pensamento planetário [...], apenas em uma conexão consciente com todo o planeta [...], precisamos pensar em uma cultura que reinterprete os processos e problemas de uma série de disciplinas que, até agora, pertenceram, de alguma forma, ao mundo acadêmico, ao mundo científico e que devem começar a se misturar com os grandes temas do conhecimento humanístico: um pensar ideológico, um pensar químico, um pensar tecnológico, um pensar econômico. O convite é, basicamente, para pegar um outro trem, em relação ao que pegamos até agora, e buscar uma unificação dos conteúdos, dos saberes, das disciplinas que, até agora, em particular, sempre foram de algum modo exilados da chamada ciência pedagógica ou da ciência da educação. (HOYUELOS, 2020, p.41).”

Inesperadamente, a pandemia, em 2020, trouxe uma enorme névoa cinza que encobriu todos os nossos sonhos e desestabilizou nosso chão. O planeta Terra parou. Corremos para dentro de nossas casas e, como o grande urso, que come bastante para hibernar, saímos para os mercados e compramos mais do que podíamos comer. As flores continuaram a florescer, as

baleias a fazer suas longas migrações, as estações do ano continuaram e a Terra continuou em seu movimento de rotação. Lembro-me do que li no livro *Educación y Pandemia* de Cardiel (2020), e, sim, o planeta segue indiferente ao que se passa conosco, já que são os seres humanos os únicos aterrorizados com a morte invisível e viral, os únicos que devem se proteger.

O novo vírus se espalhou rapidamente pelo planeta, com altos índices de mortalidade³², parando todo o fluxo da sociedade capitalista tão acostumada ao ritmo acelerado da máquina. Silenciamos-nos dentro de nossas casas e ficamos separados das pessoas que amamos. Impedidos, também, de irmos trabalhar, dançar, viajar.... Marcado por dificuldades diversas, medos e incertezas, 2020 se iniciou.

No silêncio confortante do lar, alguns puderam ficar seguros, outros não. A sensação inicial quando recebi a notícia do fechamento das escolas foi a de que eu estava vivendo em uma espécie de *The Walking Dead*³³, já que a Pandemia, em 2020, chegou às nossas vidas trazendo um tempo de grandes incertezas, que se misturava ao medo de que a vida que conhecíamos estivesse prestes a ruir. Nas primeiras semanas da chegada do vírus em Juiz de Fora, as pessoas lotavam os supermercados, demonstrando o quanto somos famintos e egoístas, uma sociedade devoradora de tudo, reflexo de nossa ganância estimulada pelo sistema que nos faz cada vez mais consumista, individualista.

O consumismo desenfreado, incentivado pela industrialização de massa, de bens de consumo são ideias apresentadas por René Char (2002). Segundo ele, aquilo que se gasta, que se consome, todo esse dispêndio influencia a vida humana e seus ritmos, como já foi dito no *Transver III*. Transformam a nossa sociedade (que já está viciada) com a preocupação do ato consumir.

Devora-se

Diz Char (2002), que o incentivo presente nas redes de comunicação é o de sempre “devorar” as coisas. Para ele, a boca é a mão do mundo e a nossa relação de comer é uma

³²O vírus que causa a COVID-19 é transmitido principalmente por meio de gotículas geradas quando uma pessoa infectada tosse, espirra ou exala. Essas gotículas são muito pesadas para permanecerem no ar e são rapidamente depositadas em pisos ou superfícies. Você pode ser infectado ao inalar o vírus se estiver próximo de alguém que tenha COVID-19 ou ao tocar em uma superfície contaminada e, em seguida, passar as mãos nos olhos, no nariz ou na boca. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>. Acesso em: 16 dez. 2020.

³³Série de ficção que após um apocalipse; zumbis infectam a população com um vírus que os transforma em mortos-vivos. E um grupo liderado pelo policial Rick Grimes tenta combater esse fenômeno. <https://globoplay.globo.com/the-walking-dead/t/C6gJ7NWvST/> Acesso em: 12 dez. 2020.

relação de destruir as coisas, de avançar pelo mundo, considerando que as relações de consumo ocupam, na nossa sociedade, uma posição estratégica na organização social. Com isto, o ser humano e o crescente espírito neoliberal presente na comercialização e no marketing dos produtos e bens de consumo têm tido um papel fundamental para aumentar nosso desejo, estimulando uma necessidade que anteriormente não existia, nos impelindo a comprar, a devorar.

Atualmente, devora-se o mundo, mas ficamos cada vez mais famintos. Minha ida ao supermercado no início da pandemia possibilitou uma reflexão sobre o que estamos a viver. Pensei nas relações de consumo, nas relações com o outro e com os invisíveis, e também refleti sobre a organização social da qual estamos inseridos. Desta esfera do trabalho do mundo agrícola modernizado que transforma subalternizados a uma disciplina militar em exército, completa Santos (2001). O totalitarismo não é limitado somente à esfera do trabalho. Escorre também para a esfera política e das relações interpessoais. Invade o próprio mundo da pesquisa e do ensino universitários. Sítio de ideias cada vez menos dissimulado. Cabe-nos indagar, diante dessas novas realidades, sobre a pertinência da presente utilização de concepções já ultrapassadas de democracia, opinião pública, cidadania, conceitos que necessitam urgente revisão. Temos como tarefa elaborar novo discurso, capaz de desmitificar a competitividade e o consumo. O dinheiro passa a ser uma “informação” indispensável. Habilitado a desmanchar o desalinho dos espíritos.

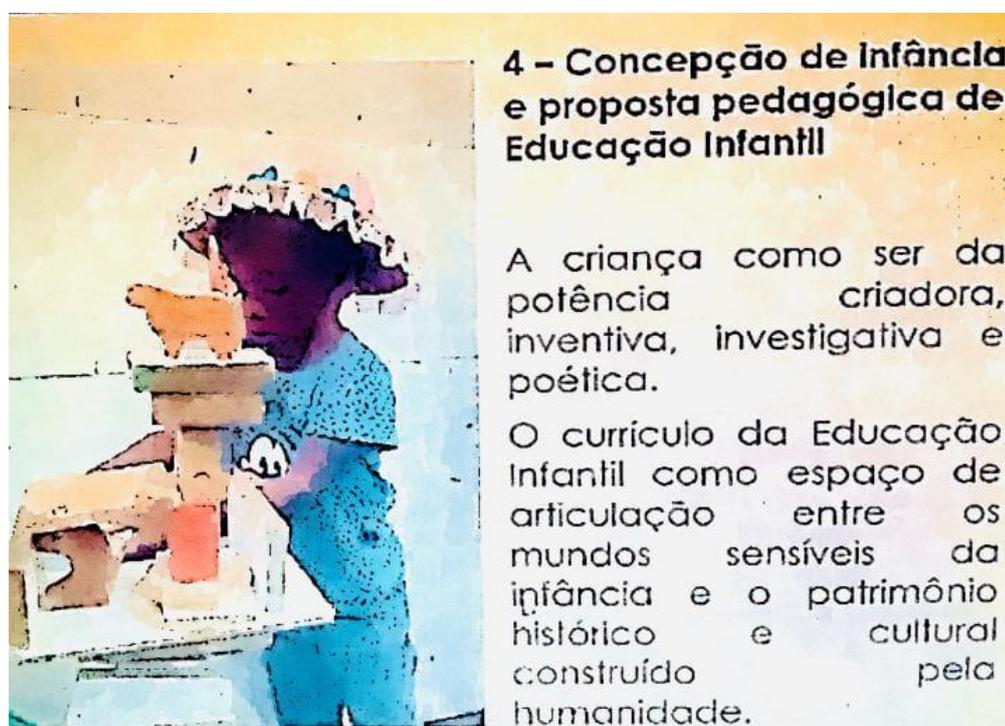
Nunca uma frase de um texto lido foi tão certa: “Devora-se o mundo, e o mundo em fome nos devora”, conta-me Char (2002)³⁴. Reflexos de uma sociedade capitalista, de um tempo acelerado que serve à produção em massa e cheia de desigualdades. Nisso, diz ele que, a alimentação é um processo natural e necessário ao ser humano, porém, estamos alimentando não somente nosso corpo e atendendo nossas necessidades, mas estamos mantendo todo o funcionamento do sistema capitalista.

Da mesma forma, meus pensamentos permearam as relações das crianças com o consumo. O consumir tem encontrado campo fértil que, segundo Freire & Ira (1986), se prolifera tanto dentro quanto fora da escola e do lar. Uma cultura do consumo se constrói,

³⁴Para saber mais sobre o consumismo desenfreado veja a ideias apresentadas por CHAR, René. Introduccion al modo de los mitos: La guerra entre los hombres Y las cosas, das páginas 22 a 58, das quais resumi o assunto. O texto discorre sobre a vida humana e uma sociedade preocupada em consumir mesmo que não se queira. A boca é a mão do mundo, a nossa relação de comer é uma relação de destruir as coisas, já que as relações de consumo ocupam a nossa sociedade uma posição estratégica na organização social.

segundo eles, subjetiva do sexo, da amizade, dos esportes, das drogas, da música e assim por diante. Quando os estudantes realmente querem alguma coisa, movem terra e céus para conseguirem. Pesquisam, verificam dados e vão atrás da informação, daquilo que se quer, e encontram o resultado, empenhando toda a sua sagacidade nesse objetivo. Esse interesse dos discentes em assuntos não oficiais me fez pensar, assim como os autores, no quanto a pedagogia oficial está motivando os alunos contra o trabalho intelectual, mantendo um currículo oficial que vai ao contrário do interesse das crianças e dos adolescentes, que aliena os novos. O fracasso escolar, me contam os autores, tem a ver com o fato de que existe um currículo imposto, que não é amado pelas crianças, jovens, nem mesmo pelos professores.

Figura 81: Currículo.



Fonte: Arquivo pessoal- Foto de tela do Arquivo virtual Google sala de aula- EMJCA-2021.

Segundo Hoyuelos (2020) para Malaguzzi fazer a Educação é fazer sentir com amor e paixão a própria profissão. O amor é esse, que nos dá a capacidade de inovar continuamente, sem cair na rotina que destrói o processo educativo. Permitir a vitalidade, as singularidades, as imaginações, as linguagens, a estética... E esses, que já eram um desafio da escola presencial, tornaram-se ainda mais desafiadores nesse tempo de Coronavírus e de Educação Remota.

As reflexões sobre a cultura do consumo me fizeram olhar para os supermercados lotados. Parecíamos formigas em meio ao formigueiro. Mesmo esperando alguns dias passarem, para que eu me sentisse em segurança, percebi que não houve, de imediato,

esvaziamento de pessoas em compras. Esperei um pouco mais para ir com mais segurança. Estava com medo do contato com os outros. As notícias eram de que os supermercados estavam ficando esvaziados e que as prateleiras, constantemente repostas, logo se tornavam vazias. Mesmo esperando os dias, fiquei horas na fila, confesso que foi muito estranho andar ali, já que a sensação era de contágio e perigo em tempo integral. Se o medo tem som, esse era o som que se fazia sentir a cada caminhar. A energia vibracional era de pavor. Estávamos assim, todos envolvidos em um tipo de “ecolocalização” do medo. E cada um de nós estava a emitir ondas com altíssima frequência vibratória de pavor. O medo do outro, do contágio, era audível em meio a todo o silêncio.

Invisíveis

No mercado, havia certo cuidado com toda essa universalidade, porém, percebi que os profissionais que trabalhavam nos caixas estavam expostos a tudo e, como eles, muitos outros trabalhadores seguiriam nesse momento, deixados, entregues à sorte, enquanto outros poderiam se proteger em suas casas. Diferenças essas tão brutais do capitalismo, que tornam as pessoas invisíveis, passantes em meio à multidão. Cenários das desigualdades sociais que também estavam expressas nos carrinhos de compra do supermercado. O vírus mortal estava e está sendo mais mortal no Brasil, pelas grandes desigualdades existentes entre nós, pela falta de instrução da população, pela falta de um governo consciente a favor da vida, e não a favor da lógica capital.

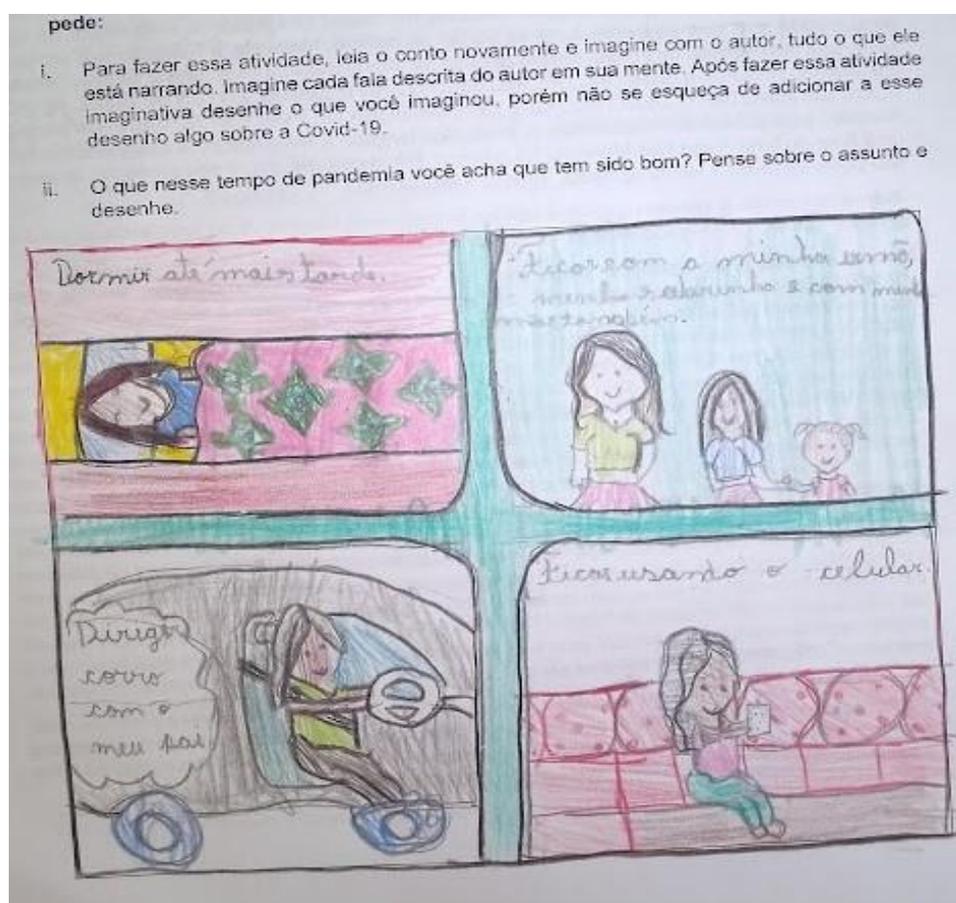
O vírus da Covid-19 tem sido cruel em todas as suas potencialidades no planeta inteiro, mas, aqui no Brasil, a impressão de que se tem é que tudo anda bem pior, já que estamos inseridos em um quadro político, econômico e social com outros problemas. A começar pela governabilidade brasileira, que incentiva o descrédito das ciências e nega a mortalidade do vírus. Cenários de escândalos políticos e as *fakenews*³⁵. Uso da tecnologia a favor da desinformação e da confusão dos espíritos, como dito por Santos (2001) anteriormente. Nessa cortina de fumaça da polarização e desinformação, enquanto o vírus ceifa as vidas dos mais pobres.

Diante da maior crise sanitária mundial, o governo brasileiro tem ido contra todas as medidas protocolares que muitos países seguiram e declara ao povo que estamos lidando com

³⁵Disponível em: <https://istoe.com.br/o-negacionismo-que-mata/> Acesso em 18 dez. 2020.

uma gripezinha, não precisando de maiores cuidados, como vacinação, proteção ou sequer isolamento, consta na BBC³⁶. As desinformações continuam. Boatos e manipulação de dados. Controle de informação. Os números de mortos não aparecem. Alteração de dados e notícias. Batemos recordes de mortalidade³⁷. Circunstâncias de assombramento, que atordoam as aulas inseridas em contexto remoto. Nessa pesquisa, o narrar se encontra em uma única escola, o que não representa a total gravidade da situação que estamos vivendo. Garimpar belezas em meio à dor provocada pela Covid-19, permite a sobrevivência e não o adoecer diante de tanta perversidade. Foi assim que o trabalho na escola me fez resistir.

Figura 82: Estar em família.



Fonte: Arquivo Pessoal- Apostilas de atividades- EMJCA. 2021.

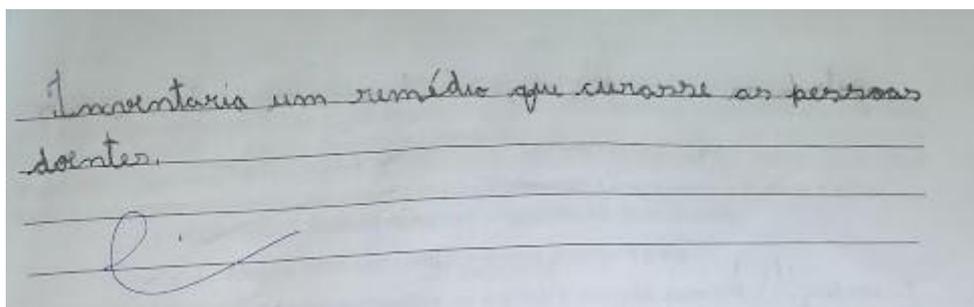
A mudança do mundo implica na dialetização entre propagar a situação desumanizante e o anunciar de sua superação. Revelar a todos que não se trata da vontade divina a miséria, a fome e as desigualdades. Anunciar que a mudança é possível e que a miséria é violência

³⁶Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536> Acesso em 18 nov.2021.

³⁷Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/brasil/ministerio-da-saude-deixa-de-informar-total-de-mortes-e-casos-de-covid-19-0620> Acesso em 18 dez. 2020.

exercida pelos mais poderosos, e não representa a preguiça popular. Nem sequer é fruto da mestiçagem no Brasil e, muito menos, punição de Deus. Esclarecer que nada pode justificar a minimização dos seres humanos. Nem avanços tecnológicos, científicos ou divinos podem legitimar esta “ordem” desordeira em que só alguns detêm o poder, só alguns esbanjam e gozam do bom da vida, enquanto a maioria da população morre e sobrevive com dificuldades. Denunciar o discurso fatalista e a ideologia de que a vida seja assim mesmo, e que não há como mudá-la. Os neoliberais têm sempre essas reações fatalistas e habituais em favor dos mais poderosos. Usam com frequência frases “é triste, mas fazer o quê? A realidade é mesmo essa”. A sensibilidade não os toca. A verdade difícil do outro não lhes causa empatia e nem os abala. Não cedem as súplicas. A severidade, a rudeza, o obscurantismo, estão servindo de apoio ao capital e, nesse diálogo, Santos (2001) havia contado sobre a fome e a miséria em que se encontram milhões de brasileiros. Agravada pelos maus governantes e, agora, pela crise pandêmica do Coronavírus.

Figura 83: Desejos de uma criança.



Fonte: Arquivo Pessoal- Apostilas de atividades- EMJCA. 2021.

O discurso sobre o infortúnio cria uma imagem de que nos resta apenas esperar uma mudança repentina advinda de um milagre - o que é um erro. Esse tipo de declaração, diz Freire (1996), não ajuda a pensar e nem a refletir sobre o que nos passa. Negar aprisiona a população na explicação neoliberal da catástrofe, mantém o véu obscuro do cárcere que Santos (2011) precedeu na abertura deste capítulo. Garantias de manter o povo oprimido e esfarrapado no mesmo lugar pelo discurso que mata a esperança de luta por uma vida melhor, por uma condição social diferente. A humanidade é a riqueza mais bela de nossa existência, e sentimentos como o amor e a empatia estão se perdendo na confusão provocada pelo neoliberalismo. Que move o humano a passar precipitado pela vida.

O Brasil para além da Covid-19 está imerso em uma governabilidade miliciana que desgoverna, opondo-se à vida, em favor do mercado. Nesse diálogo, compõe a mesa Krenak (2020). Ele diz que os humanos inventaram as atividades e estas dependem de nós. Portanto,

se a humanidade está em risco, qualquer atividade exercida deixa de ter importância. Dizer que a economia é mais importante é dizer que o navio importa mais que a tripulação. Os tempos são esses, que falar em árvores é quase um crime. A exibição fatalista sobre a vida encontra eco na negação da destruição da fauna e da flora brasileira. O Pantanal e a Amazônia brasileira estão em chamas. Silenciamento da barbárie³⁸. Neste ponto, é valioso dizer que Malaguzzi apud Hoyuelos, (2020) considera a relação humana como o ato de existir e aprender entrelaçada com o meio natural. Contextualizar nosso cenário e com a vida que se apresenta em tempos de pandemia, nos ajudam a pensar como tem se dado o processo educativo remoto. Os professores, diante da “vida x morte”, atuaram juntamente com suas crianças, então, nesse movimento, e essas ideias se tornaram essenciais. Hoyuelos (2020) aponta que existem alianças entre a humanidade e a natureza, da mesma forma como existem alianças entre homem e a criança, da qual a cultura do homem só se mantém quando se potencializa à cultura da infância.

Nota-se que ainda estou na fila do supermercado, parada ali por horas, o que me rendeu diversas reflexões e aspirações das quais escrevo esse texto. Estávamos ali no supermercado, todos nós, em um clima de medo e de muita insegurança, o que eu mais queria era sair do local e me trancar em casa. Nunca me senti tão sozinha e desamparada. O que conhecíamos de mundo estava ruindo, o que seria feito de nós? Quando eu voltaria para as minhas crianças e será que elas estavam bem e protegidas? O que seria feito das pessoas menos favorecidas? Mal sabia eu que esse meu lapso temporal marcaria tanto a minha história de vida e que, em outro momento, ao longo do ano, iniciando minhas atividades remotas acadêmicas das aulas do mestrado, eu seria levada a assistir o documentário de Vik Muniz³⁹, chamado “O lixo extraordinário”, que me transportaria de volta ao meu momento de horas ali na fila do mercado. Parecia que eu havia retornado para aquele lugar guardado em minha memória tão vivamente. Vivendo novamente aquela situação apocalíptica que me permitiu pensar em diversas situações sobre mim e sobre o outro, sobre a vida e o que poderia estar por vir.

Obscurantismo

Lembro-me, perfeitamente, de olhar para uma balconista de caixa que havia acabado de passar suas mãos por sobre seu rosto, truanice simples de quem está cansada, mas um gesto

³⁸Disponível em: <https://istoe.com.br/o-negacionismo-que-mata/>. Acesso em: 18 dez. 2020.

³⁹Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=61eudaWpWb8&ab_channel=O1%C3%ADvioBrittoJr. Acesso em: 18 dez. 2021.

perigoso, que favorece o contágio por Covid-19. E foi observando os trejeitos das pessoas, olhando para os trabalhadores de caixas de mercado, que pensei na conectividade humana e nos paradigmas da relação com o outro, de tanta gente tida como invisíveis ao nosso redor. Das crianças pobres invisibilizadas pelo sistema capitalista, denuncia Freinet (1973). De tantas infâncias silenciadas pela dureza do viver, da vida cadenciada pelo aceleração do tempo (LAZARO, 2014). O sistema reduz as pessoas ao menos desejável, como se o humano fosse estragado, diminuído e substituível. O que faz com que, em meio a uma crise humanitária, o valor das coisas, dos produtos de bem consumível, disparem de preço.

No contraste, a constatação de movimentos miúdos que, em situação de esfacelamento, o ser humano produz solidariedade e, assim, intervém no mundo. É possível encontrar, diz Schlesener (2011), em meio a uma sociedade neoliberal, ações altruístas. Esse respiro esperançoso por sobre as possibilidades. Dentre elas: que esse tempo os afete em prol de tendências mais sensíveis e que alcance o outro. Que não mais se arranque árvores para cederem lugar a cimentos. Que o rumo seja mais amoroso e que ceda lugar de apreciação de vida em sua totalidade.

Figura 84: Apreciar.



Fonte: Arquivo Pessoal- Meu jardim- 2020.

No afastamento com o mundo natural mediado, relacionamo-nos no âmbito mediado pela tecnologia. Nunca nos afastamos tanto da natureza e, também, de maneira alguma havíamos nos sentimos tão sós, soa a voz de Flusser (2007), dizendo que as coisas passaram a

dominar o homem. Elas influenciaram diretamente na maneira de nos relacionarmos com tudo. Da mesma forma, a escrita um dia alterou o curso das coisas para a humanidade. Não nos perder neste distanciamento e estabelecer contatos sensíveis mediados pelas máquinas é um desafio no encontro online entre professores, gestores, crianças e famílias. Educação, máquina e sensibilidades. Entre estes apontamentos, é preciso olhar para o que o mundo virtual nos oferece e nos revela netas translações de coordenadas e espaços temporais. Estamos à procura por novos pontos de vista em potencial. As fronteiras geográficas mediadas pela tecnologia não existem mais. E, cada vez mais, se diz da mescla complementar entre biologia e tecnologia, natureza e cultura, corpo e máquina, desta cultura chamada ciborgue, que faz as fronteiras desaparecerem.

Cresce a necessidade de pesquisarmos a diversidade, de estranharmos o familiar e de compreendermos o outro, em seus próprios termos, mudando completamente a reflexão sobre a Educação e os estudos da infância em particular. Aproveitar das inovações tecnológicas para influenciar o caminho pedagógico, a fim de tornar o processo educativo mais eficiente e mais significativo para o ser. Essa inovação se faz urgente agora e permite o sair das fronteiras sem sair do lugar, e poder contemplar o belo, o ético e a boniteza. Ver a condução de uma Educação transformadora. Sentir. Assim são os fragmentos da escola remota que chegam a mim. Vejo pelos grupos de telefone formados pela escola, o que as crianças estão produzindo em suas casas. Nesse movimento de escola remota, consigo encontrar práticas pedagógicas que incentivam a autonomia e que dão vozes à infância.

Encanto-me

Talvez sejamos habitantes de muitos mundos.

Transver V: Entre retalhos e silenciamento

Sou feita de retalhos. Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma. Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou.

Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior. Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade... Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.

E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também. E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados. Haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma [...]. Cris Pizziment

No encontro com Pizziment e Bakhtin (2010), está a certeza de que meus pensamentos compõem a singularidade de uma vida que se faz em sua totalidade. Neste agir ininterrupto ser considerada em toda a sua totalidade. Nesta composição, a complexidade do meu existir me conduz a vivências que experimento. Momentos de meu viver-agir que fazem ser essencial falar dos retalhos, desses pensamentos que me fundam.

Na intenção que me anuncio investigadora narrativa, talvez eu possa externar o pensamento que, por muitas vezes, me fora calado. O protagonismo infantil não era algo permitido na escola da década de 1980. Em 1986, entrei para a antiga primeira série, eu tinha sete anos. Os silêncios eram frequentes: deitar na carteira, abaixar a cabeça, uniforme sempre impecável.... Acostumada a calar, não aprendi a dizer. Atenta notória ao ambiente, às pessoas, e seus jeitos. Sinto e absorvo. Uns chamam de intuição, eu chamo de “ver o outro”, sentir e permitir as presenças.

Digitais

Inscrições que nos perpassam e que também atravessam o outro, diz Freire (1996). Das memórias que as crianças terão de seus professores, estas serão perturbadoras ou de encantamentos? Os atos passados em nós e pensados por nós permeiam toda a nossa vida cognitiva. Imprimem memórias, sendo preciso ter consciência ética no educar. Responsabilidade condutora para o riso e a arte, pois estes são inseparáveis da vida, completa Kohan (2013).

Ademais, nesse sentido, a postura do professor deverá ser a de respeito para com as crianças, não omitindo nossa conduta de vida social. Não se achar neutro, pois a neutralidade não é possível, continua Freire (1996). Dizer-se isento é desrespeitar o educando. O docente instigado por desafios deve assumir suas limitações e não as esconder das crianças. No exercício do magistério, as digitais impressas pelo professor não se apagam das vidas que tocam. Portanto, é conivente aprender uns com os outros e propício à prática da escuta sensível, aberta ao diálogo sem medo de dizer. Sem receio do desconhecido. Apto a abraçar convicções e disponível à liberdade. Saber-se inacabado, saber-se estar na história e presente no mundo.

Transeuntes também falam e não são tão passageiros assim. Podem nos pertencer por toda uma vida. Certa vez, estava com meu pai passeando em uma das ruas do centro da cidade de Juiz de Fora - Minas Gerais - Rua Halfeld, que, por ser fechada para carros, tem a toponímia cotidiana de Calçadão. Um andante, sujeitos esses que transgridam o espaço formal, me

entregou um papel que guardei por longa data. Continha os dizeres de que: as pessoas que passam em nossa vida, não atravessam sozinha o caminho, apesar de serem únicas e nada as substitui. Não se caminha só. Deixa também de si e leva de mim. Esse foi o primeiro aprendizado significativo que tive aos 14 anos.

Marcas que nos desenham ou nos afastam. A postura de uma educadora de minha infância me fez assumir outra presença em sala de aula. Lembrar meus tempos de menina ajudou a pensar sobre ética e em algumas concepções da infância. Confesso que, ao dialogar com os escritores, eles me auxiliaram a rever meu passado escolar. Perdoar constrangimentos e descobrir o quanto o medo das posturas autoritárias ainda reverbera em mim. Nisso o maior obstáculo para ir adiante, sou eu mesma. Nesse infortúnio da escrita, entre linhas de solidão encontro a força e nela se abrem espaços para as redenções diz Clarice Lispector.

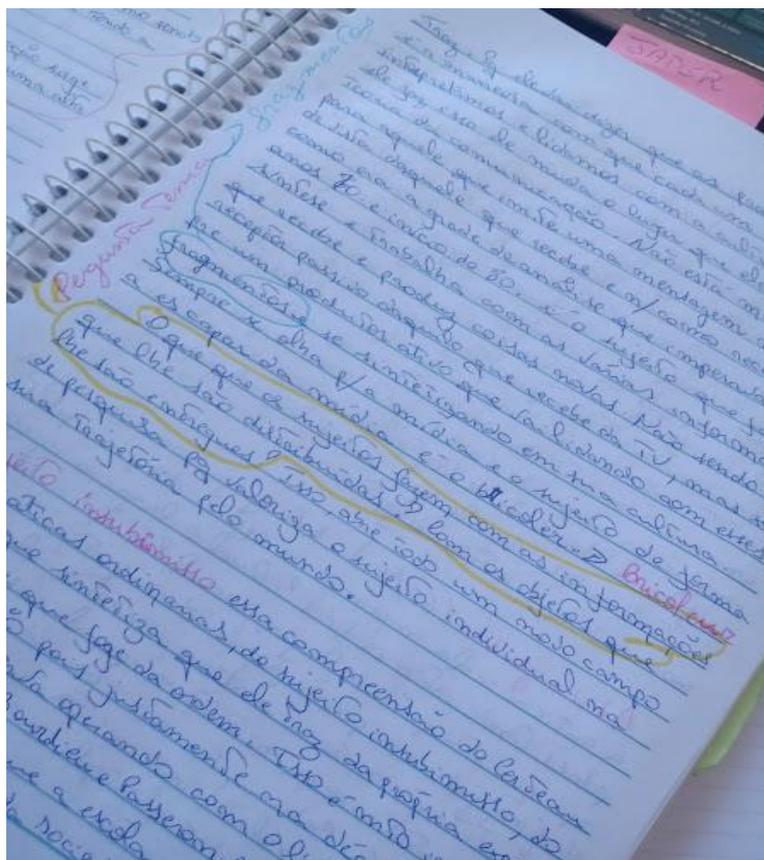
Voltemos à minha infância. O medo de estarmos errados era muito forte. Lembro-me da postura séria da professora e de todo autoritarismo da escola. Cantar o Hino Nacional; hastear a bandeira; botas sete léguas nos pés; saia azul marinho de pregas (o que me tornava uma “balofa”); blusa impecavelmente branca; cabelos sempre trançados. Tinha medo de errar e de que me chamassem ao quadro. Preferia não ser vista. Ficar quietinha. Timidez e silenciamento. Errar castigava. Escritas automáticas e tabuada. Aprendi a escrever para guardar o que tinha que ser guardado, não esquecer e organizar o pensamento.

Portanto, escrevi.... Não era boa em matemática. Flertava com os livros, a literatura. Gostava de descobrir palavras novas no dicionário. Embatucar deixou marcas que trancam e sugestionam o medo.

Íntimas memórias

Na década em questão, era ainda bem menina e, desse tempo, memórias me fazem cativa do silêncio. Entendi com Freire & Shor (1986) que os professores e os estudantes são socializados, ano após ano, por uma forma mecânica de educação, cujo rigor profissional emudece e aliena. Este tipo de ensinamento interrompe experiências emocionais a serem desenvolvidas.

Figura 85: Anotações.



Fonte: Arquivo Pessoal- Caderno-2020.

Gostava de aprender. Era melhor entender do que decorar. Gostava de livros e a sala de leitura era um universo encantado para meus olhos. Estudar era bom, só não era bom o que eu aprendia em sala de aula. Ou era a forma que aprendia que eu não gostava? Já não sei. Passei, então, a compreender o que me acontecia e a saber que eu não era a única que me sentia dessa forma. As matérias eram enfadonhas e não faziam sentido para mim, afinal, não me faziam sentir. Tinha grande interesse em descobrir o mundo. De acordo com Freinet (1973) a postura das crianças muda quando estas estão em sala de aula. Não conseguia estabelecer relações com a vida fora da escola. Não demonstrava interesse ou curiosidade nos conteúdos ensinados. A vida se revelava nos gestos. Falas, desenhos, sentimentos, gritos, comportamentos e ideias das crianças durante as atividades de uma aula. Isto importava descobrir. A manifestação livre revela traços das personalidades infantis em desenvolvimento. Expõe e orienta como deve ser o processo de desenvolvimento do trabalho pedagógico na escola. Nestas multiplicidades reveladas, o professor tem possibilidades da descoberta. Fazer desabrochar, explicar e explorar.

Ao delinear meus momentos de menina em sala de aula, começo a vagar pelas digitais que carrego. As matérias estudadas na minha época não tinham vida. Eram mortas. A reminiscência que levo é para a sala de aula. Janelas e grades em formato quadriculado bem

pequeno. A vista era de uma área florestal. As carteiras de madeira e o quadro negro. Uma menina, eu, sentada na fileira das janelas, usando uniforme e tranças no cabelo. Cabelo grande. Usando bota para correção até o tornozelo, com ferros passando por ela. Os cadernos eram folhas recicladas encapadas por um plástico vermelho, carregados por um bernal feito por minha mãe. Tímida. Não gostava de sair de casa e nem de ir para a escola. Não gostava do que estudava. Mas me encontrava nas salas de leitura, que, naquele tempo, eram chamadas de bibliotecas. Gostava dos livros que tinha em casa, de assuntos sobre a Terra e os antepassados dos humanos. Tinha livros apresentando relevos, vulcões e dinossauros. Conseguia relacioná-las com o meu tempo ali. Quando a professora iniciou o estudo sobre a história do bairro, eu fiquei bem feliz. Estava ali algo que eu entenderia e que faria sentido para mim. No entanto, os estudos sobre o local não passaram de meras informações sem sentido.

Não a culpo, entendo com Freire & Shor (1986) que, tradicionalmente, as escolas seguem práticas canônicas enraizadas na instituição. Despotencializam a lógica infantil e não trabalham a potência formadora e constituidora do aprendizado entre os pares. Preferem conteúdos e o controle. Gostam de aplicar testes e lotar os quadros de informações, antes de dedicar seu tempo para conhecer as crianças e suas histórias. Fazem um aprendizado esquizofrênico. Separam a leitura da vida. Bifurcam a sapiência da experiência de forma desumanizadora.

Freire, (2011) aponta que os professores se tornaram bancos de informações dos quais o conteúdo é transformado em reservatórios de conceitos, testes e avaliações para obtenção de certificados. Quanto mais folhas escritas, mais aprendizados a serem decorados. Era o que me parecia. Então, colecionávamos folhas. Era comum colocarmos o caderno em dia. Os Estudos Sociais da época traziam o assunto “história do bairro”. Achei que eu aprenderia sobre a história do meu bairro, de quem morava ali antes de mim, se tinham indígenas por lá e do que acontecia antes de minha família chegar. Mas a professora não escreveu nem uma folha inteira sobre meu bairro. A frustração marcou minha memória e, de certa forma, me influenciou diretamente enquanto profissional.

Figura 86: Folha.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/ChuPIRHu7HX/>

Na montanha lá fora, havia vida enquanto em sala o mundo era cinza. Nada chamava minha atenção. O que a professora passava no quadro sobre o bairro não era contagiante. Fora da escola, havia vida, colorido e movimento. Minha família era um banco de histórias. Sentava ao redor do pé de mexerica e, ali, eu aprendia sobre meus ancestrais. Estava inserida nas histórias do bairro que meus avós e tios contavam. Essas histórias não apareciam na escola. O bairro visto apenas como antiga colônia alemã não contava a minha história, apesar de eu ser descendente dessa imigração. Ao redor do pé de mexerica, eu era mais feliz. Na escola, tudo parecia ser estático. Em casa, um universo inteiro a se descobrir.

A memória da criança desapontada querendo falar sobre o que lhe passava, o que sabia. Daquilo que era importante para mim: a vida ali presente no bairro, minha família e seus contos com carroça, moinhos e bailes, as festas ao som das sanfonas! O pulsar das emoções humanas, o estético, a arte... Penso que as crianças nadam contra as marés, nesse oceano de absurdos que os adultos as colocam. Estão elas nesse estado de “entre” programas curriculares que fraturam suas emoções e sentidos em relação à vida real. Embriagadas de mudez, medo e ordens, de instituições que ainda silenciam os saberes e sabores da infância. Ao escrever esse parágrafo, me vem à mente certo menino me dizendo que, na escola, ele fica lembrando do vento e da sensação de liberdade que vive juntamente com seu cavalo. E conclui: “Andar de cavalo é melhor do que ir para a escola”, Kauã, de 10 anos.

O silêncio vai muito além de um simples calar o outro. Quando o outro não tem escuta, precisa se fazer mudo. Creio eu ser esta uma relação de desvario de sentidos. Sem saber, essa

professora transformaria meu futuro enquanto docente. Ser silenciada me colocou no lugar de escuta. Ouço os outros e as múltiplas vozes que dizem e, ao mesmo tempo, reparo os gestos e o calar do outro ao ser calado. A serenidade me permitiu escutar as crianças e a querer ouvir delas o que elas estavam pensando, aquilo que traziam e era importante para elas.

Definitivamente, não reproduzir o silenciamento

Sei o alto preço disso em minha formação humana. O silêncio não vinha só, junto dele o medo de errar, de falar, de expor. A insegurança no dizer vem desses momentos iniciais de minha trajetória. O medo das coisas e certo acovardamento diante do autoritarismo que eu via em sala de aula.

Medo

O medo foi um dos meus primeiros mestres. Antes de ganhar confiança em celestiais criaturas, aprendi a temer monstros, fantasmas e demônios. Os anjos, quando chegaram, já era para me guardarem, os anjos atuavam como uma espécie de agentes de segurança privada das almas. Nem sempre os que me protegiam sabiam da diferença entre sentimento e realidade. Isso acontecia, por exemplo, quando me ensinavam a recear os desconhecidos. Na realidade, a maior parte da violência contra as crianças sempre foi praticada não por estranhos, mas por parentes e conhecidos. Os fantasmas que serviam na minha infância reproduziam esse velho engano de que estamos mais seguros em ambientes que reconhecemos.

Os meus anjos da guarda tinham a ingenuidade de acreditar que eu estaria mais protegido apenas por não me aventurar para além da fronteira da minha língua, da minha cultura, do meu território. O medo foi, afinal, o mestre que mais me fez desaprender. Quando deixei a minha casa natal, uma invisível mão roubava-me a coragem de viver e a audácia de ser eu mesmo. No horizonte vislumbravam-se mais muros do que estradas. Nessa altura, algo me sugeria o seguinte: que há neste mundo mais medo de coisas más do que coisas más propriamente ditas. (Couto, 2013 p. 29.)

Alguns medos, segundo Jean Delumeau (2004), são viscerais e tão naturais. Já outros, culturais. O medo do outro e do desconhecido estão na origem do racismo. O medo de aprender e o medo do professor era algo que nunca deveria existir na escola. A Educação deveria permitir que nos aventurássemos nas asas de nossa imaginação, não nos inibir. Penso no quanto as questões de ética são esquecidas, já que está provada a barbárie dos outros. A separação evocada pelo medo. Não há no mundo hoje em dia, um muro que separe mais do que o próprio medo.

O medo é um sentimento que vem sendo gerado nas pessoas. O sistema capitalista incentiva as agruras relacionais. Somente o capital importa. Seria bom se, no lugar das barreiras, pudéssemos criar possibilidades de diálogos sinceros e estes seriam pontes. Muitas pessoas seriam menos solitárias e o medo já não mais existiria. Ou, pelo menos, não ganharia tanto protagonismo. As pessoas andam cada vez mais solitárias, porque constroem muros, e não pontes, sopra Exupéry (2009).

A trajetória do medo silencia os pequenos. Em uma pedagogia de transferência de conhecimento, como mostram Freire & Shor (1986), muitos professores acreditam que as crianças estão vazias e que é preciso preenchê-las, como se nelas já não houvesse nenhum conhecimento. Quando silenciemos os pequenos, mostramos mais os monstros, as sombras e os ensinamos a temer o ambiente e a andar com insegurança com suas percepções de mundo. Ensinamos a temer antes mesmo dos prazeres. Emudecemos as crianças como fazemos constantemente com o outro. Matamos o diálogo e a experiência. Enterramos o sentido. Atitudes as quais penso que elas, as crianças, resistem, criando formas de subverter a ordem. Os docentes só atingem as crianças se elas permitirem, se forem criadas condições de conhecimento e de encantamento. Relações de discurso permitem aberturas e diálogos sensíveis. Relações de confiança, permeadas por intencionalidades suaves. Nessa interação, a liberdade de poder dizer e de errar, sem serem penalizados por isso. Sem o medo, os fios do prazer vão se movimentando e nos ligando. Nisso, experimentamos hipóteses e criamos outros caminhos.

Aprender é como bálamo

Figura 87: Inspirações.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/ChuPIRHu7HX/> Festa da lanterna-EMJCA-2022.

No entanto, as instituições que se ocuparam da infância e de seu caráter educativo tiveram uma trajetória de abatimentos – de acabrunhamento. Orientados por concepções de infância com origem em tradições de pensamento advindas da antiguidade presente até os dias atuais regem o modo como concebemos as infâncias. De acordo com Azevedo & Lima (2013), entendia-se a infância como tempo de selvageria e egoísmo. Pequenos monstros. Atrevidos e arditos, deveriam ser conduzidos pelo bom pastor ao caminho de uma existência íntegra e adestrada. Aprender a seguir normas e regras fundadas nos preceitos da razão, ética e política. A infância entendida e destituída de razão. A etimologia da palavra “infância” é proveniente do latim *in-fans*. Significando aquele que não fala e sem logos (razão). E, sem pensamento próprio, não pode ser considerada. Era, portanto, animalesca, cheia de dimensão ruim, incompleta. Habitante do território da perdição, da confusão, do erro. Teoria fundada nas concepções de Platão, essas ideias perpassam pela pedagogia Cristã, inspirada em Santo Agostinho. Nela, alcança o racionalismo cartesiano.

Pecado original

Conta-nos Pelizzoni (2017) que Santo Agostinho seguiu pelo mesmo caminho, deferindo a infância como pecado concebido. Reafirmando a condição e a necessidade de domesticação e de correção de suas tendências selvagens, irrefletidas e egoístas que ameaçam a paz e a racionalidade, pois se dão, facilmente, ao sacrifício das paixões imediatas e destrutivas. Sendo territórios do erro, do preconceito, da crença. E sujeitas a todos esses vícios de pensamento. Inclusive, em Descartes, admite-se ser a infância caracterizada pela exacerbação do aprisionamento da alma no corpo, o que condena o homem ao erro. Uma vez que o conhecimento da verdade só é possível mediante o pensamento puro. Livre das sensações corpóreas. Reafirmação de que a infância é o não-pensar racionalmente. Sendo comum o reverberar destes conceitos na atualidade. Quando continuamos a vê-las erradamente, embasados por conceitos de incompletudes. Olhando-as pelo que lhes falta e pelo que ainda não são. Folhas em branco, prontas a serem preenchidas.

Rousseau (1995) afirma, na Modernidade Europeia, que a criança não era nem animal, nem homem, mas, sim, criança em período específico por onde o homem começa e possa se educar. Sendo tempo necessário a formação do homem, não podendo ser encarada com indiferença. Nisso, a infância é a expressão primeira e de maior da retidão natural humana.

Constitui-se em território livre e bom. É desprotegida dos artifícios da cultura, esta que corrompe sua natureza bondosa e sincera. Esse redimensionamento da educação escolar de crianças pressupõe a compreensão dos significados atribuídos à infância na esfera da cultura e da vida social contemporânea. Dessa forma, pensar as transformações na esfera da educação escolar significa retomar à construção histórica das noções de infância e como a criança vem sendo pensada desde a Antiguidade até os tempos modernos.

Se dividíssemos a humanidade em crianças e adultos, e a vida em dois períodos, o da infância e o da maturidade, compreenderíamos que as crianças ocupam um enorme espaço no mundo e na vida. Mas, demasiado absorvidos pelos nossos próprios problemas, não as observamos, tal como antigamente nós não nos apercebíamos da existência da mulher, dos camponeses, das classes e dos povos oprimidos. (KORCZAK, 1984 p.88)

Na Idade Média: a criança como miniatura do adulto

Figura 88: Pequenos.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CO-N6KJDveN/> (2021).

As observações de Ariès (1981) sobre a infância na Idade Média foram fundamentais contra a miniaturização da criança. Essa era concebida como um tempo transitório da vida humana e deveria ser prontamente superada. Não havia sentimento em relação à infância, mapeia Pires (2007). Inclusive, as idades da vida não correspondiam somente às etapas

biológicas, mas estavam intimamente relacionadas com a capacidade das crianças de se inserirem no trabalho, na atividade adulta e no exercício das funções sociais. Esta correspondia apenas aos primeiros sete anos de vida, após esse período, na qual a sobrevivência era praticamente improvável, a criança passava a se confundir com os adultos, não havendo acomodações diferenciadas para elas. Configurando-se como um adulto em miniatura, não sendo entendida em sua particularidade. Nesse sentido, continua os autores a dizer-me que a duração da infância se restringia ao seu período mais efêmero e frágil, e, com a passagem desse período, havia um grande convívio das crianças com os mais velhos. Nessa transição, os pequenos aprendiam com os adultos, ajudando-os nas tarefas.

Pela arena dos debates regados a café com pão de queijo, por entre tantos fichamentos, chega à mesa Kramer (2002) dizendo que a compreensão do ser criança antes era baseada em uma suposta natureza infantil, e não em uma condição infantil, tendo a dependência em relação ao adulto como um fato social e não natural. Sofre variações de acordo com a classe social. Por este motivo, as relações entre crianças e adultos são heterogêneas e se fazem um mundo diverso. Tratar as populações infantis como abstratas, sem levar em consideração sua condição de vida, é encobrir a significação social da infância, desprezando as desigualdades sociais existentes entre as populações, inclusive infantis. As contradições entre a singularidade e a totalidade só seriam confrontadas novamente com Walter Benjamin, quando este foi capaz de compreender o ser humano e a infância em sua “microdimensão”, sem renunciar a sua totalidade.

A fabricação e o aceleração da vida

Com a Revolução Industrial, continua Kramer (2002), nos séculos XVI e XVII, ocorreu uma mudança de postura das famílias e a criança passou a ser foco do interesse dos adultos. Surge, nesse cenário, a chamada “família moderna”, que passa a ter um interesse maior na educação de suas crianças. Tal mudança resultou em sentimentos afetivos e mais cuidadosos, reconhecendo que a criança fazia parte da continuidade familiar. Nesse sentido, a autora ressalta o sentimento familiar surgido nesses séculos como algo novo. A família não é nova, mas os sentimentos que os envolvem sim. Este contexto desencadeou a necessidade de preparar para a vida todos os filhos, e tal ação deveria ser feita nas escolas. Não sendo mais papel da família fazê-lo, surgem os colégios internos. As crianças são afastadas de seus pais e a escola passa a ser vista como o meio de educação.

Com século XIX e o movimento da industrialização, seguido da expansão capitalista, é que a infância passou a ser prescrita e normatizada como massa fabril. Sendo entendida como organismos biológicos em fase de maturação. Os entendimentos de infância passaram a ser colonizados pelas práticas científicas e desvinculados da cultura e da sociedade. A predominância entre as décadas de 1920 e 1960 foi de uma psicologia comportamental com ênfase na criança e no adolesceste.

De acordo com Arendt (2011), as escolas têm sido fábricas de aceleração do tempo na transformação da experiência em meras informações. Massificação e desrespeitos da cultura vernácula das crianças. Imposições de saberes únicos, homogêneos. Única forma de ser. Formatação do sujeito para uma sociedade de consumo. Transformou os professores em docentes de qualquer coisa. Deixaram de ser artesãos para produzirem operários. O mundo contemporâneo adoce dessa universalização de modo de vida que imita as fábricas. Condição humana heterogênea, plural e diversa em produção única, fabril. Perde-se o gosto. Perde-se a arte humana. Esse mundo não tem relação com a terra ou o espaço. Limita os homens. Antes, o artefato humano era produto de mãos humanas no que jaz, agora, o humano nas mãos de seus produtos.

Diz Hoyuelos (2020), que a escola tradicional resiste. Sendo instituição que não incorpora facilmente em sua identidade a investigação e a experimentação, pois é nascida para o controle e recusa a criatividade. Ligada à alfabetização, à hierarquia, à burocracia, à centralização e à concentração do poder. Não inventa sua cultura, mas é consumidora passiva de uma parte dela mesma. Reprime os espíritos críticos e de investigação. Imbricam-se nos ritmos fabris. O uso da tecnologia permitiu que o homem tivesse mais tempo para as coisas, porém, o homem tem passado pela vida de forma corrida, sem espaços para suas vivências.

Silenciamento e o controle do corpo

Figura 89: Guerreira.



Fonte: Arquivo pessoal- Desenho guerreira- EMJCA- 2019.

O silenciamento e todo o conjunto de normas advindas desse período são processos de controle e regulação cada vez mais sofisticados, invisíveis e competitivos. Atuam na mente e no corpo das crianças, tornando-as simples objeto da ciência, como demarca Bujes (2002). Dessa maneira, as obras pedagógicas reforçavam a ideia de que as crianças tinham que ser educadas para atenderem às necessidades da sociedade que se organizava, apresentando diferentes pontos de vista com relação à natureza da criança e de sua educação: o cristão tradicional, o ambientalista e o utópico.

A construção da infância para Sarmiento (2009) se dá a partir de processos historicamente consolidados, no qual as crianças são pensadas e reguladas na modernidade, a partir um conjunto de interdições e prescrições que, sucessivamente, negam ações, capacidade

ou poderes às crianças. Nesse entendimento, de um “ofício de criança”, existe um universo próprio de normas que estabelecem o ato social dos pequenos pelos quais são direcionados aos processos de socialização vertical, cujas normas, ideias, crenças e valores são prioritariamente construídos sob o ponto de vista do adulto. Dado que se constitui, atualmente, em um conceito sociológico da infância que foi formado a partir de um corpo de especialistas institucionais da escola, que desenvolvem teorias e técnicas específicas para lidarem com as crianças. Em decorrência desse movimento, há uma separação evidente entre crianças e adultos. Estes consideram saber muito sobre as crianças, passando a silenciá-las, já que não precisavam mais escutá-las.

Vários campos teóricos estão sendo expressivos em conceber a infância como uma categoria social, sobretudo no Brasil. A respeito disso, de acordo com Pedraza (2007 apud Baquiro 2012), as crianças que foram constituídas em meio à experiência colonial de uma sociedade de porte escravista e fruto dos processos emancipatórios apresentam quatro tipologias: ilegítimo, dada a ignorância de sua paternidade – (hispânico ou mestiço); abandonado e enjeitados, situação predominante ao longo do século XIX – em decorrência da miscigenação e orfandade causada pelas guerras; dedicado ao trabalho por peça nas plantações - serviço doméstico e mineração. Além de reafirmar valores europeus /católicos. De sistemas macrossociais e sistemas de conhecimento especializado, da expressão de uma matriz de potência que inclui desde seus primórdios o racismo, o sexismo, o patriarcalismo. Destes, Enrique Dussel (2005) chama de Heterarquia.

Sob esse aspecto, a modernidade-colonialidade deste tempo-lugar é usada para exortar a diferença do outro e o subordiná-lo. Os meninos e meninas das sociedades ocidentalizadas são subordinados por raça, sexualidade, condição de idade e o suposto atavismo genético e cultura que incorporaram desde o nascimento. Executando a todo custo a industrialização para promover o mercado. Nisso, as perspectivas sobre a infância tornaram-se sistemas de desigualdade e exclusão, orientada pela racialização. A condição da idade da criança, chamado de cataclismo fisiológico pelos médicos e psiquiatras da época, continham narrativas de deficiência e déficit como problemas associados a origens raciais, geográficas e à própria existência. Reafirmando-se o vazio destas.

Crítério cronológico

O critério cronológico usado a fim de obter padrão preciso para perceber as pessoas uma a uma e as relações entre a idade e a etapa de escolarização tornaram a idade uma quantidade juridicamente cadenciada com precisão de horas. O que resultou em invasão da vida infantil imposta por um rigoroso controle social. E, também, por regulamentação maciça no domínio da Educação e dos cuidados profissionais, diz Pires & Branco (2007). O que exigiu o controle burocrático sobre o indivíduo. O que, hipoteticamente, poderia promover a sua diferenciação e autonomia. Seguidas de brutal controle social exercido sobre os seres humanos, principalmente sobre a infância, completa Foucault (1999). Exercendo um conjunto de técnicas e procedimentos destinados a dirigir a conduta dos sujeitos. Inscrevem-se através das práticas de controle do corpo que se empreenderá em forma de saber e, conseqüentemente, de poder. Disseminado por toda estrutura social, demarca bem Foucault (1999).

Nesse sentido, há uma intrincada relação entre aquilo que se concilia como um “dever/ser” para a infância e a esfera pela qual atuará o adulto, enquanto preceptor. As alterações do cenário sobre o que se entendia da infância foram fundamentadas em pressupostos filosóficos de ordem moralista e religiosa. Concernindo-a como etapa ingênua e frágil do ser humano, que necessitava de diversos mimos e paparicos. É nesse momento, diz Pires & Branco (2007), que se inicia a fase do cuidado com a criança. O que seria enfatizado e estaria em um movimento crescente até os dias atuais. Nesse ponto, começou-se a garantir a diferenciação entre adultos e crianças, e a fortificar os mitos da inocência, da excessiva vulnerabilidade e incapacidade infantil. Como resultado, temos a permanência da criança na escola. Estas deixaram de conviver e aprender com seus familiares. Logo, a preocupação com a mortalidade infantil passou a estar presente em debates e, em seguida, atitudes que visavam o bem-estar das crianças. O que contribuiu para maior ampliação dos elementos necessários à nova concepção sobre a excessiva fragilidade da infância e dos conseqüentes cuidados especiais necessários a ela.

Soma-se a isso o reconhecimento das instituições formativas em seu caráter missionário de produzir sujeitos a partir da disciplina, tendo como eixo a formação pastoral. Na busca por legitimidade e sustentação, atribuiu-se até mesmo do discurso médico-patológico. Essa junção entre as ideias irá agir de forma decisiva na sustentação de outros discursos. Estes, irão se alinhar e se apoiar fortemente na construção do conhecimento instrumental ordenado nos parâmetros da ciência e da modernidade, contribui Lima (2015). O controle pastoral há séculos esteve ligado à instituição religiosa exercendo o poder em sacrifício pela vida e pela salvação, e explorando as almas. Não só em suas comunidades, como rebanho, mas fazendo uso da fé para domesticar cada indivíduo, marcando presença efetiva nas escolas. A ideia salvacionista e

missionária de conduzir o rebanho está no cerne do processo educacional. Instrumentos de dominação dos mais rústicos aos mais tecnológicos foram adaptados ao Estado Moderno e passaram a operar como modos de regulação sistemática da vida dos indivíduos. Dominando e direcionando a massa, de forma a tentar homogeneizá-la. Fato este apoiado por uma série de instituições sociais, assinala Foucault (1999).

É notório perceber que, na primeira metade do século XIX, houve uma empreitada de reclusão e aquartelamento da classe operária em instituições não produtivas. Como, por exemplo, as instituições pedagógicas – creches, colégios, orfanatos; instituições corretivas – colônias agrícolas, casas de correção, prisões; instituições terapêuticas – asilos, albergues. Colocando-as sob o signo da reclusão. As distintas tecnologias de governo e suas formas de controle dos corpos infantis têm sido uma guerra que está sendo travada desde as últimas décadas. Podemos perceber inflamadas batalhas culturais em torno do que deve ser ensinado nas escolas, apresentado nas mídias, exibido nos museus e conservado em bibliotecas públicas. As “guerras culturais” transformam o debate em sérios conflitos sobre questões voláteis, diz Foucault (1999). Havendo uma verdadeira disputa de poder centrada na soberania do adulto. O que agravou os contextos que manifestavam formas de enfrentamento e resistência por parte da infância. Nisso, as identidades individuais e coletivas dos sujeitos começaram a ser amplamente moldadas, política e pedagogicamente. Sendo suportes da dominação: a cultura visual dos videogames, a televisão, o cinema e os locais de lazer e diversão. E as formas de prisão foram:

A) Panóptica: maneira de olhar para o corpo através de uma vigilância generalizada, direta, contínua, iluminada. Tudo, sem exceção, seria observado, filmado, catalogado.

B) Sequestradora: utilizava a força dos corpos e reorganizando-os a fim de localizá-los, agrupá-los no tempo e no espaço, segundo suas forças e energias.

C) Disciplinar: o corpo deve ser continuamente exercitado, treinado, modelado, remodelado, remendado, corrigido através de recompensas e punições.

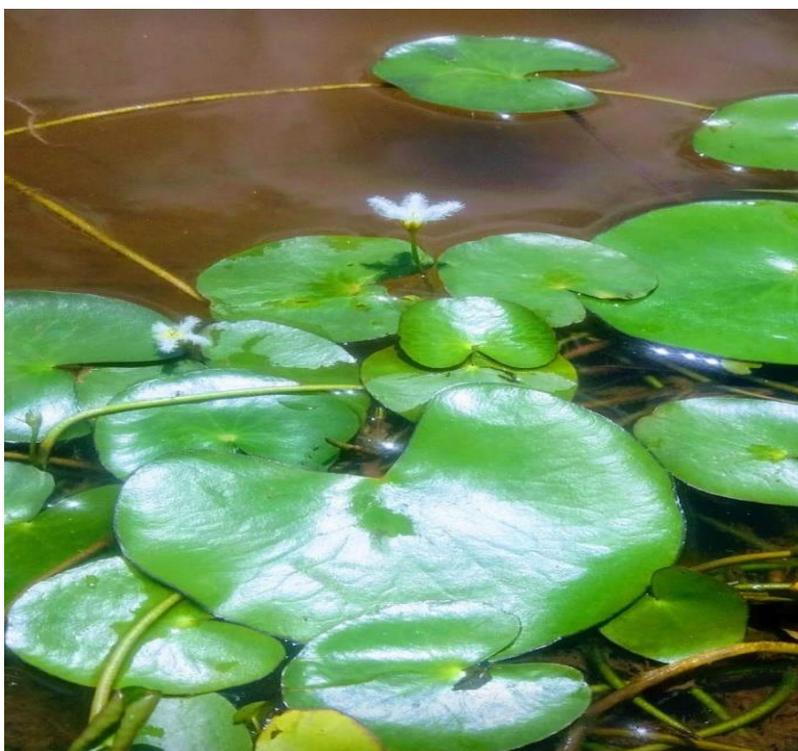
Diante desse cenário, houve movimentos de resistência. Ao examinarmos mais atentamente as relações de poder entre infância e adultos, desenhada pela reversibilidade, é possível dizer uma infância em fuga. Que resiste e que não se encarcera, mas, sim, que consegue escapar. No que diz Dornelle (2015), reduzem o poder exercido pelo outro na relação. Gerando a seu modo, outra forma de governo, como por exemplo, quando Bakhtin (1999) analisa a cultura do riso como uma forma de profanar a canocidade. As crianças têm, dessa forma, uma lógica de profanações diante dos modelos impostos pela modernidade. Para Foucault (1999), toda tentativa de aprazar a infância em uma única designação se constitui em um exercício de

encerrar e sobrepor valor e norma há posição do sujeito. Instituído-lhes supostos territórios e qualificando toda palavra, aprisionando-a e aprisionando-se a ela.

Nesse sentido, abre-se brecha para dizer:

Em tempos de desencantos, encantar-se é a premissa. É importante que problematizemos a educação reconhecendo os equívocos praticados, para então buscarmos uma saída original, potente e incômoda. Estamos convencidos de que nós, educadores, temos uma tarefa urgente: precisamos nos deseducar do cânone limitador para que tenhamos condições de ampliar os horizontes do mundo, nossos e das nossas alunas e alunos. Educação deve gerar gente feliz, escrevendo, batendo tambor, dando pirueta, imitando bicho, fazendo ciência e gingando com gana de viver. (RUFINO, 2019, p. 19)⁴⁰

Figura 90: Aquático.



Fonte: Arquivo Pessoal- Caminhadas pela Represa de São Pedro- 2021.

Deseducar o cânone

Na continuidade dos estudos da infância, diz Pelizzoni (2017), a década de 1980 emergiu com um conjunto de mudanças substanciais. Entre elas, destacam-se: a presença de uma plataforma jurídico-política que aspirava a fortalecer a condição de sujeito de direitos,

⁴⁰ <https://www.pretajoia.com/2019/07/nkinpa-nucleo-de-culturas-negras-e.html> Acesso em: 23 jul. 2022.

suscitada pela convenção dos Direitos da Criança (CDC) de 1989. Pautada em reconhecer as diferentes formas de transitar a infância baseada na diversidade cultural e no valor de outros sistemas de conhecimento em torno do cuidado da infância e no surgimento de recomposições socioculturais e políticas derivadas da globalização, cuja dinâmica passou a repensar atribuições de identidade dos menores e o papel das instituições no governo destes a partir de dois trânsitos. O primeiro corresponde a uma análise de eventos histórico-culturais que evidenciam transformações estruturais nos contextos local e global. Estes requerem revisão, uma vez que a sociedades e o mundo objetivo são internalizados pelos sujeitos de várias maneiras. O que dá origem a modos de existência e ação, com suas peculiaridades e distâncias. Esse fenômeno foi levantado por Norbert Elías (1997) como processo de configuração, enquanto Pierre Bourdieu (2007) o analisou através do lendário conceito de habitus.

A segunda maneira está relacionada à história das gerações e a emergência do diferente que se cristaliza a cultura. Nela, os sistemas ideacionais (representações, noções, percepções, imaginários) são modificados, a propósito de um advento, ou seja, no desenvolvimento progressivo de programas culturais que incluam novos repertórios. Especialmente narrativos de comunicação e estética. Fornecendo elementos para a noção de condição infantil contemporânea. E admitir que a história do tempo presente corresponda ao tempo da experiência vivida. Isso implica fazer uma reconstrução dos eventos a partir de testemunhas face a face e a possibilitar a compreensão da complexidade da memória viva, diz Roncayolo (2011 apud Baquiro, 2012.) E implica no reconhecimento de fatos pertencentes à nossa geração. Particularmente, esta historiografia trata de eventos ou fenômenos sociais que constituem memórias de, pelo menos, uma das três gerações que compartilham o mesmo processo histórico. Nesse sentido, Pelizzoni (2017) diz que os novos jeitos de fazer e conceber a infância e a pesquisa contribuíram para o que habitualmente chamamos de Estudos da Infância em campo de interdisciplinaridade. Sobre esse campo, temos a sociologia da infância e a contribuição de Corsaro (1986), Qvortrup (1995), Sirota (2001), Sarmiento (2004), entre tantos outros. O movimento gerou grande processo de construção e de legitimação de um campo específico de estudos no interior das Ciências Sociais.

Ademais foi adicionada e reconhecida a infância e suas populações como foco em si mesmas, em suas culturas na interação com o mundo ao seu redor. No entanto, até o assentamento de concepções, enquanto campo de conhecimento específico, o que ainda predominava na pesquisa era a infância como etapa do desenvolvimento. Ou seja, um “ser no futuro, que ainda não é”. Passiva e objeto de socialização. Regida por instituições e, nela, não se reconhecendo sua ação protagonista, traz Pelizzoni (2017).

Destes retalhos, Kramer (2002) diz que a sociologia propôs uma reflexão crítica à ação reprodutora da escola. Ampliou o questionamento quanto ao caráter ideológico do conceito da infância presente na pedagogia, em especial sociedade capitalista. Por conseguinte, marcou a ruptura manifestada no âmbito da psicologia, fundamentada na história e na sociologia. Da qual a pedagogia que se curvava e se submetia. O rompimento provocou a releitura da psicanálise, não permitindo que se mantivesse intacto o referencial sócio-histórico. Nisto, o sujeito passou a ser compreendido e constituído com o outro. Sendo ativo e criativo nesse processo. Colaborando para a compreensão dos signos da cultura e da linguagem. Esta constitui a consciência e o inconsciente. O que também favoreceu para a ampliação da dimensão da cultura e da necessidade de pesquisar a diversidade. Dimensões que estranham o familiar e que orientam a compreender o outro em seus próprios termos. Isto mudou completamente a reflexão sobre a Educação e os estudos da infância em particular.

Já no século XIX, inovações tecnológicas e pedagógicas objetivavam tornar o processo educativo mais eficiente e mais significativo para os estudantes. Educadores criticavam o quanto a escola estava dissociada da vida e que a mesma não atendia às reais necessidades de quem a frequentava. Trazendo o ideário da escola ativa. Esta introduziu no pensamento educacional a defesa de que a escola deve buscar reproduzir o ambiente natural vivido na casa e na rua. John Dewey (1952), por exemplo, defendia, em 1920, que “o jogo faz o ambiente natural da criança, ao passo que as referências abstratas e remotas não correspondem ao interesse da criança”. Os sociólogos qualificavam a infância como fantasmas de uma terra cheia de enigmas, do mundo mudo e invisível. A partir dessa constatação das invisibilidades é que a Sociologia da Infância propôs a virada paradigmática. Isto ressalta a criança como ser de potência ativa situada no tempo e no espaço. Não sendo a cópia nem oposto do adulto. Mas sujeito participante, ator e autor na relação em si mesma com os outros, e com seu meio, diz Pelizzoni (2017). Pontua-se que a criança não é incompleta. Nem folha em branco. Nem copo vazio. Ela possui valor em si e passou a ser observada em seus aprendizados. Significando que ela não é mais simples destinatária à espera da completude dos adultos ou das instituições. Pelo contrário, é considerada a partir de como age, pensa e interage com seus pares e com os outros, no ser, agir e refletir, enquanto ser social que desempenha papel ativo no mundo.

Ainda que indefesa e necessite da proteção adulta, é estudada, então, a partir dos seus próprios pontos de vista, na compreensão de que não é vista apenas como produto da cultura que a cerca e a insere, mas produtora de suas próprias culturas na interação com o mundo. Neste sentido, as vozes das crianças são valorizadas da mesma forma que seu olhar por sobre as coisas. Evidenciando que elas têm muito a nos dizer e que é preciso uma escuta sensível a elas. Já que

elas têm formas de conceber o mundo diferenciadas de nós. Interação espelhando diferenças culturais e são, por isso, flexíveis às multiplicidades, compõe Corsário (2011).

Figura 91: Festejar.



Fonte: Arquivo Pessoal- Escola EMJCA- 2022.

As culturas da infância são composições de imensos jardins em suas particularidades e coletividades. Jardins que se constituem através da ação social das crianças frente às estruturas sociais, culturais e simbólicas que estão inseridas. As culturas infantis não podem ser compreendidas apenas como reflexo dos contextos culturais em que se inserem. Nem tampouco se constitui em realidades separadas, ancoradas no vazio. Pelo contrário, são produções de sentido criadas pelas crianças profundamente enraizadas nos contextos de vida aos quais pertencem, diz Pelizzoni (2017). São ligadas aos contextos de maiores amplitudes e apontam para as múltiplas possibilidades de viver e estar no mundo. Recheadas de um tempo próprio que é o universo infantil, permeado pela magia e imaginações em suas memórias, com “brincância” e aprendizados. Múltiplas maneiras de habitar, traz Larossa (2017).⁴¹

⁴¹Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5FtY1psRoS4>. Acesso em: 18 dez. 2020.

Aprender com Frescor

Diante disso, a intenção foi trazer um panorama sobre os conceitos que orientam os estudos da infância, e não fazer um estudo completo do ponto de vista histórico-cultural, já que, para isso, seria necessário um estudo de cada infância em diferentes culturas. O objetivo foi construir constatações que nos ajudem a perceber as mudanças de cenário daquilo que o ser humano entendia como infância. Conceito este mudado ao longo do tempo.

Em suma, nós, educadores, pesquisadores, estudiosos da infância precisamos ter certa consciência ética e saber da nossa responsabilidade. Educar para a vida como. Nesta condição, entender-se como auxiliador ou perturbador no aprendizado dos “pequenos”. Ter uma postura de respeito em relação às crianças, e não omitir a conduta de vida social. Nisso, Freire (1996) diz que o educador não pode se assumir neutro. Como se a neutralidade fosse possível. Essa é uma das formas de desrespeitar os sujeitos em sala de aula. É preciso ter a liberdade para o diálogo respeitoso para os aprendizados, para incentivos de escuta sensível e com empatia. Sem medo de dizer. Sem receio do desconhecido. Sem calar. No abraço de nossas convicções, ao saber sensível e à boniteza. Quando aprendemos a nos comunicar e a expressar nossas ideias desde crianças, dialogamos seguros de opiniões e sem o medo de estarmos certos ou errados. Sem o temor de opinar diferente. No permitir da prática dialógica entre pares e professores, nas trocas de experiências e no reconhecimento das alteridades.

Ser professor a favor da docência, contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda. Ser professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos de classes sociais. Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. (FREIRE, 1996)

Nesse tempo de Educação Remota, direciono a busca por uma educação sensível. Ao pesquisar, foi possível desenvolver uma educação inexplorada. Que esteja fora da retórica. Dos cânones e dos marcos já estabelecidos da tradição escolar. Educação que provoque o desenfreamento, o tumulto, o deslumbramento, a admiração. No aprofundamento das vivências e no evidenciar das tonalidades dialógicas de nossos pensamentos que se despertam no encontro com o pensar do outro.

Nesse tecer, faço o movimento da lagarta que tece seus fios presa na árvore, sob os olhares curiosos que, olhando, constituem-se e me constitui. Preciso do outro para completar minha visão, muitas vezes desfocada e empobrecida pelas mazelas de um sistema que tenta me cegar. Como a lagarta presa à árvore, estou eu com meus despojos à mesa. Fichas e vozes se espalham pela casa. São fios coloridos que convidam às leituras e permitem a escrita narrativa ética e estética de ser e ver o mundo. Na permissão de me atirar de dentro para fora nos processos do meu cotidiano. Enxergar o outro de maneira responsável, reconhecendo que não existe uma verdade e/ou apenas uma saída.

Figura 92: Cortejo de reis.



Fonte: Arquivo pessoal- Escola EMJCA- Cortejo de reis- 2017.

Transver VI- Minúcias e emoções

Sutilezas das pequenas narrativas.

Figura 93: Labirintos.



Fonte: Acervo GRUPEGI- 2021.

Gosto de olhar para essa imagem e pressupor os labirintos da infância como se fossem tecidos coloridos. Formas variadas que se colocam e produzem um mundo diverso. Cheio de cores. Admiro a criação das mãos humanas. Dos movimentos mais rudimentares ao toque sensível de tecer, costurar, montar, fabricar, operacionalizar.

Gosto de captar olhares e sentimentos. Prismas de sentimentos da mímica facial, do deslumbramento compartilhado e apetitoso quando a criança transmite ao se sentir valorizada e reconhecida enquanto ser que pensa, age e cria. Sujeitas de conhecimento. Autora e coautora da sua aprendizagem. O fascínio não se refere ao que o romantismo nos sugere, pois é metafísico, mas transcende em sua condição de aurora e nas possibilidades inéditas que o novo nos traz. Disso, diz Balducci apud Hoyuelos, 2020), nós adultos “já somos o que somos”, a criança não. Ela está diante de nós no espelho. Sendo transparência da possibilidade do homem oculto. E, por mais que o adulto se incline a descobrir o universo das infâncias e a descrevê-lo,

é feito por quem está fora e não pertence mais ao mundo encantado dos sonhos, dos gestos poderosos e da magia, diz Pelizzoni (2017). Forasteiros desse caminho que já nos pertenceu, outrora trilhado por nós. Hoje, já não se abrem, bifurcam. Não temos as chaves. As paisagens, modificadas, não são mais as mesmas, pois é impossível passar duas vezes. De fora, compreender que a criança é portadora do inédito, pela fascinação do desconhecido, da incerteza, do escondido, das possibilidades e, submersas, desejam sair para a superfície e serem olhadas. Para habitar e compreender a infância é preciso ser criança, é delas o labirinto. Ladrilhos de cristais de sonhos, das imaginações onde tudo é possível. Estranha desses mundos, permitir que as crianças me conduzam a escuta e a compreensão de suas múltiplas falas, diz Abramowicz & Oliveira (2010). Sei que para escutá-las preciso desamadurecer.

Despertar

Este ser docente em pesquisa, em busca das províncias submersas que um dia já me foram íntimas e que se fazem agora enigmáticas, e que já não cabem na medida do nosso saber e poder, diz Larossa (2001). Consequentemente, ao conhecer um pouco mais sobre as descobertas humanas e sobre a infância e seus conceitos ao longo desse tempo, tenho impulsionado minhas reflexões por sobre a importância dos acontecimentos de agora. Estes me apropriam, diz Larossa (2001), da experiência. O que ocorre e se aprofunda em nós.

Das histórias de cada dia e das muitas coisas que nos cortam. Adentrar por esses mistérios se faz mais difícil na mediação das máquinas. No entanto, as crianças têm, agora, o privilégio de estarem aprendendo junto de seus responsáveis/familiares. Esse novo olhar que me transpassou no diálogo com Certeau (1996). O que, portanto, me inspirou no desadormecer desse movimento.

Figura 94: Família.



Fonte: Arquivo de práticas EMJCA- Diário de Bordo das crianças na pandemia. 2020.

Foi pensando na educação remota que me sentei com Malaguzzi apud Hoyuelos (2020) na área externa de minha casa. As ideias que nos acompanham sempre contaminam nossas teorias. Nelas, esperanças, palavras, medos, pensamentos, emoções interagem conosco e geram interdependência ao nos construir e reconstruir. Como caleidoscópio em movimento constante no mundo que está, ao mesmo tempo, sendo reelaborado pela nossa própria atuação nele. Novamente, trazem a mim a concepção de harmonia ecológica com o meio ambiente e com o infinito, pensamentos ditos anteriormente permeiam novamente minha mente. Coisas importantes não podem ser medidas com balanças e nem equilibradas, há de serem medidas pelo encantamento que produzem em nós, suspira Manoel de Barros (2017).

Figura 95: Essência.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/ChuPIRHu7HX/> EMJCA- 2022.

Pensamentos se materializam em escrita. Palavras são signos que se abrem como janelas mágicas. Enfeitiçam e me transferem para tantos mundos possíveis. Das primeiras perguntas e pensamentos que foram ganhando linhas. Fichamentos tecidos nessa composição. Expor a singularidade e atravessar pelos aprendizados compostos por meus pares neste cenário caótico que me leva a narrar nossas vivências. Dizer de nossas incompletudes, falhas e acertos. Não quero apenas ver a uva ou ir comprar pão na padaria. Ou apontar lápis. Quero inventar e transcender. Compor e poetizar a vida com Manoel de Barros (2017). Perdoai - mas eu preciso ser outros e renovar o ser usando borboletas a fim de tudo servir para a pesquisa. As coisas pequenas, que encantam meu olhar. As inúteis e os saberes não-oficiais se ajustam aqui. Os sem escuta, o cuspe, o caramujo, a sementinha, a sombra, a batata-doce, a formiga, assentam.

Caramujear

Comportar-se em lentificação, traz Larossa (2017). Aprender com os caramujos na eternidade de seu passar. Então quero “*caramujear*⁴²”. Neologismo que contribui para explicar que a escola precisa deixar um caminho brilhante (como aqueles deixados pelos caracóis) e respirável para as futuras gerações. O que Arendt (2011) chama de “testamento” ou “baú de tesouros”.

Na composição com Lima (2020), não sei nada sobre as coisas grandes do mundo e sobre as pequenas sei menos. Porém, percebo o encantamento que uma formiga produz nas crianças. Curiosidades que despertam. As formigas, as pedrinhas são mais importantes para elas do que a cordilheira dos Andes. Então, o que dizem as crianças serve e aproveita também o que diz o professor. Quero o erro, o sorriso, o encanto, as lágrimas e a poesia. Tudo presta no encontro do fazer humano com a vida. Essa pesquisa situa-se em casa. A pandemia levou a escola para casa. Em algumas casas temos quartos, varandas, quintais, cozinha.... Outras não. Encontram-se sem mesas, sem quartos. Quartos sem mesa. Divide-se tudo em casa. Cômodos escuros. Sozinhos. Largados pelo sistema que obriga que seus pais ainda estejam trabalhando nos mercados, nas lojas, nas entregas. Dessa atual escravidão moderna do capitalismo, estão entre poeiras. A possibilidade de situar a pesquisa em casa permite olhar os diversos mundos. Reencontrar e mostrar intimidades. Sermos vistos em nossas casas.

Miudezas

Estas permitem olhar para todos os lados, ser levada pelas crianças em suas descobertas. Essa experiência não é nova para mim, já que o primeiro material de povoamento de ideias foi o Almanaque de Formigas. Ao me permitir ser conduzida pelas crianças, começo com elas a “catar” formigas, o que originou o Almanaque de Formigas, o inspirador para esse movimento de pesquisa. O Almanaque de Formigas nasceu de uma brincadeira no parque com as crianças. Elas aprisionavam formigas. Direcionei e perguntei o porquê de prender tantas formigas em meio às pedras que estavam sendo postas em formato de quadrado, representando a prisão. As crianças responderam que elas precisavam ser presas, pois roubavam os doces. Atualmente,

⁴²Na etimologia das palavras caramujo + ar verificamos que de acordo com o espanhol seria *escaramujo*, um tipo de planta e molusco que do árabe, *Garf*, mancheia o conteúdo de uma mão, punhado”. Do latim, *Palpare*, “tocar, sentir”. Já a palavra “ar” vem do Latim *aer*, “ar”, do Grego *aer*, relacionado com soprar, respirar. Respiração; designação do fôlego, condição do clima num local determinado; ou ainda de razão; o que causa alguma coisa, ou de maneira de ser; modo de agir ou de se expressar. <https://origemdapalavra.com.br/palavras>

precisamos ficar em casa, para não pegarmos Covid-19. Fique em casa para a morte não te roubar. Dessa fala no parque infantil da escola, nasceu um projeto de sensibilidades, do olhar das crianças para o mundo das formigas. Nasceu uma prática de delicadeza e de intencionalidade suave. O conhecimento da criança serviu e se aproveitou, ainda, o conhecimento científico. Da mesma maneira, tenho apresentado esse texto no relacionar de todas as coisas. Misturamos tudo, todas as histórias. Por fim, éramos a sala das formigas e eu, a professora Formiga.

Mas o que uma prática passada tem a ver com o que eu me coloco a narrar? Certeau (1996) acorda meu olhar. Traz questões que vão de encontro com as minhas. Sempre parei para me perguntar sobre o que os sujeitos fazem com as informações que lhe são passadas. Logo me identifiquei. Enquanto professora, sempre questioneei a minha prática, sempre me perguntei o que as crianças fazem com aquilo que estamos falando em sala de aula. E, agora, estou pensando sobre isso, no que tange as tarefas remotas. O que a escola tem feito de práticas? Como as crianças estão correspondendo a esse processo? O que tem sido feito pela escola e pelas crianças? As crianças estão sendo respeitadas em seu direito de infância? Como estão sendo estimuladas ao aprendizado? Quais aprendizados estão sendo formulados? As linguagens da infância, diz Rinaldi (2020) referenciando Malaguzzi, estão sendo trabalhadas? Nisso, compreender que o extraordinário na mente humana não é apenas a capacidade de passar de uma linguagem para outra. De uma inteligência para outra. É também a habilidade de escuta recíproca, o que torna possível o diálogo e a comunicação. As crianças são ouvintes extraordinárias, codificam e decodificam interpretando dados com incrível criatividade. Ouvem a vida em todas as suas facetas e logo percebem que o ato de escuta é essencial para a comunicação. Em comunicação, os pequenos estabelecem contínuos relacionamentos.

Figura 96: Traçar sentidos.



Fonte: Arquivo Pessoal- Cortejo de Reis da escola- 2019.

Associei os pensamentos, lembranças e atuais fazeres. Do “por que das crianças prendem formigas” ao novo caminho que se abria para mim: compreender as práticas ordinárias, do sujeito insubmisso que sintetiza e traz da própria experiência, fugindo da ordem. Valorizando o que lhe é peculiar em sua trajetória pelo mundo. Pegar, com Certeau (1996), a linha que leva aos cotidianos alterados pela situação pandêmica e o agir da escola remota. O encontro alterou meu foco. Mas não foi uma passagem tranquila... Marcou um momento específico em minha vida em 2020. Sentada no sofá de casa, a porta entreaberta dando para o quintal. Lá, ao fundo, minha mãe planta. O cachorro deitado entre a porta, metade para dentro, metade fora. O dia era um daqueles bem bonitos, em que tudo nos inspira. Disse-me Certeau (1996) que havia uma menina que nunca tinha tempo para aprender com a sua mãe, pois o aprendizado que importava eram os dos livros. Meu coração pulou (e eu também, do sofá).

Catarse

Observei o movimento de minha mãe no quintal. Lembrei-me de quantas vezes ela me chamou para aprender a tricotar ou de quantas vezes ela tentou me ensinar o crochê e até mesmo a plantar. Mas meus olhos estavam nos livros. Não tinha tempo para aquilo. A escola exigia outros saberes. Desrespeitei os saberes de minha mãe, passados de minha avó para ela. Perdi tempo em não aprender com a minha mãe. Foi então que Certeau (1996) me incentivou a ir pela primeira vez mexer no quintal com minha mãe.

Essa interferência de nossos cotidianos, que nos levou a ficarmos em casa, permitiu que eu olhasse para as pessoas como um todo. As múltiplas histórias que surgiriam desse momento presente. Encontrar-me na prática cotidiana das mulheres e na viagem no tempo das memórias. Reencontrar minha avó e minha mãe. Das tradições de família, da arte do crochê, do bordado, macramê e da culinária alemã. Lembranças vivas de minha família. Voltei ao meu estado de infância, senti o gosto e o cheiro de tantas gostosuras feitas no rancho de meus avós. Esse encontro entre gerações, da transmissão de saberes, na aprendizagem dos gestos, nas consistências, na receptividade sensorial que traz Certeau (1996). As memórias fizeram uma ponte de aprendizados. Esses pensamentos foram chegando e me permitindo ver as crianças e a construção dos saberes orquestrados pela escola, em parceria com seus pais. Seriam práticas humildes, obstinadas, repetidas no tempo e no espaço, com raízes profundas na urdidura das relações com o outro e consigo. Marcada pelo “romance familiar” e pela história de cada um. Andar pelas lembranças que me constituíram potencializou o movimento de pesquisa. Quis garimpar bonitezas existentes nos gestos remotos.

Alcançar o belo no decurso das ruínas

A primeira associação foi identificar práticas remotas com práticas já realizadas na escola, os fazeres do Projeto Político Pedagógico, de encontro, de movimento com o outro, do feito belo e estético pelo caminhar com as crianças. Inspirações de um corpo docente em tempos pandêmicos. Pensar sobre o lugar da escola para além do seu espaço físico. Geografias que se conectam para além dos muros escolares, estão dentro do lar de cada um de nós. Planear pelo remoto como tempo de experiência pessoal/coletiva vivido por nós nesse marco histórico da humanidade. Vivenciar práticas ordinárias desse período de desencaixe. Outrora tão familiar.

A necessidade de reaprender, ouvir e fazer aquilo que nos era tão ordinário, só que de outra maneira. Nosso espaço foi transformado. A escola vista como polvo. Tentáculos virtuais orquestram a educação remota. Deslocar dessas fronteiras e das essências que me movem. A escrita traz muitos de nós, pois é sobre nossas paixões e encantos que nos debruçamos.

Preocupa-me a liquidez das relações apresentadas por Bauman (2001). A escola trará o belo e permeará a máquina, este objeto frio e distante de belezas e sensibilidades? Vivenciar a educação recuada como lugar de experiência, de ética, poesia e estética, e produzir em cenário caótico, frescores. Tudo mudava novamente pelo movimento das mãos humanas e irá depender do olhar humano sobre a paisagem. Nesse tempo de educação remota, me preocupam as relações líquidas. Antes, os saberes eram controlados em territórios de poder dentro das instituições escolares, que silenciavam as crianças e não lhes permitia a autonomia e nem o protagonismo, ditos por Moreira (2001). O cenário do perigo invisível fez com que a escola devolvesse a autonomia para as crianças. Olhar para as práticas é olhar para o currículo dessa escola de tempo remoto, daquilo que está sendo feito e construído durante a pandemia nesse deslocar físico da instituição e para um deslocar remoto, virtual e doméstico. O que descerra possibilidades e estabelece outras maneiras de traçar. Perambular e constituir novos inventos de educar por entre outras espacialidades que, em vez de submetidas à lógica do lugar, estejam sendo atravessadas pela historicidade, pelas incertezas daquilo que virá. Destes jogos de intercâmbios e interações estabelecidos no diálogo da transmissão e assimilação.

Figura 97: Traçando vivências.



Fonte: Arquivo pessoal- Cortejo de Reis da escola- 2018.

Portanto, convém estar conscientes de que a toda experiência de aquisição se entrecruzam crenças, aptidões, valores, atitudes e comportamentos. Isso acontece, porque são sujeitos reais que lhes dão significados a partir de suas vivências enquanto pessoas. Esta perspectiva sobre o currículo implica considerar a mudança dos métodos pedagógicos e propiciar outra formação docente. Estimular outra perspectiva cultural que abarque a complexidade da cultura e da experiência humana. Exige sensibilidade diante de qualquer discriminação. Nas práticas do cotidiano, procurar evitar que os propósitos docentes sejam a fonte de juízos, atitudes e preconceitos que desvalorizem a experiência de certos grupos sociais, culturais, étnicos ou religiosos. O currículo multicultural exige, pois, mudanças muito profundas em mecanismos de ação muito mais sutis.

A tática do movimento, em Certeau (1996), não tem por lugar, senão o outro, no jogo com o que tem ou com o que lhe é imposto. Não obedecendo às leis do lugar e não se definindo por este. Quais são as expressões do cotidiano presentes nas atividades remotas? Nesse diálogo, os espaços são tratados pelas práticas que se transformam em singularidades aumentadas. Ilhotas separadas, em fragmentos. Estilhaços. Pensar a escola tão ordinária (cotidiana) a mim, de forma diferente, não é um movimento cristalino, pois é preciso deslocamentos profundos de si.

O ser humano é presença no mundo. É presença nas relações que constrói, conta Freire (1996), e intervém e transforma o que fala e o que faz. Sonha, constata, compara, avalia, valora e decide. Rompe. Assumindo-se como ser social e histórico, como ser em estado de reflexão e dialógico. Transformador e criador. Realizador do que imaginou. Capaz de ira, porque é capaz de amar. Assumirmo-nos não exclui o outro. Outredade. Olhar o outro, o que o seu ser é em relação ao outro e a si mesmo. Para alcançar as palavras bivocais, diz Certeau (1996), no encontro com o outro, é preciso abrir mão do discurso do eu monológico e explicativo. Para isso, terei de buscar forças de indignância e precisar chegar à altura do miserável, cuja pobreza não lhe permite sequer a identidade. Sendo única no mundo e singular em cada coisa. Trato apenas a te chamar para ver essa linha tênue que existe entre “falar de si” e “falar a partir de si”. Da palavra como ponte lançada entre mim e os outros, diz Mikhail Bakhtin. Acompanhada de outros, não existindo o “Eu” sozinho, sem o outro. Nego estar só, e componho entre a outredade, diz Manoel de Barros (2017).

Camuflar a saudade do tempo de outrora, das horas passadas que eu podia viver e não vivi, diz Guimarães Rosa que eu tenho saudade de tudo! Ele está certo, pois a saudade é essencial e orgânica. Saudade triste do passado de deslumbrar pelo que virá e dos presentes

vividos fora de mim. Transpassar alma em corpo, corpo em alma, em sede de vivências de quem é gota no oceano expressivo deste momento. Que correu para se guardar dentro de casas no que lhe fez engendrar turbilhões de emoções. De momentos tensos sobre a impossibilidade da insignificância individual. Formados em seres dialógicos, agora a saudade tece as relações do não-encontro. A separação que foi imposta a nós. Das mãos que não mais encontram as minhas. Sim, saudade do toque dos pequenos a segurar as minhas mãos no passeio pelo pátio da escola. Agora, o gesto é o toque nas teclas. Do encontro mediado pelos aparelhos digitais, e não mais regados ao café com bolo ou ao abraço caloroso da criança que te espera. Saudade da naturalidade e espontaneidade infantis. No mediar pela máquina, vídeos chegam. Vejo por eles: cadernos, quartos, danças com os pais no sábado à noite, colheita de café, a criação de galinhas, o passarinho de estimação, o diário que escreveram as leituras que leram... A novidade do irmãozinho chegando. Essas foram as primeiras imagens que chegaram das aulas remotas. Vejo que as crianças cresceram, perderam dentinhos, as empolgações na feitura dos vídeos que as crianças produziram.

Figura 98: Dedos em tela.



Fonte: Arquivo de práticas virtuais –EMJCA- Print de vídeos que as crianças dizem de suas rotinas. Aula remota 2020.

De longe, sinto o perfume da aurora infantil, mesmo constituída em outros logos. Achamos que seria impossível sensibilizar o processo, e estávamos errados. Este foi um dos aprendizados ao longo de 2020.

Figura 99: Pássaro.



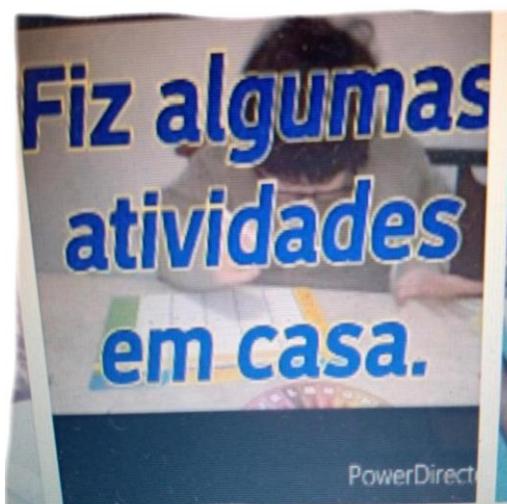
Fonte: Arquivo Virtual- EMJCA. 2020.

Figura 100: Colheita.



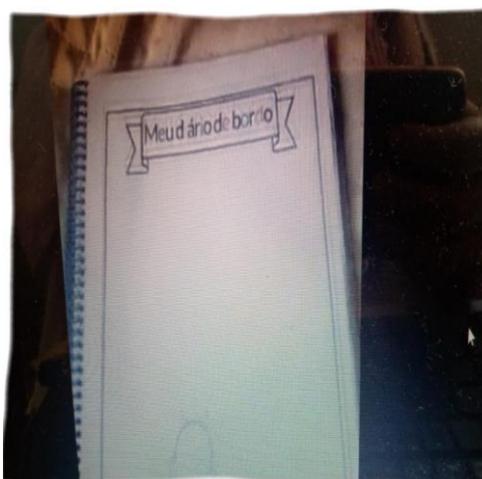
Fonte: Arquivo Virtual- EMJCA. 2020.

Figura 101: Atividades online.



Fonte: Arquivo Virtual- EMJCA 2020.

Figura 102: Diário



Fonte: Arquivo Virtual-EMJCA 2020

Transver VII: Meeting, espaços de orikis ⁴³

Não-tempo. Muito obrigado pelo vosso convite. Aprecio o vosso gesto de registar depoimentos, nesta longa 'noite', em que a morte vigia a vida. Mas eu não tenho tido força anímica para escrever. O pânico tolhe-me a razão. Temo que este tempo apocalíptico gere novos messias e decisores precipitados.

⁴³ Oriki é uma palavra de origem Iorubá e significa poesia. Aproprio-me dela para dizer deste momento de encontros que foram recheados de ensinamentos e reflexões e que nos inseriu em cenários diferentes do que a pandemia trazia. Narrativas, mitologias, poesias destes encontros com a escola no ensino remoto e as Jornadas de Aprendizamentos. Expressão cunhada de Simas (2022) Disponível em: <https://casadeletras.com.br/produto/orikis> Acesso em: 25 jul. 2022.

O ‘Estado de exceção’, como lembrava Walter Benjamim, favorece os tiranos. A escola é muito vulnerável. Desde há anos que vêm crescendo as críticas, uns alegando que ela não prepara para a vida, outros que não sabe agradar às novas gerações. Mas, agora que a vida parou e que a pandemia está a fazer crescer, como nunca antes havia sucedido, o sem-número de excluídos, que orientação atribuir e que consequências poderão advir de uma mudança precipitada da escola? Educar significa, antes de mais, conduzir para algum lado e a escola trouxe a humanidade até aqui. A escola é instituição onerosa e não se mitiga com sessões a distância ou minimalismos curriculares. Com que direito alguém pode privar ou mesmo reduzir o cesso das novas gerações a este legado de humanidade e personalidade? Se este é um não-tempo, então adiem-se as decisões. Justino Magalhães⁴⁴.

A “noite” a que se refere Magalhães expede ao período de uma pandemia que intimida a história humana. Na ocasião que vivemos, o governo brasileiro nega a condição biológica da Covid-19 e contesta a eficácia científica para a erradicação do vírus. De acordo com Nery e Honorato (2020)⁴⁵, compreende-se que os efeitos da pandemia são múltiplos na vida social, econômica, política, cultural e educacional. Especificamente a Educação Escolar: da educação infantil à superior, estando com as atividades suspensas e, provavelmente, será um dos últimos setores a reabrir integralmente. O que não significará voltar à “normalidade”, até mesmo porque muitos impactos serão sentidos. As soluções tomadas para o “novo normal”, principalmente no formato de ensino não-presencial, têm sido recebidas pelos sujeitos da escola como ações controversas. A crise da escola, aflorada com a pandemia, já estava em processo e foi dilatada por meio das tensões e aceleração de seu tempo histórico.

Se o homem é um ser expressivo e falante, subtende-se que ele tem um interlocutor. Portanto, ele constitui e é constituído pelo e para o outro. Nos encontros sociais presenciais, intermediados por suas produções culturais ou pelos computadores. Essa ontologia, eu para mim, eu para o outro, o outro para mim, de Bakhtin (2015), me fez buscar, no deslocamento da escola, movimentos com os professores. Reconhecendo-os como indivíduos singulares. A escuta responsiva que nasce nesse momento como parte desse texto, contar como pensamos os acontecimentos da escola. Narrando e me apoiando em conversas baktinianas apresentadas por Prado (2015). Movo em tentativa de compreender as voltas e reviravoltas dos encontros virtuais mediados pelo *Meeting*. Os diálogos feitos com meus pares sobre ética, estética e cognição,

⁴⁴Disponível em:

<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/54998/751375150637>. Acesso em: 25 jul. 2022.

⁴⁵Disponível

em:

<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/54998/751375150637>. Acesso em: 25 jul. 2022.

currículo da rede municipal e o projeto político pedagógico. Compreender como todo esse diálogo reverberou na prática de ensino com as crianças durante a pandemia da Covid-19.

Com a Covid-19, nós professores tivemos que aprender tudo (ou quase tudo) sobre tecnologia para já agora utilizar. Acostumados ao mundo de folhas de ofício, giz, cartolinas, lápis de cor, cola e borracha, nos deparamos com outro universo, o virtual. As novas possibilidades de manifestações das linguagens nesse ambiente crescem notoriamente. A fotografia, o cinema, a televisão, os leitores e gravadores de multimídias, o computador, dentre tantos outros recursos tecnológicos incrementaram o jogo de fantasiar. As formas tradicionais de expressão, o teatro, a música, as artes figurativas podem empregar novos suportes tecnológicos para inventar, cada uma em seu próprio âmbito, mas, também, com as recíprocas contaminações e interações, e a formação de novos gêneros expressivos, diz Prado (2015). Novas formas de linguagens. A escrita pictórica, o *design*, a escrita fotográfica, a escrita cinematográfica, a escrita musical dentre outras são o conjunto dessas novas possibilidades de alto nível de manifestação e desenvolvimento da exigência da escrita como capacidade de linguagem.

A escola não estava preparada para o trabalho remoto. Os professores não estavam capacitados para desenvolverem práticas de ensino à distância e lidarem com recursos tecnológicos. As crianças e seus familiares não tinham recurso e conhecimento tecnológico. A escola teve que enfrentar essas dificuldades. A Educação Escolar, em âmbito local e global, dificilmente começará algo do zero e mudará radicalmente seus rumos. Nisso, o “novo normal” da escolarização tem muito da dimensão do “velho normal”, que processualmente constituía a história da educação escolar, intervém Nery e Honorato (2020)⁴⁶. Nesse cenário, problematiza-se qual a importância da área da história da Educação nas pesquisas e no enfrentamento de questões inerentes à pandemia Covid-19 que aflige inúmeras configurações da sociedade. Com a crise, impactos sobre a Educação Escolar são vividos por muitas pessoas em diferentes realidades e países. Por sua vez, há debates na História e Historiografia da Educação sobre a presença do passado no presente e no futuro da Educação Escolar, o que permite conhecer ou revelar continuidades, descontinuidades e diferentes realidades emergentes necessárias. Potenciais conhecimentos decorrem da pesquisa em História da Educação para adensar compreensões e dimensionar os impactos da Pandemia que nos colocou perante decisões inevitáveis.

⁴⁶Disponível

em:
<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/54998/751375150637>. Acesso em:
25 jul. 2022.

Figura 103: Boi Estrela.



Fonte: <https://www.instagram.com/leocoelhoFoto/> Reunião pedagógica- 2022.

Desde os anos de 1960, do século passado, diz Boto (2020), o grande tema do debate pedagógico foi a busca de sujeitar o fracasso escolar em busca da democratização do ensino através da extensão das oportunidades escolares por meio das relações internas à escolarização. Interpelavam-se os porquês de se ter parcela considerável de crianças a não seguirem pelo processo da escolarização. Nesse sentido, buscar responder o que determinaria o fracasso escolar. Será que as crianças iam mal na escola porque integravam famílias que possuíam todos os tipos de escassez? Falava-se em déficit e em carência. Já nos anos de 1970, crescem as teorias da desescolarização que vão questionar o próprio lugar social que a escola ocupa na sociedade. Na mesma época, ganha lugar uma crítica política acerca da condição da vida escolar. Autores do espectro da esquerda passarão a assinalar que a escola representaria o que passou a ser considerado como reprodução cultural da desigualdade social, sublinhando que a escola seria um aparelho ideológico do Estado, que a escolarização, portanto desempenharia um papel de atestado ideológico da visão burguesa de mundo. O capital cultural das crianças de camadas economicamente favorecidas também facilita o percurso de escolarização.

As últimas décadas do século XX e as primeiras do século XXI presenciaram o deslocamento do discurso, centrando-se acerca do público-alvo da escola e de sua interação com os conteúdos culturais trabalhados pela instituição. A questão do multiculturalismo e do debate identitário tomam conta das discussões no campo educacional. A ideia de um currículo descentrado, multicultural, contrário a modelos europeus e norte-americanos ganha terreno.

Nesse sentido, poderíamos ter um currículo que atendesse as especificidades dos países da América do Sul. Porém, percebemos que a maioria das formas de seleção, de avaliação e de promoção dos alunos corresponde, em larga medida, às desigualdades anteriormente dadas no campo societário. Ou seja: a escola produz novas desigualdades. Com os critérios de que se vale de táticas e estratégias rotineiras. A exclusão, nesse sentido, deixa de estar apenas fora da escola, mas tem correspondência com os mecanismos avaliativos. Estabelecendo dispositivos de clivagens das performances dos alunos.

Figura 104: Máquina de somar.



Fonte: Arquivo Pessoal- Foto de tela do arquivo virtual Google sala de aula-EMJCA- 2020.

As marcas de seleção do desempenho dos alunos engendram nova distribuição do mérito. Em fins do século XX e início do XXI, o computador impactou nossa cultura letrada. Pela primeira vez, a cultura do código impresso é colocada em questão. O fato é que a escolarização lidou equivocadamente, desde o início, com a realidade da computação e, sobretudo, com a internet. Manter a forma da escola a partir da existência de uma rede mundial de computadores interconectada seria impossível. A escola não aderiu e se manteve à espreita até a chegada do vírus. O que causou grande impacto com a emergência da escola remota. Impasses sentidos no âmbito daquilo que é efetivamente um dado: há alunos nas escolas públicas e mesmo nas universidades que não têm acesso à internet banda larga. O que

inviabiliza a mobilização dos recursos da internet para dar sequência ao ensino, continua Boto (2020). O que fazer com os estudantes que não possuem condições objetivas de acompanhar o ensino remoto foi uma questão bastante preocupante na escola. Então, na Escola Calil, mediamos também via aparelhos celulares.

A ausência de banda larga favoreceu a segregação social, o que é inadmissível. Já que, de acordo com a LDB, deve-se garantir a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola e, por definição, ter por princípio a incorporação de todos os alunos no projeto de educação. Chegar até os alunos foi a principal questão, já que vivemos em tempos de exceção que exigem, em alguma medida, a reinvenção da escola. É preciso inventividade e experimentação. Arriscar para a coragem de criar e romper com certezas presumidas e verdades pressupostas. Nesse sentido, valer-se de novas plataformas e estratégias e ponderar as táticas, apesar da urgência da ação. Advento do Coronavírus possibilitou o tempo da computação e da internet nas escolas. Cabe aos educadores comprometidos com a educação pública integrar e interpretar este processo. Quem não souber mergulhar na ocasião que a história nos coloca ficará obsoleto. Tempos tristes que trouxeram oportunidades pedagógicas nunca pensadas anteriormente. As novas plataformas, segundo Boto (2020), abrem flanco para novos métodos de ensino que trazem a internet efetivamente para dentro dos territórios escolares. Não sendo conversão definitiva do ensino presencial a práticas virtuais, e, sim, de se valer da particularidade desse momento e usar recursos tecnológicos oportunos. Não é adesão ao ensino à distância, mas mobilizar, de maneira inteligente, as ferramentas e plataformas da internet.

No que cabe aos educadores, descobrir como agir na urgência com inventividade e coragem para criar. Com respeito às tradições e com atenção sensível os educandos, atravessar esse processo desestabiliza mesmo o mais compromissado com a educação. Quando o vírus chega e a escola fecha, o sentimento é de solidão. Desespero.

Como grilos, desamparados, cada professor em sua casa. A escola parecia longe. A docência parecia desmoronar. Estávamos sem o físico da escola, sem as rodas de crianças tão valiosas para nós. Sem as práticas do fazer escolar. Sem esse movimento tão ordinário a nós. Da cultura de escola, cadenciada por ritos, ritmos e ritualísticas, modos de fazer e de organizar princípios e valores que trazem a identidade para cada escola em particular, diz Forquin (1995). Desabrigados de nossa profissão, o distanciamento da escola e daquilo nos dignifica enquanto “ser professora” estava cancelado nos primeiros meses de 2020. Não pensamos que duraria tanto. O início de toda mudança, é bem temeroso. Aprender na urgência do fazer. Nisso, os grilos noturnos sozinhos fazem muito barulho. E nunca se fez tanto barulho dentro de nós.

Figura 105: Abayomi.



Fonte: Arquivo Pessoal- Foto do acervo da escola- EMJCA-2019.

As primeiras reuniões

Liquidez. Na correria dos nossos dias normais, cada segundo estático em casa era como minutos condensados, dos quais, agora, temos tempo. Corredeira de informações que passam velozmente por nós. Porém, o corpo está sentado. Tudo corre na iminência da necessidade. Sentados produzindo atividades e recebendo atividades. Estamos em diversos lugares ao mesmo tempo, mas não saímos da cadeira. Várias reuniões e diversas *Lives*. Muitas informações líquidas e velozes acompanham-me, nas lentes de Bauman (2001). A princípio, a dor imposta a nós pelo isolamento social, pela perda de amigos e familiares, nos amedrontou. Fomos envolvidos na poeira dos destroços. Em meio à confusão de fazeres, de sentimentos e informações. Aprendizagens e encontros mediados pelo *Meeting*. A vida como poderia ser

vivida já não é mais. Tem *orikis* nesta maneira que estamos vivendo. Poesia e saudação no evocar de nossas origens⁴⁷. Deste lugar de querer estar, diz Manoel Bandeira.

Pasárgada

O lugar de encontro perfeito aos meus olhos. Meu céu. Pasárgada, o meu chão. O lugar que traz prazer. Que possibilita relações cheias de significados e aprendizagens. Espaço de renovação. Estar com as crianças é permitir a existência de aventuras de aurora. Lá poder ser com elas: amiga do rei do cortejo e saudar a coroação. Ver o boi estrela renascer e a menina da lanterna achar luz. Caçar formigas, cultivar borboletas. Dançar por entre os planetas e navegar por mares desconhecidos. Encontrar monstros marinhos. Soprar a vela, sem ser de aniversário. Cantar debaixo das árvores. Sonho voltar para lá a cada nova contratação de professores. No agora, a realidade escancara os laços entre vida e morte que a pandemia traz. O não ir à escola, diz Manoel de Barros (2017), faz temer a reta. Dessa curva que não sonha. Dos laços afetivos que não são efetivos. Como professora contratada, a suspensão das aulas me fazia temer o cenário que se desenhava.

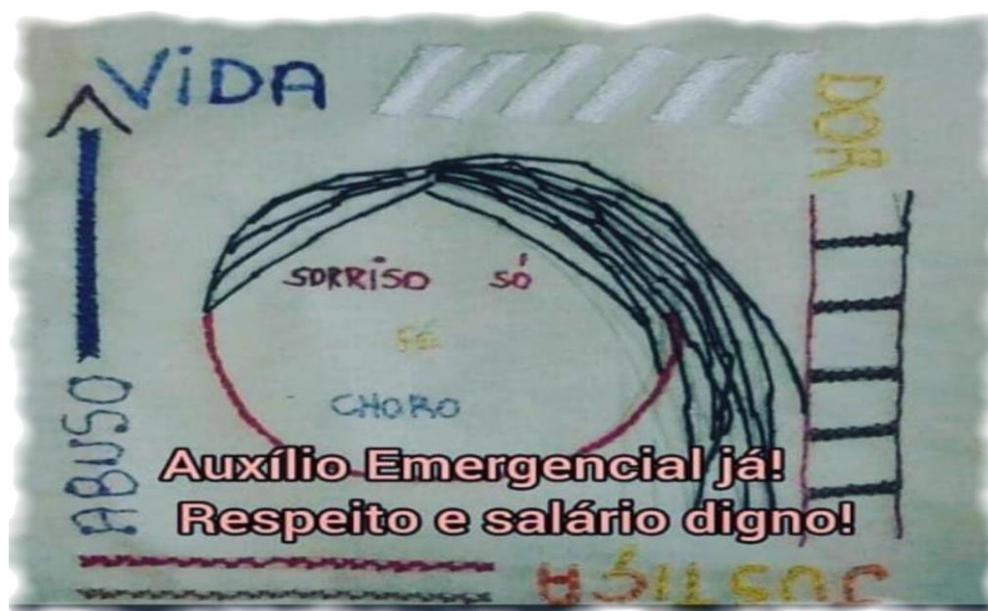
Tosse, tosse, tosse. Respire...

A perspectiva trazia angústia e dor. Morte de queridos e estranhos. O medo do contágio eminente. A crise. A fome. O desemprego. A crescente violência. Cenários de terror. Horror. Com as aulas suspensas, nós, os contratados, não éramos mais necessários. O poder legislativo da prefeitura de Juiz de Fora pensando em melhorar o saldo econômico, cogitou suspender os contratos de todos os quase três mil professores. Inclusive o meu. Como manter nossas famílias e nossas vidas? Perder o contrato me colocava em situação de desespero. Trazia a o cenário de miséria, vivido por milhões de brasileiros para dentro de minha casa. Covid-19, desemprego, medo, sentimentos que habitavam dentro de nós. Perdidos e desamparados pelo poder público. Desrespeitados pela gestão 2020.

⁴⁷Disponível em: <https://admin.sindsepsp.org.br/sistema/ck/files/Antropologia%20dos%20Orixas%20Word%2097-03.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2022.

O corpo docente da José Calil internamente organizou uma campanha de amparo aos docentes contratados. Cientes que a luta é necessária para garantir o lugar do magistério, começamos a movimentar o espaço virtual das redes sociais. O que contagiou outras escolas. Cientes de nossa possível demissão, a campanha era para que os professores contratados tivessem auxílio. O que foi chamado de “auxílio emergencial digno para o magistério contratado”. Reunimo-nos pelo *Meeting*, com o corpo diretivo da escola. Para a campanha, foi escolhido o bordado da professora contratada Gabriela.

Figura 106: Campanha Contratados.



Fonte: <https://www.instagram.com/gabriela.machado.ferreira/?hl=pt-br> 2020.

Fragilizados, porém acompanhados pela rede de magistério, que se uniu frente ao desrespeito a nós. Foram meses de extrema angústia e sentimentos de desvalorização. Toda trajetória profissional escoava. Sentir sem valor. Mão de obra barata e descartável para o sistema capitalista. Preenchemos lugares que não são nossos.

Deslegitimados da profissão

As falas eram de nos reinventarmos. Como se fosse possível mudar de profissão abruptamente. Ser professor não é algo que se faz da noite para o dia. Requer anos de estudo. Dedicção e processos continuados de aprendizagem. Ser professor mexe com quem somos.

Deixar toda a formação e dedicação para, imediatamente, nos transformarmos em meio a uma crise de saúde mundial, era bastante maldoso por parte do sistema.

Hoje, quase um ano após essa campanha, o que nos deu a vitória de continuarmos contratados, olho para esse bordado e posso sentir o poder da Filosofia de Bakhtin (2015) e não cito somente a força intelectual. Não só a ética. Não só a estética. Mas a força que nos faz sentir ao nos movimentarmos. Magistério é a permissão para o encontro, para o não caminhar só.

Linha 1: A caixa viajante

Figura 107: Caixa Viajante.



Fonte: <https://www.youtube.com/channel/UClDoxQeH7Y5CzywiTORqQnQ> 2020.

Para além da campanha envolvendo os contratados, a escola José Calil organizou, de forma autônoma, o portal do *YouTube* como lugar de comunicação com a comunidade escolar. Não tínhamos o direcionamento da Secretaria de Educação, então o trabalho seria voluntário. Entendíamos que era preciso não deixar as crianças totalmente sem vínculo escolar. Criamos o canal Caixa Viajante, disponibilizado no *YouTube*. Professores efetivos ou não, de forma optativa, (mesmo diante do cenário envolvendo os contratados), indicaram várias atividades para esse tempo de isolamento social. Segundo a direção da escola, estas, não tinha como objetivo oferecer educação à distância, mas estabelecer caminhos de aproximação da escola

com seus educandos e familiares⁴⁸. Além do portal, a escola buscou parceria como o curso “Pedagogia para a liberdade” (Juiz de Fora) e, dessa união, foi desenvolvido o projeto físico chamado “Caixa Viajante⁴⁹” que ofereceu kits lúdicos e educativos a serem entregues para as crianças da escola. Os professores doaram materiais de seu próprio acervo e orçamento, como livros e lápis de cor, gibis, brinquedos, giz de cera, borracha, cola, e um caderno chamado Diário de Bordo, com sugestões de anotações⁵⁰ para compor a caixa. O objetivo era propor a interação infantil durante o período em que as aulas estavam suspensas. Em total conformidade com ações que foram feitas pelo mundo no intuito de amenizar esse tempo pandêmico.

Materialidade do afeto

Figura 108: Caixas distribuídas.



Fonte: Arquivo de práticas. EMJCA- 2020.

Viver a eternidade da travessia. Passar pela pandemia que irá acabar um dia. Porém, estamos como caramujos atravessando por ela. Esse tempo não nos pertence, é da natureza. Em casa, buscamos mais os meios de comunicação virtual. Usamos celulares, computadores, *tablets*

⁴⁸Disponível em: <https://www.pjf.mg.gov.br/noticias/view.php?modo=link2&idnoticia2=68089>. Acesso em: 18 dez. 2020.

⁴⁹Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCldOxQeH7Y5CzywiTORqQnQ> Acesso em: 18 dez. 2020.

⁵⁰Perguntas existentes dentro dos Diários de Bordo: Conta para gente um pouco da sua rotina o que você tem feito durante o dia? Conta para gente os seus sentimentos: é bom ou é chato ficar em casa? O que você tem feito nestes dias em casa? Quais brincadeiras você tem feito? Com quem você está brincando? Você já viu algum filme? Se sim quais você viu? Alguma série? Qual você viu? Algum desenho animado? O que você tem ouvido falar sobre a covid-19? Do que você mais sente saudades? As perguntas estão soltas no caderno e não são numeradas. Aqui transcrevo na ordem que foram aparecendo nos diários de bordo.

e nos espalhamos pelas redes sociais. O entretenimento foi buscado de todas as formas. Filmes, arte, cultura, música foram suporte para conseguir manter as condições mentais em sanidade. Suportes tecnológicos e contato com o outro. Virtualmente, muitas crianças chegaram a mim: “Tia, me dá o que fazer, pode ser qualquer coisa!”. Atitudes que demonstram o quanto as crianças se preocupam com o aprendizado. Presenciei vídeos e fotos pelas redes sociais, narrativas que mostram aquilo que está ligado à vida cotidiana nesse tempo de mudança de rota. As crianças mostram suas casas, a escrita no Diário de Bordo, a dança que aprenderam e o bebê da família que está por vir. O aniversário comemorado e a brincadeira que fizeram. Aspectos positivos de estarem com suas famílias e o sentir falta da escola. Os cuidados e partilhas. A cooperação que emerge com a divisão das tarefas domésticas. As experiências lúdicas, sensoriais e todas as vivências são potencializadas. Marcam a subjetividade infantil do ensino remoto. Mostram também o tédio.

Figura 109: Tédio.

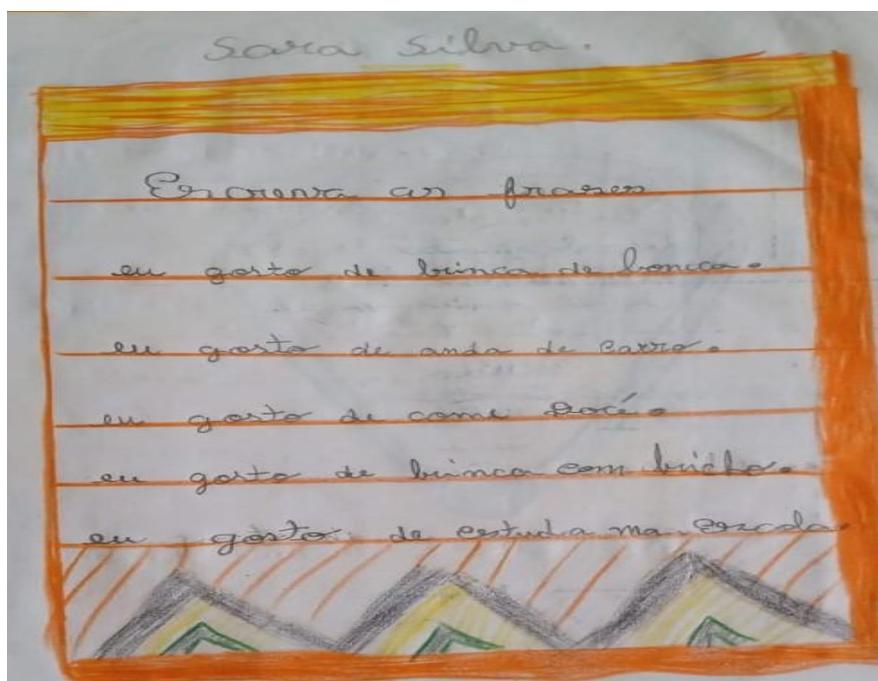


Fonte Diário de bordo -Arquivo de práticas- EMJCA- 2020.

Estamos vivendo a pandemia e, de certa forma, de um jeito privilegiado, que em outros tempos não poderia ser vivido. A modernidade do século XIX trouxe profundos impactos sociais e culturais com os novos mecanismos de comunicação e técnica, diz Miranda (2013). Modificamos estruturalmente as rotas comerciais, os modos de produzir, associabilidades, hábitos de consumo e culturas. A tecnologia avançou imponentemente. Conseguimos nos

comunicar virtualmente e de forma instantânea. O que revela a importância da comunicação via máquina/internet. Desta importância do toque pelas mãos e o dedo em tela. As ferramentas moldam as relações humanas, o movimento de pinça até o toque em tela, mudanças significativas que fazem com que a escola deixe de ser espaço privilegiado na obtenção de informações sobre o mundo, já que é possível encontrar na internet um largo depósito de memórias públicas socialmente compartilhadas. Cenários inspiradores de criação pública, ancorados na tríade tempo-narrativa-memória. O conhecimento se concretiza na experiência vivida, em torno do saber que os aprendizados se consolidam. Vivências.

Figura 110: Gosta da escola.



Fonte: EMJCA- Diário de bordo da Sara- Caixa Viajante-2020.

Como dito por Boto (2020), a escola andava recuada da tecnologia, não considerava o ambiente virtual como suporte para o aprendizado. Diz Miranda (2013) que esta perpetuava velhos padrões de desenvolvimento e de estudos do currículo, inadequados para a nova sociedade de riscos, instabilidades e rápidas mudanças a qual estamos expostos. Encarcerados em aprendizagens primárias padronizadas. Somente com a regulamentação do Regime Extraordinário de Atividades dos professores e coordenadores pedagógicos que atuam nas escolas da rede municipal de Juiz de Fora é que se deu início ao que foi chamado de Ensino

Remoto. As atividades entrariam em vigor após as férias de julho/2020, ou seja, praticamente cinco meses após a chegada do novo Coronavírus na cidade⁵¹.

Figura 111: Distribuição das caixas Viajantes.



Fonte: EMJCA- 2020.

A secretaria de Educação /JF também se posicionou tardiamente, através da portaria 4.212. Nela, realçou-se que, sem Educação, as crianças entrariam em um processo de retrocesso de ensino-aprendizagem, o que poderia acarretar sérios danos estruturais e sociais para os estudantes e suas famílias. A preocupação com a evasão e repetência escolar também apareceram. O município justificou a oferta de atividades alternativas para as crianças como meio de evitar a perda do contato destas e de suas famílias com a escola, de forma a minimizar a possibilidade de retrocessos em seu desenvolvimento. Dessa maneira, o Conselho Nacional de Educação (CNE) autorizou os sistemas de ensino a computar atividades não-presenciais para cumprimento de carga horária. Em conformidade, a Prefeitura de Juiz de Fora (PJF) optou pela medida, a fim de minimizar os danos ao calendário escolar⁵². Fica evidente que a Covid-19 inaugurou um novo estilo de Educação, que não sabemos ainda o que virá a seguir.

⁵¹<https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/16-08-2020/pjf-inicia-atividades-remotas-para-41-mil-alunos-da-rede-publica.html>. Acesso em: 18 dez.2020.

⁵²<https://www.pjf.mg.gov.br/noticias/view.php?modo=link2&idnoticia2=68096> Acesso em: 18 dez. 2020.

Nesse tempo de doença viral do Coronavírus, a educação remota tem sido vivenciada na urgência do caótico que se instaurou. Não havia sido pensada na escola e nem pelos órgãos educacionais. Nem temos um currículo desenvolvido para esse fim. No entanto, a escola, como um caminhante em meio aos destroços da guerra, tem cumprido seu papel de instância educativa. Ao lidar com esse novo suporte educacional, essa rede de ferramentas possíveis é, para nós, como uma rua movimentada que nos leva para onde queremos ir. Que mostra novos caminhos, porém, é cheia de perigos por sobre a via.

Para trilhar, não basta seguir o fluxo, é preciso deliciar e contemplar o que se passa. Observar com atenção, sem se perder no meio da selva de concreto. Assim como Chapeuzinho Vermelho levava carinhosamente doces para a sua amada avó e encontrou o lobo a sua espreita, estes são os caminhos que perpassam os estudos mediados pela máquina. Em tempos sombrios, espalhar o amor. Cuidado que cura e acolhe. Ato esse que movimenta o corpo escolar a não sucumbir à prática conteudista e se organizando didaticamente para a sensibilidade. Despertando em nós, no mediar pela máquina, o belo e o ético. O estético. A poesia que chama a origem, que desperta a mente. Oriki, evoca nossa ancestralidade. Daquilo que nos acontece e não do acontecido. Um fomento para a constituição de sentidos. Da experiência para que aconteça tanto no educando quanto no educador. Mover-se com “vida”. Convites ao trabalho de comunicação e compreensão do que está sendo comunicado, que não nos nega enquanto sujeitos. Vivências que percorrem a escola e, por isso, a necessidade de documentar o experimentado. Fundamental contar sobre o momento histórico que a escola sobrevive e o que ela desenvolveu com as pessoas ali inseridas.

A documentação apresentada ao longo do texto contou com fotografias do arquivo Pedagógico da Escola em diálogo com o arquivo virtual do Google sala de aula, das aulas remotas de 2020/21. Documentação fotográfica e audiovisual são confrontáveis e intercambiáveis, traz Hoyuelos (2020), e foram amplamente usadas. Com esses recursos tecnológicos disponíveis, pude encontrar pistas da experiência, do agir, do pensar, do investigar e do aprender das crianças. O movimento foi de entender como a escola se apropriou da novidade, do cognoscitivo. Relatar como organizaram e aguçaram a curiosidade. Como construíram sentimentos e pontos de vista. Como colocam à prova suas energias e vitalidade. Como desenvolveram o trabalho pelo caminho do respeito, da ética e renovação nas relações com as crianças. Os intercâmbios que foram criados para documentar a vida das crianças e estimulá-las. O que foi revelado por meio das fisionomias, dos olhos, da boca, dos gestos, das posturas. Estes pequenos sinais espiões de sentimentos.

Figura 112: Afeto viajante.



Fonte: EMJCA (2020).

Linha 2: As jornadas de Aprendizamentos.

Figura 113: Jornada de Aprendizamentos - Discutindo sobre o currículo da José Calil



Fonte: Arquivo pessoal- escola 2021.

A 'janela da alma' está próxima dos olhos, as vezes emoldura, às vezes amplia [...]. Uma janela perto da morte, para quem acredita que a alma seguirá por lá. Mas também uma janela para o escuro, dessas que não tem por onde ver tudo [...]. Respirar junto com o mundo, mesmo quando se parece estar tão longe [...]. Olhar entre grades e muros. Nestes dias de isolamento estive assim: perto da alma, ventilando memórias de um mundo não vivido e respirando pelas frestas da estrutura que (me) sustenta [...]. Daqui estou vendo luzes antes nunca vistas. Percebendo passagens e vozes nunca antes tantas vezes percebidas. Minha alma está aberta na greta de minha esperança, dessa que sempre insiste em nascer com alegria. É tempo para olhar [...]. Professora Gabriela Ferreira em 06/08/2020. Arquivo do Mural Virtual Google sala de aula- EMJCA-2020.

Jornadas de Aprendizamentos: Primeiras observações da escola em Movimento remoto.

Vozes

Tudo tão incerto e tão inseguro. Estávamos ali, tateando por entre as possibilidades do novo que a máquina nos trazia. O Portal da Caixa Viajante foi um momento anterior a qualquer regulamentação da Secretária da Educação. Sendo ação voluntária do magistério da escola Calil. Após o sofrimento e o descaso em relação aos docentes, a situação foi resolvida favoravelmente, as portarias regulamentaram a Educação Remota. Iniciaram-se as jornadas de ensino remoto.

Nos silêncios da noite, o abatimento. Queria voltar para a escola. Pensava que a pandemia iria passar rápido. Meus sentimentos me cegaram e só conseguia ver o trabalho burocrático de preenchimento de Tabelas Excel. Eu precisava me reaproximar das crianças, senti-las para me renovar. Sentia-me inútil, apesar de tanto trabalho para realizar. São muitos documentos a serem gerados que controlam nossos passos e aquilo que estamos fazendo. Não via prazer no ato burocrático. Queria sentir as crianças. A primeira sensação foi a de que o computador tirou o acompanhar do processo. As interações não são dinâmicas. Nó que se formava no coração. Não sabia como trabalhar o estético em modo remoto. Ventos alísios que sopram e trazem a beleza que se explica melhor por não haver razão nenhuma nela. Encantar os olhos, para poder ver a magia que faz unir quem está aqui, com aquele que está lá. Mudar o olhar. Os ventos que espalham as flores pelo chão completam ou sujam a paisagem? Depende de como se olha.

Figura 114: Ruas coloridas



Fonte: Arquivo Pessoal- 2020.

Gosto de esquadriñar

Esse olhar detalhado vem de longe. Fui criada no mato, seguindo meu avô para o rancho e, também, para o chiqueiro. Palavra feia, chiqueiro. Existem outros sinônimos mais bonitos. No criadouro dos porcos aprendi que havia bichos que faziam morada em nós. Os bichos-de-pé. Eles eram o motivo de minha mãe e meu pai me segurarem e me espetarem agulha nos dedos. Foi então que aprendi a olhar para as coisas miúdas. Perceber minúcias. Quanta exuberância e perigo têm os micromundos. Tudo pode se tornar estudo a aprendizado em sonhos e imaginações. Saudade dessa pedagogia dos sonhos. Dos cortejos que envolviam toda a escola no ato de fazer chover flor – o desafio do ensino remoto seria imenso.

Expectativa no aguardo de nosso primeiro encontro. As Jornadas de Aprendizamentos, inspiradas em Manoel de Barros (2017), foram encontros ricos de sensibilidades e aquecimento emocional. Sentimentos que se alcança em geografias diferenciadas. Extrapolam fronteiras no encontro mediado pelo computador. Reencontro que brotou em lágrimas. Ciranda de encontro a cantar as cantigas de roda. Parecíamos estar sendo envolvidos em uma espécie de roda ritual, mágica e imaginária. As danças de rodas na escola são muito comuns. Nelas, aconchegos e abraços. O primeiro encontro conseguiu realizar uma roda virtual de presença imaginária e emoção real. A distância não nos impediu de compartilhar experiências e nem de sentir o outro. Nesse íntimo humano de se adaptar.

Do que mais se dizia: “É preciso e é possível dar o nosso melhor”, era a frase movedora nessa unidade de consciência da vivência humana, ciranda comigo Prestes (2021). Distantes,

mas estabelecer relações de confiança, as Jornadas de Aprendimentos foram construídas pelo viés da autonomia criativa. Convites à compreensão, ao sensível. Ampararmos uns aos outros mesmo que pelas telas dos computadores. O ensino remoto deveria ser vivenciado por nós, antes de chegar às crianças, o que, de acordo com Rinaldi (2020), significa não apenas propor um projeto educativo ou com comando de uma administração social, mas se tornar, de fato, beneficiários dessa experiência, sendo os membros da equipe os primeiros a alimentarem o prazer da participação, a encontrar sentido nas reuniões. Envolver a todos de maneira interconectada. Se uma das partes está indisposta, o bem-estar das demais estará em perigo. O bem-estar dependente da qualidade da comunicação entre as partes. Do conhecimento e da consciência que elas têm de suas necessidades e satisfações mútuas. Das oportunidades de encontro e desenvolvimento gradual.

Um sistema integrado de experiências comunicativas surge. Ao mesmo tempo em que se opôs a qualquer forma de separação imposta pela desmazela das políticas públicas sociais e sanitárias. Garantiu a valorização e a continuação da individualidade de cada um. Promoveu ação e conhecimento, entre aspectos afetivos e cognitivos. A interação assegurou a comunicação de problemas das crianças, das famílias, dos educadores e da sociedade. Achando, ali, a oportunidade de se qualificar, enriquecer seu profissionalismo, de se emocionar por meio da participação, da fala e da escuta. Educação centrada na comunicação. Dos quais os principais protagonistas são: a criança, a família e o educador.

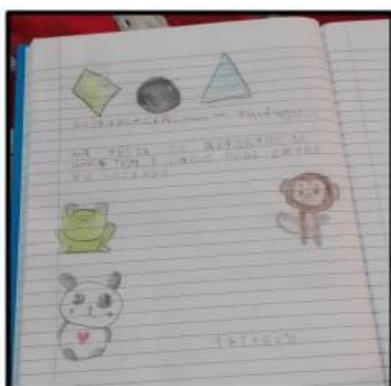
Figura 115: Desafio matemático.

Desafio matemático:
Vamos resolver essas situações problemas! Pode desenhar e usar a imaginação!

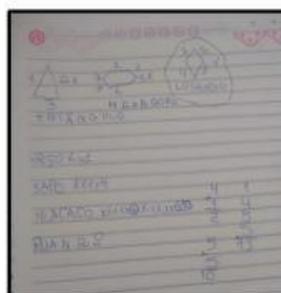
1) Festa Geométrica: Para o baile do quadrado nenhum círculo foi convidado, tem quadrada, quadradinho e um monte de quadrados. Porque nessa festa só entra quem tem o mesmo tamanho nos quatro lados. Um Triângulo tentou, um Losango também, um Hexágono se apresentou, pense, pense pense bem... Qual desses três conseguiu entrar nessa festa particular?

2) Bicharada Machucada: O sapo Josué tem 4 feridas no pé. O urso Rodrigo tem 1 machucado no umbigo. O macaco Manuelão tem 5 cortes em cada mão. Todo corte, ferida ou machucado, com bandeira precisa ser tratado!

Pra desses doentes cuidar de quantos curativos vamos precisar?



12/01/2021



Análise da aula:
 Priorizei a Ludicidade, Currículo e demonstrar empatia e respeito pelos esforços dos responsáveis das crianças, informando-os "Para ser um problema matemático, não necessariamente precisamos de números ou uma resposta exatamente perfeita. O legal da matemática é que podemos achar o resultado de várias maneiras e formas. Para resolver tais problemas indico sempre desenharem, imaginarem a situação em questão para depois verificar as possibilidades de respostas."

11

Fonte: Arquivo Virtual- Google sala de aula- EMJCA- Foto de tela-2020.

As reuniões semanais de terça-feira virariam rotinas e seriam momentos de acolhida. A máquina possibilitaria o encontro, o falar, interagir e se emocionar. A escola era a diretriz de suas práticas. Sensibilizar para poder pensar também os campos sensíveis à Educação. O acolher do professor em suas múltiplas falas, angústias e emoções diante da crise pandêmica e do isolamento social. Fomos embalados pelo som de Gilberto Gil: "Quem tem coração sente por esse tempo, mas sente acompanhado". Mundos sensíveis se externaram de dentro de nós. A pandemia, o medo, as novas histórias e configurações de vida. Diante do panorama de crise, precisamos dizer ao outro aquilo que nos passa. O que nos afetou de bom ou ruim nesse tempo que tivemos separados. Começamos a compartilhar nossas vivências. Vários foram os relatos que os colegas professores trouxeram. Das narrativas do cotidiano e das emoções/aprendizados que surgem em meio às sombras do vírus. Transcrevo, resumidamente, algumas histórias compartilhadas.

Relatos de vida, ditas na primeira reunião:

A perda- Do que muito foi dito:

“A morte do pai, por Covid-19. O choro do professor... A escuta sensível do grupo. O relato de dor diante da morte, das pessoas amigas e dos entes amados que perderam a luta contra o Coronavírus. Assombro diante do quadro de mortes.”

Sonhos interrompidos:

“Os sonhos interrompidos da professora aposentada que, após retornar para a sala de aula em 2019, conseguiu vencer a depressão, encontrando significado novamente para a sua vida no magistério no contato com a criança e sua força de aurora. Inspiração que a fez viver intensamente os instantes e até mesmo a pular de paraquedas. A dor em seu relato pela interrupção de seus fazeres e o medo do retorno ao estágio depressivo.”

Introspecção e preocupação social:

“Dos momentos de introspecção e da preocupação com o que está sendo vivido pelo outro, principalmente pelas pessoas autônomas.”

Do reencontro com o divino:

“Do desejo de reencontro com as pessoas amigas, dessa sensação que parece ser de retorno ao ninho, mesmo sendo este um encontro remoto, nos faz sentir preenchidos. Dessa percepção que o trabalho nos dá e que nos faz sentir falta.

Da adoração ao divino e do reconhecimento que o Universo é maior e que o homem não está no controle da situação. Do aprendizado que esse tempo de isolamento nos faz olhar novamente para o que seriam os quatro pilares da vida humana: O eu comigo, o eu com o outro, o eu com a natureza e o eu com o divino.

Desse equilíbrio da vida na relação com o outro e com o divino.”

Do tempo da experiência:

“Do reconhecimento do valor do tempo e do valor da liberdade.

Da vida dedicada sempre ao outro, agora, encontra tempo para si, para olhar-se.

Da comemoração do retorno, mesmo que *online* do nosso trabalho e do reconhecimento que poder ver o outro por si só, mesmo estando via tela de computador é uma festa, a preocupação com o outro que perde o seu trabalho.”

Escola campo de relação com o outro:

“Particularidades essas de nossa escola em poder criar vínculos de confiança, de respeito e sensibilidade de um grupo que partilha e que troca. Do sentimento de gratidão por poder compartilhar com o outro até mesmo o silêncio. Do querer ser amigo de longe e de perto, no ser/ter paz, a fim de acertar nossas distâncias.”

Ao assumir as narrativas docentes como corpo que compõem os estudos da narrativa metodológica, elas poderão incentivar outros relatos e poderão gerar novas produções no âmbito da pesquisa educacional. Vale ressaltar o introduzir das palavras do outro na escrita, esclarece Bakhtin (2015) sobre o revestir da compreensão e avaliação daquele que as insere. Relação de intimidade, de troca significativa que transforma ações e altera a consciência. Garimpar poesias na voz do outro.

As pessoas não foram terminadas e a pandemia não acabou. Durante a discussão proposta no grupo de hoje sobre como está sendo as nossas percepções na pandemia, os integrantes trouxeram fatos que se assemelham e outros que são muito singulares [...]. Diz Guimarães Rosa que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas, vão sempre mudando. Afinam ou desafinam [...]. Desse modo, diante de um cenário pandêmico e de distanciamento social que se coloca para todos nós, é importante ressaltar que cada um vivenciará esta experiência sob o filtro de suas próprias características peculiares, com os óculos de sua realidade [...]. As emoções são muitas, diversas e inconstantes. O fato é que estamos em um período de pausa global [...]. Professora A-06/08/2020.

As sensibilidades narradas nos unem e, ao compartilharmos, interagimos. Descobrimos que a angústia do outro também é a nossa. No processo livre e natural do existir, cada qual assume consciente ou inconsciente, seu lugar único. Assumir é reconhecer-se no mundo, diz Prado (2015), é saber da importância da escuta do outro. Relações compartilhadas fortalecem

o vínculo com o que produz a escola. Ouso dizer que temos na voz do outro um pensamento que também é nosso. Nesse momento singular, baldio canteiro de lama inserido pela pandemia, o corpo docente se firma na educação remota, buscando dar o melhor de si, para que esse meio funcione.

Não é o mesmo que estar fisicamente presente, é outro lugar. Não é uma defesa do ensino remoto, mas de ações que propiciem o respeito aos sujeitos envolvidos. No fazer com ética e boniteza, e demonstrar o valor da escola pública como lugar de potência e de diversidade humana, e do quanto a escola se reafirma necessária. Avistar, no ambiente virtual, lugar simbólico de encontro entre os indivíduos. Não mais nas margens ou no silêncio. Pois seus valores e desejos, representações do mundo, ganham voz pelo *Meeting* e se tornam, em pesquisa da prática profissional, relicários da alma do professor.

A organização da escola se pautou em partilhar esperanças no ato de esperar, inspirados por Freire (2000), conduzir o ensino remoto em processos reflexivos. Nunca estivemos tão perto do outro quanto agora. Os encontros virtuais são constantes. Passamos o dia todo na frente do computador. Conversamos, trocamos ideias profundas. Não são mais “paradinhas” entre os corredores na troca das aulas. Ligeiras. Estamos dentro da casa do colega e em constante cooperação. A interdisciplinaridade se constituía diante de nossos olhos. Estava sendo constituída na feitura das atividades. Freire (2000) diz que se compararmos a ação educativa do educador desesperançado com a ação educativa do professor que se funda na interdisciplinaridade, perceberá que o desesperançado nega a essência da sua prática, enquanto o segundo conecta operação metodológica e epistemológica e se funda na formação da existência humana. A não-fragmentação dos conteúdos possibilitou o diverso. Foram chamados por nós de “Combos Pedagógicos”

A interdisciplinaridade foi um desafio, foi preciso aprender a interagir dentro de nossas áreas de forma coletiva e virtual. No interativo, ter o cuidado com a fala e sensatez no aperfeiçoar das atividades. Delicadeza na escuta, cortesia. Acostumados com um trabalho interdisciplinar entre os conteúdos e não entre os pares. Logo, o trabalho remoto seria o encontro com o outro, ocupando para além do encontro físico, outros espaços. Habitar o mundo do “entre”. Dessa forma, caliginosos tatear sem ver e permear o espaço remoto.

Nesse sentido, para ilustrar a interdisciplinaridade, um dos professores trouxe uma história que nos foi contada a fim de nos ajudar na escuta do lugar do outro⁵³. O exemplo era

⁵³ Essa história foi apresentada no coletivo pelos professores durante as reuniões que se estabeleceram após o direcionamento da Secretaria de Educação de Juiz de Fora. Esses encontros foram chamados de Jornadas Pedagógicas

o tatear do elefante por um grupo de cegos que sentia partes diferentes do corpo do animal. Como sentimos em nossa disciplina, em nosso ponto de vista. Enquanto um apalpava a barriga, outro a cauda, outro a orelha, outro a tromba, outro uma das pernas, foram dizendo o que sentiam. O que tinha apalpado a barriga disse que o elefante era como uma enorme panela, o que apalpou a calda discordou e disse que o elefante se parecia com uma vassoura. O outro disse ser um leque aberto, este, apalpava as orelhas. Enquanto o que apalpava as trombas sentindo as ondulações disse estar diante de uma mangueira de água. Porém, o que apalpara as pernas disse ser redondo como uma grande mangueira, mas sem ondulações e sem flexibilidade, rígido como um poste [...]. Os cegos se envolveram numa discussão sem fim, cada um querendo provar o erro do outro e a suas certezas apoiadas em suas próprias experiências. A partir delas, não conseguiam entender como os demais podiam afirmar o que afirmavam. Nesse sentido, é preciso aceitar que os outros podem ter tido outras experiências, e não negar o que os outros inferiram. Mas juntar as vivências⁵⁴.

Figura 116: Como cegos no ensino remoto.



Fonte: <https://paralemdoagora.wordpress.com/2014/12/23/a-parabola-dos-cegos-e-o-elefante/>. Acesso em: 06 ago. 2020.

Freire (1996, p.45) nos diz que estar com o outro exige muito de nós. Não há prática docente verdadeira que não seja ela mesma um ensaio estético e ético. Nesse entendimento, demos início aos trabalhos pedagógicos. Compreendendo que a experiência das coisas que cada homem pode ter é sempre limitada. O que nos obriga a ter a sensatez de levarmos em conta também as experiências dos outros e de cada singularidade como ato único, do qual Bakhtin (2006) alega que tal fato supera a cisão dos mundos da vida e da cultura. Partindo desse conceito, os encontros virtuais foram se constituindo de reflexões para nos ajudar a pensar e a produzir um trabalho pedagógico conjunto, ancorados no aprender sensível do outro, do encontro entre beleza e cuidado. Poesias que geram vida, que inundam nosso ser de esperança,

⁵⁴Disponível em: <https://paralemdoagora.wordpress.com/2014/12/23/a-parabola-dos-cegos-e-o-elefante/> Acesso em: 17 de mar. 2021.

e isso tem grande importância. Do ordinário como elemento de estímulos. Assumimos que nossas práticas educacionais são construídas a partir das experiências pessoais, nas diferentes relações que estabelecemos com a vida. A pandemia marca a passagem e tem feito mudanças significativas na escola. Não é apenas uma pedra no meio do caminho. Mas, como lembra bem Drummond, havia, sim, pedras no meio do caminho.

Figura 117: Cascalhos.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CPDZIRujUKP/> 2021.

Somos fluidos. Escorremos por entre pedras

Escorrer por entre pedras na companhia noturna da música estelar. Não deixar de sentir os efeitos da pandemia ao contrário, é dizê-los. Abandonar o silêncio e anunciar que estamos diante do quadro mais intenso da Covid-19 com lotação em quase cem por cento das UTIs e que o sistema de saúde não comporta mais. O vírus como erva daninha tem ceifado vidas em batalha cruel. Contudo, encontramos força para a resistência. Unidos por entre as pedras da dor, impressionados pela quantidade de mortes que se espalham entre nós. Inseguros, encontramos inspirações que nos fortaleçam.

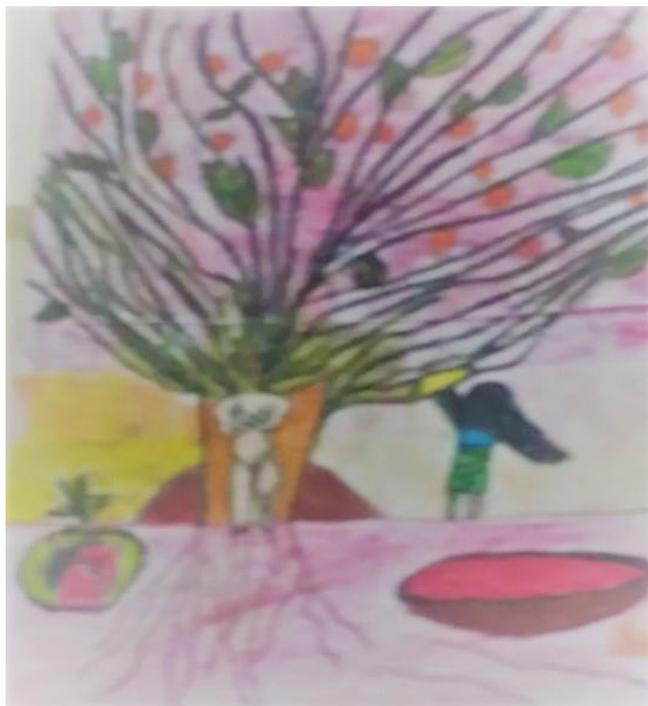
Seguir adiante, transformar lágrimas em força que nos faz passar pelo fogo e achar o sagrado e reestabelecer o elo entre homem e meio, este rompido pelo capitalismo e pela empresarização da religiosidade. Gente “do bem”, diz Brum (2013), fiéis da moralidade cristã

que praticam o mal afincos nos pequenos assassinos do cotidiano. Confrontados, esbravejam demônios, mas a raiz do mal tem estado ali, preservada no discurso da família de bem. Possivelmente, sempre esteve, mas, a cada época, exibe suas peculiaridades. Bombardeio de notícias, entre verdades e mentiras de um Brasil polarizado. Nosso cérebro escolhe as cenas que irão nos comover, no tumulto de informações, na liquidez dos tempos, temos nos esquecido de nos vestir da pele do outro. Empatia. Perdas de si, deste mundo neoliberal. Do capitalismo que nos impede de degustar as coisas. E perseverar, diz Freire (1996), mesmo diante desta ideologia fatalista, imobilizante, que anima o discurso neoliberal e que anda solta no mundo. Que insiste em nos dizer que nada podemos fazer contra a realidade.

Urge a reza ancestral, de cantos e tambores e rituais. Buscar a força ao lado do humano natural, e não no concreto. Encantarias da chama. Fogo mágico onde nossos ancestrais buscavam a força. Centelha que faísca e produz a magia e o fazedor de chuva faz o céu prantear. Nesse salto de tigre em direção ao passado, a fim de salvar a herança dos oprimidos, brada Schluchter (2014). Não somente salvar, mas se inspirar para interromper a catástrofe presente, pontua Benjamin (2005). Espiritar pelos mitos antigos e magicizar o mundo desmagicizado pelo capitalismo⁵⁵, como ato de curar o mundo.

⁵⁵Segundo Max Weber (*apud* Schluchter, 2014) não se trata de uma psicologia do desencantamento de uma pessoa seja ela observado ou observador, mas de um longo processo histórico cultural que envolve ideias, instituições e interesses. Esses são entrelaçados apesar de serem diferenciados. O primeiro desencantamento do mundo está feito pela religião e depois pela ciência. Nesses dois processos a própria religião é desencantada. Nesse sentido só pode ser desencantado algo que esteve encantado. Nesse aspecto, o ser humano não é apenas alguém que faz uso das ferramentas, mas também ser de natureza simbólica que cria significados. Na manipulação dos instrumentos com as mãos estamos confrontados não somente com coisas e acontecimentos no mundo, mas também com o que ele significa seja um mundo inferior ou superior. O homem é lançado em um círculo simbólico encantado pelo qual sempre mais coisas e eventos adquirem além de seus efeitos intrínsecos reais ou presumíveis, um significado “além-mundo simbólico” antropomorficamente como o mundo de poderes sobrenaturais. Dessa forma surgem almas, deuses e demônios que podem intervir na história dos homens da mesma forma que o ser humano quer intervir em seu destino. Por um lado, o homem experimenta essas forças sobrenaturais como desejáveis, por outro, como perigosas, conjunções ambivalentes da posição do homem em relação ao sagrado. O encantamento do mundo tem a ver em primeiro lugar com um círculo de representações mágico religiosas de um jardim mágico e como ele está institucionalizado em sua magicização do mundo. O desencantamento significa seria desmagicização desse jardim. Esse é o entendimento histórico religioso sobre desencantamento do mundo. (SCHLUCHTER 2014).

Figura 118: Encantamentos.



Fonte: Arquivo EMJCA- 2019.

Por fim, mas não o final

As propositivas pedagógicas têm sido desenvolvidas juntamente com a família e comunidade, em sintonia com um espaço cronotrópico. Ou seja, localizado no tempo e no espaço, em formas de ser, de viver, de perceber. Sentimentos que se relacionam com a natureza, com o outro, construídos por meio das redes no tecido social. No sistema remoto, possíveis subjetividades são mobilizadas. Vínculos e identidades nas articulações que se constituíram em operações pedagógicas. Desse que é, por certo, tempo de espalharmos, inevitavelmente, a esperança e a alegria. A escola como âmbito estético e habitável (mesmo sendo ela virtual). Anseio que deve superar o cansaço e as más notícias. Lutar por alegria em todas as formas do habitar escolar, diz Malaguzzi apud Hoyuelos, 2020. Significa acreditar, de forma categórica, nas riquezas infinitas da criança, do adulto e da Educação para projetar o futuro com esperança.

Dessa maneira, todos os mais variados grupos e setores sociais, dentro desse complexo e paradoxal conjunto, fazem parte dos mecanismos e dispositivos em constante movimento. Seja de forma fluida, confusa, complexa ou quase imóvel e insensível. Depende do espaço de poder eletrônico enquanto recurso, como ele é ouvido e recebido por subjetividades, bem como se constroem respostas às práticas discursivas, operacionadas pela escola remota, insere Educación y Pandemia (2020).

Transver VIII: Educação Remota

Da flor à semente, a natureza vai e continua.

“São palavras como eu, eu sou o próprio inacabamento e, por isso, sou eterna. Minha eternidade vem de que eu nunca sou, estou sempre sendo na cadeia infinita da vida. Sou uma coisa em aberto, não concluo nunca. Em condições de semente, guardo a flor. Em condições de flor, guardo o alimento. Em condições de alimento, guardo o estrume. Renasço. Palavras são como eu”. Lima (2020, p.117).

Compendiar

Mover-se na apreciação da vida e das coisas ordinárias, daquilo que não se pode vender e que o capitalismo considera inútil, diz Barros (2017). Porém, o trabalho tem importado mais do que a vida. Sacrifica-se a alma humana pelos bens de consumo. Estes têm mais valia do que o próprio humano, pontua Santos (2001). Sangria, o arrochar do tempo para nele não caber as trocas tecidas pelas vivências, abraços e laços. Inversão de valores e naturalização da barbárie e da miséria humana. Assim, mansamente, o capitalismo se estabelece. O novo ordinário iniciado em 2020, rompe em novo tempo escolar de aprendizados. Um mundo recém-chegado desabrocha. Tudo mudou com a pandemia, diz Nóvoa & Alvim (2021). Termina o longo século escolar, iniciado 150 anos antes.

Figura 119: Horizonte.



Fonte: Arquivo Pessoal- 2020.

A escola, tal como a conhecíamos, acabou e outra escola da qual a era digital se impôs começa. Repentinamente, sem agendamento, nada foi programado, no entanto, tudo estava pronto. Tonaliza o movimento. Morremos e nascemos muitas vezes numa mesma vida. Impactos que deslocam e transformam. Alguns podem ter grande importância, com pouco impacto no futuro; outros, num instante mudam tudo. Acontecimentos. Transições sociais que dispõem de “instrumentos” para se concretizar. A questão não é bem o choque, mas o que fazer com ele. Convém dizer que a escola é personificada nas pessoas que ali trabalham e que tem feito o que pode para humanizar esse tempo de educação remota. Viventes e sobreviventes, apesar do vivido, a despeito do descaso das políticas públicas. Possibilitar práticas pedagógicas de encantarias da vida, da escola e do mundo. Apesar das dificuldades e desafios a serem enfrentados para manter as crianças estudando.

Usar aplicativos, celulares, apostilas e plataformas *on-line*. Resíduos das dificuldades sociais manifestadas nas limitações do ensino remoto que envolvem: casas sem espaço e sem saneamento básico; sem mesa e comida; falta de equipamentos adequados para o estudo, como computadores, *tablets* e *notebooks*; problemas estruturais de conexão com a internet; precária rede de apoio permanente aos alunos somada ao panorama de despreparo das escolas em relação ao acesso à tecnologia e à falta de treinamento dos professores quanto ao ensino virtual. Ausências de condições básicas. Problemas sociais inundaram o fazer remoto da escola. Lidamos com a sobrecarga de trabalho docente e, também, com a baixa escolaridade dos familiares. Esferas do que habituamos a chamar de:

Movimento remoto

Longínquo. Recuado. Indireto. Distante no espaço. Afastado. Ábdito. Arredado. Desviado. Distanciado. Remontado. Os docentes lidaram com calendários, fichas de observação das crianças, reuniões várias de estudos, de planejamento, demonstrativas de um trabalho exaustivo e criterioso. Organização do diário de classe, encerramento e formatura do nono ano (o que foi realizada remotamente). Busca ativa e localização das crianças, esclarecimentos sobre a necessidade de participação nas atividades propostas pela escola. Todo esse relevo, chamamos de Movimento Remoto. Tudo de supetão. A canoa virou e produziu relevo de fissura, rachou.

Figura 120: Cerca de madeira.



Fonte: Arquivo pessoal. Pátio da escola. (2021)

Trabalhar com a cultura digital não é algo simples. De fato, a mediação pedagógica revela o quanto essas tecnologias fazem toda diferença, pois mais do que saber utilizar esses recursos, é saber como usá-los de forma dialética e em prol da humanização da educação. Percebe-se que, diante da atual conjuntura sobre o COVID-19, os responsáveis educacionais buscam manter as aulas a todo custo. Contudo, diante do exposto e professores sem formação em tecnologias e muitos alunos no país sem conexão à internet e sem conhecimento de aplicativos educacionais, a tentativa de educação remota não atingirá as metas ou a qualidade do ensino que o país tanto carece, aponta Avelino & Mendes (2020).

O cenário, que já era caótico, de ensino escolar, pautado em estrutura conteudista, relacional e social que entrelaça e emerge do ambiente escolar e que sobrevive tradicionalmente no terreno das escolas brasileiras pautadas em práticas canônicas, raízes essas que despoticizam a lógica infantil e a potência formadora e constituidora do aprendizado. Formam, o que diz Freire (2011), bancos de informações. Os conteúdos são transformados em reservatórios para avaliações e obtenção de certificados. O que na pandemia não foi diferente em muitas escolas. A Covid-19 escancarou os escombros educacionais e revelou erosões. A falta de infraestrutura, anteriormente já presente nos debates educacionais, tornou-se, com a

necessidade dos computadores e internet, o fator preponderante da exclusão dos educandos. Não somente pelas ausências pessoais da tecnologia, mas, também, pela ausência geográfica das redes, já que a banda larga não está em muitos locais gerando abandono e a não-participação dos estudantes durante o ensino remoto.

Figura 121: Caótico.



Fonte: <https://www.instagram.com/leocoelhoFoto/>

A pandemia exacerbou as desigualdades de acesso no que tange a cultura digital. Parte dos estudantes não tinha tecnologias disponíveis e, por muitas vezes, o aprendizado ficou comprometido. Fissuras expostas revelam as grandes diferenças e o despreparo das escolas e dos professores para lidarem com as novas tecnologias. Estas já existiam e estavam presentes na LDB. A fragilidade escolar e a necessidade de políticas públicas para sanar em longo prazo as mazelas pré-existentes da Covid-19 e aumentadas durante os anos pandêmicos. Ademais, a própria constituição brasileira assegura a igualdade de condições ao acesso à educação e prevê ensino de qualidade. Porém, para que isso aconteça, é preciso investimento das políticas públicas no setor educacional. As tecnologias digitais invadiram a vida, portanto, são essenciais às escolas públicas. Sendo necessário viabilizar e estimular o acesso à permanência dos

educandos mediante ações integradas e complementares entre si. Nessa composição entre os documentos, entende-se que todos têm o direito à educação a fim de superar as injustiças, desigualdades, diferenças e a desqualificação. Promover o desenvolvimento do cidadão e de suas competências, hoje, é oportunizar o conhecimento tecnológico digital, considerando que o homem não é deslocado da sociedade em que vive. Mediante ao que já foi exposto, garantir o aprendizado pleno para os filhos dos trabalhadores, dando-lhes condições de aprendizado. Que se fundam na qualificação para o trabalho e na existência.

Nesse sentido, as tecnologias digitais encontram esse universo e promovem o ensino mais ativo e dinâmico se forem usadas para a construção do conhecimento e a garantia do desenvolvimento. Porém, as salas de aula mantêm a mesma estrutura e os mesmos métodos desde o século XIX. Segundo Nóvoa & Alvim (2021), excluem os sujeitos da participação autônoma e libertaria. Promovem a educação bancária centralizada na figura do professor como detentor do saber. As atividades e as cópias ocupam as salas que deveriam já estar informatizadas. Ou seja, escolas em conectividade com o mundo e não dissociada deste, na promoção da inclusão e não da exclusão. Contudo, não basta só usar as tecnologias, é preciso garantir o acesso e o protagonismo do estudante frente a elas.

Isto posto, a escola municipal em pauta, ao longo da pandemia, procurou democratizar sua gestão, ampliando o número de sujeitos políticos capazes de tomar decisão, desencadeando ações eficazes para o seu funcionamento, articulando horizontes coletivos. No romper das dicotomias existentes entre forma e conteúdo em análises das dimensões da vida social. Articulou dúvidas, procurou respostas para perguntas. Soluções diante da crise. Quais os problemas que as crianças poderiam estar tendo com a pandemia? O que encontramos em nossa comunidade? E como se dariam os estudos intimamente relacionados em: método, forma e conteúdo?

Hoje tivemos a apresentação de 4 professoras do Grupo de Trabalho (GT), sobre os materiais e informações pesquisados pelos professores da escola a respeito dos campos sensíveis: saúde física, emocional e relações sociais, interpessoais, virtuais. Em seguida nos foi solicitado que fizéssemos em grupo, uma reflexão sobre quais foram os aprendimentos e inquietações a partir dessas apresentações e dos temas expostos em relação aos nossos alunos.

Nosso grupo num primeiro momento conversou sobre o impacto das informações trazidas pelo GT para as nossas inquietações, as fases que estamos vivenciando durante esse isolamento, que está sendo muito longo e a dolorosa tarefa de estarmos num momento de adaptação da elaboração das aulas. Sabemos que não podemos trabalhar na mesma lógica do presencial, mas como fazer isso de forma remota, com a mesma qualidade e respeito que

fazemos em sala? Como manter íntegro um projeto político pedagógico que preza não só pelos conteúdos, mas também pelas relações humanas? (...)
25 de agosto de 2020- Relato de uma colega professora no Google sala de aula- Arquivo Virtual EMJCAL.2020.

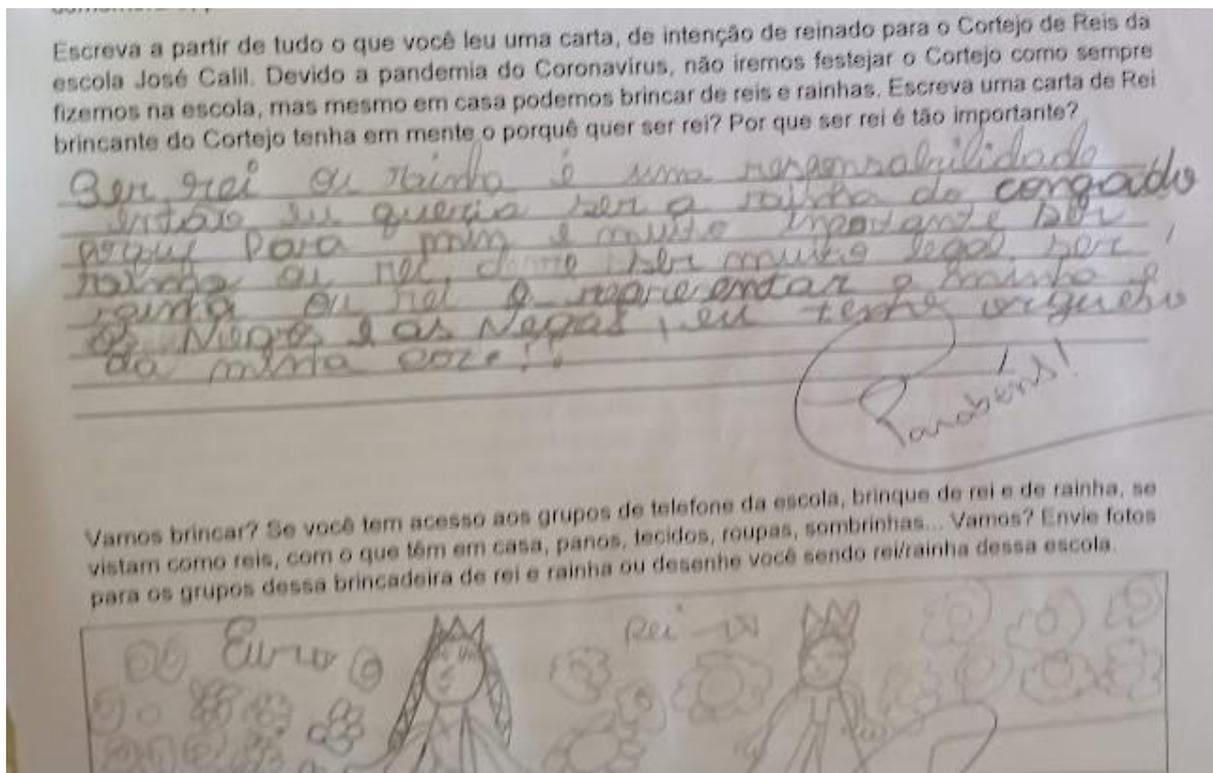
De acordo com Teixeira (2018), a questão do método implica na análise das relações Estado-sociedade que se constrói no conflito, no reconhecimento das alteridades e da relevância dos sujeitos coletivos. Discutir a forma implica, portanto, discutir a redefinição das relações Estado-economia-sociedade e buscar romper com os padrões privados de negociação, característicos dessas relações. Se a forma diz respeito às relações entre o público e o privado, e o método implica a articulação do múltiplo, a democracia está sempre na interface da transformação destas relações centrais. Resistindo à modelação padronizada diante de uma aprendizagem pré-definida. Que visa um desenvolvimento uniforme dos discentes, relacionados à apreensão dos conteúdos estabelecidos, em um Fordismo educacional em linha de montagem. A modelação do indivíduo, que segundo Alves (2013) não é tema recente, porém, se intensificou no século XXI com a eclosão da pandemia e a era digital. Avalanche de informações e avanços tecnológicos colidiram com o sistema educacional brasileiro. O discurso liberal e a negação das “reais” responsabilidades do Estado perante a educação pública de qualidade responsabilizam os sujeitos (estes presos a um processo estrutural de vida), pelo fracasso escolar, e não o sistema, que acoberta o conformismo político, diz Freitas (2009).

A pandemia reforçou as desigualdades já instaladas. Segundo Amorim (2020)⁵⁶, 56% dos adolescentes da pesquisa com 16 anos ou mais necessitaram buscar por emprego ou cuidar de casa, dos irmãos e parentes. O que não está longe da realidade da escola em evidência, já que muitos tiveram que assumir responsabilidades para além daquelas vinculadas ao ambiente escolar, como serviços de casa e cuidar dos irmãos. Bem como o caso da professora do laboratório que se propôs a continuar a atender as crianças indo na casa delas e as ajudando em suas dificuldades, das quais englobam: problemas no desenvolvimento da fala, dificuldades de interação social e de aprendizagem do cognitivo. A docente se dispôs a ajudar essas crianças pelo fato de o responsável, muitas vezes, não compreender os recursos tecnológicos e, por isso, acabavam deixando a meninada de fora das atividades escolares⁵⁷.

⁵⁶Dados apresentados na 3ª edição do Painel TIC Covid-19 – o Ensino Remoto e o Teletrabalho, realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) e publicada em 05 de novembro de 2020.

⁵⁷A situação foi contada pela professora em uma de nossas reuniões.

Figura 122: Queria ser rainha.



Fonte: Arquivo pessoal- Foto da apostila da criança- EMJCA- 2021.

Atividades de (re)encantar, para anunciar o quanto resistimos. Dizer do trabalho do professor efetivo e contratado que, mesmo sem salário digno, exerceu maestria para além de suas atribuições. Nesse contexto, Gomes (2021), via publicação no canal do YouTube em 08 de março de 2021, coloca a público o trabalho da escola e diz que o canal no YouTube e A Caixa Viajante foram iniciativas pessoais dos professores que, antes mesmo de qualquer movimento orientado pela Secretaria de Educação, importou-se em tentar estabelecer vínculos com as crianças, mesmo não sendo encadeamentos oficiais. Além desse trabalho, os professores se mobilizaram para a criação de apostilas de estudo que foram levadas pelas kombis para as crianças sem acesso à banda larga.

Figura 123: Apostilas



Fonte: EMJCA- 2020.

Atividade responsiva que entende a necessidade de não excluir as crianças mediante possíveis dificuldades de acesso à internet, a equipe pedagógica produziu atividades impressas para aqueles que não conseguem acesso aos grupos online. Ou seja, os docentes trabalharam nos computadores, nos planejamentos de aula para os celulares e em outro planejamento materializado no papel. Encaminharam atividades feitas para os telefones e outras impressas na feitura das apostilas para as crianças sem acesso digital. De acordo com o relato, a escola recorreu às kombis, que antes levavam as crianças, para levarem as apostilas. Paralelo a esse trabalho, a escola se manteve aberta desde agosto de 2020 para a entrega de kits alimentação, que dispendeu trabalho cauteloso a fim de não gerar aglomeração. Aberta, mas fechada em suas possibilidades de convivência no espaço. Fechada, mas aberta a novas possibilidades de fronteira. Estar imóveis em casa, trabalhando constantemente sentados, sem sair do lugar, pode ser traumático. O frescor da vida era dado pelo movimento do deslocamento. Colocamo-nos a compartilhar nossos caminhos via reuniões pelo *meeting*. Emoções que nos acompanham. Agregando saberes e subvertendo a ordem. Por entre chiqueiros, extrair diamantes.

Pérolas são feitas de dor

As Jornadas de Aprendizamentos do mês de abril foram encontros mediados pelo luto. Silenciamos o grupo e ouvimos os barulhos do silêncio dentro de nós. Acolhimento da dor. O

encontro remoto entre meus pares permitiu o ato de consolar por entre geografias tão distantes. Expressões únicas, específicas e inimitáveis de abril. Habitáveis na materialidade dessa escrita. Peço licença para dizer da dor de abril de 2021. Dessa dor provocada pela pandemia. Estanciamos por um mesmo plano social. Mas é em condição única e singular que a pandemia tem nos afetado. Vejamos abril de 2021.

Transver IX: Colapsos de Abril 2021

Figura 124: Não enraizar.



Fonte: Arquivo Virtual EMJCA- 2020.

Gostaria, pois que a fala e a escuta que aqui se traçarão fossem semelhantes às idas e vindas de uma criança que brinca em torno da mãe. Que dela se afasta e depois volta, para lhe trazer uma pedrinha, um fiozinho de lã. Desenhando assim ao redor de um centro calmo toda uma área de jogo. No interior da qual a pedrinha ou a lã importam finalmente menos do que o dom cheio de zelo que delas se faz. Roland Barthes (JOBIM E SOUZA, 2012).

Atrevo-me a sonhar na finalidade de me acordar para dentro⁵⁸, na potência do escrever enquanto dimensão criadora da vida em sociedade, em diferentes modos de existência humana produzidos em múltiplos espaços tempos. Que me permitem a invenção e realização

⁵⁸Referência a Mario Quintana. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTE4MTg3Mg/>
Acesso em: 26 jun.2022.

seguidamente, de todos os dias e de nós, atos singulares e coletivos. Ordinários, criadores do viver deste caminhar a vir a ser segundo, Certeau apud Ferração & Soares, 2018, p.85). Os cotidianos são lugar de produção de conhecimentos e podem cavar fendas em nossa identidade. Nessa constelação de existências, a escola é palco de fomento das dimensões criadoras de conhecimento e modos de existência. Enredo de gnose. Lucidez criadora e sobrevivente a várias estações. Campo de heterogeneidades do contexto social. Articulações de conhecimento, emancipação e invenção. Desbrava o encontro entrelaçadas por histórias e geografias pessoais.

Somos praticantes pensantes, diz Vigotski (2012), pois o pensamento é produzido não somente porque ele expressa a palavra, mas, sim, porque adquire existência através delas. Concebo-me por entre fendas. Pelo enternecimento das palavras. Escoo pela definição corrosiva dos conceitos e vislumbro a possibilidade, em Vigotski (2006), do meio social como ato de transverter o indivíduo, perceber a escola. Promovedora de iniciativas e de diálogos intergeracionais, como poderosas ferramentas de trabalho. Permitir as vozes no fomentar das práticas remotas faz aquiescer e impactar o desenvolvimento curricular e pessoal ao longo desse tempo. Unicidade da relação com o mundo que altera o psíquico e desperta novas formações. Compreender a existência do outro não é simples, é complexo. Apreender a enunciação humana é ato dialógico e contínuo de auto- movimento. É não negar a dimensão do singular em cada um de nós e reconhecer a consciência e o desenvolvimento, não a partir do inatismo, mas do meio social como fomento de transformação da individualidade. Nessa dimensão, estão afeto/intelecto de nossas vivências do significar aquilo que nos escava e Freire (1981) autoriza a escrita através das leituras de mundo, dessas vivências que causam metamorfoses na existência. Autoriza-me também Vigotski (2006).

Nasci no terreno de meus avós maternos. Antiga Colônia alemã do bairro São Pedro. Entrelaço minhas histórias neste chão. É por ele que estou peregrinando.

Figura 125: Travessia



Fonte: Arquivo pessoal. 2021

Os quinze dias do início de abril se constituíram em muitas perdas para o Coronavírus em Juiz de Fora. Angustiadíssimos estávamos. A Covid-19 se alastrava, deixando um caminho fúnebre. O início do mês nasce com o registro de cento e sessenta e sete mortes por Covid-19. Dentre os mortos, pessoas conhecidas, de perto e de longe⁵⁹. No entanto, o óbito de minha madrinha em treze de abril de 2021 me fez suspender as atividades na tentativa de buscar escutar o céu. Repousar por entre o chão de minha terra. Vivências são digitais suggestionadas pelo local de nascimento. O (Co)existir, cita Janer (2021), que faz o meu corpo.

Alvorar a alma e encontrar a imensidão

Busco a integralidade com o todo no contato com a natureza. Busco a mim. No caminhar pelo mundo do “entre”, paisagens atuais se misturam com o que era. O cenário mudou. Por ali era pasto, via os bezerros nascerem, deste que era o evento. Quero repousar por entre sombras na companhia da saudade destes tempos idos. Rever as folhas, as folhas que juntei por esse caminho de volta a mim. Sonhos se encontram perdidos pelo campo e se representam no gesto

⁵⁹O município tem 739 óbitos em 2021; ao todo, são 1.277 vidas perdidas desde o início da pandemia. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2021/04/16/abril-ja-esta-entre-os-meses-com-mais-registros-de-mortes-por-covid-19-em-juiz-de-fora.ghtml>. Acesso em: 18 abr. 2021. Disponível em: <http://especiais.g1.globo.com/bemestar/coronavirus/2021/mapa-cidades-brasil-mortes-covid/mg/juiz-de-fora/> Acesso em: 18 abr. 2021.

das mãos que encobrem o rosto. Fecho os olhos. De dentro, o som rugem em dor. A alma quer saber se essas coisas vão mudar⁶⁰.

Figura 126: Tombar-se.



Fonte: Arquivo pessoal- 2021.

Melancolia

“As pessoas vêm e vão, mas suas ideias e feitos ficam”, sopra-me Luria (2008). Dos dias de luto, a travessia é a intensidade do amor destinado a quem partiu. Permite-nos tentar compreender a relação que estabelecemos com a morte. Quando se está triste demais, deixamos queimar o arroz e a massa pode ficar crua, a tristeza gosta do gosto amargo. Lembro de minha mãe quando trançava meus cabelos, e ainda sinto o entrelaçar dos fios. Já diziam os antigos que nosso cabelo é uma rede capaz de pegar tudo. São fortes e macios como a espuma. Fios do encanto, diz Paola Klug⁶¹. A melancolia não pode nos pegar desprevenidos, trance a tristeza. Está presente a menina de outrora e a mulher de agora nessa escrita espiral que desafoga emoções que ecoam no vazio e encontram eco⁶².

⁶⁰Neste momento ouço a canção de Flávia Wenceslau. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fC2IX-CE33g&ab_channel=FlaviaWenceslau Acesso em: 03 abr.2021

⁶¹Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5A4sqmS9q0k&ab_channel=PaolaKlug Acesso em: 17 jul. 2021.

⁶²Professora da escola que gosta muito de ser chamada de Joaquina. Quando a conheci em 2008, ano que cheguei, tudo dela era joaninhas.

A situação está difícil, nós não sabemos o que as pessoas estão passando nas casas delas. Eu tenho meu marido, filhos, mãe e irmãs sempre por perto, e mesmo assim, estou à beira de um colapso.

Tenho rezado muito. Rezar me traz acalento. O fato é que estou com muito medo. Medo de contrair o vírus, medo de morrer, medo de perder pessoas que convivem comigo. Medo de tudo.

Esta noite, perdi o sono às três horas da madrugada e não dormi mais. Penso que eu tenho que me preparar para chegar ao mundo espiritual, não sei como será o dia de amanhã.

“Às vezes a vida dói como uma afta”, diz Brum (2013), e raramente isso nos faz usar antidepressivos. Somos humanos. Nossas emoções diante de tantas mortes afetam nosso estado de humor. Nisso, Larrosa (2014) diz que no tédio ou na angústia o mundo está, porém, não faz sentido. Nós professores estamos sempre nesse estado de vitalidade melancólica. Estamos com as crianças nessa renovação de mundo. Sentimos melancolia por pertencermos àqueles que estão contemplando o desaparecimento. Lembrar-se da vida e chorar por entre as folhas. Meu rosto sente a terra, no ato, seguro as pedrinhas. Um caldeirão de sentimentos e de presenças. Eclosões em consciência.

Figura 127: Pedrinhas.



Fonte: Arquivo Pessoal 2021.

A vida e seu valor se afirmam em todas as suas distintas condições e possibilidades, diz Ranniery (2020). Desse cenário mortal do vírus, podemos dizer que sentimos falta do abraço, do sorriso que agora as máscaras escondem. Ausências dos cotidianos simples que ajudam a resistir ao cenário de terra arrasada que se materializa, a cada dia, tenaz e insistentemente.

Figura 128: Não sobreviver.



Fonte: Arquivo Virtual EMJCAL-2020.

Estamos a viver lutos em cada leitura de jornal. Em cada *feed* das redes sociais. Sentir as perdas de cada dia. Foi nesse relevo que surge Pedro Nava (1918) e relata sobre a gripe espanhola⁶³:

A doença irrompeu aqui em setembro, pois em fins desse mês e princípios de outubro, as providências das autoridades abriram os olhos do povo e isto explicou certas anomalias que vinham sendo observadas na vida urbana: tráfego rareado, cidade vazia e meio morta, casas de diversão pouco cheias, conduções sempre fáceis, as regatas, as partidas de water-polo e futebol quase sem assistentes, as corridas do Derby e do Jockey com aficionados reduzidos ao terço [...]. Comecei a sentir o troço numa segunda-feira de meados de outubro em que, voltando ao colégio, encontrei apenas onze alunos do nosso terceiro ano de quarenta e seis. Trinta e cinco colegas tinham caído gripados de sábado para o primeiro dia da semana subsequente. (NAVA, 1918)

O drama coletivo, tanto no passado quanto em tempos atuais carrega o seu lado pessoal. Passado um século depois de 1918 e de Pedro Nava, o planeta está mais uma vez em pandemia.

⁶³Pedro Nava, que também era médico, em sua obra *Chão de Ferro/ memórias 3*, publicada em 1976, descreve o horror causado pela Gripe Espanhola, pandemia que chegou ao Brasil em 1918 (causando a mesma comoção que vivemos, hoje, um século depois, com a Covid-19). A origem da doença é desconhecida, mas o que se sabe é que os primeiros registros foram feitos nos Estados Unidos, durante a primeira guerra mundial (1914 – 1918). Disponível em: <https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/13-05-2020/o-resgate-da-memoria-da-gripe-espanhola-ao-coronavirus.html> Acesso em: 29 jun. 2021.

Meu tempo se encontra no tempo de Nava. Nesse constante lembrar dos fios e pontos pipoca da colcha que minha avó fez para mim.

Chegamos ao colégio às 9 horas. Ao meio-dia, dos são entrados, já uns dez estavam tiritando na Enfermaria [...]. Ao meio-dia, dos são, entrados na enfermaria já uns dez estavam tiritando e sendo purgados pelo Cruz [...]. As duas [...] entrou o próprio chefe da disciplina.

Disse umas palavras ao nosso professor que logo declarou sua aula suspensa por ordem do Diretor, e que deveríamos [...] ir o mais rapidamente para Major Ávila. Quando eu saíra de manhã tinha deixado a casa no seu aspecto normal, habitual. Quando cheguei, tinha caído com febre e calafrios [...]. O demônio já estava em nosso meio, ainda não percebido pelo povo como a desgraça coletiva que ia ser, mas já tendo chamado a atenção das autoridades sanitárias [...].

Estava reconhecido o estado epidêmico. A 3 de outubro o Diretor de Saúde Pública alerta os portos e determina as medidas de profilaxia indiscriminada. Nesse dia chega à Guanabara mais um barco – o Royal Transport. Antes, a 14 de setembro, o Demerara tinha entrado com doentes a bordo. Provavelmente outros tinham antecipado esses transportes, sem chamar a atenção, mas já contaminados e contaminando⁶⁴.

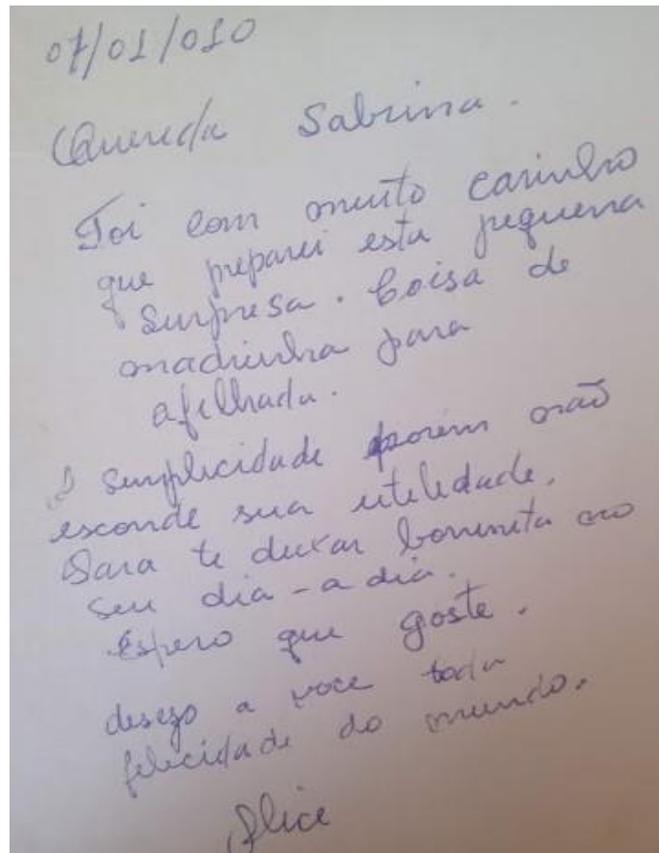
Desde a gripe de 1918, a história do século XX não deixaria desvincular que epidemias e guerras interagem em diversos níveis e em muitas porções do globo, aduz Krenak (2020). No ato de ponderar sobre os séculos, ele conta que estamos em meio a uma guerra bacteriológica em curso desde pelo menos cinco séculos de encontros coloniais. Sendo necessário pensar uma educação capaz de conversar com a Terra. Liar memória e intelecto em busca de si mesmo, completa Espinosa apud, Prestes, (2021). Nesse sentido, narro a pandemia, outros podem começar de qualquer outra coisa ou de qualquer outro ponto, até do mesmo, e a escrita nunca será igual, pois os atributos da alma são sentimentos peculiares. São vontades de atualizar nosso âmagô, diz Prestes (2021), e conceber a gênese de uma imagem no mundo e de uma mundividência do ser humano. Da relação com o local de nascimento. Antepassados e vivências do mesmo espaço geográfico que se entrelaçam no espaço social do qual confrontam as questões de vida. Desse modo, a realidade natural que estou inserida através da significação e da vivência se constituiu pelos sistemas de relações significantes com o outro. Portam a realidade cultural.

Desse modo, diz Janer (2021), todos que cederam lugar a mim antecederam e os que me cuidaram, incluindo professores e vizinhos, amigos e outros, trazem algo. Partilham e partem. Assim como os pensamentos vêm a modo vento. Permanecem por um tempo e partem.

⁶⁴Díisponível em: <https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/13-05-2020/o-resgate-da-memoria-da-gripe-espanhola-ao-coronavirus.html> Acesso em: 29 jun. 2021.

Topogenese que, de acordo com Janer (2021), diz do desenvolvimento espacial da vida que nos faz voltar à infância e recordar das vivências locais. Assim são os desejos, sofrimentos, amores que vem e vão. Conosco, permanecem aqueles que convém ficar por mais tempo. O ciclo é contínuo.

Figura 129: Carta carinho.



Fonte: Arquivo pessoal- Carta de aniversário- Madrinha 2020.

Nas palavras de Vigotski:

Isso é a vida.

Ela é mais profunda, mais ampla do que sua expressão exterior. Tudo nela muda.

Tudo se torna diferente. A principal coisa – sempre e agora, parece-me – é não identificar a vida com sua expressão exterior, e isso é tudo. Depois, escutando a vida (esta é a virtude mais importante, uma atitude relativamente passiva no começo), você encontrará em si mesmo, fora de você, em tudo, tanto que nenhum de nós tem condições de acomodar. Claro que não se pode viver sem dar, espiritualmente, um sentido à vida. Sem a filosofia (a sua própria filosofia de vida pessoal), pode haver niilismo, cinismo, suicídio, mas não vida [...]. Quantas coisas podem incitar uma pessoa à procura da verdade! (VIGOTSKI, 1931 apud SANTANA, 2020).

Histórias de vida e destinos que se enastram. Fios e linhas que nos compõem pelo corpo e que cingem a vida. Aprisionam ou libertam. Rompemos em cada amanhecer com novas possibilidades. Nesse ímpeto, estar em travessia engendrando histórias, erguendo paisagens. Criar espacialidades e tecê-los pelos tempos e geografias, diz Jader (2021). Circularidades. Jamais acabamos, pois pertencemos ao cosmos. Há luz interior em nós, há calor e existência nas buscas em si, reforça Vigotski (1931):

Quanta luz interior, calor e apoio existe na busca em si! E, então, há o mais importante – a própria vida -, o céu, o sol, amor, pessoas, sofrimento. Isto não são simplesmente palavras, isto existe. É real. Está entrelaçado na vida. As crises não são fenômenos temporários, mas a estrada da vida interior. Quando passamos de sistemas para destinos, para o nascimento e queda de sistemas, vemos isso com nossos próprios olhos. Estou convencido disso. Particularmente, todos nós, quando olhamos para nosso passado, vemos que estamos secando. Isto é correto. Isto é verdadeiro. Desenvolver-se é morrer [...]. É, na verdade, uma “pequena morte” dentro de nós [...]. Mas, por trás de tudo isso, está a vida, ou seja, movimento, viagem, seu próprio destino... (VIGOTSKI, 1931 apud SANTANA, 2020).

Figura 130: Liars com a natureza



Fonte: Arquivo pessoal-Caminhadas pela Represa de São Pedro- 2021.

Somos poeiras de estrelas

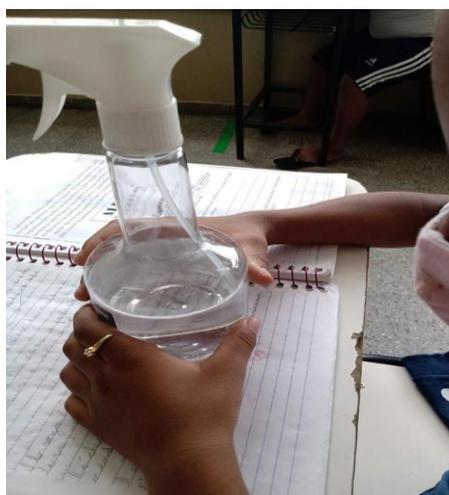
Figura 131: Brilhar.



Fonte: Arquivo pessoal- Casa- 2021.

A dor faz parte do existir, e não há trajetórias isentas do choro. Lágrimas são pérolas forjadas em algum lugar do meu Eu. Permutação da dor geradora de poesia em reelaboração de si diante da perda. Só quem passa pelas estações sabe o que resiste o coração. Deixar cair as folhas de si e lamentar a vida que poderia ter sido e não foi. Tatear e esbarrar, no catar tudo no ato reinventar linguagens para passar pelo processo de luto. Manoel Bandeira⁶⁵ compôs o diálogo de vida/morte, luto/resiliência e nos fez aprendizes do romper. Em quadros de dor, de febre, hemoptise, dispneia e suores noturnos, do pulmão escavado e infiltrado conseguir mesmo não havendo mais o que fazer e que nem mais o pneumotórax adiantaria, a solução é cruzar a linha em alegria e desfrutar da música e das possibilidades que nos restam e tocar o tango argentino. No ensino de Bandeira, ali estava a tuberculose, assim como estamos em relação com a Covid-19: frágeis.

Figura 132: Álcool 70%



Fonte: Arquivo Pessoal 2021.

⁶⁵ Disponível em: <https://www.culturagenial.com/poema-pneumotorax-manuel-bandeira/> Acesso em 28 jul. 2022.

Desta desorganização consciente da arte em rompimento com a escrita tradicional Parnasiana e simbolista está o rasgar da vida no atravessar da pandemia. Daquilo que é sublimar o ordinário e versar em busca da liberdade, mesmo em peleja diante das crueldades da realidade de pobreza dos países subdesenvolvidos. Das ciladas e dificuldades do sistema que nos pressiona a pobreza urbana, completa Santos (2013). Romper em vida apesar do malquerer das mazelas sociais, que nos privam e prendem em infortúnios sentidos - ora pela tuberculose/Covid-19, ora pela pobreza social. Disto, precisa-se do frescor para descobrir, através das limitações, outras possibilidades.

O desenvolvimento humano, é um processo dinâmico, contribui Vigotski (2012), infortúnios nos fazem viver em fragmentos, mas não impedem o aprender, pois, enquanto ele estudava sobre o desenvolvimento humano, ele próprio vivia em barreiras. O que não o impedia de crer no poder humano de reconstruir as esperanças em ato coletivo de superação do desencanto. Proceder em desejo de vida que germina nas entrelinhas do isolamento, enquanto a escola resiste e transforma a vivência da realidade como algo único e possível em porção docente de vivências transformadoras maravilhosas. Dádivas em perfumes em forma de tango na reunião da Jornada de Aprendizamentos. Volver⁶⁶ em ato de esperar por esse mês fatídico é dizer dos lírios que perfumam, já que não há nada a fazer diante da pandemia a não ser, esperar pela vacina.

Nem tudo que floresceu, murchará, pois fará o deslizar por entre outros entrelaçamentos e simulará outras existências. Dor e recomposição se misturam em mesmo acorde de reestruturação. A perturbação gera fortalecimento, pois trazem ao campo emoções positivas e equilíbrio que possibilitam reconhecer a nossa fragilidade diante do poder que está além de nós. Emoções negativas, como medo e tristeza, são compreensíveis em épocas críticas da vida e compõem a reestruturação interna, diz Vigotski (2012). Permitem o olhar às nuvens e oportunizam o brincar com os desenhos que formam, no descansar, do que ainda virá. Tempo de arquear.

*Silêncio*⁶⁷

⁶⁶Disponível em: https://www.google.com/search?q=volver+mercedes+sosa&rlz=1C1GCEB_enBR887BR887&oq=volver+mer&aqs=chrome.0.0i355i512j46i512j69i57j0i22i30i3j0i15i22i30j0i22i30i3.6559j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8 Acesso em: 29 jul. 2022.

⁶⁷Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LiVPMm9p_8s&ab_channel=FlaviaWenceslau Acesso em: 14 abr. 2021. A escrita desse capítulo foi embalada por essa canção. Do sentir o céu em mistura de minha alma.

Figura 133: Território.



Fonte: Arquivo pessoal- 2021.

Aprender os mistérios e contemplar o não-visto. Esperarei em jardinagem, no preparo para a rosa que se abrirá na primavera. Segurar pedrinhas, jogá-las ao tempo.

Simas (2013), a pedrinha significa, para as tradições, o estado das coisas em enlace entre pessoas e entidades, trazendo sintonia com quem se amou. O cuidado com as pessoas especiais. “Quando a razão observa a natureza, surge a ciência”, nisso, ancestralidade é a constituidora de nossa existência. Este é o mistério maior, reconhecer é voar em liberdade. Essa é a magia dentro do caldeirão das existências em continuação, em legado a ser passado a toda gente. Diz Simas (2013) que é importante ensinar sobre as raízes aos pequenos, isso é dar-lhes asas para que saibam de onde vieram e asas para voar para onde quiserem. Nesse nascer em desejo de encanto, aproveitar as travessias que se abrem, diz Heidegger⁶⁸. Isto é admitir o habitar do homem no evocar de sua origem e não as esquecer.

Raízes entre os tempos

⁶⁸ Disponível em: <http://www.dicpoetica.letras.ufrj.br/index.php/Travessia>. Acesso em: 25 jun. 2022.

Figura 134: Árvore do esquecimento



Fonte: EMJCA-2019.⁶⁹

Mediante o nevoeiro de mortes que se instala é necessário compor esperanças enquanto me movimento, pauta Freire (2000). Buscar forças em nossas raízes é não ficarmos estáticos no aguardo da morte. O enraizamento da cultura é permitido por Vigotski (2012) a fim de atravessar a dor permeando as próprias raízes e transformando em patrimônio de sentidos tudo aquilo que a cultura disponibilizou. De maneira a suscitar renovo nas funções e reorganizar o recém-chegado, e isso é mais do que internalizar experiências culturais, é enraizamento dos signos culturais no tempo histórico-cultural. Sendo cirandas frutuárias de pomares provisórios que nos fazem cantar entre a sucessão de memórias e voar ao som de Caetano Veloso, percebendo paisagens em combinações entre os tempos. Passado, presente e futuro transpassam o infinito. Linear é o tempo do calendário que inauguram maneiras de significar um instante qualquer em torno da percepção do que acontece. São pétalas fenomenológicas do presente que subjaz a percepção da visão bidirecional do tempo e permitem injunções estabelecidas pela vivência em percurso e de sua significação no instante rememorado, diz Ricoeur (2010b).⁷⁰

⁶⁹O nunca se esquecer das raízes ancestrais, que nos convoca a pensar memórias pessoais e coletivas. O uso do desenho das crianças remete ao trabalho que a escola desenvolve com o Cortejo de reis. Reis negros corados inspirados no movimento das Congadas Mineiras e a captura de pessoas africanas para a escravidão no Brasil. Livro de referência: CASTANHA Marilda. Agbalá: Um lugar no continente.

⁷⁰O tempo do calendário é a primeira ponte estendida entre a prática histórica e o tempo vivido. O primeiro é instituído por uma invenção humana, enquanto no segundo pode ser identificado em conjunções de tempos ou em terceiro tempo cósmico ou físico das passagens vividas do humano. O tempo do calendário é marcado pelos fenômenos astronômicos e o princípio de sua divisão escapa a física e astronomia. Ricoeur (2010b) refere-se às formas humanas de romper com contínuo uniforme infinito e linear do tempo do calendário. Inaugura maneiras de significar o instante qualquer.

Nisso, saber que a existência dos seres e das coisas tem temporalidades desiguais e destoam em tragédias cheias de desencontros ocasionados pelo foco ao tempo cronológico, diz Janer (2021).

Figura 135: Relógio

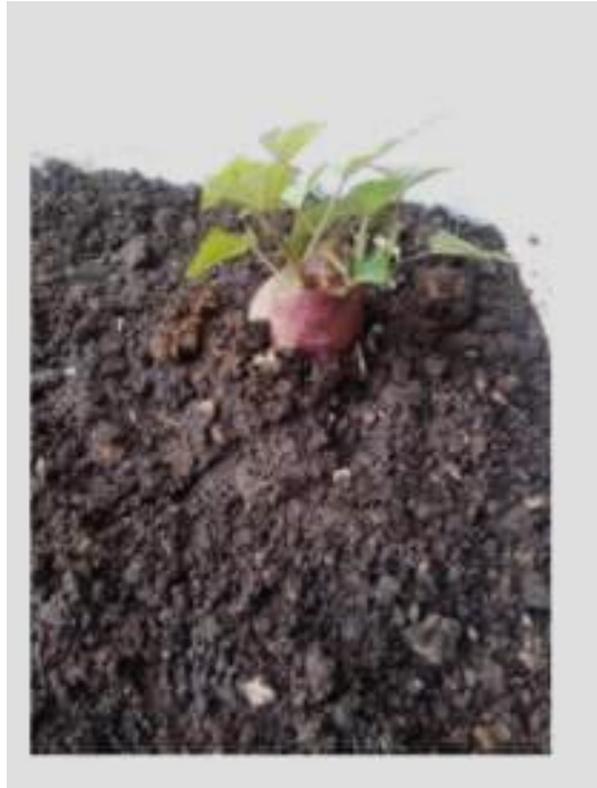


Fonte: <https://www.instagram.com/leocoelhoFoto/> Praça da Estação/JF-MG.

Portanto, é útil o transigir entre encantos e entretenimentos para exercer o ofício de historiador e poder ortografar a vida e o passado de acordo com as perspectivas de nosso tempo, anuncia Bloch (2002). Assim, marcar a nossa relação atual com o vivido, no redigir da história e nessa passagem chorar entre perdas e desaparecimento de cenas, pontua Janer (2021). E, nesse pacto com o tempo, anuir confidencialidades conscientes da deslocação e saber separar um tempo histórico do outro, no deitar com o mundo ao permitir o dissipar do desencaixe, mesmo que não saibamos, de início, para onde essa diástase nos leve, conta Vigotski (2012).

Rompimentos dizem respeito à noção de presente que se mede na significação em torno da percepção do que acontece.

Figura 136: Fertilizar



Fonte: Arquivo Virtual –Foto de tela- EMJCA-2020.

É concernir o fertilizar e se deixar escapar para o inesperado, pois eles são faces constitutivas de seus reversos e, nesse percalço, empenar faz parte, diz a anciã. Aqui, a voz de minha avó parece segurar meu coração em suas mãos já enrugadas pelo tempo, e dizem: “Cura-te com as ervas de seu quintal e adoce as tardes com funcho e capim-cidreira e abraça-te, pois, estou colocando açúcar no tempo e mexendo para você essa xícara de café com biscoito. Beijote nos raios do sol e te faço forte quando seus pés descalços tocam a terra e tudo o que nasce nela. Sinta-os e ouça sua intuição. Olhe o mundo com o olho da frente e respire fundo. Cura-te. Estes são os fios da existência em colcha de movimentos entre linhas e pontos interligados numa criação híbrida, plural e multifacetada como nos apresentou”, Najmanovich 2003.

Figura 137: Biscoitos caseiros



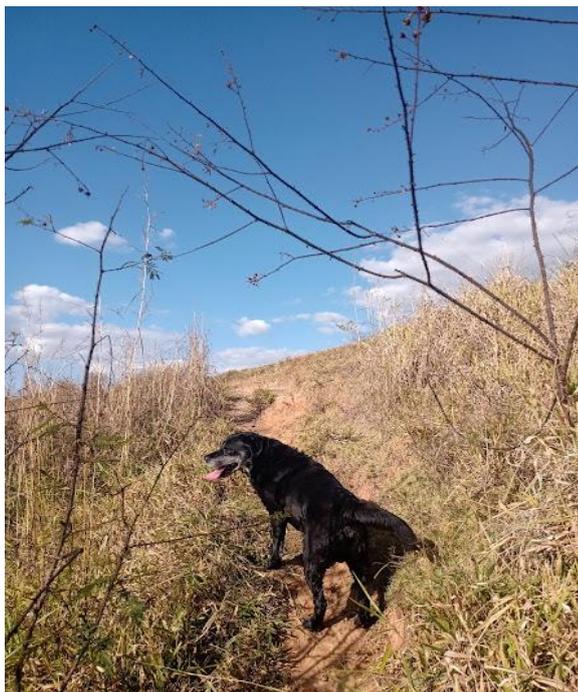
Fonte: Arquivo Pessoal- 2021.

E nesse tecer, continua a anciã⁷¹, todas as vezes que o mundo fica a derramar-se a ponto de esgarçar nossa existência é preciso voltar no tempo em que a natureza falava e os homens sabiam ouvir, e encontrar-se com a tecelã dos dias. Ela mora numa caverna bem escondida, já é uma velha senhora de pele escura e enrugada, de cabelos cumprido e brancos, atados em duas tranças. É lá que ela faz um manto maravilhoso a ser ofertado ao búfalo sagrado. Suas mãos talentosas e a paciência da idade já teceram o manto quase inteiro. Tece as franjas e o achatado de espinhos de porco com os dentes que, ao longo do tempo, essa prática fez seus dentes ficarem achatados para dentro da gengiva. O que não a impediu de continuar achatando os espinhos. Ao seu lado, o fiel cachorro que dorme pousando a cabeça nos pés da velha. Enquanto ela tece, ele ronca nesse aconchego. Além dos dois, há uma chama no fundo da caverna, dizem os ancestrais, que foi uma das primeiras coisas a existir no mundo.

Foi a velha senhora que acendeu o fogo e cuida para que jamais se apague. Sobre a chama, um caldeirão de barro, onde fervem todas as sementes do mundo, as que viram árvores, folhas, raízes, cipós, remédios e, para que esse conteúdo não se queime, a velha precisa se levantar para mexer. O cachorro protesta enquanto ela arrasta suas sandálias pacientemente até o fogo para observar a chama. Sopra e ajeita a madeira e começa a mexer o caldeirão com a colher de madeira. Respira o aroma e é gostoso.

⁷¹Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZQIM3OYP4Ao&feature=youtu.be> Roda de Histórias 1. Acesso em: 16 abr. 2021.

Figura 138: Kowalski



Fonte: Arquivo pessoal- 2021.

Com a distração da velha, o cachorro anda em direção ao manto tecido e morde um fio solto e puxa, fazendo o manto se desfazer ponto a ponto, em um imenso e caótico emaranhado de fios. A velha nem viu, pois ela está concentrada em mexer o caldeirão de sementes. Quando termina, ela volta para a sua tecelagem e se senta. Observa o emaranhado de fios embolados. Pega um fio e o espinho mordido, nem olha para o cachorro e recomeça a tecer. E, imediatamente, sua mente é tomada pelo manto mais maravilhoso que ela nem se lembra do manto antigo e recomeça. Nunca consegue terminar, pois o cachorro sempre puxa o fio solto que é até bom, porque dizem os antigos que se um dia o manto for finalizado, o mundo como nós o conhecemos se acaba no mesmo instante⁷². São os mitos referência para o crescimento humano e, também, para a transformação pessoal, sendo símbolos que afetam a mente do indivíduo e oferecem a possibilidade de viver uma vida em sintonia com a natureza, diz Campell (2008).

⁷²Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZQIM3OYP4Ao&feature=youtu.be> Roda de Histórias 1. Acesso em: 16 abr. 2021.

Figura 139: Fertilizar



Fonte: Arquivo Pessoal- Foto estandarte da escola- 2019.

Por eles, cedemos para além da eternidade a história do determinismo, a imprevisibilidade. Em vez do mecanicismo, a interpenetração na espontaneidade e a auto-organização sendo fundamental para aceitarmos que nossos conhecimentos não dão conta de tudo e que há mistérios. Podemos, então, ser lua, crescer, minguar, inchar e voltar a iluminar, repousa Janer (2021). O que vale é a intensidade da vida e está convida a afinar o sentimento de dentro para fora, mas também de fora para dentro. E, nessa pulsão de chegar mais perto de mim mesma, alcanço a possibilidade de ser outra. Nisso, a palavra é meu domínio sobre o mundo e me faz escrever como quem ama, toca-me Clarice Lispector⁷³.

Nesse imprevisto e descontrolado, o vento avança e transporta crenças, desamarrando instantes e carregando folhas antigas. O meu hoje difere tanto de cada um dos meus ontens, pois surgiu na infância, mas foi só depois que me tornei mulher e a cota da eternidade que nos

⁷³ Disponível em: <https://www.awebic.com/frases-de-clarice-lispector/> Acesso em: 14 Dez 2022.

cabe está encravada no tempo e se faz necessário o garimpo. O tempo não entrega belezuras, estas são produzidas a partir de fissuras entre solo e semente, em ato de rompimento para nascer.

Figura 140: Enraizar



Fonte: Arquivo Pessoal- Casa- 2020.

Tubérculos

Encontros entre a criança e a descoberta da vida.

Figura 141: A surpresa

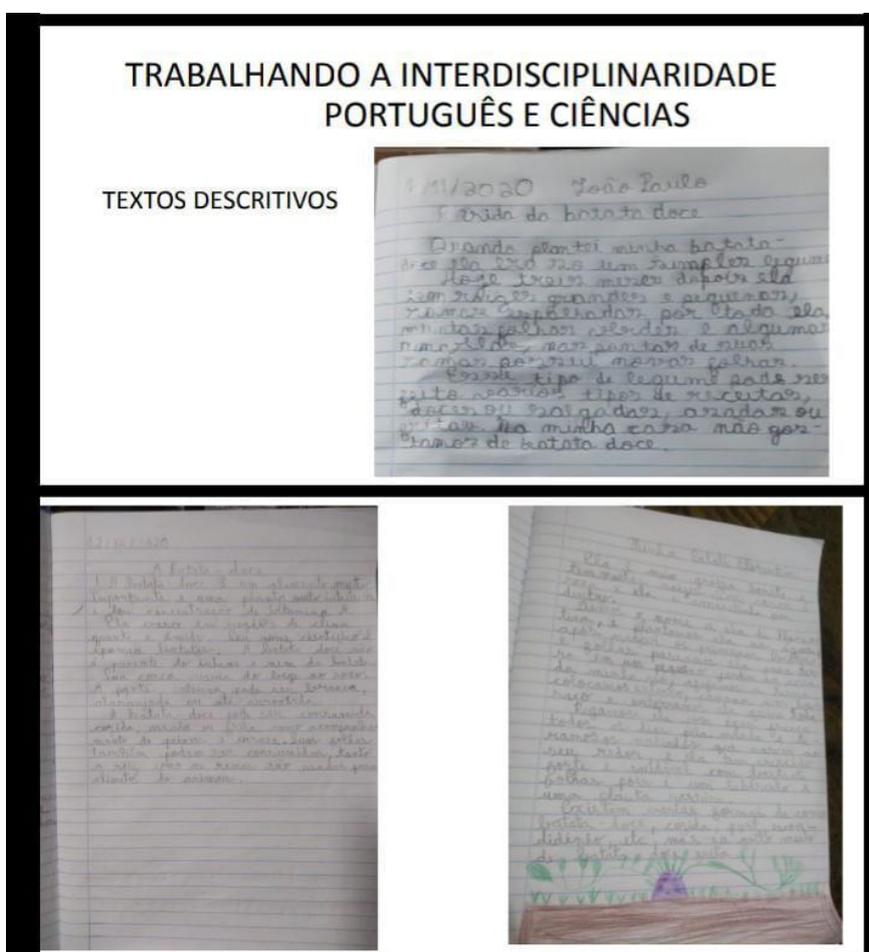


Fonte: EMJCA-2020.

De acordo com o Oliveira (2020), ao longo dos anos, a escola levou material e métodos pré-definidos pelo docente. Ao estudante, coube apenas o papel do executor de tarefas. O que difere nessa relação de tempos de isolamento social é que a tecnologia assume o protagonismo

na comunicação entre professores e crianças. Essas passaram a experimentar e a contar para os professores aquilo que vivenciaram, o que surpreende os professores a cada imagem que chega. Descobertas da criança e, também, do professor. O cuidar da batata-doce e o envolver das crianças no mundo das ciências de forma afetiva e prazerosa promoveram a possibilidade de construir teorias provisórias e ampliação de olhares a partir da curiosidade das crianças. Aprender melhor o ouvir, o pegar, o provar e o cheirar, alcançando os sotaques das origens, diz Manoel de Barros (2017), considerando, assim, as crianças e seus modos de ser e de narrar as coisas. Nesse sentido, o cuidar do plantio dos tubérculos delineou um mundo de abertura para as descobertas, verdades parciais aos processos de construção de conhecimento.

Figura 142: Trabalhando a interdisciplinaridade



Fonte: Arquivo Virtual-2020.

Ao garimpar o Google sala de aula, em busca dos indícios de atividades remotas, encontro-me com Benjamin (2015). Este diz que nada do que um dia aconteceu pode ser perdido para a história, pois o que aqui se fez é resposta da ação da escola que, mesmo sem recursos e incentivos das políticas públicas frente à pandemia, conduziu os aprendizados e saberes com

qualidade e sensibilidade. E se colocou a fazer um trabalho permeado por atividades investigativas, possível de ser vista no fazer da linha do tempo da vida da batata-doce, o que permitiu a escrita em diário de campo pelas crianças, o que permitiu o observar, o registrar e o levantar hipóteses sobre o crescimento do tubérculo.

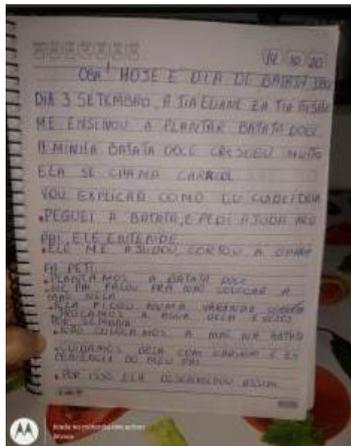
Figura 143: Registros



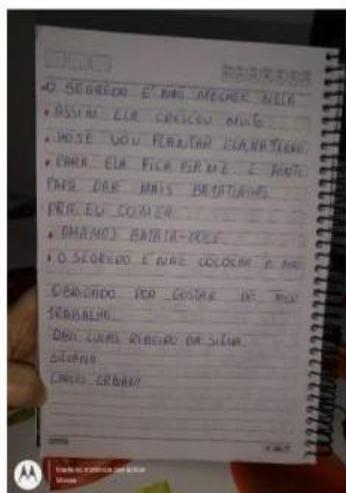
Fonte: EMJCA-2020.

Todas as plantinhas de batata-doce receberam um nome dado por cada criança, o que tornou o processo mais significativo para elas. Entendemos que é natural na infância o falar com as coisas, com os animais e com as plantas, conta-nos Janer (2021). Processo de personificação.

Figura 144: Batata-doce Caracol.



- Oba! Hoje é dia de batata-doce!
- Dia 03 de setembro, a tia Eliane e a tia Gisele me ensinou a plantar a batata-doce.
- A minha batata-doce cresceu muito, ela se chama Caracol.
- Vou explicar como eu cuidei dela.
- Peguei a batata e pedi ajuda meu pai, ele entende.
- Ele me ajudou, cortou a garrafa pet.
- Plantamos a batata-doce.
- Meu pai falou para não colocar a mão nela.



- Ela ficou numa varanda coberta.
- Trocamos a água dela 3 vezes por semana.
- Não colocamos a mão na batata.
- Cuidamos dela com carinho e experiência do meu pai.
- Por isso ela se desenvolveu assim.
- O segredo é não mexer nela.
- Assim ela cresceu muito.
- Hoje vou plantar ela na terra.
- Para ela ficar firme e forte para dar mais batatinhas para eu comer.
- Amamos batata-doce.
- O segredo é não colocar a mão.
- Obrigado por gostar do meu trabalho.

Davi Lucas Ribeiro, Silvana e Carlos Ernani.

QUESTÃO NUTRICIONAL BATATA-DOCE X BATATA INGLESA



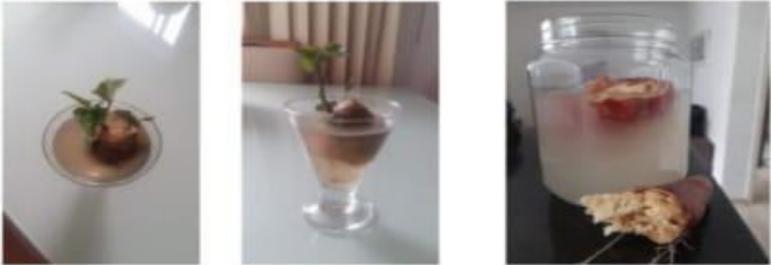
Fonte: Arquivo Virtual EMJCA-2020.

Então, quando alguma raiz morria, as crianças choravam muito e esse prantear faz sentido quando, na grande sabedoria da dialogia infantil, está o reconhecimento que o ser humano não basta por si só. Dessa maneira, foi preciso trabalhar a morte, afinal, por que morrem as batatas-doces? Para essa atividade, os professores procuraram um biólogo para falar sobre a morte da raiz e foi possível correlacionar com as mortes da Covid-19.

Hipóteses levantadas pelas crianças: “Porque deu uma bactéria”, “porque a batata já era velha”; “porque tinha muita água e a batata era pequena; “porque está muito quente”.

Figura 145: Hipóteses sobre a morte.

A BATATA-DOCE DA TIA ELIANE E DE ALGUNS ALUNOS MORRERAM!



PORQUE ALGUMAS BATATAS-DOCES MORRERAM?

- TROUXEMOS ESSA QUESTÃO EM FORMA DE PERGUNTA PARA AS CRIANÇAS RESPONDEREM, AS REPOSTAS FORAM:
- PORQUE DEU UMA BACTÉRIA;
- PORQUE TINHA MUITA ÁGUA E A BATATA ERA PEQUENA;
- PORQUE A BATATA JÁ ERA VELHA;
- PORQUE ESTÁ MUITO QUENTE.

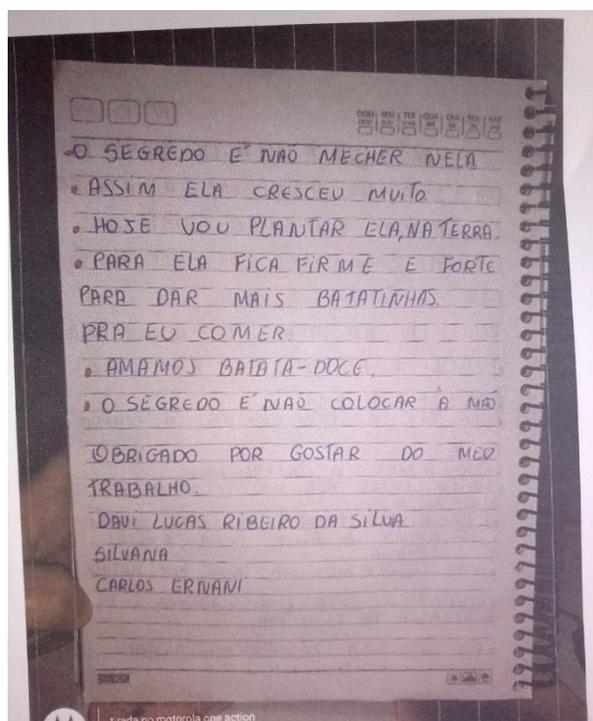
DIVERSAS FONTES DE SABERES

- ALÉM DAS HIPÓTESES QUE AS CRIANÇAS TROUXERAM SOBRE A MORTE DA BATATA-DOCE, PERGUNTAMOS PARA UM ESPECIALISTA DOUTOR EM BIOLOGIA BOTÂNICA VINÍCIUS CAMPOS.
- DESCOBRIMOS QUE TODOS ESSES FATORES QUE AS CRIANÇAS TROUXERAM ESTAVAM CERTOS, E QUE A BATATA-DOCE PLANTADA NA ÁGUA NÃO COMPLETA TODO O SEU CICLO DE VIDA POIS ELA PRECISA DE MAIS NUTRIENTES.
- DEPOIS DESSAS DESCOBERTAS, PEDIMOS AS CRIANÇAS PARA PLANTAREM A BATATA-DOCE NA TERRA.

Fonte: EMJCA-2020.

A partir dessa experiência, haveria um depois, já que os ciclos harmoniosos da natureza tecem uma rede de significações sobre a experiência que foi se constituindo. Com certeza, houve transformação e afetação nas travessias destes encantamentos. Estas vivências são válvulas que fortalecem o presente, da vida em raiz de ancestralidades constituídas em si mesmas, que, no debruçar do conhecimento, os saberes enredam sensações e concepções e inauguram o novo. Nisto, quando o homem transforma a natureza, ele transforma seu próprio modo de ser, concebe Santana (2020). A história do homem é a história dessa transformação que traduz a passagem da ordem da natureza para a ordem da cultura, ou seja: “el comportamento solo pode ser comprendido como história del comportamiento”, exposto por Vigotski apud Santana (2020, p. 203). No caso, a historicidade humana e o meio explicitam em espaços e formas de organização social que extrapolam o campo dos fenômenos naturais, conferindo-lhes uma existência cultural do espaço vivido. Não sendo simplesmente a manifestação da realidade natural, mas a expressão da transformação da natureza pelo homem em formas de existência humana, em que o natural e o cultural se fundem.

Figura 146: Família aprende.



Fonte: Arquivo Virtual EMJCA 2020.

As práticas educativas nesses tempos incertos e inseguros não deixaram de arriscar em experiências vitais em seus campos de aprendizagens e de mexer as crianças para o encontro em descobertas no deitar com a natureza, no despertar emoções. Ato que valorizam

imaginações e estimulam relações entre pais e filhos. Neste aspecto, a escola é o lugar em que adultos testemunham e apoiam os processos de aprendizagem das crianças e garantem a equidade de saberes, já que cada criança foi encontrando o seu caminho e, não satisfeitas somente em saber de suas plantinhas, quiseram saber sobre o desenvolvimento de outras batata-doce. “Como andava o crescimento das raízes de seus coleguinhas?” Freire e Shor (1986) dizem na conversa que os aprendizados se fazem e se refazem, e, assim, nos tornamos mais capazes de transformar nossa realidade e capazes de saber que sabemos, o que é algo mais do que só saber.

O diálogo é libertador, pois invalida a dominação, reduz a obscuridade e favorece a infância. Combate o discurso tradicional das relações sociais dominantes. No caso da educação, o conhecimento do objeto a ser experimentado não é de posse exclusiva de um dos sujeitos que concede o conhecimento, em vez disso, o objeto a ser conhecido está entre os dois sujeitos cognitivos, colocado para estudos e investigação conjunta. O professor pode até conhecer o objeto do estudo melhor do que os estudantes quando a aula começar, contudo, aprende novamente com os inesperados e, na dinâmica da infância, o educador refaz a cognição e a sensibilidade. Cognoscibilidade é o conhecimento em conexão com a relação epistemológica do objeto a ser conhecido e sua vinculação aos sujeitos cognitivos que os levam a refletir em conjunto sobre aquilo que se estuda, em processo de conhecer e reconhecer, não apenas transmitir/transferir.

Figura 147: Plantando tubérculos



Fonte: EMJCA-2020.

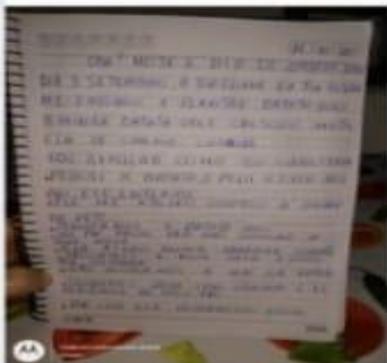
O contato prévio do educador, o sujeito, com o objeto a ser conhecido não significa que o professor domine todas as dimensões no conhecimento do mesmo, nisso não há quem não conheça uma batata-doce, no entanto, nunca havíamos pensado em tantos aprendizados que elas suscitariam. As dimensões não são esgotadas e podem originar sempre novos sentidos e aprenderes. Em meio às mortes intensas do mês de abril, o morrer do tubérculo de uma das crianças e o seu choro despertou o falar da perda.

Figura 148: Desenvolvendo Batatas-doces

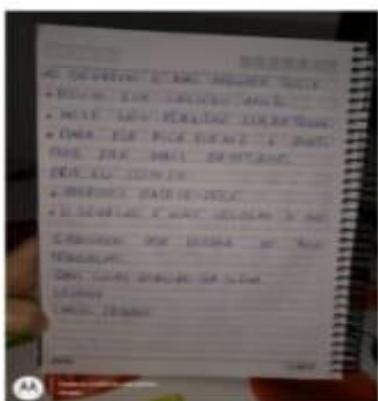


Fonte: EMJCA

Figura 149: Registrando



- Oba! Hoje é dia de batata-doce!
- Dia 03 de setembro, a tia Eliane e a tia Gisele me ensinaram a plantar a batata-doce.
- A minha batata-doce cresceu muito, ela se chama Caracol.
- Vou explicar como eu cuidei dela.
- Peguei a batata e pedi ajuda meu pai, ele entende.
- Ele me ajudou, cortou a garrafa pet.
- Plantamos a batata-doce.
- Meu pai falou para não colocar a mão nela.



- Ela ficou numa varanda coberta.
- Trocamos a água dela 3 vezes por semana.
- Não colocamos a mão na batata.
- Cuidamos dela com carinho e experiência do meu pai.
- Por isso ela se desenvolveu assim.
- O segredo é não mexer nela.
- Assim ela cresceu muito.
- Hoje vou plantar ela na terra.
- Para ela ficar firme e forte para dar mais batatinhas para eu comer.
- Amamos batata-doce.
- O segredo é não colocar a mão.
- Obrigado por gostar do meu trabalho.

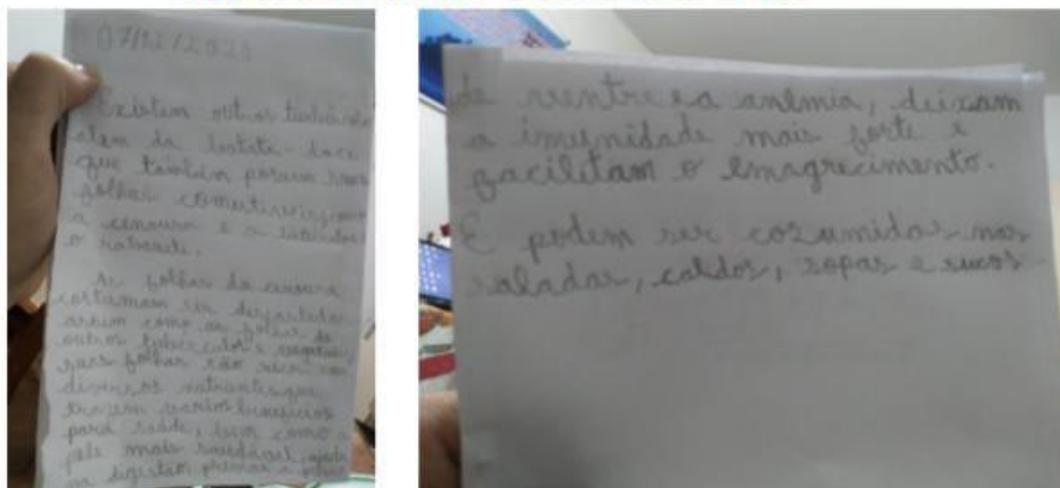
Davi Lucas Ribeiro, Silvana e Carlos Ernani.

QUESTÃO NUTRICIONAL BATATA-DOCE X BATATA INGLESA



Figura 150: Tubérculos e suas folhas comestíveis

PESQUISA SOBRE OUTROS TUBERCULOS E SUAS FOLHAS COMESTÍVEIS



Fonte: EMJCA

As vivências são o testemunho da vida e suas atualizações durante a convivência pedagógica deveriam conduzir o desenvolvimento pessoal nessa atividade. Encontra-se com o solo, ouvi-lo, senti-lo e tomar consciência dele, como dito por Janer (2021), é evoluir-se em unicidade humana com o todo e efundir em condição de linguagem e enunciação. Destes sentires pelos lires infantis.

Figura 151: Plantio em terra



Fonte: EMJCA

Cadenciados pelos ritmos do encontro entre raízes, memórias, perdas e natureza, essas aquarelas de emoções possibilitaram a experiência poética das vivências humanizadoras das atividades que foram compartilhadas e ordenadas a compor a narrativa no fazer do despertar sentidos e no harmonizar deste que é, certamente, um devaneio poético recheado das polifonias dos sentidos, diz Bachelard (1996)⁷⁴.

Decerto, vemos as coisas como somos. Narrar esta pedagogia dos sonhos é a permissão do escrever a escuta daquilo que uma consciência poética registra dos territórios inimagináveis e misteriosos que o encontro com o outro, em terreno escolar, pode nos trazer. Potência criativa de provar as coisas e de ser errante como Dom Quixote, o cavaleiro de Cervantes (2018). Buscar inovar-se e permitir o desejo de provar e de sentir as coisas. Inventar-se em situações para despertar o aventurar-se da ampliação dos saberes, pois é gostoso existir por entre lugares.

⁷⁴<https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2013/11/bachelard-gaston-a-poc3a9tica-do-devaneio.pdf>

Figura 152: Vivenciar



Fonte: Arquivo Virtual EMJCA-2020.

Transver X Bordados finais

Entre o osso e o diamante.

“Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores”. Manoel de Barros⁷⁵

Cresci menina, de forma a ver que entre o osso e o diamante o mais importante é o cachorro. Para o cão, o osso é mais importante que o diamante, nisso, seria desimportante aquilo que nem sempre se escolhe, que é posto à margem e ignorado e até apagado diante de uma ordem que pretende universal e única, que promove esvaziamentos dos campos epistemológicos e desacultura para fins de colonização, contribui Lima (2020). Seria o desimportante, algo sem valor, ou ainda algo cujo valor gravita atmosferas que invertem o conceito de importância? Estou nessa experiência única de minha vida. De ser professora em tempos de Covid-19 e busquei minhas raízes crianceiras e minha visão oblíqua das coisas para

⁷⁵ Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2017/11/manoel-de-barros-1916-2014/> Acesso em 07 ago. 2022.

transver por entre essas veredas paradoxais. Das pequenas coisas que comporam este trabalho, fui colhendo e compondo relações alteritárias, mediadas pelo mundo, gestadas em mim na interação com os pares, parir “in mundo” em emaranhados de fios concernentes ao processo de transformação ideológica da consciência individual.

Nessa trajetória, inspirada pelo pássaro Marabu⁷⁶, fui colhendo, carinhosamente, cada inspiração que a vida ofertou e me permiti ao frescor de respirar entre os tempos e os mundos. Fui anotando todos os devaneios usando penas, cores, terra, água, carvão nessa escrita conscienciosa do que o coração consente. Foram todas as palavras escutadas pelo buscador e contador de histórias que, depois de também ouvir muitas histórias e de passar por muitos lugares, ficou incomodado em como iria fazer para se recordar de tudo. Escrever é guardar as palavras, como fora feito pelo buscador e pelo pássaro Marabu que encheram de água a cabaça e mergulharam nela todas as histórias escritas. Deixaram a cabaça descansando. Durante a noite, se misturaram à tinta, à água e àquelas palavras para, na manhã seguinte, com a chegada do sol, fossem bebidas as histórias e, desta maneira, elas se tornaram histórias sabidas⁷⁷. Guardo de forma “descorrigida” de escrever o cruzamento destes tempos remotos, o isolamento social, a dor do nosso luto, guardo o que me toca dentro da cabaça. Pois fui Marabu nesse espaço de etritos produzidos em colisão da Covid-19 com a atual gestão governamental brasileira. Desigualdades crescentes, não só a nível individual, relembra Santos (2013), mas regional e internacional de extrema privação. Altos índices de desemprego e subemprego que propõe a mais-valia em adaptação dos coeficientes de emprego ativo. Enquanto a selva de pedra vai se consolidando romper em tramas que nos fazem desenhar pelos céus e respirar por entre soluços, me fez caminhar por entre as ruas dessa pesquisa, desolada, a fim de perceber o que poderíamos aproveitar desse tempo. Em relação à escola, Tonucci (2021-live)⁷⁸ disse que podemos perceber que se aproveita mais o tempo quando não ficamos nos perguntando o quanto as crianças perderam da escola ao longo da pandemia. A pergunta mais intrigante seria o quanto elas ganharam no desenrolar desse tempo de isolamento. Certamente, aprenderam muito sobre a vida.

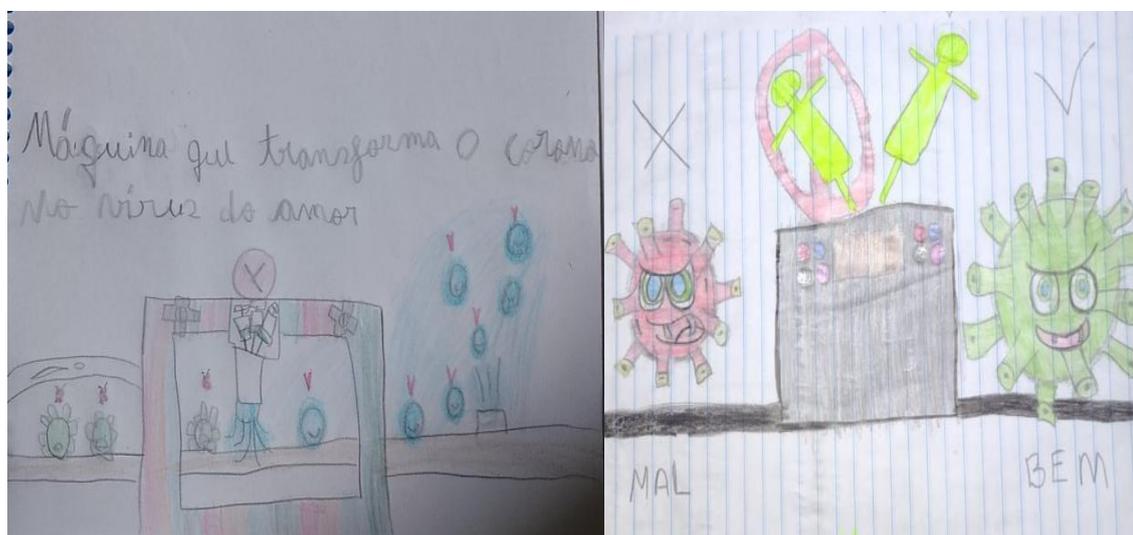
⁷⁶Conto: Porque os contadores de história tem boa memória e são bons apreciadores de vinho. Tradição oral da África Ocidental. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PFHhPs6S3CU&ab_channel=ChamadasHist%C3%B3rias Acesso: em: 09 abr. 2021.

⁷⁷Conto: Porque os contadores de história têm boa memória e são bons apreciadores de vinho. Tradição oral da África Ocidental. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PFHhPs6S3CU&ab_channel=ChamadasHist%C3%B3rias Acesso: em: 09 abr. 2021.

⁷⁸Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KFGJKPX1iU4&ab_channel=NEPEIUFGM Em 20 jul. 2021.

Enquanto escrevo as linhas finais, estou já de volta à sala de aula e posso encontrar muitos olhares de extrema profundidade. Mudanças. A confusão do retorno é grande. Estranhezas. Enfrentamos o retorno e, assim, novas convivências... O território é de muitos enfrentamentos. Abrem-se tempos para aprender a nos reaproximarmos e a escola em lugar de encontro e reencontros, e campo de entender a dor, o luto, as doenças. Diante disso, as crianças tiveram que enfrentar muitas coisas. A crise sanitária trouxe mudanças profundas para essa geração de crianças, alterando a rotina, diminuindo a interação com colegas, instituindo a educação à distância e, invariavelmente, ampliando o tempo de uso de telas. Essa junção de fatores e situações podem trazer impactos para o desenvolvimento, para a aprendizagem e para a socialização, assim como prejudicar a conquista de habilidades importantes para a vida adulta, entender que esse é um momento único e que deve tentar ser vivido com menos cobranças⁷⁹. Perceber e acolher as dores das crianças é papel dos adultos⁸⁰ no retorno para a escola. Nisso, lembrar sempre que elas são seres em formação e podem estar conectadas a extraordinários sentidos do desenvolvimento. Precisamos não somente captar os sons, mas compreender seus significados, diz Spaggiari (2021).

Figura 153: Vírus do amor



Fonte: Caixa Viajante 2020.

Professora, por que você demorou tanto?

⁷⁹<https://www.consumidormoderno.com.br/2021/04/19/quais-serao-impactos-pandemia-geracao-criancas/> Acesso em: 22 jul. 2021.

⁸⁰<https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/como-as-criancas-entendem-o-que-ninguem-compreendeu-ainda/#page2> Acesso em: 22 jul. 2021.

Ao longo dessa narrativa, fizeram parte do corpo memórias pessoais de nossas infâncias e de auras alheias. Memórias do mundo extrínseco em suas cores, sons e sabores refratados pela nossa vivência e escalas de nossa história pessoal. O texto é fruto de como olhamos para todas essas vivências educacionais em amarrações com a cidade, escola, crianças, professores na passagem do Coronavírus por nós. As geo-histórias na urdidura da pandemia, em tema de estudo. A presença do verbo humano, a linguagem inserida por entre manifestações da mente e da criatividade. Aprender a aprender. Nisso, permitir aprendizados em tempos de morte. Este foi um território de vivência que só eu presenciei, pois foi o meu olhar aqui em catas de histórias. Assim, andamos por outros caminhos e fomos escorrendo como água por entre as pedras. No percurso, a escolha para o título desse trabalho não foi fácil, o descomeço é sempre delírio. No retorno para a escola em 2022, ouço a frase: “Professora, por que você demorou tanto? Sinto falta da escola. Por onde você estava? Estou empolgado e quero estudar. Por que demorou tanto?”, disse a criança que gosta de ser identificada como “queijo”. E assim, foi dado o título dessa escrita.

Ademais, o trabalho, desde 2020, foi muito árduo, porém, o governo não reconheceu esse processo e não será computado, de acordo com a Lei Complementar 191/22⁸¹. Roubam o nosso tempo, mas ainda assim resisti em verso.

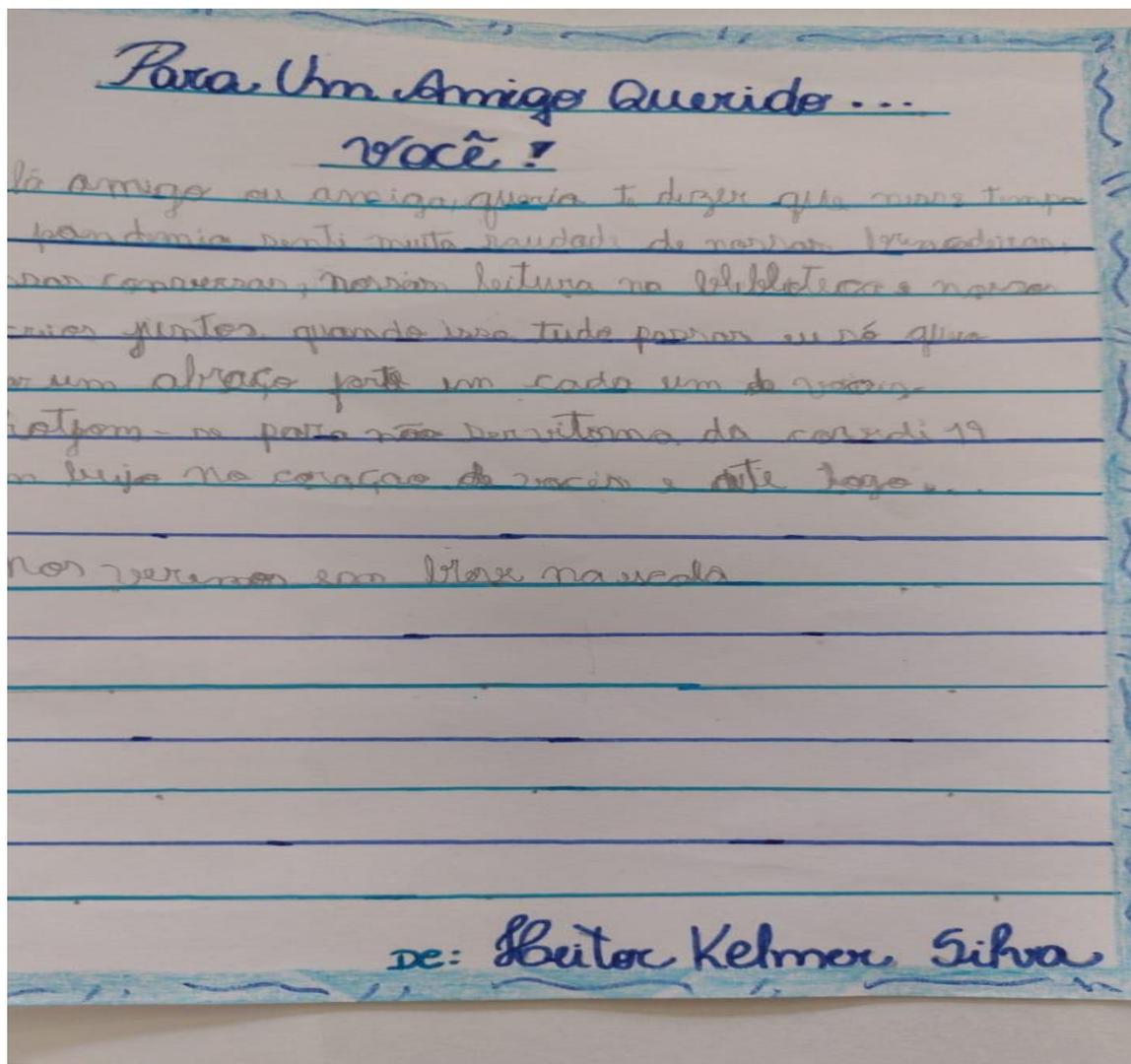
*“Não morre aquele que deixou na terra a melodia de seu cântico na
música de seus versos”. Cora Corafina*

Ao narrar a passagem do vírus por Juiz de Fora e pela escola em que trabalho, compartilhei minha vivência, sabendo, mesmo que várias pessoas compartilhem algum evento ou incidente, nenhuma delas vivenciará da mesma maneira o que passaram. O meio as influenciará de forma diferente, a cada uma de maneira singular, porque a relação que travamos com o que acontece caracteriza o que Vigotski apud Janer e Paula(2021) chama de “vivência”. Esta é única e particular, pois cada sujeito é diferente e a constituição de sua personalidade irá compor a unidade, estabelecendo o que fará parte ou não da vivência. A vivência é

⁸¹<http://sintern.org.br/lei-sancionada-por-bolsonaro-rouba-18-meses-de-tempo-de-servico-dos-professores-da-rede-publica/#:~:text=De%20autoria%20do%20deputado%20Guilherme,anu%C3%AAnios%2C%20quinqu%C3%AAnios%2C%20entre%20outros. Acesso em 23 mar. 2022.>

uma totalidade do momento vivido e de como foi vivido por aquele sujeito único. Particularidades constitutivas. No entanto, de acordo com Tonucci (2021-live)⁸², a pandemia nos trouxe um denominador comum: Sentir saudades da escola.

Figura 154: Professora amiga



Fonte: EMJCA. 2021.

De acordo com Francesco Tonucci (2021-live), não foi reconhecida nenhuma prioridade além da escola para as crianças. O mundo das crianças também se transformou, elas também perderam pessoas, avistaram a morte e sofreram com a pandemia. Segundo a informação dada pela revista científica "The Lancet"⁸³, as mortes por Covid-19 deixaram

⁸²Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KFGJKPX1iU4&ab_channel=NEPEIUFMG
Acesso em: 20 jul. 2021.

⁸³<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2021/07/19/um-milhao-e-meio-de-criancas-perderam-pais-avos-ou-cuidadores-para-covid-19>. Acesso em 20 jul. 2021.

130.363 crianças brasileiras sem a mãe, o pai, um avô, avó ou um responsável. No mundo, esse número chega a mais de 1,5 milhões de pessoas. As pesquisas mostram que 1,13 milhão de crianças perderam um dos pais ou um avô responsável devido a uma morte associada à Covid-19. Aumentando também as probabilidades de violência sexual, potencialmente ligada à vulnerabilidade econômica familiar⁸⁴. A escola remota caminhou para fora de seu espaço institucionalizado e, com ela lá fora, também caminha o barqueiro Caronte⁸⁵, transportando os muitos mortos que se faziam para além da escola. Caminhos ampliados de sofrimento que a escola terá de enfrentar no retorno às aulas. Porém, a escola não vai conseguir sozinha.

Figura 155: Casinha de bambu.



Fonte: Arquivo pessoal- Área verde da escola- 2018.

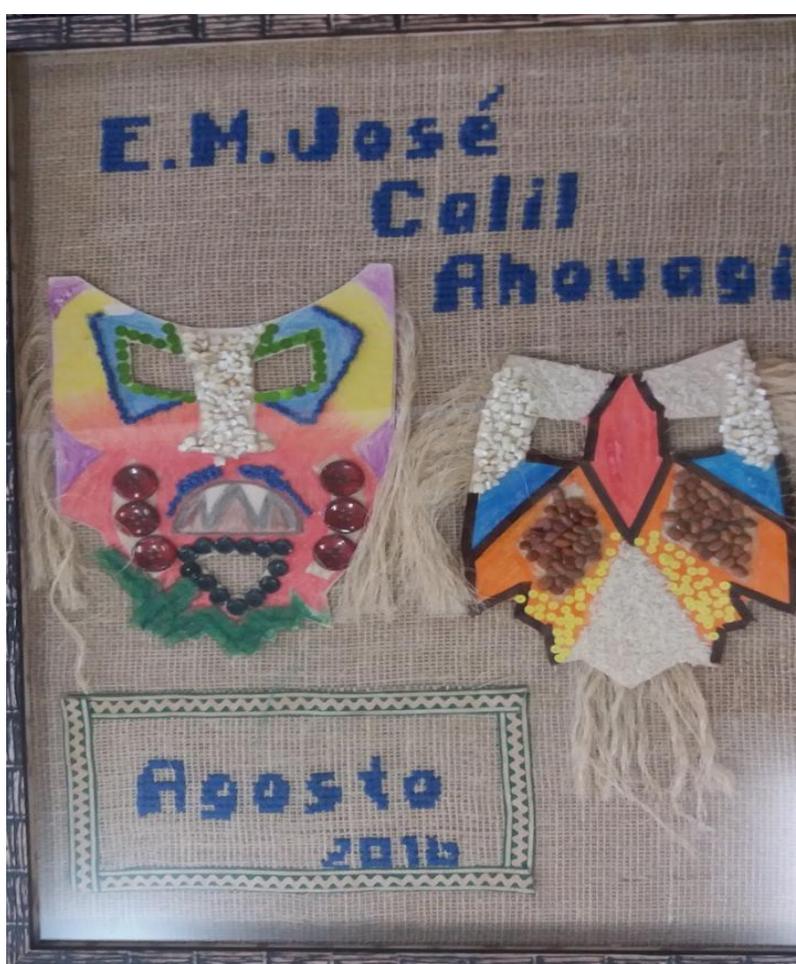
Segundo Tonucci (2021-live), a escola vai precisar de ajuda da cidade a fim de transformar o lugar em condição de uma cidade-educadora. Ou seja, que as crianças possam estar fora da escola e encontrar lugares significativos de vivência. Que estes despertem a experiência e que sejam lugares seguros que possam oferecer o desenvolvimento de sua autonomia e de seu protagonismo. Nessa relação amistosa, amigável, e não de imposição e cobranças.

⁸⁴<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2021/07/19/um-milhao-e-meio-de-criancas-perderam-pais-avos-ou-cuidadores-para-covid-19>. Acesso em: 20 jul. 2022.

⁸⁵Na mitologia grega, Caronte (em grego antigo: Χάρων, transl. Kháron) é o barqueiro do Hades, que carrega as almas dos recém-mortos sobre as águas dos rios Estige e Aqueronte, que dividiam o mundo dos vivos do mundo dos mortos. <https://aulapartilhada.wordpress.com/9ano/obras-9/auto-da-barca-do-inferno/mito-de-caronte/> Acesso em: 13 jul. 2022.

Aprendemos a explorar outros espaços e a escola não pode seguir sendo apenas o lugar da sala de aula, sem diversidade, sem vida, ou seja, espaços iguais que vão se repetindo entre si que vão desde o mobiliário até o formato. Isso não pode sobreviver no pós-pandemia. Esse tempo de casa deve nos permitir a pensar em escolas de oficinas e laboratórios, equipados para o desenvolvimento integral e aprofundado da criança, pois ela precisa estar conectada com o mundo e com a natureza. O futuro da educação nos convida a abrir as janelas do prazer e nos engajar em profundidade.

Figura 156: Máscaras.



Fonte: Arquivo pessoal- 2016

A escrita foi um privilégio, de ser tocada intimamente por Bakhtin, Manoel de Barros, Benjamin, Certeau, Freire, por tantas Marias, gatos, borboletas e flores, tecidos, céu, terra.... Tudo me transformou. E, nisso, preciso pedir perdão, por tantas linhas utilizadas e emaranhadas em tecidos fichados espalhados, em formigas, elefantes, espirais, sombras.... Por tantas idas e voltas, nesse entrelaçado de falas que se retornam. Tudo foi útil na construção e fizeram vestirme de inspirações. Danço o canto que vem de Bakhtin e sinto a presença relacional de outros

em meus atos. A música ecoa pela casa. As vozes, a palavra no enunciado na produção do discurso. As palavras do outro, que reverberam em mim me fazem compreender a diferença entre enunciar sobre si e a partir de si - escolho a segunda opção. E, como na canção que aprendi na escola, “tá caindo fulô⁸⁶”, chove em mim flores de histórias. Colhi flores e, hoje, tenho um jardim em polifonia de vozes. Palavras são flores. Estas nos formam e embelezam nosso jardim. Às vezes, é preciso deter-se para olhar ao longe. Para podermos enxergar o que está diante de nós, em priscas eras e repousar. Prepararei a escrita como o jardineiro prepara o jardim para a rosa que se abrirá na primavera.

Figura 157: Flor



Fonte: Arquivo pessoal- Meu Jardim- 2020.

A criação a partir de novas existências nos permite trazer ao plano da escrita acadêmica outras línguas e dialetos. Ampliam os jardins humanos. Concede o discurso familiar do cotidiano, que pode entrar nas relações dialógicas com a linguagem científica e serem transformados em visões de mundo ou em certas visões, elementos que me ajudaram a dar sentido e a tratar de ideias inadequadas. Destas paixões que nos afetaram e nos transpassaram.

⁸⁶Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CzHYuDIIS54> Acesso em: 20 out.2021.

O território de pandemia estabeleceu a possibilidade do encontro (paradoxos do isolamento social) e de poder anunciar ao mundo minhas palavras próprias e alheias. Foi uma luta o ato de escrever e lutei com as palavras. Ao meu lado, Drummond também lutava com o javali. Não fui desequilibrada por romper as quatro horas da manhã, tonta ainda para apanhar algumas palavras. Palavras são espertas, deixam-se enlaçar, tontas à carícia, mas que, de súbito, fogem e não há ameaça e nem há sevícia que as traga de novo ao centro da sala. Então, quando tenho oportunidade: escrevo o que me surge. Depois eu arrumo, isso foi importante para não as perder. Busquei persuadi-las. Nisso, escrevo, embaralhado, pois é assim que elas me chegam. Essa pesquisa foi a prática de se atrever a pensar e a imaginar os sonhos sem medo, uma forma aberta cheia de erros, porém, com a vitória de não mais silenciar o meu “eu”.

Nesse ensaio, há uma trilha que se abre e se fecha continuamente de finitude sem morte. De início e reinício. Seguir vivendo e continuar em direção a um final que é recomeço. Um novo começo, o da errância e o da ousadia de experimentar pensar e inventar. Disso, sei que deve haver outras ideias igualmente interessantes espalhadas. Não há neste exercício de escrita a pretensão de alcançar a verdade, e, sim, de provocar sentidos e possibilidades de incentivar. Então, cá estou eu, lutando corpo a corpo, a todo tempo nessa caça ao vento. Cerradas às portas, as lutas prosseguem nas ruas do sono. Esse é o instante de entreabrir os olhos: entre beijo e boca, tudo se evapora. Quando o vento vem a me bagunçar, a me dizer que está do lado das palavras. Sorrateiramente, me encontro com Certeau apud Rampazo, 2009) e ele me consola e traz o bricoleur. Serei eu a dama que não opera num plano previamente definido. Mas farei uso da bricolagem intelectual. Elaborando estruturas conforme as ferramentas que vou possuindo. Assim, levanto da cadeira e balanço minhas saias. Rodopio. Certamente a loba, a velha, aquela que sabe que está dentro de nós. Floresce na alma, a antiga e vital Mulher Selvagem. Pinkola (2014) diz que o lar é como um lugar no tempo em que o espírito das mulheres e o espírito dos lobos entram em contato. É o ponto em que o Eu e o Você se beijam, o lugar em que as mulheres correm com os lobos. Nós, mulheres, temos dentro de nós a mais profunda sabedoria, a nossa intuição. Ela é a nossa mais poderosa bússola. Entrar em contato com a nossa Mulher Selvagem é o maior ato de amor e cura que podemos oferecer a nós mesmas. Guio-me pela intuição e pela vontade de conhecer o que está no mundo. Este tipo de pensamento, Lévi-Strauss apud Rampazo, 2009) chamou de bricolagem.

E, balançando o tecido num ato cigano de dança, tudo se espalha. Sinto a brisa. E, nessa dança de tantos sons, eu vou curtindo as palavras, próprias como eu: inacabadas. Para isso, me faço eterna. Sou inacabamento sem fim. Essa minha eternidade vem de quem eu nunca sou. Estou sempre na cadeia infinita da vida, me acompanha Lima (2020). Sou uma coisa em aberto,

não concluo nunca. Em condições de semente, guardo a flor. Mas em condições de flor, guardo o alimento. Em condições de alimento, guardo o estrume. Ressurgimos. Palavras são como eu e, assim, me lanço por essas veredas.

Figura 158: Cortejar



Fonte 25: Arquivo de fotos pessoal- Meu Jardim- 2020.

Transver: Companheiros de estrada:

Referências

2 MOMENTOS em que Bolsonaro chamou covid-19 de 'gripezinha', o que agora nega. **BBC NEWS**, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>. Acesso em: 18 nov. 2021.

ABRAMOWICZ, Anete; DE OLIVEIRA, Fabiana. A sociologia da infância no Brasil: Uma área em construção. Anete Abramowicz e Fabiana de Oliveira. Universidade Federal de Santa Maria- UFSM. Centro de Educação- LAPEDOC. 2010, p44.

ABRIL já está entre os meses com mais registros de mortes por Covid-19 em Juiz de Fora. **G1 Zona da Mata**, Juiz de Fora, 16 abr. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2021/04/16/abril-ja-esta-entre-os-meses-com-mais-registros-de-mortes-por-covid-19-em-juiz-de-fora.ghtml>. Acesso em: 18 abr. 2021.

AFASIA. **Manual MSD – Versão para Profissionais de Saúde**. Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt-br/profissional/dist%C3%BArbios-neurol%C3%B3gicos/fun%C3%A7%C3%A3o-e-disfun%C3%A7%C3%A3o-dos-lobos-cerebrais/afasia>. Acesso em: 09 mar. 2022

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e História destruição da experiência e origem da história**. Nova edição aumentada. Tradução Henrique Burigo. Belo Horizonte. Editora UFMG. 2005.
ALVES, C. O educador e sua relação com o passado. Educação em Revista. Belo Horizonte, v.28, n°03, p.205-217, set. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/LMPRN9CFySQp5xTZS3xtXXL/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em: 13 dez. 2022.

ALVES, Giovanni; FONSECA, Dora. Movimento social do precariado, carência de futuridade e necrose do capitalismo de bem-estar social em Portugal. **Projeto História**, São Paulo, n.46, p. 91-114, abr. 2013. Disponível em: <http://www.ken.pucsp.br> Acesso em: 20 fev. 2021.

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ- Faculdade de Educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23. 2003.

AMORIM, Douglas. Metade dos jovens com mais de 16 anos precisou buscar emprego na pandemia. Metrôpoles, 05 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/metade-dos-jovens-com-mais-de-16-anos-precisou-buscar-emprego-na-pandemia>. Acesso em: 9 jul. 2020.

ANTUNES, R. L. C. Os Sentidos do Trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo, SP: Boitempo, 2009.

APICULTURA Criação de abelhas e produção de mel. **Associação Gaúcha de Professores Técnicos de Ensino Agrícola**. Disponível em: <https://www.bibliotecaagptea.org.br/zootecnia/apicultura/livros/APICULTURA%20CRIACA%20DE%20ABELHAS%20E%20PRODUCAO%20DE%20MEL.pdf>. Acesso em 10 fev. 2022.

ARENDDT, Hannah. A crise da Educação: entre o passado e o futuro. Editora Perspectiva, 2011.

ARIÈS, Phillipe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARQUIVO de práticas da escola. *Mitologia dos planetas*. Professora Marcela Marques-Turma 3º ano de 2017

ATELOMIELIA. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/atelomielia>. Acesso em: 21 mar. 2022.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BAKHTIN, M. M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BAKHTIN, M. M. Reformulação do livro sobre Dostoiévski. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal* 4 ed. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BAKHTIN, M. M.; VOLOCHINOV, Valentin N. Para uma filosofia do ato responsável. Organizado por Augusto Ponzio e Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso-GEGE/UFSCar. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores 2010.

BAQUIRO, Amador Baquiro, Juan Carlos **Condición infantil contemporánea: hacia una epistemología de las infancias** *Pedagogía y Saberes*, núm. 37, julio-diciembre, 2012, pp. 73-87 Universidad Pedagógica Nacional Bogotá, Colombia <https://www.redalyc.org/pdf/6140/614064827007.pdf>

BARBATUQUES. Barbatuques - Tá Caindo Fulô | Só + 1 Pouquinho. YouTube, 06 out. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CzHYuDIIS54>. Acesso em: 20 out. 2021.

BARBOSA, A. S. S.; DOS SANTOS, J. D. F. Infância ou infâncias? **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 18, n. 38, p. 245-263, set./dez. 2017.

BARGUIL, Paulo Meireles. Gaiola ou asas? Rubem Alves. **LEDUM**. Disponível em: https://ledum.ufc.br/Gaiolas_Asas.pdf. Acesso em: 04 mar. 2021.

BARROS, Manoel de. **O guardador de águas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017.

BASTOS, G. Bertolt Brecht, o poeta (parte II). **Século Diário**, 2016. Disponível em: <https://www.seculodiario.com.br/cultura/bertolt-brecht-o-poeta-parte-ii>. Acesso em: 18 nov. 2021.

BATESON, Gregory. **Mente e Natura**. Adelphi, 1987.

BAUMAN Zygmunt. MODERNIDADE LÍQUIDA Tradução: Plínio Dentzien Dentzien. Ed. Zahar. 2011.

BENJAMIN, L. M. W. Aviso de incêndio: uma leitura das teses “sobre o conceito de história”. São Paulo. **BoiTempo**, 2005.

BENJAMIN, Walter. Escavando e recordando em rua de mão única. Obras escolhidas, v. 2 São Paulo. Brasiliense 1987.

BENJAMIN, Walter. Experiência histórica e imagens dialéticas / organização Carlos Eduardo Jordão Machado, Rubens Machado Jr., Miguel Vedda. 1.ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2015.

BERTHERAT, Thérèse; BERNSTEIN, Carol. **O corpo tem suas razões**: antiginástica e consciência de si. Martins Fontes, 1998.

BLACKBURN, Robin; BLACKBURN, R. Depois da queda: o fracasso do comunismo eo futuro do socialismo. **Rio de Janeiro: Paz e terra**. 1992b.

BLOCH, M. **Apologia da História ou ofício do historiador**. Ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro. 2002.

BOLSONARO recusou vacina da Pfizer em 2020 por metade do preço. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 07 jul. 2021. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/06/07/interna_politica,1274072/bolsonaro-recusou-vacina-da-pfizer-em-2020-por-metade-do-preco.shtml. Acesso em: 08 jun. 2021.

BONARCI, R. Livros: Como Se Encontrar Na Escrita – A Escrita Afetuosa de Ana Holanda. **Bonas Histórias** – Blog de literatura, cultura e entretenimento. Disponível em <https://www.bonashistorias.com.br/single-post/2020/01/19/livros-como-se-encontrar-na-escrita-a-escrita-afetuosa-de-ana-holanda>. Acesso em: 16 ago 2021.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 20 dez. 2022

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União. Brasília, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em 07 jan. 2023

BRASIL. Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. **Resolução n. 5, de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: 2009.

BRUM, Eliane. **A menina quebrada e outras colunas de Eliane Brum**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.

BUJES, M. I. E. *Infância e maquinarias*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
CAIXA Viajante – A escola Municipal José Calil Ahougi viaja até a sua casa! Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCldOxQeH7Y5CzywiTORqQnQ>. Acesso em: 18 dez. 2020.

CANÁRIO, Rui. A escola e as “dificuldades de aprendizagem”. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 21, 2º sem. de 2005, p. 33-51. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n21/v21a03.pdf> Acesso em: 13 dez.2022.

CARDIEL, Hugo Casanova et al. *Educación y pandemia: una visión académica*. 2020. Disponível em: http://132.248.192.241:8080/jspui/bitstream/IISUE_UNAM/533/1/CasanovaH_Coord_2020_Educacion_y_pandemia.pdf Acesso em: 13 dez. 2022.

CARVALHO, José António Brandão. **Escrita: percursos de investigação**. 2003. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/18254/1/Escrita,%20Percursos%20de%20investiga%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2022

CASTRO, Manuel Antônio de. Grande Ser - Tão: diálogos amorosos. In: SECCHIN, Antonio Carlos (Org.). **Veredas no sertão Rosiano**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007. p. 142-177.

CERTEAU, Michael. *A invenção do Cotidiano*. Trad. EPHARAIM, Alves e ORTH, Lúcia Endlich. Petrópolis. RJ. Vozes, 1996, p. 217.

CHAMA DAS HISTÓRIAS. **Roda de Histórias I** - Camila Costa convida Rosana Reátegui, Rita Gama e Anamô. YouTube, 19 fev. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZQIM3OYP4Ao_ Acesso em: 16 abr. 2021.

CHAMA DAS HISTÓRIAS. **Roda de Histórias III** - Camila Costa convida Grupo Palavra Chave de Contadoras de Histórias. YouTube, 05 mar. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PFHhPs6S3CU&ab_channel=ChamadasHist%C3%B3rias. Acesso em: 09 abr. 2021.

CHAR, René. *Introducción al modo de los mitos: La guerra entre los hombres Y las coisas*. In: Santiago Alba Rico. **La Ciudad intangible**. Editora: Hiru Argitaletxea. 2002.

CHAVES, Marta. *Práticas pedagógicas e literatura infantil*. **Maringá: Eduem**, 2011.

CINEAD LECAV. **ABECEDÁRIO** com Jorge Larrosa Bondía. YouTube, 11 jul. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5FtY1psRoS4>. Acesso em 18 dez. 2020.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. *Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa*. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.250. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/1766/1329>. Acesso em: 13 dez. 2022.

CORONAVIRUS disease (COVID-19) pandemic. **World Health Organization**, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019> Acesso em: 16 dez. 2020.

CORRÊA, Antônio Carlos de Oliveira. Memória, Aprendizagem e Esquecimento – Monografia Completa. Antônio Carlos de Oliveira Corrêa, São Paulo, fev. 2017. Disponível em: <https://antoniocarlosocorrea.wordpress.com/category/monografia-2002-memoria-aprendizagem-e-esquecimento/>. Acesso em 06 fev. 2022.

CORSARO, Wiliam. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CORSARO, William A. Discourse processes within peer culture: From a constructivist to an interpretive approach to childhood socialization. **Sociological studies of child development**, v. 1, p. 81-101, 1986.

COSTA, Isaias. A parábola dos cegos e o elefante. **Para além do agora**, 2014. Disponível em: <https://paralemdoagora.wordpress.com/2014/12/23/a-parabola-dos-cegos-e-o-elefante/>. Acesso em 17 mar. 2021.

COUTO, Mia. Murar o medo. **Revista Brasileira de Psicanálise** • Volume 47, n. 1, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2013000100003 Acesso em: 09 fev. 2023.

CRUZ, Giseli; DE PAIVA, Marilza Maia; LONTRA, Viviane. A narrativa (auto) biográfica como dispositivo de pesquisa-formação na indução profissional docente. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) biográfica**, v. 6, n. 19, p. 956-972, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/12666/9262>. Acesso em 17 jul. 2022.

DA COSTA, Pedro Paulo Pereira. **O papel do educador na concepção de Hannah Arendt**. De Magistério de Filosofia. Anápolis, ano III, n. 5, 25 set. 2010.

DE MORAES LIMA, P. Infância(s): Alteridade e norma: Dimensões para pensar a pesquisa com crianças em contextos não institucionais. **Currículo sem Fronteiras**, v. 15, n. 1, p. 94-106, 2015.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Fundamentos epistemológicos da pesquisa: biográfica em educação. **Educação em Revista**, v. 27, p. 333-346, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/xhw4bbpW3HZkPQZhTtWLcbH/?format=html&lang=pt>. Acesso em 10 jan. 23

DELUMEAU J. A realidade do Mito. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1508200408.htm> Acesso em: 14 dez. 2020.

DEWEY, J. Democracia e educação. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1952.

DISCURSO final de ‘O grande ditador’, de Charlie Chaplin (1940). **Revista Prosa Verso e Arte**. 2017. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoarte.com/discurso-final-de-o-grande-ditador-de-charlie-chaplin-1940/> Acesso em: 19 abr. 2022.

DORNELLE, Lene Vieira e Fernandes Natália. **Estudos da criança e pesquisa com crianças: nuances luso-brasileiras acerca dos desafios éticos e metodológicos**. Currículo sem fronteiras. V15, n°1 p.65-78 Jan/abr., 2015.

ELIAS, Norbert. **Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

EMICIDA. Amoras. Rio de Janeiro: Companhia das Letrinhas, 2018

ENGELS, Friederich. **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem** (1876). Ano 4, n 4 2006. <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/4603/4239> Acesso: 10 jan. 2023.

ESTÉS, Claissa Pinkola. **Mulheres que correm com lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Trad. Waldéia Barcellos. 1 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

EVENTO reúne colecionadores, artistas plásticos, mangakás e tatuadores neste domingo. **Acessa.com**, 22 de jul. 2016. Disponível em: <https://www.acesa.com/educacao/arquivo/filosofia/2019/01/17-fenomenologia-educacao-ferramentas-para-desenvolvimento-critico-saber/>. Acesso em: 04 mar. 2021.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; SOARES, Maria da Conceição Silva; ALVES, Nilda. **Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação**. EdUERJ, 2018.

FERRAZ, Amanda. As melhores Frases de Clarice Lispector para você usar nas Redes Sociais. Awebic, 2022. Disponível em: <https://www.awebic.com/frases-de-clarice-lispector/> Acesso em: 14 Dez 2022.

FERREIRA, Claudia Roberta. Labirinto de perguntas: reflexões sobre a formação de professores na ea partir da escola. 2013.. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000919011&opt=3>. Acesso em: 25 jan. 2022.

FLUSSER, Villém. O mundo codificado. Por uma filosofia do design e da comunicação. **São Paulo: Cosac Naify**, 2007.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: Nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 20a Edição Petrópolis. 1999.

FREINET, Celestin. **Pedagogia do Bom Senso**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1973.

FREIRE, P. Medo e ousadia: Cotidiano do professor. Ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1986.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. À sombra desta Mangueira. **Pensador**. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTM4MDA2Mw/>. Acesso em: 20 out. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: ed. UNESP, 2000, p.113.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50 Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, Lorena Rodrigues Tavares de. A má-fé institucional na reprodução da desigualdade escolar no Brasil. In: **XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología**. 2009. Disponível em: <http://cdsa.academica.org/000-062/623.pdf>. Acesso em: 26 out. 2020.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e crise do capitalismo real**. São Paulo: Cortez, 1996.
 FUKS, Rebeca. Poema Pneumotorax de Manuel Bandeira (com análise). **Cultura Genial**, 2020. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/poema-pneumotorax-manuel-bandeira/> Acesso em 28 jul. 2022.

FUKS, Rebeca. Soneto Ora direis ouvir estrelas de Olavo Bilac: análise do poema. **Cultura Genial**, 2018. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/ora-direis-ouvir-estrelas-de-olavo-bilac/> Acesso em: 15 jul. 2022.

GODINHO, Ana Laura Lima. Que fazer das emoções na escola? **Jornal da USP**, 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/que-fazer-das-emocoes-na-escola/> Acesso em 20 out. 2022.

GOMES, Rachel. Publicado pelo Canal Caixa Viajante. **IMPORTANTE: Boletim informativo de Março**. 08 de março de 2021. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3FZcMnmk3ps&t=3s&ab_channel=CaixaViajante Acesso em: 07 jul. 2021.

GUITARRARA, Paloma. Por que a Rússia invadiu a Ucrânia em 2022? **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/por-que-a-russia-invadiu-a-ucrania-em-2022.htm>. Acesso em 13 jul. 2022.

HOLANDA Ana. [Sem título] instagram: @anaholandaoficial. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CRjiBqsHuu8/>. Acesso em 16 ago. 2021.

HOLANDA, Ana. **Como se encontrar na escrita: O caminho para despertar a escrita afetuosa em você**. Editora Rocco, 2018.

HONORATO, Tony; NERY, Ana Clara Bortoleto. História da Educação e Covid-19: crise da escola segundo pesquisadores africanos (Akanbi, Chisholm), americanos (Boto, Civera, Cunha, Kinne, Rocha, Romano, Rousmaniere, Southwell, Souza, Taborda, Veiga, Vidal) e europeus (Depaepe, Escolano, Magalhães, Nóvoa). **Acta Scientiarum. Education**, v. 42, 2020.

HOYUELOS, Alfredo. **A estética no pensamento e na obra pedagógica de Loris Malaguzzi**. Ed. 1º São Paulo: Phorte, 2020.

JANER, Jader Moreira Lopes. Terreno Baldio. **Um livro sobre balbuciar e criar os espaços para desacostumar Geografias. Por uma teoria de espacialização da vida.** São Carlos. Pedro & João Editores, 2021, p 8.

JOBIM, S. **Infância e linguagem:** Bakhtin, Vigotski e Benjamin. Ed. 13°. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2012.

JUIZ DE FORA, **DECRETO N.º 13.893 - de 16 de março de 2020. Dispõe sobre as medidas preventivas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do novo Coronavírus (COVID-19), e dá outras providências. Juiz de Fora, MG.** Disponível em: https://www.pjf.mg.gov.br/e_atos/e_atos_vis.php?id=74964. Acesso em: 18 dez. 2020.

KEPEL, G. **A revanche de Deus.** São Paulo: Ed. Siciliano, 1991.

KOHAN, W. **O mestre inventor-Relatos de um viajante educador.** Edição 1°. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

KORCZAK, Janusz. **Como amar uma criança.** São Paulo: Paz e Terra, 1984.

KRAMER, Sonia. Autoria e autorização: Questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de pesquisa**, n.116, p 41-59, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/LtTkWtfzsbJj8LcPNzFb9zd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 15 dez. 2020.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda.** (E-book). São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LARANJEIRA, Antônio H. C. Casos e óbitos da Covid-19: estudo confirma que pessoas negras, indígenas e pobres foram maiores vítimas da pandemia. **Cidacs**, 2022. Disponível em: <https://cidacs.bahia.fiocruz.br/2022/05/10/casos-e-obitos-da-covid-19-estudo-confirma-que-pessoas-negras-indigenas-e-pobres-foram-maiores-vitimas-da-pandemia/> Acesso em: 19 jul.2022.

LAROSSA, Jorge B. **Notas sobre a experiência e o saber de Experiência.** Universidade de Barcelona, Espanha. Tradução de João Wanderley Geraldi, 2018. Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf> Acesso em: 23 out. 2018.

LARROSA, Jorge. **Tremores:** escritos sobre experiência. Autêntica, 2014.

LAZARO, Helen dos Santos. **Das classes pedagógicas à pedagogia da classe:** aproximações da obra de Freinet com o pensamento libertário. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, 2014.

LEI sancionada por Bolsonaro rouba 18 meses de tempo de serviço dos professores da rede pública. **SINTE/RN**, 2022. Disponível em: <http://sintern.org.br/lei-sancionada-por-bolsonaro-rouba-18-meses-de-tempo-de-servico-dos-professores-da-rede->

publica/#:~:text=De%20autoria%20do%20deputado%20Guilherme,anu%C3%AAnios%2C%20quinqu%C3%AAnios%2C%20entre%20outros Acesso em 23 mar. 2022

LEJEUNE, Philippe. “Avant-propos”. In: *L'autobiographie en France*. Paris: Armand Colin, 1971.

LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. **Belo Horizonte: UFMG**, 2 ed., 2014.

LEVY, Bety. Estudo analisa registro de óbitos por Covid-19 em 2020. **Fiocruz**, 2021. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/estudo-analisa-registro-de-obitos-por-covid-19-em-2020>. Acesso em: 19 jul.2022

LIMA, Bárbara Carvalho Marques Toledo; DE OLIVEIRA AZEVEDO, Heloisa Helena. A história da infância: de Santo Agostinho à Rousseau. **Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade**, v. 2, n. 1, 2013.

LIMA, M. F. C. Vem ver, Renatinha, uma froza! A criança, o poeta e a poesia numa tesezinho. Universidade Federal Fluminense. Niterói. RJ. 2020.

LINHA do tempo do Coronavírus no Brasil. **Sanar**, 2020. Disponível em: <https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil>. Acesso em: 17 dez. 2020.

LIXO EXTRAORDINÁRIO. Direção: Lucy Walker; João Jardim; Karen Harley. Produção: Angus Aynsley; Hank Levine. Reino Unido e Brasil: Almega Projects e O2 Filmes. 2010. 99 min. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=61eudaWpWb8&ab_channel=O1%C3%ADvioBrittoJr_ Acesso em: 18 dez. 2021

LLANSOL, Maria Gabriela. **Finita: diário II**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

LÖWY, Michael. “A contrapelo”. A concepção dialética da cultura nas teses de Walter Benjamin (1940). **Lutas sociais**, n. 25-26, p. 20-28, 2011.

LURIA, Aleksander Romanovich. O homem com um mundo estilhaçado. **Vozes**, Rio de Janeiro, v. 713, p. 713-714, 2008.

LURIA, Alexander Roimanovich. **Desenvolvimento Cognitivo**: seus fundamentos culturais e sociais/A.R. Luria; trad. Fernando Limongeli Gugueira. 8º ed. São Paulo: Ícone, 2017.

LURIA, Alexander. Roimanovich. **A construção da mente**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo, Ed Ícone, 1992.

MALAGUZZI, Loris. Laboratorio su laprogettazione ala scuola dell’infanzia. p. 2-3 (transcrição de uma conferência pronunciada em Reggio Emilia em 28 de março de 1988.

MARX, K. & ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

MEDEIROS, C.; GALDINO V. (Orgs.). **Experimentos de filosofia pós-colonial**. São Paulo: Ed Filosófica Politeia, 2020.

MINISTÉRIO da Saúde deixa de informar total de mortes e casos de Covid-19. **A Gazeta**, 2020. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/brasil/ministerio-da-saude-deixa-de-informar-total-de-mortes-e-casos-de-covid-19-0620> Acesso em: 18 dez. 2020.

MIRANDA, Sonia Regina. **Sobre sujeitos e(m) pesquisa: notas sobre memória social, educação e processos educativos**. UFJF. 2013.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários para a Educação do Futuro**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, Brasília, 2001.

MORTES e casos de coronavírus nos municípios brasileiros. **G1**, 2021. Disponível em: <http://especiais.g1.globo.com/bemestar/coronavirus/2021/mapa-cidades-brasil-mortes-covid/mg/juiz-de-fora/> Acesso em 18 abr. 2021.

MUNDURUKU, Daniel e TOKITAKA, Janaína. **O homem que roubava horas**. Editora Brinque-Book. 2007.

NAJMANOVICH, D. O feitiço do método. In: GARCIA, R. L. (org.). **Método; métodos; contramétodo**. São Paulo: Cortez, 2003.

NEPEI - FaE / UFMG. **Pode um vírus mudar a escola?** 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KFGJKPX1iU4&ab_channel=NEPEIUFGM Acesso em: 20 jul. 2021.

NÓVOA, António; ALVIM, Yara Cristina. Os professores depois da pandemia. **Educação & Sociedade**, v. 42, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES.249236>. Acesso em: 09 fev. 2023.

O DILEMA das redes. Título Original: The Social Dilemma. Direção: Jeff Orlowski, **Netflix**, 2019, 89 min.

OLIVEIRA, G. O negacionismo que mata. **Isto é**, 2020. Disponível em: <https://istoe.com.br/o-negacionismo-que-mata/> Acesso em 18 dez. 2020.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira (Org). **Escolas em quarentena: O vírus que nos levou para casa**. 1ªEd. Londrina. PR. Ed. Madrepérola, 2020, p 179.

PANICHI, Edina. O resgate da memória: da gripe espanhola ao coronavírus. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 13 mai. 2022. Disponível em: <https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/13-05-2020/o-resgate-da-memoria-da-gripe-espanhola-ao-coronavirus.html>. Acesso em: 29 jun. 2021.

PAOLA KLUG. Trenzará mi Tristeza. **YouTube**, 14 nov. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5A4sqmS9q0k&ab_channel=PaolaKlug. Acesso em 17 de jul. 2021.

PELIZZONI, G. M. **Os miúdos circos**: Encontros possíveis entre cultura da infância e a cultura da escola. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora 2017.

PENINA, Mayara. PENZANI, Renata. Ainda falta muito? **UOL**, 2021. ECOA UOL. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/como-as-criancas-entendem-o-que-ninguem-compreendeu-ainda/#page2>. Acesso em 22 jul. 2021.

PEREIRA, Deise Quintiçiano. AUTOBIOGRAFIA: Autobiografia: relação fantasmática entre as escritas do eu e as escritas de si. UFRJ. **Itinerários**, São Paulo, v. 1, n. 40, p. 1-314, jan./2015. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/issue/view/537/119>. Acesso em: 22 mar. 2022.

PINHEIRO, Marina; LEITÃO, Selma. Bakhtin e a " vida dos outros". **Revista mal-estar e subjetividade**, v. 10, n. 1, p. 87-110, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v10n1/v10n1a05.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2022.

PIRES, S. F. S.; BRANCO, A. U. Protagonismo Infantil: Co-construindo significados em meio as práticas sociais. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 17, n. 38, p. 311-320, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/FMsYHwGRHwRbGgjHkrBmCgt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 dez. 2020

PJF divulga novas convocações para contratação de professores e coordenadores pedagógicos. **PJF**, 2022. Disponível em: <https://www.pjf.mg.gov.br/noticias/view.php?modo=link2&idnoticia2=74383>. Acesso em: 17 jul. 2022.

PONTES, N. Com pandemia, vida selvagem aparece mais no litoral paulista. **DW**, 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/com-sil%C3%AAancio-da-pandemia-vida-selvagem-aparece-mais-no-litoral-paulista/a-53670206>. Acesso em: 18 dez. 2020.

PRADO, Guilherme do Val Toledo et al. Metodologia Narrativa de Pesquisa em Educação: uma perspectiva bakhtiniana. **São Carlos: Pedro & Joao Editores**, 2015.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; FERREIRA, Cláudia Roberta; FERNANDES, Carla Helena Fernandes Helena. Narrativa pedagógica e memoriais de formação: escrita dos profissionais da educação?. **Revista Teias**, v. 12, n. 26, p. 11, 2011.

Práticas pedagógicas e literatura infantil. Marta Chaves organizadora, P 912 Maringá. Eduem, 2011. Coleção formação de professores- EAD n° 44.

PRESTES, Zoe; TUNES, Elizabeth. Psicologia, Educação e Desenvolvimento: Escritos de L.S. Vigostki. 1° ed. Expressão Popular. São Paulo. 2021.

PROJETO “Caixa Viajante” distribui kits para alunos da E. M. “José Calil Ahouagi”. Prefeitura de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 11 mai. 2020. **PJF - Portal de Notícias**. Disponível em: <https://www.pjf.mg.gov.br/noticias/view.php?modo=link2&idnoticia2=68089>. Acesso em 18 dez. 2020.

PUENTES, Roberto Valdés; LONGAREZI, Andréa Maturano. **Ensino Desenvolvidor: Vida, Pensamento e Obra dos Principais Representantes Russos—Livro III**. Paco Editorial, 2019.

QUINTANA, Mario. O tempo não importa. **Decarlicris**, 30 ago, 2014. Disponível em: <http://decarlicris.blogspot.com/2014/08/o-tempo-nao-importa-mario-quintana.html>. Acesso em: 10 fev. 2022.

QUINTANA, Mário. Sonhar é acordar-se para dentro. **Pensador**. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTE4MTg3Mg/> Acesso em: 26 jun.2022.

QVORTRUP, J. Childhood in Europe: a new field of social research. In: CHISHOLM, L. et al. (eds.). *Growingup in Europe: contemporary horizons in childhood and youth studies*, New York: Walter de Gruyter, 1995.

RAMOS M. et al. Construção histórica das noções de infância. Disponível em: <http://www3.seduc.mt.gov.br/-/construcao-historica-das-nocoes-de-infancia?inheritRedirect=true> Acesso em: 14 jan. 2021.

RAMPAZO Adriana Vinholi; ICHIKAWA, Elisa Yoshie. Bricolage: a busca pela compreensão de novas perspectivas em pesquisa social. IN: *Anais do II Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e contabilidade*; 2009 Nov 15-29; Curitiba, Brasil. Curitiba: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração/ANPAD; 2009. p: 1-12.

RANNIERY, T. VIVENDO NO MUNDO DELES: currículo a partir de um apelo geontológico. **Currículo sem Fronteiras**, v. 20, n. 3, p. 729-754, 2020.

RANNIERY, Thiago. Currículo sem Fronteiras, v. 20, n. 3, p. 729-754, set./dez. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.35786/1645-1384.v20.n3.07>. Acesso em: 14 jan. 2021.

Reconhecer as diferenças não é elogiar as desigualdades. Sempre um papo. Facebook, 5:55. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=775555855974547>. Acesso em: 12 abr. 2018.

REGGIO, Children. **As cem linguagens em mini-histórias**: contadas por professores e crianças de Reggio Emilia. Porto Alegre: Penso, 2021.

RICOEUR, Raul. **Entre o tempo vivido e o tempo universal: o tempo histórico**. In: *Tempo e Narrativa 3*. São Paulo: WMF/Martins Fontes, 2010b.p.176-184.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia**: escutar, investigar e aprender. 11ªed. Rio de Janeiro/São Paulo. Trad: Vania Cury. Editora Paz e Terra, 2020.

ROMEY, Gabriela. “**Chãoenser-se**” conceito apresentado por na palestra dada a Municipal José Calil Auhagi dia 29 de junho de 2021.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou Da Educação*. São Paulo: Martins Fontes, Tradução de Sérgio Milliet. 3 ed. RJ: Bertrand Brasil, 1995.

SAGAN, Carl. **O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro**. 1º ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

SAGAN, Carl. **Pálido ponto azul: uma visão do futuro da humanidade no espaço**. Companhia das Letras, 2019.

SAINT-EXUPÉRY, A. **O pequeno príncipe**. 48. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

SANTANA, C. C. G. **A pedologia Histórico-Cultural de Vygotsky**. 2ºEd. Revisitada e ampliada. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

SANTOS, André Michel dos. O modelo taylorista-fordista na gestão educacional e gestão escolar: suas implicações no sistema educacional brasileiro. **Meu artigo**, 2008. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/o-modelo-tayloristafordista-na-gestao-educacional-.htm>. Acesso em: 13 jul. 2022.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/sugestao_leitura/sociologia/outra_globalizacao.pdf. Acesso em: 09 fev. 2023.

SARMENTO, Manuel Jacinto et al. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. **Crianças e miúdos: perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação**. Porto: Asa, p. 9-34, 2004.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Estudos da infância e sociedade contemporânea: desafios conceituais. **O social em questão**, v. 21, p. 15-30, 2009.

SCHLESENER, Anita Helena. **Os tempos da História: Leituras de Walter Benjamin**. Brasília. Líber Livro, 2011.

SE cria o Projeto “Cadinho de prosa” para interagir com a comunidade escolar. Prefeitura de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 11 mai. 2020. **PJF Portal de Notícias**. <https://www.pjf.mg.gov.br/noticias/view.php?modo=link2&idnoticia2=68096>. Acesso em 18 dez. 2020.

SIMAS, Luiz Antônio. Pedrinhas Miudinhas: ensaios sobre, ruas e aldeias. Mórula Editorial, 13 de setembro de 2013.

SIROTA, Régine. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. **Cadernos de pesquisa**, n. 112, p. 07-31, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/X8n4RcnLnhdybsVSwNG5Twv/?lang=pt> Acesso em 09 de fev. 2023.

SMOLKA, A L. **Imaginação e criação na Infância**. Ensaio psicológico. Tradução Zoia Prestes, São Paulo: Ed. Ática, 2004, p 42.

TEIXEIRA, Ângela Castelo Branco. **À escrita: um outro se arrisca em ti**. Tese (Doutorado em Artes). - Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”. São Paulo, 2018.

TERRITÓRIOS CONTESTADOS. Tomaz Tadeu Moreira (org) *O currículo e os novos mapas políticos culturais*. Ed. Vozes. Petrópolis. 4 ed.2001 p.88.

TODOROV, T., & PERRONE-MOISÉS, B. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TODOROV, Tzvetan. **O espírito das luzes**. São Paulo: ED. Bascarolla, 2008.

TOMASELLO, Michael. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. 2° Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019.

TORRES, J. Fenomenologia e Educação: Ferramentas para o desenvolvimento crítico do conhecimento. **Acessa.com**. 2019. Disponível em: <https://www.acessa.com/educacao/arquivo/filosofia/2019/01/17-fenomenologia-educacao-ferramentas-para-desenvolvimento-critico-saber/> Acesso em 20 de set 2020.

TOZZI, M. et. al. Você sabe como surgiu o coronavírus sars-cov-2? **Coronavírus Secretaria de Estado de Minas Gerais**. 2020 Disponível em: <https://coronavirus.saude.mg.gov.br/blog/27-como-surgiu-o-coronavirus>. Acesso em: 16 dez. 2020.

TRAVESSIA. **Dicionário de Poética e Pensamento**. Disponível em: <http://www.dicpoetica.letras.ufrj.br/index.php/Travessia>. Acesso em: 25 jun. 2022.

VIEIRA, Sarah Munck Vieira. Tendão de Aquiles. **Revista Cassandra**, 2022. Disponível em: <https://revistacassandra.com.br/esp%C3%A7o-escrevintes-db1b0ff357fa>. Acesso em: 13 jul. 2022

VIGOTSKY, Lev Semenovich. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. **Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais**, v. 8, n. 1, p. 23-36, 2008.

VOLOCHINOV. V. **A Construção da Enunciação e Outros Ensaio**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

VYGOTSKI, L.S. **Obras Escogidas IV, Psicologia infantil**. Editorial Pedagógica, Moscú 1984. Machado Libros, S.A., 2006.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Imaginação e Criatividade na Infância: ensaio de psicologia**. Lisboa, Portugal: Dinalivro, 2012.

ZANELLA, Sandra. PJF inicia atividades remotas para 41 mil alunos da rede pública. Tribuna de Minas, Juiz de Fora, 16 ago. 2020. Disponível em: <https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/16-08-2020/pjf-inicia-atividades-remotas-para-41-mil-alunos-da-rede-publica.html>. Acesso em: 18 dez. 2020.

ZAVALLONI, Gianfranco. **La Pedagogia del Caracol. Por uma escola lenta y no violenta**. De La edicion italiana. Emi Della Coop. Semis, 2008.